

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL

CONCEIÇÃO APARECIDA DOS SANTOS

COMO NASCEM OS SANTOS: O CASO MARIA BUENO

CURITIBA

2010

CONCEIÇÃO APARECIDA DOS SANTOS

COMO NASCEM OS SANTOS: O CASO MARIA BUENO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Jacqueline Stoll.

**CURITIBA
2010**

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Santos, Conceição Aparecida dos
Como nascem os santos: o caso Maria Bueno / Conceição
Aparecida dos Santos. – Curitiba, 2010.
190 f.

Orientadora: Profª. Drª. Sandra Jacqueline Stoll
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor
de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal
do Paraná.

1. Devoção aos santos. 2. Santos cristãos. 3. Antropologia
social. 4. Dádivas. I. Título.

CDD 306

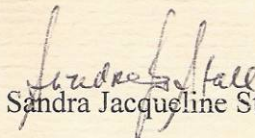
**72ª ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA
DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO,
APRESENTADA PELA ALUNA CONCEIÇÃO APARECIDA
DOS SANTOS EM SESSÃO PÚBLICA**

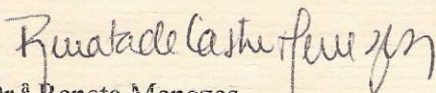
Aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e dez, às 14 horas, na sala 709 do Edifício D. Pedro I, reuniu-se a banca examinadora, designada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, composta pelos seguintes Professores Doutores: Sandra Jacqueline Stoll (orientadora), Renata Menezes (Museu Nacional/UFRJ) e Selma Baptista (UFPR), para julgamento da Dissertação intitulada "*Como nascem os santos não canônicos: o caso Maria Bueno, a santa curitibana*", de Conceição Aparecida dos Santos. Foi aberta a sessão pela presidente, professora Sandra Stoll, apresentando ao público os demais membros, passando a palavra em seguida à mestrande, conferindo-lhe trinta minutos para exposição de seu trabalho. Concluída a exposição, passou-se à arguição. Os avaliadores fizeram suas observações e críticas no prazo de trinta minutos, na seguinte ordem. Renata Menezes e Selma Baptista, tendo a mestrande igual tempo para resposta. Ao final, a presidente suspendeu a sessão para que fosse decidido o julgamento. A banca decidiu pela aprovação da mestrande, com conceito A.

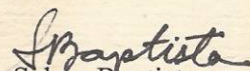
Recomendações da banca:

Revisar o texto e o título da dissertação.

Banca examinadora:


Dr.ª Sandra Jacqueline Stoll (orientadora)


Dr.ª Renata Menezes


Dr. Selma Baptista

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação representa um esforço pessoal para conquistar objetivos na vida, mas muitas pessoas contribuíram para o sucesso desta tarefa:

Sou grata aos meus pais, José e Celuta, trabalhadores que não tiveram a oportunidade de frequentar uma universidade, mas me apoiaram plenamente nesta trajetória;

Agradeço à minha orientadora Sandra pelo apoio intelectual e companheirismo nestes três anos de pesquisa;

Às minhas companheiras do projeto “Santo de casa faz milagres”: Andressa Lewandowski, Geslline Giovana Braga e Vanessa Elisa Maria Durando, pelo inestimável apoio de vocês que foi essencial na realização do trabalho de campo para elaboração deste estudo.

Aos colegas de mestrado e aos amigos que estiveram ao meu lado nos melhores e nos piores momentos, compartilhando o doce e amargo dos processos de amadurecimento.

Sou grata aos professores do Departamento de Ciências Sociais (Deciso) e Departamento de Antropologia (Dean) que compartilharam comigo seus conhecimentos, visões de mundo e estimularam meu senso crítico. Em especial, aos professores Miguel Carid Naveira e Selma Baptista por seus valiosos conselhos na banca de qualificação do presente estudo. Finalmente, expresso minha gratidão aos devotos de Maria Bueno que, generosamente, partilharam seus saberes e experiências comigo.

A todos e todas agradeço sinceramente.

*Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois
da morte dos seres, depois da destruição das coisas,
sozinhos, mais frágeis, porém mais vivazes, mais
imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor
permanecem ainda por muito tempo, como almas,
chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo
mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas
quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações.*

Marcel Proust

RESUMO:

Este estudo versa sobre o culto a Maria Bueno, santa não-canônica venerada no Cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba. Sobre Maria Bueno, sabe-se que era uma mulher de classe baixa, anônima, cujas informações históricas foram produzidas no momento de sua morte. Os jornais da época afirmam que ela foi encontrada morta (decapitada), em um lugar distante da cidade, no dia 29 de janeiro de 1893. Um soldado, José Inácio Diniz, foi indiciado, julgado e absolvido pelo crime. Após o assassinato surgiram os primeiros relatos de milagres atribuídos a ela. O local palco da tragédia tornou-se ponto de peregrinação, devoção e entrega de ex-votos. A mulher ali sacrificada se tornou protagonista de narrativas hagiográficas e objeto de devoção popular. Com a expansão urbana, no entanto, este ponto de devoção foi deslocado do terreno baldio para seu túmulo no Cemitério Municipal de Curitiba e, mais tarde (1960), para o mausoléu onde ela é cultuada atualmente. O culto de Maria Bueno (hoje centenário) tem o seu auge no Dia de Finados (2 de novembro), quando centenas de devotos visitam a capela para pagar e fazer promessas e honrá-la com velas, flores e orações. Esta dissertação se baseou em pesquisa etnográfica desenvolvida no mausoléu da *santa curitibana*, entre outros espaços que compõem o circuito de devoção a Maria Bueno. A discussão teórica subsequente se fundamentou em temas clássicos da antropologia como, por exemplo, a dádiva. Esta dissertação foi dividida em seis capítulos. O foco do trabalho etnográfico foram os rituais realizados pelos devotos no cemitério, especialmente, no Dia dos Mortos.

Palavras-chave: Devoção; Maria Bueno; Santos não-canônicos; Dádiva.

ABSTRACT

This study, treat of the cult the Maria Bueno, saint non-canonical venerated in Cemetery São Francisco de Paula , in the Curitiba. About Maria Bueno, it is known that it was a woman of underclass, anonymous, the historical data on her were produced at the time of her death. The journals from time say she was found murdered (beheaded), in a place far from the town, on January 29, 1893. A soldier, José Inácio Diniz, was indicted, tried and acquitted for the crime. After the murder, appeared the first reports of miracles attributed to her. The place, the scene of the tragedy, became a point of worship, pilgrimage and delivery of ex-votos. The woman sacrificed became a protagonist of hagiographic narratives and object of popular devotion. With urban expansion, however, this devotion point was dislocated from wasteland for her grave in the Cemetary Municipal de Curitiba and, later (1960), for the mausoleum where she is worshiped today. The Maria Bueno's cult (currently centenary) has its pinnacle in the All Souls' Day (November 2), when hundreds of devotees visit her chapel to pay and make promises and honor her; with flower, candle and prayer. This dissertation was based on ethnographic research developed in the mausoleum of the curitibana saint, and other spaces, it compose the devotion circuit the Maria Bueno. The theoretical subsequent discussion was based on classical themes of anthropology, for example, the gift. This dissertation was divided into six chapters. The focus of ethnographic work went rituals realized by devotees in the cemetery, especially, on the All Souls' Day.

Key-words: devotion; Maria Bueno; saints non-canonical; the gift.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Antiga Igreja N. Sra do Rosário de São Benedito dos Pretos	16
Figura 02 - Imagem aérea do Cemitério Municipal de Curitiba	19
Figura 03 - Portão de entrada principal do Cemitério Municipal de Curitiba	19
Figura 04 - Pietà de Brecheret	27
Figura 05 - Pietà de Galileo	27
Figura 06 - Escultura de Stefano Maderno, exposta na Catedral de Sta Cecilia (Trastevere, Roma)	31
Figura 07 - Escultura em bronze retrata São Francisco de Paula	34
Figura 08 - Ilustração de Gustave Doré, “Divina Comédia”, Dante Alighieri, Paraíso, canto XXXI	36
Figura 09 - Mapa da planta de Curitiba, ano 1894	65
Figura 10 - O verdadeiro retrato de Maria Bueno, segundo Octávio Secundiano Jr	68
Figura 11 - Imagem do primeiro ponto de devoção a Maria Bueno na Rua Vicente Machado	69
Figura 12 - Dom Alberto Gonçalves, foto publicada em nota jornalística sobre sua visita à Curitiba	76
Figura 13 - Igreja do Rosário em dia de celebração religiosa	77
Figura 14 - Capa do livro de Sebastião Izidoro	87
Figura 15 - Arnaldo Azevedo em frente à capela de Maria Bueno, foto de publicada na Revista Panorama	101
Figura 16 - Panfleto distribuído pela Irmandade Maria Bueno	113
Figura 17 - 19 - Ilustração das diferentes faces de Maria Bueno vinculada nos santinhos	131
Figura 20 - Mapa do trajeto habitual dos devotos na visita ao túmulo de Maria Bueno	137
Figura 21 - Panfleto distribuído no centro da cidade com propaganda dos serviços esotéricos e espirituais	155
Figura 22 - Apresentação da peça de Oraci Gemba, “Maria Bueno”	164
Figura 23 - Altar do Bar Kitinete com diversas imagens	168
Figura 24 - Folder de divulgação da peça a “Santa Tipicamente Curitibana”	169
Figura 25 - Silmar Alves se inspirou em Maria Bueno para criar uma coleção de roupas	169
Figura 26 - Imagem de Gumercindo Saraiva	176
Figura 27 - Gumercindo Saraiva com outros líderes da Revolução Federalista	176

Foto 01 - Painel em mosaico de vidro do artista Franco Giglio	20
Foto 02 - Alameda central do Cemitério Municipal de Curitiba	20
Foto 03 - Mausoléu da família do ex-governador Vicente Machado	21
Foto 04 - Mausoléu da família Glasser no Cemitério Municipal de Curitiba	22
Foto 05 - Mausoléu da família Leprevott	23
Foto 06 - Mausoléu da família Favoretto	23
Foto 07 - Mausoléu da família Camargo, edificação em estilo <i>art déco</i>	24
Foto 08 - Mausoléu família Carnasciali	25
Foto 09 - Mausoléu família Vidal	25

Foto 10 - Mausoléu família Fonseca	26
Foto 11 - Mausoléu família Beltrão	26
Foto 12 - Imagem de São Sebastião, Mausoléu da Família Ribeiro	28
Foto 13 - Imagens de santo quebradas descartadas no cemitério	28
Foto 14 - Escultura de Santa Cecília, túmulo da família Alencar Guimarães	29
Foto 15 - Escultura é inspirada na obra de Stefano Maderno (De 1599)	29
Foto 16 - Imagem de Santa Bárbara orna o túmulo da família Faraco	31
Foto 17 - Escultura de Santo Antônio	33
Foto 18 - A esfinge que orna o mausoléu da família Carrano	37
Foto 19 - Anjo pensando	38
Foto 20 - Anjo aponta para o céu	38
Foto 21 - Anjo do Apocalipse	38
Foto 22 - Cruz Celta	40
Foto 23 - Cruz Latina	40
Foto 24 - Cruz de São Pedro	40
Foto 25 - Cruz Floreada	40
Foto 26 - Cruz Rosada	40
Foto 27 - Túmulo da Família Moura, Alegoria à Ascensão	42
Foto 28 - Alegoria à Saudade	43
Foto 29 - Alegoria da caridade	43
Foto 30 - Obelisco com símbolos da maçonaria	44
Foto 31 - Alegoria do tronco cortado	45
Foto 32 - Alegoria da coluna coberta	45
Foto 33 - Escultura de Pierino Riva	46
Foto 34 - Estátua de Berti	47
Foto 35 – Luci	47
Foto 36 - Mausoléu de Maria Bueno no Cemitério Municipal de Curitiba	48
Foto 37 - Os Querubins de Maria Bueno	49
Foto 38 - Placas de Agradecimento	50
Foto 39 - Movimentação no túmulo de Maria Bueno, Dia De Finados (2007)	51
Foto 40 - Devotos aguardam na fila para entrar na capela de Maria Bueno Dia de Finados (2007)	52
Foto 41 - Túmulo de Eunice Taborta, a outra santa do Cemitério Municipal de Curitiba	54
Fotos 42 - Cruz das Almas no Dia Finados	56
Foto 43 - Copos d'água depositados na Cruz das Almas como oferenda aos mortos	57
Foto 44 - Vela vermelha com bilhete depositada na Cruz das Almas	59
Foto 45 - O canto indicado pelo funcionário ao falar do fantasma de Maria Bueno	71
Foto 46 - Estacionamento construído no terreno onde Maria Bueno foi assassinada e surgiu a devoção à ela	72
Foto 47 - Sebastiana Garcia e Sebastião Izidoro	93
Foto 48 - Consertos no telhado do sacrário de Maria Bueno	104

Foto 49 - Adelaide Azevedo esposa de Arnaldo	106
Foto 50 - Equipe de TV filma Dia de Finados e entrevista o vice presidente da Irmandade Maria Bueno Marciel	108
Foto 51 - Dia de chuva forte e inundação da capela	108
Foto 52 - Imagens de Maria Bueno branca de olhos azuis produzida pela Casa das Placas	112
Foto 53 - Imagem da santa curitibana à venda em lojas de Umbanda	112
Foto 54 - Chaveiro de Maria Bueno	113
Foto 55 - Escapulário de Maria Bueno	113
Fotos 56-59 - Diferentes tipos de busto de Maria Bueno encontrados no comércio local	114
Foto 60 - Imã de geladeira com imagem de Maria Bueno	115
Foto 61 - Chaveiros da santa	115
Foto 62 - Medalhinha e fitinha de Maria Bueno	115
Foto 63 - Imagem produzida pela Casa das Placas	116
Foto 64 - Imagens descartadas no cemitério junto ao túmulo de Maria Bueno	116
Foto 65 - O livro dos milagres	118
Fotos 66-68 - Grupo de noviças visita a capela de Maria Bueno no Dia De Finados 2009	120
Foto 69 - Maria Bueno no congá Casa de amor, humildade e caridade Pai Joaquim de Angola	121
Fotos 70-72 - Rosas como retribuição às graças da Santinha de Curitiba	122
Foto 73 - Agradecimento a Maria Bueno	122
Foto 74 - Freira reza para Maria Bueno	122
Foto 75 - Bilhete com pedidos deixados na capela de Maria Bueno	126
Foto 76 - Oração a Maria Bueno	127
Fotos 77 - Panfletinhos que popularizam as orações dos santos	130
Fotos 78-82 - Crianças visitam a Capela de Maria Bueno no Dia De Finados junto com avôs e os pais	136
Foto 83 - Placas de agradecimentos formam um mosaico	137
Foto 84 - Devotas frente às placas referentes às graças atribuídas à santa	138
Foto 85 - Contemplação da Imagem de Maria Bueno no sacrário	138
Foto 86-88 - Agradecimento à porta	139
Fotos 89 - Altar da Capela	140
Fotos 90-91 - Velas coloridas deixadas no velário de Maria Bueno	140
Fotos 92- 93 - Velário da capela	141
Foto 94 - Ifigênia e José rezam o terço na Capela da santa	145
Foto 95-96 - Altar doméstico com imagens de santos católicos e da Umbanda	149
Fotos 97-98 - As imagens de santos misturadas aos objetos de uso diário	150
Foto 99 - Coleção de santinhos antigos de D. Lídia	152
Foto 100 - Capela particular construída por D.Yolanda (já falecida), devota de Maria Bueno	153

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - O CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA	15
1.1 O sepultamento <i>ad sanctos</i>	15
1.2 Epidemias e <i>cemitérios extramuros</i>	17
1.3 A necrópole.....	18
1.4 Arquitetura.....	21
1.5 Imagens sacras.....	25
1.6 Alegorias e outros símbolos funerários.....	42
1.7 Personagens.....	46
1.8 O Mausoléu de Maria Bueno.....	48
CAPÍTULO 2 – DIA DE FINADOS	51
2.1 Os outros.....	53
2.2 Trajetos de Finados.....	55
2.3 Da capela à Cruz das Almas.....	57
2.4 Dia e lugar de Rememorar.....	60
CAPÍTULO 3 – O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO CULTO A MARIA BUENO	62
3.1 Lugar ordinário.....	66
3.2 Lugar fundador.....	68
3.3 Conflitos e ritos póstumos.....	73
3.4 A construção da hagiografia.....	80
3.5 O resumo da ópera.....	87
3.6 Os suportes hagiográficos	93
3.7 A oposição clerical.....	96
CAPÍTULO 4 - O SANTUÁRIO	100
4.1 Primeiro contato.....	102
4.2 Um cenário de conflito.....	103
4.3 Considerações sobre as trocas econômicas e simbólicas.....	112
4.4 Para além das questões econômicas.....	117
4.5 Para além da institucionalização.....	120
4.6 Pedir, Receber, retribuir.....	121
CAPÍTULO 5 - OS CIRCUITOS DE DEVOÇÃO A MARIA BUENO	137
5.1 Constatação empírica dos circuitos	142
5.2 Circuito católico	145
5.3 Altares domésticos.....	149
5.4 Circuito mediúnico.....	154
5.5 Circuito umbandista	157
5.6 A <i>pombagira</i> de Oraci Gemba.....	162
5.7 Entidade ambígua.....	166
CAPÍTULO 6 - A MORTE DE UMA MARIA	170
6.1 O poder de nomear santos.....	171
6.2 A santa, o criminoso e o anti-herói: personagens de um drama social.....	175
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	186
ANEXOS	190

APRESENTAÇÃO

Esta análise é resultado da pesquisa iniciada em 2007, ano que ingressei no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná com o projeto “Como nascem os santos não-canônicos: o caso Maria Bueno, a santa curitibana”¹. O interesse pelo assunto surgiu na graduação, durante a disciplina Antropologia da Religião². Às voltas com um trabalho desta disciplina — no qual deveria escolher alguma manifestação religiosa para observar e analisar —, comecei a tarefa com uma sondagem no ambiente doméstico. Como minha mãe é religiosa, o primeiro passo foi ouvi-lá. Em meio aos relatos de *promessas*, envolvendo diversos santos, um chamou minha atenção: um voto feito a Maria Bueno para que meu irmão fosse dispensado do Serviço Militar Obrigatório. Ela prometeu que *levaria um buque de rosas ao túmulo da santa se a graça fosse alcançada*³.

O caso da santa que, nos termos da minha mãe, *não gostava de militar* despertou minha curiosidade. Por duas semanas frequentei o Cemitério Municipal de Curitiba para observar os rituais e conversar com as pessoas que acreditavam que Maria Bueno realizava *milagres*. Essa breve experiência de campo foi o ponto de partida do presente estudo.

Em 2006, retomei o caso da *santa curitibana*, como objeto de pesquisa do meu projeto de mestrado, que foi orientado pela professora doutora Sandra Jacqueline Stoll. A pessoa que me indicou os caminhos teóricos e metodológicos a serem seguidos no cumprimento da tarefa de produzir a pesquisa etnográfica que fundamentou esta dissertação.

Inicialmente, ocupei-me da personagem histórica. Fui à busca dos jornais e outros documentos referentes ao assassinato de Maria Bueno, ocorrido em janeiro de 1893. Primeira constatação: os laudos, autos e atas referentes ao crime tinham desaparecido dos arquivos públicos há anos; e os jornais publicados à época dispensaram poucas linhas para noticiar o crime, além de não mencionar detalhes sobre a vida da vítima. O que consta nos periódicos é que *Maria Bueno foi encontrada morta (degolada) em um local ermo da Rua Campos Geraes*⁴ (*sic.*), no dia 29 de janeiro de 1893 e que o *anspeçada do 8º Regimento de Cavalaria, Inácio José Diniz, foi indiciado pela polícia como autor do crime, sendo julgado e absolvido*. A impunidade de Diniz não teve

1 Por recomendação da banca examinadora o título da dissertação foi modificado: os termos não-canônicos e santa curitibana foram retirados.

2 Disciplina ministrada pela professora Sandra Stoll.

3 Ao longo da dissertação, as narrativas e categorias nativas serão identificadas com texto em itálico, enquanto as categorias antropológicas serão grafadas em negrito.

4 Hoje, chamada de Rua Vicente Machado e localizada no centro de Curitiba.

repercussão na imprensa⁵ e após sua absolvição, no dia 13 de julho de 1893, as notícias sobre o assunto cessaram.

Quarenta anos mais tarde o tema voltou às manchetes de jornais. Em reportagem de autoria desconhecida — publicada no jornal “Gazeta do Povo” de 18 de janeiro de 1934— Maria Bueno é chamada de “a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes”. Trata-se da primeira reportagem a fazer referência ao culto religioso a Maria Bueno. Ocorre que, a partir dos anos de 1940, a popularidade dessa devoção chamou atenção da imprensa local, que passou a produzir textos sobre o assunto. O levantamento desses textos subsidiou, em especial, a construção dos **Capítulos 3 e 6**. O terceiro, intitulado **O processo de constituição do culto a Maria Bueno**, foi destinado à constituição dos pontos da devoção à santa: originalmente situado no local da morte, deslocado para a sepultura dela no cemitério e, por último, para capela construída em tributo a ela. O sexto capítulo — **A morte de uma Maria** — versa sobre a construção da personagem sagrada no contexto social e histórico da virada do século XIX para o século XX.

A observação sistemática das práticas religiosas no local de referência dessa devoção (o túmulo de Maria Bueno) constituiu o segundo momento da pesquisa. Nessa fase, busquei desenvolver uma rotina de trabalho de campo. Tarefa difícil. Por se tratar de local “de passagem”, raramente conseguia estabelecer algo além do encontro fortuito, onde testemunhava os rituais dos devotos e os indagava sobre sua religiosidade. Realizei algumas visitas domiciliares, porém, a observação dos desdobramentos da devoção a Maria Bueno no espaço doméstico só avançou porque consegui entrar em contato com algumas *benzedadeiras*. Uma colega de mestrado, Geslline Giovana Braga, havia dito que Maria Bueno era cultuada pelas *benzedadeiras* da região de Curitiba, grupo pesquisado por ela. Diante disso, passamos a compartilhar o campo de pesquisa.

No mais, o convívio cotidiano com os devotos ocorreu no cemitério, o que foi decisivo para apuração e a análise do conflito em torno da “gestão” da capela de Maria Bueno, tema do **Capítulo 4 – Santuário**. À medida que a prática etnográfica se aprofundava, outras questões surgiam. Questões relacionadas ao espaço de desenvolvimento da pesquisa, que foram abordadas no **Capítulo 1 – Cemitério Municipal de Curitiba**, reservado à “antropologia do espaço”. Assunto que se estende para o **Capítulo 2 – Dia de Finados**, pois além de se inserir no espaço de culto aos mortos, o culto a Maria Bueno integra um sistema ritual que abarca outros pontos de devoção (dentro e fora do cemitério). Sistema esse que fica mais evidente no dia de comemoração dos mortos.

⁵ Todas as notícias publicadas à época do assassinato de Maria Bueno encontram-se transcritas no Anexo I desta dissertação.

Nos primeiros meses de trabalho de campo, iniciados em novembro de 2007, minha rotina de pesquisa consistia em conversar com devotos que visitavam a capela de Maria Bueno e observá-los em seus rituais. Rotina que incluía também a observação dos mausoléus, esculturas e ornamentos dos túmulos do cemitério. Foi nas conversas com o pessoal da limpeza que notei que até as lixeiras (isto é, os objetos descartados no cemitério) eram fontes de informação. Foi assim que as questões relativas às práticas religiosas no cemitério (de modo mais geral) passaram a fazer parte do meu repertório de investigação. Porém, essa rotina de pesquisa, que no começo parecia estratégica, pois todos os dias havia algum devoto para entrevistar e ritual para observar, com tempo se tornou deficitária. Meu trabalho de campo estava “ancorado” no ponto de devoção a Maria Bueno, mas as práticas e relatos dos devotos me conduziam para fora do cemitério: para os *terreiros* de umbanda, *centros de mesa branca*, casas de *benzedadeiras*, entre outros espaços.

Uma pesquisa etnográfica bem sucedida requer certa habilidade para participar das tramas da vida cotidiana do grupo pesquisado, estar com outro no fluxo dos acontecimentos. Como disse anteriormente, um dos problemas que enfrentei ao longo da pesquisa foi estender a pesquisa para os espaços de convívio privado dos devotos da santa. A alternativa encontrada para superar tal limitação foi circular por alguns espaços onde os devotos circulavam. Experiência que devido à necessidade de cumprimento de prazos, não foi suficientemente aprofundada, mas encontra-se esboçada no **Capítulo 5 — Os circuitos de devoção a Maria Bueno**.

É difícil determinar a extensão da lista dos santos não-canônicos, bem como ter uma visão geral de todos os cultos em que eles se inserem. A discussão proposta por Oscar Calavia Sáez (1996) em seu livro “Fantasmas falados: Mitos e mortos no campo religioso brasileiro” orientou meu olhar para as contradições que envolvem o processo de **fabricação dos santos populares**. Embora a análise desse autor tenha se centrado no processo de constituição dos mitos, enquanto a minha pesquisa se concentrou na constituição do culto, seus apontamentos sobre o processo de formação dos santos não-canônicos no Brasil nortearam algumas das discussões apresentadas aqui. Com destaque para idéia de que no Brasil o culto aos santos não-canônicos frequentemente envolve múltipla apropriação, ou seja, essas figuras são apropriadas por adeptos de diferentes religiões, mais frequentemente por católicos e adeptos dos cultos afro-brasileiros. O que os torna objeto de práticas rituais nem sempre compatíveis. Deixei a discussão do campo de estudo das devoções aos santos para as **Considerações Finais**, onde pretendo discutir em que medida esta análise se aproxima ou se distancia de outros estudos etnográficos sobre o assunto.

CAPÍTULO 1 - O CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA

O Cemitério Municipal São Francisco de Paula ou Cemitério Municipal de Curitiba, nome pelo qual é conhecido, começou a ser construído em 1854, depois de anos de impasse quanto ao fim dos sepultamentos *ad sanctos*, isto é, no interior e no *átrio* das igrejas e capelas. Desde os primeiros anos da instalação das vilas paranaenses, os mortos eram sepultamentos nas igrejas. Apenas os indígenas, os escravos sem vínculos com as irmandades, indigentes, os suicidas e aqueles que morriam em função de doenças contagiosas não tinham prerrogativa do funeral no *solo sagrado*.

1. 1 O sepultamento *ad sanctos*

Nesse contexto, a igreja ocupava um lugar central no cotidiano das pessoas e o sepultamento *ad sanctos* era uma instituição que articulava crenças e *status quo*. Ser sepultado na igreja significava “descansar eternamente” próximo do **sagrado**. Significava que o falecido continuaria sendo abençoado, pois seu corpo jazia no espaço onde se celebrava a eucaristia (entre outros sacramentos); e onde os vivos se recordariam dele sempre que fossem cultuar os santos e/ou o próprio Deus. Ou seja, o sepultamento *ad sanctos* era visto como meio de salvar a alma e de preservar a memória dos mortos.

No entanto, o espaço das igrejas era limitado e não comportava todos que desejavam ali serem sepultados. Em geral, a posição social do falecido (outorgada pelo sexo, pela cor, genealogia, antecedentes, prestígio e fortuna) determinava o local da igreja onde ele seria inumado: no *atrium*, área reservada às figuras ilustres (em especial, aos clérigos); nos *corredores*, ocupado pelos que morriam em *boas graças* com a igreja⁶; ou no *átrio*, nos fossos chamados de *carneiros* ou *ossários*. Quem não tinha dinheiro para garantir o túmulo dentro da igreja era enrolado numa mortalha e lançado no *carneiro*. Embora fizesse parte dos domínios da igreja, este espaço era considerado “menos **sagrado**” (ou mais **profano**) do que aqueles mais próximos do altar, o centro **sagrado**. Tal hierarquia espacial (sagrado/profano) representava a divisão social — a desigualdade entre ricos e pobres, livres e cativos e, principalmente, entre brancos e negros — que se impunha na hora da morte, distribuindo os indivíduos (dentro e fora da igreja) conforme seu *status* social.

⁶ Era costume naquela época, as pessoas redigirem um testamento especificando como gostariam que fosse o próprio funeral. Além das recomendações sobre o cerimonial, esse documento formalizava a divisão dos bens de modo que parte da herança do falecido fosse empregada no sepultamento *ad sanctos*. Para garantir uma boa sepultura (isto é, dentro da igreja e o mais próximo possível do altar principal) os fiéis incluíam as irmandades religiosas e as paróquias como beneficiárias dos seus testamentos. Ao fazê-lo o fiel ratificava sua estima “pelas coisas e causas da igreja”, ou seja, morria em *boas graças* com as instituições religiosas.

Para historiadora Simone Corrêa Gonçalves (2005), embora fosse praxe dividir os mortos, destinando os lugares próximos ao Altar-mor aos indivíduos que gozavam de prestígio social, colocando na outra extremidade do edifício sagrado os escravos, forros e mestiços. Todos os fiéis se esforçavam para viver e morrer próximos do sagrado. A exemplo da população negra do Paraná que para obter o sepultamento *ad sanctos*, associava-se às irmandades religiosas e construía seus próprios templos, como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São Benedito dos Pretos.

FIGURA 01- ANTIGA IGREJA N. SRA DO ROSÁRIO DE SÃO BENEDITO DOS PRETOS



FONTE: Casa da Memória (2008).

Acredita-se que a Igreja do Rosário (como é chamada) tenha sido construída por volta de 1730, pelos escravos da então Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. O templo, que era mantido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, tornou-se local de sepultamento dos Irmãos do Rosário, na sua maioria escravos. Os registros de sepultamentos mais antigos datam de 1764. Apesar de ter sido construída para o sepultamento dos escravos, a igreja dos pretos amparava também os brancos, sobretudo, os desvalidos⁷. Os menos favorecidos pela estrutura social criavam os próprios meios para que não lhes subtraíssem a proteção divina simbolizada pelo sepultamento *ad sanctos*.

⁷ Essa “piedade negra” se fundamentava na visão católica de que o corpo dos mortos deve ser tratado com decoro e reverência, pois no *Juízo Final*, isto é, no *dia da ressurreição dos mortos* a sentença divina será aplicada à alma e ao corpo. Dessa perspectiva, o corpo biológico retornará a terra para usufruir (ou não) da *bem-aventurança*, a felicidade eterna, de que os santos gozam no Paraíso.

1. 2 Epidemias e *cemitérios extramuros*

Apesar do sepultamento *ad sanctos* ter forte enraizamento social. No final do século XVIII, ainda no Brasil colonial, os mortos se tornam objeto de deliberações estatal e se passou a questionar tal prática. Em 1789, a rainha de Portugal, D. Maria, “recomendou” ao bispo do Rio de Janeiro que sepultasse os mortos “em sítio separado das igrejas, como se fazia na Europa.”(OLIVEIRA, 1998, p. 23). Em 1801, uma *carta régia* proibiu o sepultamento *ad sanctos* e orientou os governadores das capitanias a construírem cemitérios em regiões elevadas, secas e distantes das cidades. Em 1826, entrou em vigor outra lei determinando que os cemitérios fossem construídos longe das igrejas e templos. Mas essa legislação gerou tantos protestos que foi protelada⁸ e só começou a ser cumprida décadas depois.

Em Curitiba, há registro da instalação, em 1815, de um cemitério cerca de 2 km do centro da cidade, durante a epidemia de varíola. Tudo indica que o “Cemitério dos Bexiguentos” foi o primeiro *cemitério extramuros* da cidade, mas funcionou provisoriamente e somente para sepultamento dos infectados. Naquela época, o Livro Tombo da Matriz mencionou o surgimento de outros cemitérios em povoados vizinhos da capital: “Por esse tempo e ainda para o sepultura do varioloso, foram eretos noutros bairros da Paróquia, mais três ou quatro cemitérios. Não se tem notícia se têm servido e ainda estão servindo para outros enterramentos.” (1882, apud CAROLLO, 1995, p. 49)⁹. A despeito da *carta régia* de 1801 e da existência destes cemitérios *extramuros*, os curitibanos continuaram sepultando os mortos nas igrejas da cidade, a saber: na Igreja Matriz¹⁰, Igreja da Ordem Terceira de São Francisco e na Capela de Nossa Senhora do Rosário de São Benedito dos Pretos.

8 Em outubro de 1836, começou a vigorar na cidade de Salvador a lei que proibia os sepultamentos *ad sanctos* e passava para uma companhia privada o monopólio dos sepultamentos nos cemitérios. No dia seguinte à promulgação da lei, as irmandades católicas organizaram um protesto em frente ao palácio do governo provincial. Essas entidades eram responsáveis pelas cerimônias fúnebres dos seus sócios, em última análise, pela manutenção de um conjunto de tradições associadas à morte, incluindo o sepultamento na igreja. A marcha contra a nova lei reuniu uma multidão, que carregava cruzes e os estandartes das irmandades. Pressionado, o governador da província convocou uma reunião com Assembléia Provincial para rever a lei. Mesmo com a promessa de que os sepultamentos nas igreja continuaria, a multidão revoltada apedrejou o escritório da companhia do cemitério, depois marchou para cemitério localizado fora da cidade e o destruíram completamente (REIS, 1991).

9 CAROLLO, Cassiana Lacerda. Cemitério Municipal São Francisco de Paula: monumento e documento. Curitiba: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1996, v. 22.

10 À época da demolição da antiga Igreja Matriz para construção de um novo templo, por volta de 1876, a remoção das ossadas oriundas dos sepultamentos *ad sanctos* gerou indignação e protestos: “No caso da velha matriz, a polêmica continuava, quando em fevereiro de 1880, o Padre Jordão Homem de Mello, integrante da Comissão de Obras, pediu demissão de suas funções ao Presidente da Província por não ‘concordar com a profanação a que se está praticando com os materiais da velha Matriz’, dado que demonstra o respeito com o material das demolições, certamente pelo fato de que entre o material profanado deveria haver restos dos antigos sepultamentos.” (CAROLLO, 1995, p.47).

Porém, as diversas epidemias que assolaram Curitiba no final do século XIX favoreceram a proibição do sepultamento *ad sanctos*. A cada novo surto de sarampo, influenza e varíola os representantes do poder público retomavam a discussão da necessidade de se construir um cemitério fora do perímetro urbano. Em 1829, as voltas com um novo surto de varíola a Câmara de vereadores de Curitiba nomeou uma comissão para discutir a construção de um *cemitério extramuros*. Discussão que se arrastou por mais de 30 anos, até 1854, quando o projeto do Cemitério Municipal de Curitiba começou a ser concretizado. O ponto escolhido para sua instalação foi o extremo norte da cidade, local conhecido como Chácara do Padre Agostinho. Dois anos depois do início das obras (1856), logo no começo da construção, o cemitério já era usado para sepultamentos (com registro de 75 inumações).

Aos poucos a população local foi cedendo aos argumentos e imposições de ordem sanitária¹¹. Tornar-se-ia consenso entre os médicos e outros agentes de saúde pública, que o sepultamento *ad sanctos* era uma ameaça à salubridade, pois os restos mortais (humanos e de animais) eram considerados focos de proliferação de doenças¹². À medida que esses pressupostos higienistas se consolidavam, a natureza insalubre dos cadáveres, antes reservada aos tempos de epidemias, ganhava força no imaginário popular¹³. Essa perspectiva influenciaria decisivamente a elaboração das leis que “baniram os mortos das cidades”.

1.3 A necrópole

Com o crescimento urbano, porém, o primeiro *cemitério público* de Curitiba acabou sendo cercado pela cidade. Suas adjacências se transformaram em movimentadas avenidas, sendo hoje reduto de bares frequentados por jovens (grafiteiros, skatistas e roqueiros).

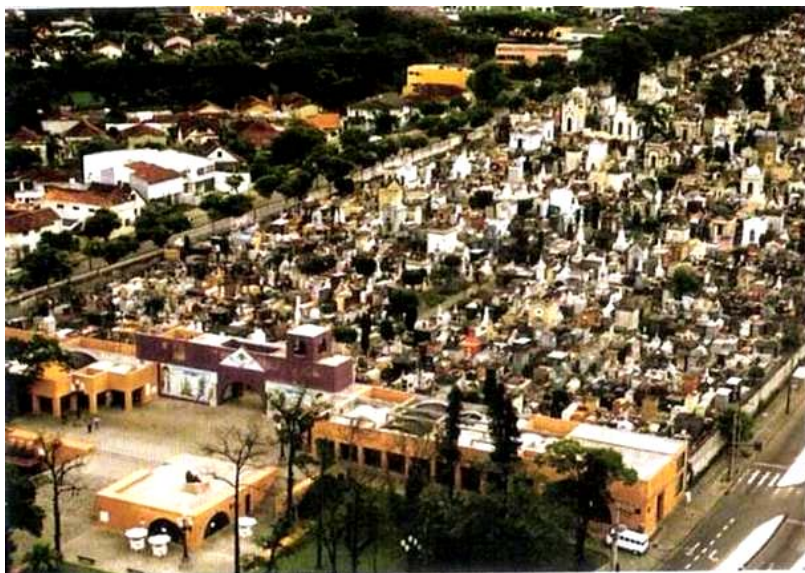
11 A produção de um saber médico e discurso sanitário voltado à questão da morte foi decisiva no processo mudança na configuração dos cemitérios. Figuras como a do médico Trajano Joaquim dos Reis, que foi “Inspetor de Hygiene do Paraná” no final do século XIX, que publicou o livro *Elementos de Hygiene Social* (1894) e Jayme Dormund dos Reis, autor da tese *Das principais endemias e epidemias de Curityba* (1898) influenciaram na definição de políticas públicas e configuração urbanística da cidade. Os dois propunham que as doenças que frequentemente atingiam Curitiba, como varíola, sarampo, escarlatina, sarna entre outras eram resultado dos “maus hábitos de higiene” da população. Por isso, enfatizavam a necessidade normatizar os comportamentos da população, através leis e aplicação de multas (as chamadas posturas municipais) para evitar os surtos e epidemias. Quanto à distribuição espacial eles afirmavam que era preciso apartar os matadouros, hospitais, cadeias, cemitérios, estrebarias dos mercados, hospedarias, escolas, habitações coletivas, igrejas para garantir a higiene e a salubridade urbana.

12 O advento da República, bem como o crescimento de movimentos anticlericais, racionalistas, positivistas e comunistas influenciariam no processo de “deslocamento” da gerência de certas matérias (antes definidas e administradas essencialmente no campo religioso) para o campo laico.

13 Coincidência ou não, atualmente, nos cultos afro-brasileiros os cemitérios são associados à figura de Omulu, orixá da varíola e das doenças epidêmicas em geral.

O cemitério foi ampliado e passou a ocupar uma área de cerca de 50 mil metros quadrados, abrigando 5700 túmulos, segundo os dados da administração do cemitério, referentes a 2010.

FIGURA 02 - IMAGEM AÉREA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA



FONTE: Secretaria Municipal de Comunicação Social (Cesar Brusolin, 2005).

A organização espacial dessa necrópole segue o modelo de organização urbana. Uma extensa alameda com ciprestes plantados lado a lado liga o portão de entrada aos fundos do cemitério. Essa alameda é cortada por corredores transversais que levam às quadras onde estão os mausoléus e sepulturas.

FIGURA 03 - PORTÃO DE ENTRADA PRINCIPAL DO CEMITÉRIO



FONTE: GRASSI, Clarissa. "Um olhar. A arte no silêncio". Curitiba: Ed. Autor, 2006.

Na entrada do cemitério funcionam as capelas fúnebres (uma ecumênica e duas católicas), as bancas de comércio, os escritórios da administração e o refeitório dos funcionários. Um mosaico em estilo bizantino/gótico adorna o pórtico do cemitério. A obra do artista plás-

tico Franco Giglio (1937-1982), instalada em 1966, retrata quatro anjos guiando as almas até Cristo, que é representado no centro do painel de braços abertos em sinal de acolhida.

FOTO 01 – PAINEL EM MOSAICO DE VIDRO DO ARTISTA FRANCO GIGLIO



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Um quadro de funcionários públicos garantem o funcionamento da necrópole. Zeladores cuidam da limpeza e conservação do espaço. Homens da guarda municipal circulam pelo local para garantir que a “propriedade privada” seja respeitada. Técnicos administrativos organizam e gerenciam as demandas burocráticas: expedindo a papelada para sepultamentos, arquivando documentos, providenciando obras de infra-estrutura e assim por diante.

FOTO 02 - ALAMEDA CENTRAL DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA.



FOTÓGRAFA: Id., 2008.

1.4 Arquitetura

Nessa necrópole, as sepulturas reproduzem as desigualdades sociais. Em meio aos jazigos rústicos, sem identificação (destinado aos indigentes) às chamadas “gavetas”, há construções grandiosas e luxuosas erguidas para expressar a importância e o poder das famílias locais. Alguns destas chegam a medir dez metros de altura. São pequenas capelas e palacetes ornados por figuras mitológicas, anjos, santos e símbolos diversos (maçom, pagãos, cristãos, etc.).

FOTO 03 - MAUSOLÉU DA FAMÍLIA DO EX-GOVERNADOR VICENTE MACHADO



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Além de expressar distinção social, essas edificações monumentais recriam, em boa medida, o ambiente doméstico. Muitos destes “túmulos-casa” encontrados no Cemitério Municipal de Curitiba são decorados com fotos de família, capelinhas votivas com estátuas dos santos protetores, entre outros objetos.

O Cemitério Municipal de Curitiba também reflete a história da cidade, com seus ciclos econômicos, afãs ideológicos, artísticos e políticos. Nesse sentido, convém destacar a análise de Philippe Ariès (1989) sobre as necrópoles modernas:

A cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos, ou, mais propriamente que o inverso, a sua imagem intemporal. E que os mortos passaram o momento da mudança e os seus monumentos são os sinais visíveis da perenidade da cidade. Assim, o cemitério reconquistou na cidade um lugar, ao mesmo tempo físico e moral, que tinha perdido no início da Idade Média mas que tinha ocupado durante a Antiguidade. (ARIÈS, 1989, p. 54).

Essa (in)temporalidade salta aos olhos ao observarmos os mausoléus dessa necrópole. As alusões há tempos pretéritos e aos grandes monumentos construídos pelas civilizações estão por toda parte, produzindo uma paisagem ontológico e anacrônica¹⁴.

FOTO 04 - MAUSOLÉU DA FAMÍLIA GLASSER NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA



AUTORA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Diante do mausoléu em formato de Pirâmide, observa-se (à direita) uma esfinge, símbolo das três qualidades dos iniciados da Rosacruz (saber, ousar, calar). No mausoléu da foto 05 se verifica uma suástica em destaque, símbolo que no ocidente adquiriu conotação negativa ao ser associada ao regime nazista, entretanto, trata-se de um ideograma antigo, cujos primeiros registros datam de 3 mil a.C. na Suméria. O termo suástica deriva do sânscrito: *su* “bem”, e *asti* “estar”. Era utilizada na Índia com significado positivo, associada ao Sol, ao

14 Eric Hobsbawm (1983) cunhou o termo performance para designar essa evocação da memória através de emblemas e monumentos. Estes monumentos evocariam a continuidade e a constância histórica das instituições; das nações não importando sua “artificialidade”, mas a organização sintática proporcionada por ele.

poder, à força vital e, sobretudo, à regeneração cíclica e cósmica. Em contrapartida, a suástica reversa (no sentido anti-horário como a da foto) também simboliza infortúnio e má sorte.

FOTO 05 - MAUSOLÉU DA FAMÍLIA LEPREVOTT



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

No interior da capela da família Favoretto observa-se a presença de retratos de família na bancada do altar. Os elementos encontrados neste túmulo, como a imagem de Santa Rita e vitral colorido, ilustram que com o fim do sepultamento *ad sanctos* os túmulos familiares passam a reportar-se a materialidade e a imaterialidade das tradições católicas.

FOTO 06 - MAUSOLÉU DA FAMÍLIA FAVORETTO



FOTÓGRAFA: Id., 2008.

Como a maioria das capelas foi construída nos anos de 1920, várias edificações recorrem ao estilo *art déco*, que se caracteriza pela imponência e abuso dos detalhes.

FOTO 07 - MAUSOLÉU DA FAMÍLIA CAMARGO, EDIFICAÇÃO EM ESTILO *ART DÉCO*



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Até o fim do XVIII, os cemitérios se localizavam nos centros das cidades junto às igrejas, uma divisão espacial onde não havia separação radical entre o **sagrado** e o **profano**. O local de sepultamento, o largo das igrejas, também era usado para festas, feiras, encontros, etc. A partir do século XIX, sob o argumento de evitar a propagação de doenças endêmicas os cemitérios foram retirados das proximidades das igrejas. Esse deslocamento espacial produziu novas práticas funerárias como a construção de mausoléus com arquitetura capaz de fazer referência ao prestígio outrora expressado no sepultamento dentro das igrejas. Portanto, pode-se dizer que as utopias enunciadas no sepultamento *ad sanctos* foram “arquivadas” na paisagem dos cemitérios. Nesse sentido, os ornamentos sepulcrais como vitrais, imagens de santos, entre outros artefatos extraídos das igrejas podem ser tomados como documentos históricos ou patrimônios imateriais.

1.5 Imagens sacras

A arquitetura do Cemitério Municipal de Curitiba é predominantemente uma arquitetura sacra. Grande parte dos mausoléus é ornada com ao acervo artístico e simbólico católico como ilustram as imagens e legendas a seguir.

FOTO 08 - MAUSOLÉU FAMÍLIA CARNASCIALI



FOTO 09 - MAUSOLÉU FAMÍLIA VIDAL



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Aqui a mesma representação Jesus adorna túmulos diferentes. Em tempos de *reproduzibilidade técnica* (BENJAMIN, 1994) os artesões, escultores que trabalham em metalúrgicas e em marmorarias são responsáveis pela produção e, sobretudo pela reprodução do estatutário que compõe o “acervo cemiterial”. De modo geral, as marmorarias e metalúrgicas dispõem de catálogos iconográficos, onde a clientela escolhe entre diferentes tipos de anjos, variedades de santos e santas ou réplicas das obras de Michelângelo, de Bertel Thorvaldsen e outros escultores renomados. À primeira olhada as estátuas da foto parecem idênticas. Ambas retratam Jesus antes da crucificação (Jesus Ressuscitado costuma ser retratado com ferimentos nas mãos e na testa), quando andava pelo mundo falando do Reino de Deus. Nestas imagens, em bronze, ele caminha enquanto aponta o horizonte com a mão direita (na altura da cabeça, parte do corpo associada à racionalidade) a outra mão toca o lado esquerdo do peito (o coração, associado à fé, ao amor, aos sentimentos). O rosto sereno, o olhar distante, projetado na

mesma direção da mão que indica “o caminho”. Na estátua da foto 09 o detalha que a diferença da outra: Cristo caminha sobre flores ou, em uma outra leitura possível, espalhando flores por onde passa.

A iconografia de Jesus adulto é muito variada. Não existe na Bíblia, ou outro livro, uma descrição física dele. Mas na iconografia católica ele é representado com cabelos longos, de barba e trajando túnica e chinelos.

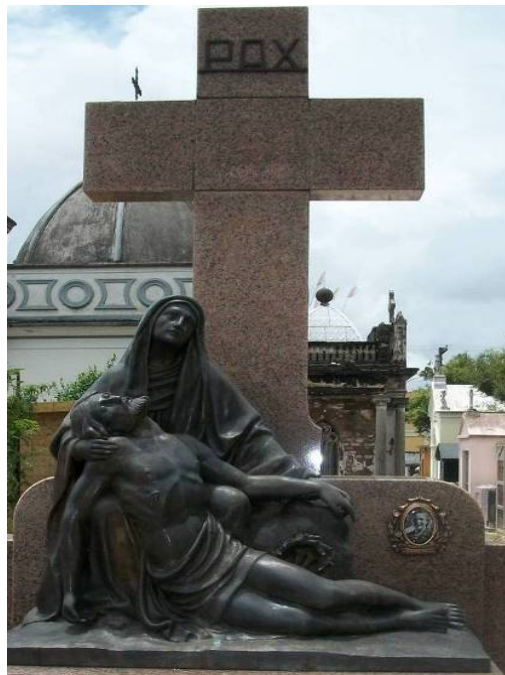
Em contrapartida, alguns trechos do Novo Testamento da Bíblia subsidiaram a elaboração de outra alegoria bastante comum nos cemitérios: a Pietà. A representação da “mãe dolorosa” recebendo o filho crucificado nos braços se tornou popular na Idade Média. Os evangelhos mencionam que José de Arimatéia teria solicitado a Pilatos para sepultar o corpo de Jesus. Não há qualquer menção nos textos bíblicos de que a mãe de Cristo estivesse presente no momento em que ele foi descido da cruz, mas a livre interpretação artística trouxe a figura de Maria para cena. No Renascimento Michelangelo esculpiu quatro pietàs: Pietà de Palestrina, Pietà de Bandini, que se encontra em museus de Florença e Pietà de Rondanini, exposta em Milão. A mais conhecida da Pietàs de Michelangelo se encontra na Basílica de São Pedro, em Roma. O escultor pesquisou a anatomia humana para representar com precisão as formas do cadáver de Jesus.

No cemitério Municipal de Curitiba é possível encontrar grande variedade de pietàs. Aqui dois exemplos que permite ter uma idéia das diferentes maneiras de retratar essa alegoria.

FOTO 10 - MAUSOLÉU FAMÍLIA FONSECA



FOTO 11 - MAUSOLÉU FAMÍLIA BELTRÃO



Na escultura da foto 10 (esculpida em mármore) Maria sustenta o corpo do filho: com a mão direita ela segura sua cabeça, a mão esquerda sustenta um dos braços e usa os joelhos para manter o dorso dele distante do chão. Maria olha para o corpo do filho, puxando-o para perto de si. Já na escultura de bronze, Maria não olha para o filho morto, mas para o céu. Sua posição remete a inércia e a desolação. A fisionomia dela é chorosa, mas ao mesmo tempo conformada.

Muitos escultores reproduziriam, ao seu modo, essa alegoria: na obra “O Sepultamento”, de Victor Brecheret, várias Marias choram por Jesus. Galileo Emendabili retrata a Virgem Maria sentada sobre as próprias pernas, ela segura o corpo de Cristo voltado para o espectador que é confrontado com o Filho de Deus morto. As duas esculturas estão localizadas no Cemitério da Consolação (SP).

FIGURA 04 - PIETÀ DE BRECHERET



FIGURA 05 - PIETÀ DE GALILEO.

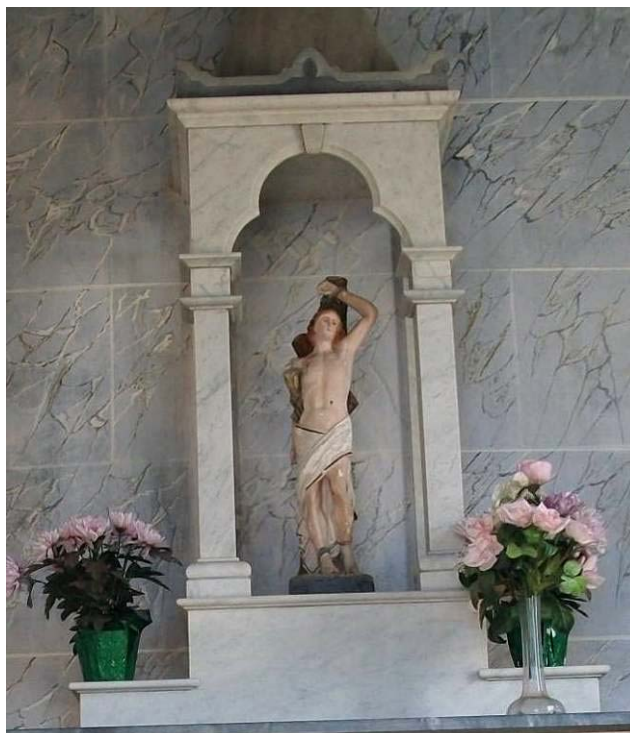


FONTE: Site da Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais, www.abec.com.br

No Cemitério Municipal de Curitiba é grande o número de sepulturas decoradas com santos de devoção das famílias. Algumas dessas imagens são esculturas suntuosas confeccionadas em materiais nobres (mármore Carrara, bronze, granito), esculpidas por artífices estrangeiros.

Segundo a fotógrafa Clarissa Grassi (2006), algumas destas foram esculpidas na Europa, majoritariamente na Itália, sob encomenda de famílias européias radicadas no Brasil. Porém, as imagens de santo que predominam são as confeccionadas em gesso, dessas que podem ser compradas em lojas de artigos religiosos.

FOTO 12 – IMAGEM DE SÃO SEBASTIÃO, MAUSOLÉU DA FAMÍLIA RIBEIRO.



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Em certos casos, quando uma pessoa morre, os familiares depositam os santinhos que lhe pertenciam na sepultura. Também é possível encontrar muitas imagens de santo quebradas no cemitério. Certamente, em função da crença de que *não se pode jogar imagem de santo no lixo, nem ter santo quebrado em casa, porque traz azar*.

FOTO 13 – IMAGENS DE SANTO QUEBRADAS DESCARTADAS NO CEMITÉRIO



FOTÓGRAFA: Id., 2008.

Assim como a arquitetura, a arte cimiterial é predominantemente uma arte sacra e referida à iconografia e hagiografia dos santos. A exemplo da réplica da escultura Santa Cecília, de Stefano Maderno (foto 14), que se encontra sobre o jazigo da família Alencar Guimarães. Essa estátua teria sido encomendada por ocasião da morte de Cecília Alencar Guimarães (1938), como preito à santa de devoção da falecida. Santa que, como enuncia o epitáfio da sua devota: *“Purificou-se em vida pelo sofrimento para gozar o céu pela santidade”* (frase de São Bernardo).

FOTO 14- ESCULTURA DE SANTA CECÍLIA, TÚMULO DA FAMÍLIA ALENCAR GUIMARÃES



FOTO 15 - ESCULTURA É INSPIRADA NA OBRA DE STEFANO MADERNO (DE 1599).



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Santa Cecília foi martirizada nos primeiros séculos do cristianismo. De família nobre, filha de senador romano, Cecília teria abraçado o cristianismo ainda criança. Embora ela desejasse dedicar sua vida a Deus, os pais, que não eram cristãos, prometeram-na em casamento a um jovem muito rico chamado Valeriano. Cecília não queria se casar, mas a vontade de seus pais prevaleceu, casou em grande cerimônia. Estando só com o noivo, contou-lhe de sua religião e do voto de castidade que havia feito. Ignorando a vontade da esposa Valeriano tentou tomá-la à força, mas foi impedido por um anjo. Teria ficado tão “impressionado” que se converteu no mesmo instante. Valeriano relatou ao irmão Tibúrcio o que havia se passado e ele também se converteu ao cristianismo. Almachius, prefeito de Roma, tomou conhecimento da conversão de Tibúrcio e Valeriano e exigiu que abandonassem a religião cristã. Como os dois irmãos se recusaram, Almachius os condenou a morrerem decapitados. Após a morte do marido e do cunhado Cecília foi obrigada comparecer ao senado romano para revelar onde estava o tesouro deles, que deveria ser entregue ao Império Romano, mas Cecília havia doado tudo aos pobres. O que deixou Almachius furioso, a ponto de tramar a morte dela, ordenou que a trancasse na sauna do palácio, para que morresse pelos vapores d’água quente. Cecília sobreviveu milagrosamente às temperaturas insuportáveis. A Santa foi submetida ao banho de água fervente, mas saiu ilesa. Como seu plano falhara, Almachius ignorou a origem nobre de Cecília e mandou decapitá-la. O carrasco desferiu três golpes no pescoço dela, mas não conseguiu separar a cabeça do tronco. Extraordinariamente, mesmo com o pescoço mutilado (quase decapitada) Cecília sobreviveu por três dias, neste tempo, pregou a palavra de Deus, doou todos os bens aos pobres e pediu que transformassem sua casa em igreja. Foi enterrada na Catacumba de São Calisto.

De acordo com esse relato hagiográfico, na época das invasões dos godos e lombardos o Papa decidiu transladar as relíquias dos santos para igrejas de Roma. O corpo de Santa Cecília foi encontrado intacto e na mesma posição em que havia sido enterrada. Seu esquife foi colocado, então, em uma urna de mármore e depositado no altar da Catedral que recebeu seu nome. Em 1599, o Cardeal Sfondrati solicitou a abertura da urna de Santa Cecília e o corpo permanecia intacto e na mesma posição descrita pelo papa Pascoal. Admirado, o cardeal teria solicitado ao escultor Stefano Maderno que reproduzisse no mármore, em tamanho natural, a imagem do corpo incorrupto da santa. Uma escultura que marcou o início do estilo Barroco Italiano.

FIGURA 06 - ESCULTURA DE STEFANO MADERNO
EM EXPOSIÇÃO NA CATEDRAL DE SANTA CECÍLIA (TRASTEVERE, ROMA).



Fonte: www.tourtrastevere.com.

NOTA: No detalhe, observa-se o talho no pescoço que alude ao martírio da santa.

Santa Cecília é muito popular na Itália, sua festa é celebrada no dia 22 de Novembro, dia da Música e dos Músicos. Por isso, é considerada padroeira da música sacra. Sua hagiografia ilustra o significado do martírio, onde santo é aquele que se entrega à morte esperado “superá-la”.

A estátua de bronze sobre a sepultura da família Faraco retrata outra mártir da castidade do século terceiro da Era cristã: Santa Bárbara, protetora contra tempestades e relâmpagos, considerada a Padroeira dos mineiros e os que trabalham com fogo; sincretizada com Iansã, a Senhora dos Cemitérios nos cultos afro-brasileiros.

FOTO 16- IMAGEM DE SANTA BÁRBARA ORNA O TÚMULO DA FAMÍLIA FARACO.



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Santa Bárbara é cultuada na Igreja Católica Romana e na Igreja Ortodoxa. Segundo relatos hagiográficos, *ela nasceu na cidade de Nicomédia (Turquia), era filha única de Dióscoro, nobre do Império Romano. Por ordem do pai, Bárbara foi criada em uma torre. Como era muito bela e rica, quando chegou à idade de se casar não lhe faltavam pretendentes, mas Bárbara não aceitava nenhum. Convencido de que resistência da filha ao casamento se devia ao fato ter ficado trancada muitos anos na torre, o pai permitiu que conhecesse a cidade. Na visita ela teve contato com cristãos e as ideias de Jesus. Pouco tempo depois foi batizada. Ao pai não agradava nada a crença da filha, ele acabou denunciando-a ao Prefeito Martiniano. Bárbara foi presa e torturada na tentativa de fazê-la declinar de sua fé, o que não aconteceu. Acabou condenada à morte. Antes da sua execução, porém, ela teve que caminhar nua pelas ruas, sob os xingamentos da multidão. Conduzida para fora da cidade, o próprio pai a executou: Dióscoro a decapitou, mas antes que sua cabeça rolasse ao chão, teria havido um grande trovão que fez tremer céus e terras, e imediatamente seu assassino, o pai, caiu no chão morto.*

Desde o surgimento Cristianismo, os adeptos contam essas histórias extraordinárias sobre a vida dos santos. Enredos que inspiram produções artísticas iconográficas e hagiográficas.

Ocorre que as narrativas e a iconografia atribuída aos santos se fundamentam em modelos hagiográficos. Assunto analisado pelo historiador Michel Certeau, para quem o modelo hagiográfico do martírio — como o sofrido por Santa Cecília e Santa Bárbara — predominou enquanto as cristandades eram marginais. Nas comunidades dos primeiros cristãos que viviam sob a constante ameaça de morte. Nessa fase, as catacumbas (situadas nos subterrâneos das cidades romanas) serviam de abrigo aos cristãos perseguidos pelo Império, às reuniões secretas e como local de sepultamento. Sendo também *lugar litúrgico*, isto é, de celebração dos mártires. Portanto, no tempo das cristandades marginais aqueles que renunciavam a vida em nome da fé cristã eram imortalizados nos cultos ocorridos nessas catacumbas.

Com a consolidação do cristianismo, a constituição do corpo eclesiástico da Igreja e o controle do processo de nomeação dos santos por parte desta classe, a vida dedicada à doutrina cristã se consolidou como modelo hagiográfico. Nessa fase, que poderia ser chamada de *dogmática*, os mártires são sucedidos pelos *renunciantes e confessores*¹⁵, aqueles que renunciaram aos bens e ao convívio social, em geral, para dedicar-se à Igreja e à caridade. A noção de sacrifício, antes associada ao martírio, passa a abarcar a renúncia, a caridade e o serviço

15 Confessor é o santo que não tem outro título, como mártir, apóstolo. Não é aquele que sofreu tortura ou a morte, pela fé cristã. Também não é o propagador abnegado que anda de cidade em cidade.

eclesiástico. O *lugar litúrgico* passa a ser o local de exílio, o trajeto percorrido pelo *renunciante* ou os mosteiros e abadias onde os *confessores* viveram. A *virtude* se torna o principal atributo dos santos. Para Certeau (1982, pp. 273-275, grifo meu), *a virtude é a epifania da ordem onde se inscreve*, onde os patronos da Igreja passam a personificá-la.

A exemplo de Santo Antônio figura bastante popular no Brasil, conhecido como *santo casamenteiro*. A hagiografia institucionalizada, porém, o retrata como um frade franciscano muito erudito. Como muitos sacerdotes da Idade Média, Antônio era versado em literatura e história sacra, foi poeta e escritor de Sermões. Destacou-se pela sabedoria dos seus discursos sobre noções jurídicas. Conta-se que começou a realizar milagres ainda em vida. O evento mais conhecido da hagiografia do santo foi aparição do Menino Jesus durante suas orações, cena retratada na sua iconografia, tal qual observa-se nesta escultura em mármore carará encontrada na sepultura da família Tramujas, no Cemitério Municipal de Curitiba.

FOTO 17 – ESCULTURA DE SANTO ANTÔNIO



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Outro santo referido ao modelo hagiográfico baseado na *virtude* é São Francisco de Paula, santo que emprestou o nome ao cemitério pesquisado.

FIGURA 07 - ESCULTURA EM BRONZE RETRATA SÃO FRANCISCO DE PAULA



Fonte: (GRASSI, 2006, p. 57).

Conforme narra a hagiografia oficial, *quando criança Francisco de Paula teve diversos problemas de saúde, sendo curado milagrosamente graças às orações de sua mãe a São Francisco de Assis. Ela prometeu ao santo de devoção enviar o filho ao mosteiro, para que se tornasse sacerdote, caso ele sobrevivesse às enfermidades. Assim, teve início a trajetória de santidade de Francisco de Paula, batizado com nome do seu protetor, Francisco de Assis. Aos 13 anos, ele entrou para o mosteiro, aos quinze anos se retirou para uma gruta, para experimentar um período de penitência e oração. Nessa temporada de isolamento e abstinência, ele teve uma visão do Arcanjo Miguel, que o orientou a dedicar a vida à caridade, sua maior virtude, juntamente com a humildade e penitência, os princípios espirituais do Santo. Durante a vida São Francisco de Paula realizou diversos milagres como a criação da fonte “A Água da Cucchiarella”, na Itália. Por isso, o santo costuma ser evocado nos períodos de seca, incêndios, inundações, terremotos. É considerado o padroeiro dos marinheiros, trabalhadores e moradores de regiões marítimas.*

Como ressaltou Michel Certeau, pouco a pouco o discurso da *virtude* se transformou em recurso de restrição e centralização da “produção dos santos.”¹⁶

Considero importante apresentar esse quadro histórico e teórico acerca do *discurso*, *modelo* e *hagiografia* para demonstrar como o cemitério é cenário tanto da devoção aos santos cultuados no âmbito institucional, quanto daqueles cultuados à margem da institucionalidade, como Maria Bueno. Certos autores, utilizam a expressão *santos de cemitério* para designar e diferenciar estes últimos, venerados em seus túmulos nos cemitérios, daqueles cuja veneração é reconhecida pela Igreja Católica. Contudo, o cemitério não é espaço de culto apenas desses “santos marginais”. Neste recinto, onde se celebra a memória e a alma dos mortos, a imagem dos santos canônicos colocadas sobre as sepulturas fazem referência ao longo período de vigência do sepultamento *ad sanctos* (junto aos santos), encerrado no final do século XIX. Ou seja, os mortos foram “banidos” do espaço consagrado aos seus patronos e protetores (a igreja), mas levaram consigo o panteão católico, transformando os cemitérios públicos e pretensamente “laicos” em *campos santos* ou *campo de todos os santos*¹⁷.

Outra personagem sagrada habitualmente encontrada nos cemitérios são os anjo, que superam em variedade e quantidade até mesmo os santos.

Angelu que em latim significa *mensageiro*. Símbolo divino nas tradições judaica, cristã e islâmica. Na tradição judaico-cristã, os anjos são considerados criaturas celestiais, superiores aos seres humanos, que atuam como intermediários entre o plano terreno e o celestial. Eles são objetos de sistemas de classificação complexos — baseados em estudos teológicos que estabelecem hierarquias diversas¹⁸. Entre as classificações mais conhecidas está a de São Tomás de Aquino, em *Summa Theologica*, (1225-1274) que propõe que os *Serafins* são os primeiros da hierarquia celeste, seguido dos *Querubins*, dos *Tronos*, *Dominações*, das *Virtudes*, *Potestades*, dos *Principados*, *Arcanjos* e no último nível celestial, os *Anjos* propriamente ditos.

16 O processo de sobreposição e consolidação do modelo hagiográfico baseado na *virtude* se cruzaria com o cientificismo na segunda metade do século XVII. A partir daí a eleição dos santos (a canonização) passa a se pautar em postulados teológicos, filosóficos e científicos. Não mais apenas no culto popular.

17 A julgar pela quantidade de imagens sacras encontradas no Cemitério Municipal de Curitiba a tradição de congregar a devoção nos santos — os **mortos muito especiais** (BROWN, 1981) — e a celebração dos “mortos comuns” se modificou com o deslocamento dos sepultamentos das igrejas para os cemitérios, mas está longe de acabar. Convém lembrar ainda que, tradicionalmente, o dia 01 de novembro é considerado o Dia de Todos os Santos, enquanto no dia 02 de novembro celebra-se o Dia de Finados. Logo, o *continuum* litúrgico observado no espaço se observa no calendário de celebração.

18 Os teólogos frequentemente divergiam quanto seus status e funções. Alguns defendiam que somente os anjos do “staff” inferior interviriam no plano terreno.

FIGURA 08: ILUSTRAÇÃO DE GUSTAVE DORÉ, PARA A “DIVINA COMÉDIA”, DE DANTE ALIGHIERI, PARAÍSO, CANTO XXXI



FONTE: Site Domínio Público, www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf.

Na “Divina Comédia”, Dante Alighieri (1308-1321) estabeleceu uma hierarquia particular. No mais alto grau de divindade estaria os *Serafins*, representados sempre próximos ao trono de Deus. A descrição dos *Serafins* aparece no livro de *Isaias*, onde são representados com seis asas, cantando louvores a Deus. No segundo nível estariam os *Querubins* que, atualmente, são representados como crianças aladas, mas na antiguidade eram retratados metade animal, metade humanos (como as esfinges), simbolizavam a força. Eles aparecem em diversas mitologias: um *Querubim*, o guardião do Jardim do Éden, expulsou Adão e Eva por terem pecado; Satanás o *Querubim ungido*, teria recebido de Deus o selo da perfeição e seria a mais fabulosa criação divina sendo chamado antes pelo nome de Lúcifer (o portador da luz). Os *Tronos*, terceiros no plano celestial, são representados como 24 anciãos ajoelhados diante de Deus, simbolizam a autoridade e humildade divina. Os *Dominações* são mediadores que “coordenam” os estratos inferiores. Eles possuem forma humana, são descritos como muito belos, o orbes de luz e o cetro na mão indicam sua supremacia. *Virtudes*, os quintos na hierarquia celestial, são os responsáveis pela manutenção da ordem natural das coisas, do curso dos astros, da ordem do universo.

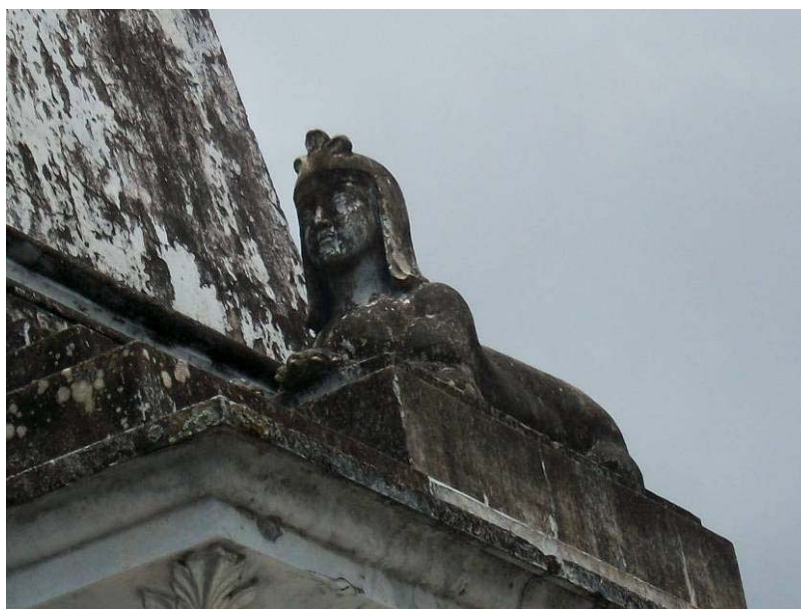
O livro do *Apocalipse* é protagonizado pelos anjos: *o quinto anjo tocou sua trombeta e vi as estrelas caírem sobre a terra e o sol escurecer*.

Os *Potestades* ou Potências são os "condutores da ordem sagrada", isto é, executam as grandes ações do universal. Eles seriam os responsáveis pelo destino da humanidade, são os encarregados da história e da memória, dos ideais, ética, religião e filosofia. Nos três últimos níveis da classificação proposta por Dante estão os *Arcanjos*, os *Principados* e os *Anjos*. Isto é, os encarregados das nações e dos homens, os mais próximos do mundo material.

Os *Arcanjos* mais conhecidos são Miguel (o guerreiro); Gabriel (o mensageiro) e Rafael, que aparece frequentemente como o "Anjo do Apocalipse". Os *Principados* têm a função emissários das ordens dos *Dominações* e *Potestades* em relação ao plano terreno, são representados com coroa e cetro. Cabe aos *Principados* guardarem as cidades e os países, a fauna e a flora. Os *Anjos* são os mais próximos do plano terreno. Os últimos da hierarquia, ocasionalmente tomam a forma humana. Na iconografia popular eles possuem asas como pássaros, são assexuados e donos de grande beleza.

Os escultores lançam mão de vários meios para representá-lo. No Cemitério Municipal é possível encontrar algumas destas.

FOTO 18 - A ESFINGE QUE ORNA O MAUSOLÉU DA FAMÍLIA CARRANO



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Embora a esfinge seja referida à mitologia egípcia e babilônica, também pode ser associada à figura antropomórfica descrita no livro de Ezequiel, no capítulo 1, intitulada a "A visão de quatro *Querubins*", seres representados com corpo de animal e cabeça humana.

FOTO 19 – ANJO PENSANDO



FOTO 20 – ANJO APONTA PARA O CÉU



FOTO 21 – ANJO DO APOCALIPSE




FOTÓGRAFA: Id., 2009.

A morte é momento de luto, mas também de reflexão. A alegoria do Anjo pensativo parece fazer alusão às incertezas em relação ao destino póstumo dos seres humanos. Em contrapartida, o anjo apontando para o céu indica a confiança na salvação da alma. A escultura em bronze do Anjo do Apocalipse encontrada no Cemitério Municipal de Curitiba imita a obra do escultor italiano Giulio Monteverde (1884). Nesta representação o anjo segura uma trombeta com a mão esquerda, ocultando-a sob a asa direita, uma referência à escatologia católica atinente ao julgamento divino, ao juízo final.

À época da Contra-Reforma, o arcanjo Miguel se tornou um emblema da Igreja da Católica. Todo paramentado com armadura e espada para lutar contra o mal (os “inimigos” da fé católica), uma imagem que contemplava os ideais *trentino* da *guerra santa através da catequização dos povos pagãos*. Com o tempo, essa imagem do *Anjo Guerreiro* foi substituída pelo *Anjo da Guarda*, protetor e intermediário dos homens perante Deus.

Segundo Michel Vovelle (1997), a iconografia dos anjos passou por diversas transformações ao longo dos milênios, influenciada pelo imaginário popular. Porém, somente no século XIX a figura do anjo se aproximou da morte. Surgindo a efígie do *Anjo da Morte* que, com frequência, é retratado com características afeminadas e formas opulentas.

Em meio aos anjos e santos, encontramos o símbolo excelso do cristianismo: a cruz. Elemento presente na maioria das sepulturas — em estilos, formatos e significados diferentes.

De modo geral, as cruzes dos cemitérios fazem referência à crucificação de Cristo. Mas os estudos históricos demonstram que a cruz nem sempre foi o símbolo do Cristianismo. Os cristãos do primeiro século não usavam crucifixos ou insígnia semelhante. Por fazer alusão ao meio cruel de execução, por isso não foi a cruz, e sim o peixe, o primeiro símbolo cristão. O *Ichthus* [, Ω] era encontrado nas catacumbas romanas, local onde os cristãos perseguidos realizam suas reuniões¹⁹. Somente no final século II, a cruz se popularizou como *o sinal do Senhor*. Os escritos romanos do século III fazem menção aos cristãos como *crucis religiosi*: devotos da Cruz. Tertuliano faz referência (no livro *De Corona*, do ano 204) à tradição cristã de marcar a própria testa com o símbolo da cruz²⁰.

No âmbito eclesiástico, as variações da cruz de Cristo identificam as diferentes ordens e prelados católicos. Os franciscanos (ordem religiosa católica inspirada em São Francisco de Assis), por exemplo, podem ser identificados pelo uso do *Tau* (cruz em forma de T). Os signatários da *Opus Day* (prelado católico) utilizam como insígnia a cruz dentro de um círculo, isto é, *a cruz sobre o mundo*. Em suma, a variedade e o simbolismo da cruz são infindáveis²¹.

Certas interpretações deste símbolo destoam dos significados cristãos. Por se tratar de um signo antigo, a cruz também abarca a representação da divisão do mundo em quatro partes: os pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste), as forças da natureza (ar, terra, fogo, água), as estações do ano e assim por diante. Além disso, faz referência à união dos conceitos de sagrado (na linha vertical) e profana (na horizontal).

Segundo afirma Juan-Eduardo Cirlot (1984), em seu “Dicionário de Símbolos”, o eixo vertical representa a vida, o céu, o espírito, o masculino enquanto o eixo horizontal a materialidade, as coisas terrenas, a morte e o feminino.²²

Os historiadores se dividem quanto à adoção da cruz como símbolo do cristianismo. Alguns defendem que, pelo que representava, o lugar de sacrifício e superação da morte, foi convertido em símbolo. Outros afirmam que a cruz originalmente era um símbolo das religiões pagãs que foi incorporado ao cristianismo. Com todos esses significados e variações a cruz é o adereço predominante nas sepulturas do Cemitério Municipal de Curitiba.

19 O'CONNELL, Mark. “Enciclopédia completa dos signos & símbolos: identificação e análise do vocabulário visual que forma os nossos pensamentos e dita as nossas reações com o mundo a nossa volta. Trad. GINZA, Débora. São Paulo: Ed. Escala, 2010.

20 VINE W; UNGER, Merrill. *An Expository Dictionary of New Testament Words*, 1962, W.E. Vine, p.90.

21 FRUTIGER, Adrian. “Sinais e Símbolos”. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

22 CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo, Editora Moraes, 1984. p. 240.

FOTO 22 – CRUZ CELTA



FOTO 23 – CRUZ LATINA



FOTO 24 – CRUZ DE SÃO PEDRO



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Na foto 22 a Cruz Celta, cujas origens são anteriores ao cristianismo. Nas culturas pagãs, esta cruz representava os quatro pontos cardeais. Junto ao círculo que representava a imortalidade, o infinito, constância. Com a influência cristã, a cruz celta teve suas hastes estendidas além do círculo. O cruzeiro central do Cemitério Municipal de Curitiba, a Cruz das Almas, apresenta um traçado reto característico da Cruz Latina. Após o Grande Cisma entre a Igreja Ortodoxa e Igreja Católica Romana surgiram duas cruzes, ambas visavam recriar o madeiro onde Cristo foi crucificado. Na Cruz Ortodoxa há uma barra horizontal a mais [卐] representando a placa com a frase "Jesus Cristo, Rei dos Judeus" colocada pelos soldados romanos. A Cruz Latina invertida é chamada de Cruz de São Pedro. Embora Hollywood tenha "satanizado" esse símbolo, a cruz invertida representa o martírio de São Pedro que, segundo a tradição cristã, pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, pois não se considerava digno de morrer como Jesus.

FOTO 25 – CRUZ FLOREADA



FOTO 26 – CRUZ ROSADA



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

No catolicismo a Cruz Floreada²³ (foto 25) simbolizam a Santíssima Trindade, sendo usada como insígnia pela Congregação Passionista. Na foto 26 uma cruz com mesmo formato aparece associada à rosa, denotando um significado distinto. A rosa sobre a cruz floreada é o símbolo da Fraternidade Rosacruz, cuja cruz é referido *ao corpo humano, de braços abertos saudando o Sol, enquanto a rosa significa o florescimento espiritual promovido pelo sol*. A Cruz Rosada não possui um significado estritamente religioso para essa Fraternidade, pois representa o processo de evolução do indivíduo.

A partir dessa vasta iconografia disponível no Cemitério Municipal de Curitiba é possível propor que o fim do sepultamento *ad sanctos* retirou os mortos dos domínios da Igreja, mas o catolicismo manteve sua influência sob o novo domínio dos mortos.

No artigo “Des espaces autres”, Michel Foucault (1984) propõe que espaços como o cemitério constituem materialização das **heterotopias**. Enquanto as **utopias** são espaços sem localização real (espaços irreais), as **heterotopias** são “espaços reais”, onde as **utopias** supostamente se realizam. Os cemitérios juntamente com os monumentos, as ruínas, santuários e museus podem ser apreendidos como materialização das **heterotopias**. São contra-sítios da realidade, capazes de expressar as fantasias cultivadas pelos indivíduos e pelas sociedades.

Os primeiros cristãos se reuniam nas catacumbas para celebrar seus rituais, com tempo as catacumbas se transformaram em santuários, muitas cidades surgiram entorno destes santuários. Segundo Foucault (1984, p. 6) “em um movimento oposto, a partir do século XIX, os cemitérios começaram a ser construídos nas linhas exteriores das cidades. Correlativamente à individualização da morte e à apropriação burguesa do cemitério, emerge uma obsessão pela morte como uma “doença”. (...) Os cemitérios tornaram-se assim, não mais o imortal e sagrado coração da cidade, mas na “outra cidade”, onde cada família possui o seu “tenebroso cantinho de descanso eterno”.

Um território que a burguesia transformou na expressão do seu gosto e das suas “pequenas fantasias” (ARIÈS, 1977); onde a arte sacra vai proclamar as crenças pessoais, mas, sobretudo a imagem que as famílias abastadas buscam construir de si mesmas por meio da grandiosidade, opulência que transformam seu “cantinho de descanso eterno” em elemento de distinção de classe, origem e linhagem.

23 PEREIRA, José C. Paradoxo da cruz, o diabólico e o simbólico: um estudo da teologia da cruz. São Paulo: Arte & Ed. Ciência, 2002.

1.6 Alegorias e outros símbolos funerários

Como ressaltou Foucault, o cemitério é um “sítio” dentro do espaço urbano e, assim como outros, tornou-se objeto do discurso modernizador (principalmente nos últimos séculos). Nesse processo, o cemitério, espaço outrora concebido como *fronteira entre a vida terrena e a vida eterna*, passou a ser visto como *lugar de descanso eterno* — a última morada. **Heterotopia** que articula a dessacralização dos espaços de sepultamento (sepultamento *ad sanctos* versus sepultamento laico) e a espacialização da utopia da perpetuação da memória. Justamente no momento em que a morte passa representar o fim, ou seja, em que aflora a tendência ao “ateísmo”, as sociedades ocidentais desenvolvem o chamado culto dos mortos (FOUCAULT, 1984). Em outras palavras, quando já não há tanta certeza da imortalidade da alma e ressurreição dos mortos, verifica-se a empreitada para garantir a eternidade do nome, da biografia e do legado dos indivíduos. Em que pese a edificação de mausoléus gigantesco, as visitas ao cemitério e atividades voltadas à tarefa de cultuar a memória dos antepassados.

FOTO 27 - TÚMULO DA FAMÍLIA MOURA ALEGORIA À ASCENSÃO²⁴



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Pois bem, é neste contexto que as alegorias funerárias permitem pensar alguns dos significados específicos assumidos pela morte e os mortos na sociedade ocidental. Estou cha-

²⁴ “A expressão serena e confiante, os olhos voltados para o alto traduzem o sentimento da certeza de uma vida melhor.” (GRASSI, 2006:10).

mando de “alegoria funerária” a iconografia cemiterial que expressa certas idéias a respeito da relação entre vida e morte.

Estas alegorias são representantes por figura humanas, predominantemente femininas e andróginas. As figuras masculinas são mais escassas. Pranteando sobre as sepulturas, apoiadas em cruzeiros, rezando com olhos voltados para o céu ou cabisbaixas, as figuras femininas estão por toda parte. Apesar dos gestos de tristeza e luto, frequentemente essas figuras sugerem erotismo.

FOTO 28 - ALEGORIA À SAUDADE



FOTO 29 - ALEGORIA DA CARIDADE



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Para Walter Benjamin (1984, p. 184, grifo meu), a alegoria “não é frívola técnica de ilustração por imagens, mas expressão, como a linguagem, e como a escrita.” Em sua análise do barroco alemão, Benjamin chama atenção para significância das alegorias e símbolos artísticos, que muitas vezes transcendem o símbolo religioso ou místico. De acordo com o autor “os conceitos assumem a ‘forma corpórea’ através de imagens que podem, em si mesmas e de forma imediata, serem entendidas ou então, que apenas fazem alusão sem a intenção explicitar.” (Id., 1984, p. 186). A alegoria pertenceria a categoria das *imagens* que “comunicam” pela alusão. A compreensão da alegoria depende do contexto e está aberto às possibilidades interpretativas, que variam com o tempo e dependendo do observador. O que explicaria, em parte, as várias leituras produzidas em torno de uma mesma alegoria funerária, onde os “versados nos códigos” estabelecem como legítima essa ou aquela leitura destes objetos.

Vale acrescentar que cada vez mais as iconografias lúgubres, desconhecidas para maioria das pessoas, tornam-se objetos de elaboração de legendas. Além da produção de artigos, teses e livros relacionados ao assunto (PRADO VALLADARES, 1974; BELLOMO, 2000; KEISTER, 2004), os *sites* de divulgação de estudos sobre “arte funerária” e cemitérios

(como o *site* da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) têm se multiplicado nos últimos tempos. Nestes é possível encontrar textos que interpretam as alegorias funerárias, os gestos dos anjos, bem como os objetos e símbolos que habitualmente adornam as sepulturas. O campo estudos cemiteriais conta ainda com agentes como a Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) que organiza seminários, encontros, congressos (o último foi em 2006) para discutir as temáticas afins.

Grande parte do material colocado à disposição na *internet*, é fruto de leituras “simplificadas” da iconografia cemiterial, por exemplo: *tocha representa vida ou morte; a cruz simboliza fê cristã; âncora a esperança; criança no colo a caridade; espada significa justiça; clarim o reconhecimento social; círculo está para eternidade, assim como ramallete de flores para efemeridade*. Em alguns casos os autores se lançam na elucidação de símbolos obscuros oriundos do paganismo, das “sociedades secretas” (como a maçonaria), dos prelados religiosos. Mas boa parte das informações publicadas reproduzem, de maneira sintética, dados retirados de dicionários de símbolos e estudos iconográficos. Enquanto o símbolo produz (ou reproduz) legendas até certo ponto óbvias (cruz = fê), a alegoria é interpretada e reinterpretada conforme o contexto. Recorrendo a esse vasto material é possível criar legendas para os inúmeros símbolos encontrados no Cemitério Municipal de Curitiba. Como nos exemplos apresentados a seguir.

FOTO 30 – OBELISCO COM SÍMBOLOS MAÇONARIA



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Esquadro, compasso, Delta (pirâmide), malhete (um pequeno martelo), pedra bruta, trolha (colher de pedreiro), três pontos, todos estes símbolos se encontram gravados no obe-

lisco localizado sobre a sepultura. Na simbologia maçônica o esquadro simboliza a moralidade, a retidão de caráter; o compasso simboliza o espírito e raciocínio; Delta a estabilidade; martelo e pedra se complementam, martelo simboliza vontade superação e a pedra a imperfeição; a trolha simboliza a temperança, quanto aos três pontos o significado varia pode representar presente, passado e futuro ou luz, trevas e tempo.

FOTO 31- ALEGORIA DO TRONCO CORTADO



FOTO 32 -ALEGORIA DA COLUNA COBERTA



FOTÓGRAFA: Id., 2009

O tronco cortado ao meio, assim como a coluna quebrada ou coberta por um pano costuma ser considerado símbolo da vida interrompida. Em geral, remete a morte precoce (de jovens, em especial, do sexo masculino) e ao fim de uma linhagem familiar. O tronco cortado ao meio sobre o túmulo da família Viana significa que o membro da família ali sepultado não deixou descendentes. Como disse anteriormente, entre as alegorias humanas, há uma predominância de figuradas femininas em relação às figuras masculinas, no entanto, isso não significa que as referências à masculinidades não esteja presente. O tronco cortado, a coluna quebrada, entre outras figuras fálicas “danificadas”, simboliza não só a interrupção da vida, mas a interrupção da potência, das potencialidades masculinas.

Analizadas pela ótica da heterotopia foucaultiana poder-se-ia dizer que estas alegorias (tomadas em seu conjunto) são a derradeira mensagem que, como no aviso escrito na entrada de cidade de Paraibuna, no interior de São Paulo.



A alegoria lembra os vivos que estão a contemplar sua condição de finitude. Da perspectiva de Walter Benjamin (1984), a alegoria pode ser lida como a história enclausurada no adereço cênico. Em cada momento da história as alegorias desempenham um papel: “a alegoria medieval era cristã e didática; a alegoria barroca retrocede à Antiguidade, ao amor pelo visual e representações simbólicas de natureza moral, dando-lhe um sentido místico-histórico [...]. A expressão alegórica nasceu de uma curiosa combinação de natureza e história [...]. A natureza desde sempre esteve sujeita à morte, desde sempre ela foi alegórica [...]. Quanto maior a significação, tanto maior a sujeição à morte.” (Id.,1984, pp.186-7).

Benjamin exemplifica essa sujeição a partir da alegoria da caveira, a efigie do inevitável, isto é, a debilidade do corpo humano e seu destino. A caveira lembra ao indivíduo que ele é finito, assim como todas as coisas que estão à mercê do tempo e da natureza. Segundo o autor, a compreensão disso varia de cultura para cultura, mas em todas as culturas essa apreensão será comunicada sob forma figurada, que vai abarcar diferentes períodos históricos e, a cada tempo, constituir formas particulares de representar a finitude. Os símbolos funerários expressariam as atitudes do homem perante a morte. Para Benjamin, a alegoria não é “o avesso do símbolo, mas seu correlato”, pois, assim como o símbolo, a alegoria possui uma densidade significativa, que pode ser atualizada, seja através das releituras ou reinvenções.

1.7 Personagens

Segundo a fotógrafa Clarissa Grassi (2006), a estátua de Pierino foi um tributo póstumo de seus pais (Magdalena e José Riva). Pierino estudou no Instituto Dante Alighieri, em São Paulo, retornou à Curitiba após concluir o curso, adoeceu e não pode encontrar na medicina recursos para o tratamento de sua enfermidade. Para reproduzir Pierino no bronze o escultor italiano Alberto Bazzoni fez uso de uma fotografia do jovem e teve como modelo o pai do rapaz, pai e filho eram muito parecidos. A escultura foi produzida em Milão, na Itália e posteriormente trazida para o cemitério. (GRASSI, 2006, p.46).

FOTO 33 - ESCULTURA DE PIERINO RIVA



FOTÓGRAFA: Id., 2009

O modo como Peirino foi retratado acentua a altivez, elegância e vigor. O livro entreaberto em uma das mãos faz referência a sua formação intelectual. Contudo, neste ponto vale recobrar um dos atributos da alegoria: o de materializar como o indivíduo deve ser lembrado. Neste caso, o jovem doente que, provavelmente, definhou e morreu prostrado, ergue-se altivamente sobre o próprio túmulo: aprumado, elegante, compenetrado e vigoroso. Em fim, a imagem que seus pais desejavam eternizar e sobrepor à lembrança do jovem debilitado pela doença e de constituição física frágil²⁵. Peirino não foi o único imortalizado pelos pais através da arte, a menina Luci (foto 35), falecida aos cinco anos de idade, também foi reproduzida em mármore a partir de uma fotografia.

FOTO 34- ESTÁTUA DE BERTI



FOTO 35 – LUCI



FOTÓGRAFA: Id., 2009

25 A historiadora Regina Abreu é certa ao ressaltar que: “O material iconográfico é muito utilizado e serve para cristalizar uma imagem visual do sujeito e do ambiente em que ele viveu. Em geral, há sempre uma imagem que se sobressai entre as demais, estabelecendo uma memória visual do biografado aceita coletivamente. Ou seja, embora os sujeitos lembrados tenham tido várias feições ao longo dos anos, na maioria das vezes um retrato vai se impondo como sua “verdadeira” imagem. Quem, ao pensar em Machado de Assis, não visualiza um senhor com barba e cabelos brancos e um pince-nez redondo a circunscrever-lhe os olhos? Quem, ao pensar em Euclides da Cunha, não vê o rosto de um homem de meia idade onde sobrem os bigode e os olhos amendoados? E quem, ao pensar em Clarice Lispector, não desperta de imediato para uma imagem de bela mulher com ar inteligente? Intencionalmente ou não, o fato é que este processo de construção visual que corresponde a um sistema de valores. Os construtores da memória selecionam entre as imagens possíveis aquelas que expressam suas afirmações textuais. Se, por exemplo, a intenção é enfatizar no biografado suas qualidades intelectuais, dificilmente será escolhido para a principal referência visual póstuma um retrato onde ele aparece em criança ou fantasiado num baile de carnaval. A contrário, é comum serem omitidas algumas imagens consideradas pouco dignas. De fato, o aspecto visual constitui peça-chave na monumentalização de uma pessoa” (ABREU, 1994, p. 210).

É comum encontrar fotos, esculturas e mensagens escritas que fazem referência ao ofício e à biografia do falecido. Como no túmulo ferreiro Berti (foto 34) cuja estátua esculpida por um colega de profissão retrata os feitos profissionais do indivíduo. A escultura traz um metro na mão esquerda e um rolo de projeto na direita, representando seu ofício. Estas alegorias aludem à perda, à lacuna deixada pelo indivíduo, ao modo como ele deve ser lembrado, mas também é uma maneira de dizer que ele se “eternizou” pela sua obra.

Esse “giro” pelo Cemitério Municipal de Curitiba visa apresentar o espaço onde o culto a Maria Bueno tem se desenvolvido ao longo desses anos. Um “sítio urbano” destinado a expressão da “utopia burguês-cristã”. Utopia que prima pelo ideal de imortalidade através dos *feitos* (históricos, heróicos ou profissionais), da *biografia* (da constituição de uma representação póstuma do indivíduo que define como ele deve ser lembrado), do *sobrenome* (da distinção genealógica, da descendência e ascendência), elementos articulados através de determinadas concepções estéticas. Contudo, esse “sítio” também pode ser pensado como o espaço fora do tempo onde o sagrado se materializa por meio da iconografia dos santos e dos próprios mortos.

1.8 Mausoléu de Maria Bueno

A *Capela da Santinha*, como é chamada pelos devotos, mede aproximadamente sete metros de altura. Na parte superior há um “sacrário” de vidro que guarda a estátua de Maria Bueno (esculpida em gesso em tamanho natural).

FOTO 36 - MAUSOLÉU DE MARIA BUENO NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA



FOTÓGRAFA: Id., 2009

Uma cruz latina transpassada por um pedaço de pano²⁶ e uma pomba (símbolo do Espírito Santo) ornaram o topo deste sacrário. Quatro níveis de escada dão um aspecto piramidal à sepultura de cor azul clara, com detalhes metalizados em tom de prata. Cinco Querubins, quatro na parte da frente e um na parte de trás, decoram o mausoléu. Há outros dois sob o velário, totalizando sete *Querubins* no espaço de devoção.

FOTO 37 – OS QUERUBINS DE MARIA BUENO



FOTÓGRAFA: Bruna Bazzo, 2010

Placas de agradecimento recobrem a frente e as laterais do túmulo, assim como grande parte do muro em frente. Como a construção se localiza num terreno em desnível é preciso descer uma escada para se chegar à porta da capela. O mausoléu não tem um estilo arquitetônico definido: há a presença de Querubins em postura dramática, como que fazendo uma prece, faz referência à mentalidade barroca²⁷, contudo, o traçado do mausoléu (linhas retas e triangulares) não reproduz a sinuosidade dessa arquitetura. A iconografia presente (cruz colocada no alto da sepultura, a pomba sob o globo, a estátua da santa, os Querubins) pouco distin-

26 Acruz latina envolta em um pequeno pedaço de pano simboliza a dignidade. Segundo estudiosos dos símbolos cemiteriais, esta cruz transpassada por panos foi instituída na Idade Média, o pedaço de pano em questão simbolizaria o que foi usado para cobrir a região pubiana de Cristo depois que seus torturadores lhes tiraram as vestes e repartiram entre eles. Representaria o pedaço de pano que garantiu a “dignidade” de Jesus.

27 Michel Vovelle (1991) discute as características dos cerimoniais póstumos na França no final do século XIX. Partindo dos padrões de comportamentos peculiares daquele período, cunhou a expressão morte barroca para designar a mobilização coletiva voltada à morte. Segundo o autor, a mentalidade barroca se caracteriza pela preocupação intensa com a finitude, sentimento que acompanhava os indivíduos nas diferentes fases de suas vidas. Essa apreensão quanto à morte não teria relação com o medo de morrer, mas, quanto ao destino do espírito depois da morte. Isso se refletia nos préstimos aos mortos, rituais cumpridos postumamente por familiares, amigos e correligionários. As homenagens, as missas e orações eram vistas como garantia de salvação ou a redenção dos pecados do falecido. A figura do Querubim ajoelhado, olhos voltados para o céu e mão entrelaçadas remetem não à estética barroca propriamente dita, mas à visão barroca de que é preciso rezar constantemente pelos mortos para que alcancem a “vida eterna”.

CAPÍTULO 2 – DIA DE FINADOS

Cheguei ao Cemitério São Francisco de Paula por volta das oito horas da manhã, era dia 02 de novembro de 2007, Dia de Finados. Nesse horário o movimento de pessoas no cemitério ainda era pequeno, mas na capela de Maria Bueno já havia um grupo de aproximadamente nove devotos rezando, acendendo velas e deixando flores. Em poucos minutos, o fluxo de pessoas circulando pelo local se intensificou. Além daqueles que estavam ali para cumprir seus ritos religiosos, havia também os que estavam a trabalho: o pessoal da imprensa (repórteres, fotógrafos, cinegrafistas), o pessoal da limpeza, homens da guarda municipal e outros que (como eu) realizavam pesquisa de campo²⁹.

FOTO 39 – MOVIMENTAÇÃO NO TÚMULO DE MARIA BUENO
DIA DE FINADOS (2007)



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2007

Passava das nove da manhã quando Elizabeth³⁰, a pessoa encarregada pela capela à época chegou ao cemitério para abri-la à visitação. Os vãos da porta de ferro estavam cobertos de flores, deixadas por quem não pode depositá-las no altar da santa. A abertura da capela prolongou o tempo das visitas, como grande parte dos devotos fazia questão de adentrá-la, mesmo com chuva, esperavam até quinze minutos na fila. De modo geral, os devotos não abriam mão da oportunidade de rezar e deixar flores junto ao túmulo/altar da santa.

29 Nesta ocasião, tive contato com pelo menos três grupos de estudantes de jornalismo que também estavam realizando pesquisa de campo sobre Maria Bueno. Um destes grupos estava filmando um documentário sobre Maria Bueno, os outros escrevendo matérias sobre o assunto. Fora os estudantes, outros dois pesquisadores (Jussara e Edvan) também realizavam pesquisa junto aos devotos.

30 Por questões éticas usarei pseudônimos para me referir aos devotos e não expor suas identidades.

FOTO 40 – DEVOTOS AGUARDAM NA FILA PARA ENTRAR
NA CAPELA DE MARIA BUENO, FINADOS - 2007



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2007

Elizabeth e o marido Renato seguiram recepcionando os visitantes até o horário de fechamento do cemitério. Enquanto ela permanecia dentro da capela, arrumando os vasos de flores e orientando os devotos o marido organizava a fila, ajudava os idosos a descer a escada e distribuía fitinhas e santinhos com a oração de Maria Bueno³¹. Atuação do casal na cerimônia do Dia de Finados é um dos pontos chave desta análise e será retomada no **Capítulo 4 – Santuário**. Por ora, vale destacar que eles desempenharam um papel importante na celebração de Finados de 2007: abrindo a capela para o público, providenciando os santinhos e fitinhas (distribuídos gratuitamente), narrando os milagres e a história de vida da santa em entrevistas (a jornalistas e pesquisadores) e em conversas com os devotos.

O trânsito de devotos na capela se manteve intenso o dia todo, inclusive no horário de almoço, com uma média de duzentos visitantes por hora. A maioria trazia maços de velas e rosas vermelhas, uma espécie de “marca registrada” da devoção à santa de Curitiba. Foi assim até o fechamento dos portões do cemitério por volta das dezoito horas.

Perto de vinte mil pessoas passaram pelo Cemitério Municipal neste dia, aproximadamente três mil estiveram no túmulo de Maria Bueno³².

31 Renato e Elizabeth providenciaram a confecção de fitinhas semelhantes as do Senhor do Bonfim e santinhos com duas orações da santa.

32 Dados da administração publicado no jornal Gazeta do Povo de 03 de novembro de 2007. Pelo que observei estes números realmente se aproximam da quantidade de pessoas que estiveram no local, embora eu não tenha contado.

2.1 Os outros

A devoção a Maria Bueno costuma estar na pauta dos telejornais e da imprensa local, sendo abordada no conjunto das matérias sobre o Dia de Finados. De modo geral, estas incluem informações sobre cerimônias públicas (horário de missas e outros rituais patrocinados pelas igrejas), sobre a origem da comemoração dos mortos, sobre a “cotação” das flores e velas no mercado, além do *rank* dos túmulos mais visitados de Curitiba e do Paraná³³.

Segundo dados da imprensa, o Cemitério Municipal foi o “campeão de visitas” no Dia de Finados em 2009. O número de visitantes ficou entre trinta e trinta e cinco mil pessoas³⁴. Em segundo lugar ficou o Cemitério do Bairro Água Verde (com aproximadamente vinte mil visitantes). Entre os túmulos mais visitados de Curitiba estão o de Maria Bueno e o da benzedeira Maria Polenta, situado no *Cemitério do Água Verde*. Há outro túmulo que frequentemente é citado entre os mais visitados da capital: o da menina Eunice Taborda — localizado ao lado do túmulo de Maria Bueno³⁵.

33 Geralmente, a pauta jornalística do Dia de Finados se repete de um ano para outro, em uma breve análise das matérias publicadas na imprensa nos últimos cinco anos foi possível estabelecer os assuntos que habitualmente são abordados. Entre as publicações de véspera (anteriores a comemoração) estão as previsões de número de visitantes; informações sobre como chegar aos cemitérios mais visitados; a programação oficial das igrejas e paróquias para o dia; reportagens e entrevistas com os administradores dos cemitérios, que dão “dicas” sobre os melhores horários de visita, como localizar túmulos de familiares, entre outras informações ditas de “utilidade pública”. As reportagens de cunho “histórico e filosófico”, geralmente, são publicadas na data da comemoração (no dia 02 de novembro). Acadêmicos e especialistas são convidados a debater questões relacionadas à origem do culto aos mortos, o luto e às práticas fúnebres; bem como à religiosidade “popular aos santos de cemitério”. Na continuidade, nas matérias publicadas nos dias seguintes às comemorações, abordam os “números do Dia de Finados” (quantidade de pessoas que visitaram cemitérios e números do comércio assim por diante); o estado de conservação dos túmulos e cemitérios, ou então, a estética destes.

34 Em 2009, as visitas superaram as marcas dos anos anteriores, que ficavam na faixa de vinte mil pessoas, talvez porque foram somados as visitas de todo final de semana. Como o Dia de Finados foi em uma segunda-feira muita gente aproveitou o sábado e o domingo para visitar o cemitério, nestes dias o fluxo de pessoas foi quase tão intenso quanto no feriado. Outro fator que provavelmente colaborou com o aumento foi o clima. Diferente de 2007 e 2008, em 2009 não choveu, o final de semana foi quente e ensolarado, isso estimulou as pessoas a permanecerem mais tempo no “campo santo” e na capela da santa curitibana.

35 Como Eunice é “vizinha” de Maria Bueno, pela proximidade ensaiei uma pesquisa (para fins de comparação) com os devotos da menina milagrosa, mas desisti da idéia. Primeiro porque a análise da devoção a Eunice demandaria um empenho maior do que em relação à devoção a Maria Bueno, visto que o número de devotos da menina era muito pequeno, eles raramente iam ao cemitério e mesmo no Dia de Finados era difícil identificá-los. Houve situações em que abordei pessoas que rezavam e deixavam flores (ou balas) no túmulo da menina, mas afirmavam que não eram devotas de Eunice. Quando lhes perguntava sobre o motivo de deixarem flores, balas e objetos no túmulo justificavam que era para alma das crianças (no plural). Muitos usavam o termo da umbanda “oferenda para erê” (espírito das crianças) para especificar a prática. Na maioria dos casos a escolha da menina era justificada pelo fato de ser o espírito de uma criança, inocente e puro. Em fim, a prática religiosa junto ao túmulo de Eunice se associava ao culto das crianças (da umbanda e do candomblé) e ao culto aos espíritos. Pelo que percebi a maioria dos frequentadores do túmulo da menina a “enquadrava” na categoria (nativa) entidade, que é diferente da categoria santo. Tanto que as práticas religiosas realizadas no túmulo dela se assemelhavam a outras, realizadas em outros pontos do cemitério, para outras entidades do panteão afro-brasileiro. Como já estava demasiadamente difícil pesquisar a devoção a Maria Bueno (devido à complexidade e extensão do campo) me concentrei na devoção à santa curitibana e resolvi apenas apontar a existência da devoção à Eunice, para não incorrer numa abordagem ou comparação superficial.

FOTO 41- TÚMULO DE EUNICE TABORTA
A OUTRA SANTA DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2010

Contudo, penso que essa informação precisa ser relativizada, pois constatei que muitas pessoas “visitam” o túmulo de Eunice porque fica próximo (no caminho) da capela de Maria Bueno. De fato, existe um culto à menina falecida em 1929, mas este não é tão expressivo quanto os noticiários fazem parecer.

Eunice morreu aos seis anos de idade de pneumonia. Em seu túmulo cor-de-rosa há placas de agradecimento e é possível encontrar ainda balas, chupetas e brinquedos. Em relação à Maria Polenta (falecida em 1959) as informações atestam que nos últimos anos aumentou número de pessoas que visitam ao túmulo da benzedeira (no Dia de Finados e em outras datas). A lista dos túmulos mais populares do Paraná inclui também o do adolescente Clodimar Lô (falecido em 1967), cultuado no Cemitério Municipal de Maringá; o de Corina Portugal (falecida em 1867) cultuada no Cemitério São José (Ponta Grossa); José Oswaldo (falecido em 1951) sepultado no Cemitério São Pedro (Londrina); Zilda Santos (falecida em 1948) sepultada Cemitério Municipal de União da Vitória³⁶.

³⁶ Segundo as narrativas, Clodimar Lô era um menino negro e pobre, que foi torturado e morto pela polícia, após ter sido preso, acusado injustamente de roubo, por um cliente do hotel onde trabalhava. Maria Polenta foi benzedeira e parteira. As narrativas mais conhecidas falam do seu poder de cura e bondade. Corina Portugal morreu há mais de 140 anos. Segundo o livro “História de Sangue & Luz – Tragédia de Corina Portugal”, a bela carioca, de dezoito anos teve a vida marcada pela violência e o alcoolismo do marido. Em uma noite fatídica foi assassinada por ele com trinta duas facadas. O culto a Corina teria começado anos depois quando seu corpo foi transladado, segundo as narrativas, estava incorrupto. José Oswaldo morreu no dia da primeira comunhão. O menino de oito anos morreu depois de cair de um caminhão. Pouco tempo depois do sepultamento começou a jorrar água no túmulo do menino. O fato atraiu inúmeras pessoas, logo surgiram os relatos de cura devido à água. Zilda Santos é descrita como jovem muito bonita e desejada pelos homens. A adolescente de 13 anos foi raptada e morta, o corpo foi encontrado às margens do Rio Iguaçu. Todos estes personagens são cultuados como santos nos cemitérios onde se encontram sepultados.

Desde a década de 1930, os jornais locais têm publicado matérias acerca das manifestações religiosas no túmulo de Maria Bueno no Dia de Finados. Em 1936, o jornal “O Estado do Paraná” destacava:

Há no Cemitério Municipal um túmulo humilde que a crença popular vai consagrando. Guarda ele os restos mortais (sic.) de uma pobre mulher. Que passou pelo mundo desgraçadamente. Viveu no lodo. A vida fácil das infelizes. Em um dia os seus olhos se cerraram com rictus (sic.) de dores. Um grupo de soldados ébrios e sanguinários retalhou seu corpo. Foi na Avenida Vicente Machado. Há muitos anos. O crime impressionou. E a vítima (sic.) se chamava Maria Bueno teve sua triste memória consagrada pela credence popular. **A sua tumba vão postar-se genuflexas, a tecer preces gentes abastadas e humildes. Já se murmura dos milagres de Maria Bueno.** Ela ainda será em santa transformada. A santa Maria Bueno. O nome até se presta. Será que a pobre Maria Bueno, ébria e bohemia (sic.) pensou algum dia no seu destino? Certamente não. Ela poderia ter pretensões a tudo, menos a santificação. (O ESTADO DO PARANÁ, “Finados”, 04 nov. 1936, p.03, grifo meu).

Apesar de existir registros como este na imprensa, não é possível assegurar quando o Dia de Finados se vinculou à devoção de Maria Bueno. O certo é que, hoje, o culto aos mortos e o culto à santa se entrelaçam nesta data, assim como ao longo do ano. Na segunda-feira, dia da semana que católicos e umbandistas dedicam às Almas, a visita ao cemitério é intensificada e, por conseguinte, ao túmulo de Maria Bueno. A constatação desse entrelaçamento me fez mudar de estratégia no Dia Finados de 2008 e 2009. Ao invés de permanecer na capela da santa abordando somente as pessoas que passavam por ali, decidi circular pelo cemitério acompanhando os devotos em seus itinerários. Verifiquei que a maioria daqueles que passava pelo túmulo de Maria Bueno se encaminhava à “Cruz das Almas”. Em outra abordagem parti do portão principal, acompanhando itinerários que, em alguns casos, não incluíam visita ao túmulo de Maria Bueno. Nesta mudança de estratégia, descobri que o túmulo Maria Bueno, a Cruz das Almas e o túmulo de familiares e entes queridos compõem trajetos (espaciais e simbólicos) que, por vezes, incluem visitas a outros cemitérios da cidade.

2.2 Trajetos de Finados

É difícil analisar como cada devoto, individualmente, realiza seus rituais, porém, foi possível apreender que para algumas pessoas a visita ao cemitério começa a ser construída dias antes. Às vésperas do Dia de Finados quando saem de suas casas para limpar o túmulo dos *entes queridos*. Em geral, o calendário de Finados é o momento de fazer reformas nas sepulturas, pintá-las e adorná-las com jarros de flores. Tudo para que no dia dedicado aos

mortos “o túmulo da família” não pareça abandonado³⁷. Esses cuidados de véspera sempre vêm acompanhados de rezas e homenagens. Rituais que são repetidos no dia 02 de novembro, acrescidos de manifestações públicas de estima e pesar. As famílias se dirigem às sepulturas dos seus mortos, principalmente, os consanguíneos: pai, mãe, irmão e filho. É comum, no entanto, observar pessoas circulando pelo cemitério em busca das sepulturas dos afins: parentes distantes, amigos, vizinhos, entre outros. Enquanto os rituais realizados junto ao túmulo dos consanguíneos são marcados pela atmosfera solene, nostálgica e melancólica, o clima fica menos soturno na visita aos túmulos dos afins.

Essas cerimônias e demonstrações sentimentos da família para com seus mortos atestam a importância da experiência coletiva de lembrar os mortos. Esta rememoração abrange não só os mortos da família, mas também os anônimos, associados aos rituais do cruzeiro central³⁸. Um lugar específico do cemitério, segundo a crença católica, dedicado ao culto às “Almas”. Enquanto os túmulos individuais estão dispostos nas quadras e lotes do cemitério, de modo que os mortos possam ser (individualmente) “abrigados”, localizados e visitados, como uma moradia com endereço. As *Almas* (termo usado com ou sem qualificador) têm como endereço fixo a Cruz das Almas.

FOTOS 42- CRUZ DAS ALMAS NO DIA FINADOS



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2007

37 Os membros das famílias costumam ser enterrados no mesmo espaço, que passa a reportar diretamente às famílias. É como se os mausoléus e gavetas fossem “a casa dos mortos” de uma família. De modo que o desleixo para com as sepulturas passa a pesar sobre o “nome” da família.

38 Este cruzeiro se localiza na avenida central, em uma parte mais elevada do terreno. Esta cruz é chamada também de Cruz das Almas, das almas benditas e do purgatório.

2.3 Da capela à Cruz das Almas

Aos olhos dos devotos a capela de Maria Bueno é um dos lugares privilegiados de mediação com o sagrado, onde alguns devotos afirmam *sentir a presença da santa*, de maneira que me pareceu estratégico priorizá-la no meu trabalho de campo. Não pelo lugar em si mesmo, mas pelo que nele acontecia. Contudo, ao longo da pesquisa notei que a visita à capela de Maria Bueno durante a celebração do Dia de Finados era marcada por ritos, percursos e pausas. A análise destes percursos mostrou que a capela de Maria Bueno, de fato, atraía muita gente, o que a tornava um “centro de devoção”, no sentido de ponto de concentração de devotos e de peregrinação religiosa, mas quando tomado no conjunto das devoções praticadas no cemitério este “centro” se convertia em “*locus*”³⁹. Em contexto mais amplo, o cemitério revelava-se um *território* composto por distintos *locus* de devoção, onde a capela de Maria Bueno era um ponto dentro de um sistema que abarcava outros pontos como, por exemplo, a “Cruz das Almas”.

FOTO 43 – COPOS D’ÁGUA DEPOSITADOS NA CRUZ DAS ALMAS
COMO OFERENDA AOS MORTOS



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2007

³⁹ Termo do latim que significa lugar, na linguagem matemática, representa qualquer sistema de pontos, linhas, que satisfaça a uma ou mais condições dadas: pontos em uma linha, pontos em um plano, em que cada um de seus pontos satisfaz uma dada condição, não tendo ponto que não a satisfaça. O termo será usado aqui para referir-se aos principais locais de devoção dentro do cemitério: a capela de Maria Bueno, a Cruz das Almas e os túmulos particulares. Pensando que estes pontos satisfazem a condição dada que é todos integram o circuito de devoção aos mortos (na condição de santo, alma do purgatório ou antepassado), são incluídos nas trocas rituais.

O cruzeiro central é o *locus* onde as pessoas habitualmente cultuam as Almas. A crença católica o qualificou como o “altar” das “Almas do purgatório”, invocadas para auxiliar os vivos, em resposta e agradecimento a elas às orações, missas e muitas velas. *Almas do purgatório*, *almas benditas*, *almas aflitas* são “títulos genéricos” usados para se falar de um “coletivo de espiritual”. Já na perspectiva umbandista, o cruzeiro do cemitério é *o lugar de entrega para os exus e pombagira*.

Dona Rosária frequenta o cemitério nas segundas-feiras cumprindo um itinerário de orações pelos parentes falecidos, pelas “almas do purgatório” e por Maria Bueno, incluída no roteiro recentemente (apesar de não ter concedido nenhuma graça à devota). Ela conta que *certa vez voltava do trabalho tarde da noite, quando avistou dois homens mal encarados vindo em sua direção, amedrontada baixou a cabeça e rezou pelas Almas do Purgatório. Ela passou por eles sem olhar em seus rostos, quando já estava longe se virou e viu que os dois estavam assaltando outra pessoa. Ao chegar em casa ela acendeu uma vela, em agradecimento às Almas*. Assim como dona Rosária, um número significativo de pessoas acredita que através das Almas (tendo-as como mediadoras, protetoras e benfeitoras) podem obter ou já obtiveram graças e milagres. Por isso, um dos desdobramentos mais comuns dessa devoção é o voto a esse coletivo anônimo e a colocação de oferendas no cruzeiro central do cemitério.

Na crença umbandista a *Cruz das Almas* é vista como ponto de canalização de energia, porque localiza-se na encruzilhada das ruas do cemitério. Essa intersecção cruz/encruzilhada/cemitério torna o lugar propício para ritos como os despachos⁴⁰ às entidades da *esquerda* da Umbanda (da *Quimbanda*). Para obter sucesso em uma *demand*a⁴¹, entre outros objetivos. O que se observa na Cruz das Almas é que os rituais são, na sua maioria, para *pombagiras* e *exus*⁴².

40 *Despacho* é oferenda ritual aos orixás ou entidades da umbanda e quimbanda. Os despachos são ofertados em pontos específicos de acordo com orixá e a os objetivos do ritual. Trata-se de uma maneira de reverenciar as entidades, obter delas proteção, defender-se e entre outros objetivos.

41 Em geral, o termo *demand*a é usado para se referir às necessidades dos fiéis, contudo, costuma ser empregado com mais frequência para aludir aos rituais de defesa, isto é, rituais contra alguém, em conflitos interpessoais. Ficando a cargo da entidade evocada no ritual solucionar a *demand*a mediando as relações ou punindo, vingando-se da outra parte envolvida na *demand*a.

42 Cheguei a essa conclusão observando itens encontrados no local. Além do testemunho dos fiéis, que declaravam que sua oferenda era para Maria Padilha e Exu Calunga, entre outros, havia o predomínio dos elementos e cores habitualmente associado às entidades referidas. Nunca encontrei animais sacrificados no cruzeiro, talvez porque a administração do cemitério adote uma política de constranger e eliminar os vestígios deste tipo de oferenda. O que se tornou objeto de disputa e mobilização de associações umbandistas que lutam para garantir direito de culto no cemitério. Da parte da administração do Cemitério Municipal, verifiquei que há um discurso de que as pessoas têm liberdade de culto no cemitério, mas alguns rituais (como os que incluem sacrifício animal) não são admitidos. Na prática a administração atua no sentido de eliminar a “sujeira”, os vestígios das devoções afro-brasileiras, os funcionários da limpeza estão instruídos a removerem as oferendas imediatamente a sua colocação. Isso não chega causar revolta nos devotos, pois, segundo eles, no momento da colocação da oferenda a entidade já está ali para receber, isso não afeta o retroativamente o ritual.

FOTO 44 – VELA VERMELHA COM BILHETE DEPOSITADA NA CRUZ DAS ALMAS



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2010

O conjunto dos rituais que acontecem no cruzeiro do Cemitério Municipal retrata, de certa forma, a configuração do “Além brasileiro” com sua legião de almas, os exus e *pombagiras*⁴³. Ainda que cada uma destes entes sagrados (categorias) pertença a um sistema religioso específico, em ocasiões como o Dia Finados, em locais como a *Cruz das Almas* é possível observar como as relações sociais (a alteridade entre católicos, umbandistas, espíritas) produzem uma “hierarquia celeste” na qual almas, personagens, santos, espíritos zombeteiros, entre outras representações sagradas se “misturam”, mas, ao mesmo tempo, mantêm-se em segmentos desiguais de sacralidade.

43 “Uma das representações mais populares de Exu é Seu Zé Pilintra, de terno branco, gravata vermelha, cravo na lapela, chapéu caído na testa. Essas características compõem a figura do malandro, que resume em si todo o caráter de “herói trickster” desses personagens. Os Exus, chamados de compadres, representam — juntamente com as pombagiras, cujo estereótipo é a prostituta — a astúcia, o livre trânsito pelas brechas e pelo uso de meios não-sancionados pelas normas: daí sua identificação com o mal por arte daqueles que por elas se regem. A melhor definição da liminaridade que os caracteriza, ou seja, essa existência nas margens, limites, e fronteiras do permitido, é dada pelo próprio Exu incorporado em um médium: “Eu não cheguei a passar desta Terra, como devia passar, certo? Quer dizer, eu ainda estou no mundo vagando. Eu estou aqui bebendo pinga, aqui, acolá, ajudando um, entortando outro (...). O espírito, meu amigo sabe, não bebe nem fuma. Eu bebo e fumo porque estou na vida terrena. Estou no mundo, até receber permissão pra deixar as coisas da Terra. Eu acho que o mundo aqui, dos problemas, dificilmente, não é? A gente precisa botar as coisas certas com devem ser, entortando quando deve entortar”. (TRINDADE, 1979, p.143 apud MAGNANI, 1986, pp.47-48).

2.4 Dia e lugar de Rememorar

A despeito das atribuições particulares, o cruzeiro integra o conjunto de espaços de rememoração. Segundo a tradição popular, todos estes rituais tornam público os vínculos dos vivos com a alma daqueles que já partiram. Esse empenho dos vivos para com os mortos revela o entendimento de que a morte não extingui o vínculo do antepassado com os familiares, das almas com a sociedade ou do santo com sua comunidade. Os antepassados, as almas e os santos deve continuar presente no cotidiano e na memória social. Assim como vivo recebe congratulações na data que recorda seu nascimento, depois de morto também deve ser rememorado. Além do calendário, o túmulo, os monumentos tumulares e o próprio cemitério podem ser tomados como exemplos dessa rememoração.

Segundo a historiadora Regina Abreu (1994)⁴⁴, a vigência de calendários e lugares de rememoração dos mortos nas sociedades modernas têm a função e significado de "lugar de memória". A historiadora parte da idéia de Pierre Nora de que nas sociedades tradicionais, diferente das sociedades ditas modernas, a memória estava incorporada à experiência cotidiana, ou nos termos de Nora à vivência cotidiana da tradição e do costume. Neste contexto a memória desempenhava um papel decisivo: assinalar a passagem regular do passado ao futuro ou indicando do passado o que era necessário reter para preparar o futuro (NORA apud ABREU, 1994). Com as grandes transformações sociais e de mentalidade, ocorridas nos últimos quatro séculos, a memória se desvinculou da vivência cotidiana e da tradição passando a se vincular aos "lugares de memória". Essa memória "desencarnada" da experiência deixa de ser o que era antes, uma função ativa do conjunto da sociedade, e se torna um atributo de algo. Nos termos de Regina Abreu:

[...]ao invés de ser encontrada no próprio tecido social, no costume, na tradição, a memória tomaria forma em lugares determinados passando a depender de agentes especialmente dedicados à sua produção [...]. Isso não significa que a memória tenha perdido o papel significativo que antes lhe cabia no sentido de estabelecer os laços de continuidade através dos tempos. Esse papel continuaria presente nos lugares de memória. Esse equivaleriam à necessidade da preservação de memórias coletiva, sem as quais a vida estancaria num eterno presente. Os lugares de memória seriam tanto lugares materiais, a exemplo de museus e arquivos, quanto lugares pouco palpáveis ou imateriais, como aniversários, elogios fúnebre, rituais, comemorações. [...] A noção de lugares de memória nos parece útil na medida em que assinala a formação de um campo com regras próprias de funcionamento, com agentes próprios, com um objeto mais ou menos definido. O historiador francês propõe a exploração de todos os sentidos da categoria lugares, dos mais materiais e concretos como os monumentos aos mortos e os arquivos nacionais aos mais abstratos e intelectualmente construídos, como a noção de linhagem, de geração, ou mesmo de região e de homem-memória. (ABREU, 1994, p. 112).

44 ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 07, nº 14, 1994, pp. 205-230.

A historiadora destaca ainda que esses rituais de rememoração resultam das transformações sociais e culturais ocorridas nos últimos séculos (sobretudo na sociedade ocidental).

O ritual de “lembrar o morto” que hoje nos parece tão banal e corriqueiro nem sempre existiu. O historiador Philippe Ariès assinala que até o século XII a morte era vista como coletiva — ligada ao destino da espécie — podendo ser resumida na fórmula “todos nós morremos”. A partir de então, começou a surgir a preocupação característica dos tempos modernos: a morte individual, a morte de si próprio. A partir do século XVII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo, porém, estreitamente ligado à temática da morte individual: é a preocupação com a morte do outro, “o outro cuja lamentação e saudade inspiram ao século XIX e ao século XX o culto novo nos túmulos nos cemitérios”. Segundo Ariès, na Idade Média os mortos eram confinados, ou então, abandonados à Igreja, e pouco importava o local exato da sua sepultura, que na maior parte dos casos não era indicada nem por um monumento nem mesmo por uma simples inscrição. A visita piedosa ou melancólica a um túmulo de um ente querido era um ato desconhecido. Na segunda metade do século XVIII as coisas mudaram. Para os espíritos “iluminados” desse período, a acumulação de mortos nas igrejas ou nos pequenos pátios de igrejas tornou-se intolerável. Reivindicavam-se motivos de “saúde pública” e de dignidade com relação aos mortos. Acusava-se a Igreja de tratar apenas das almas desinteressando-se dos corpos. Evocava-se o exemplo dos antigos, a sua piedade pelos mortos, atestada pelos restos de seus túmulos, pela eloquência da sua epigrafia funerária. Os mortos não deviam continuar a envenenar os vivos, e os vivos deviam testemunhar aos mortos, através de um verdadeiro culto laico, a sua veneração. Seus túmulos tornavam-se os sinais da sua presença para além da morte. Uma presença que não supunha necessariamente a imortalidade das religiões de salvação, como o cristianismo. Esta presença era uma resposta à afeição dos sobreviventes e à sua repugnância recente em aceitar o desaparecimento do ente querido. Aos seus restos se agarravam os sobreviventes. Ariès menciona alguns casos em que os restos mortais são transformados em relíquias mediante a conservação em grandes globos de álcool. A segunda metade do século XVIII assinala o início de um processo de privatização dos mortos. A maioria das pessoas pretendeu, ou conserva os seus mortos em casa, enterrando-os na propriedade da família, onde poderia visitá-los. No caso de serem inumados em cemitérios públicos, pretendia-se ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família. A concessão de uma sepultura se converte numa certa forma de propriedade. Surge a idéia de visitar a sepultura de um ente querido como se vai à casa de um familiar ou a uma casa própria cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade, estranha ao dealbar do cristianismo. Desde o fim do século XVII, mas ainda em pleno séc. XIX e séc. XX franceses, anticlericais e agnósticos, os descrentes serão os visitantes mais assíduos dos túmulos dos parentes. A visita ao cemitério foi e continua a ser em França e em Itália, o grande ato permanente da religião. Aqueles que não vão à igreja vão sempre ao cemitério, onde ganharam o hábito de por flores nas campas. E aí se recolhem, isto é, evocam o morto e cultivam a sua recordação. Culto privado, pois, mas também, desde a origem, culto público. O culto da recordação estendeu-se imediatamente do indivíduo à sociedade, na sequência de um mesmo movimento da sensibilidade. Os autores de projetos de cemitério do séc. XVIII desejavam que os cemitérios fossem ao mesmo tempo parques organizados para a visita familiar e museus de homens ilustres, como a Catedral de S. Paulo, em Londres. (ABREU, 1994, p. 215).

CAPÍTULO 3 – O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO CULTO A MARIA BUENO

Há mais de cem anos Maria Bueno vem sendo venerada pela gente de Curitiba. Segundo dizem seus admiradores, entre os seus devotos há pessoas de outros estados e regiões, incluindo estrangeiros. É difícil precisar quando ela começou a ser cultuada, mas a imprensa local, principal fonte de documentação, começou a publicar artigos sobre o culto à santa nos anos de 1930 e 1940. Por intermédio destes foi possível constatar que há pelo menos setenta anos essa manifestação religiosa se concentra no Cemitério Municipal de Curitiba.

No artigo “Maria Bueno é em Curitiba um paradoxo, é a santa dos heteres”⁴⁵, Dicesar Plaisant (1940) compara Maria Bueno às personalidades do Cemitério do Père-Lachaise, em Paris, onde estão sepultados Auguste Comte, Balzac, Oscar Wilde, Allan Kardec e outras figuras como Alphonsine De Duplessis, a famosa cortesã francesa que inspirou Alexandre Dumas a escrever “A Dama das Camélias” (1848).

Assim como o túmulo de Alphonsine De Duplessis exprime, em Paris, um sonho dos enlevos namorados, inspirando visitas românticas (...). Essa maculada do Paraná conquistou para sempre o sepulcro, iluminações de crença e de fé robustas no poder taumaturgo da sua alma num exemplo original de evangelização dos paradoxos morais dos mitos. **Há uma série infundável de milagres, atribuídos a essa mulher, assassinada por um soldado do exercito** e em cujo o crime, pelo esclarecer, houve incidentes de participação misteriosa (...). **No Cemitério Municipal de Curitiba, alcançado algo no adito dos primeiros túmulos, demora a campa milagrosa em que ardem velas, colocadas de almas anônimas que ali vão com energias misteriosas de fé acendê-las e cumprimento de promessas formuladas à concubina dos soldados**, a qual foi, por um deles, sofrido de grosseiros e veementes ciúmes abatidas de navalhas (...). **A fama dos milagres já transpôs os limites bastardos, repercutindo em ambientes carregados de virtudes.** Quantas dessas velas que após meio século da sua imolação, lhe ardem na campa, como se fora homenagem às redentoras puríssimas da fé, não tiveram sido acendidas em turbulo aos sentimentos mais íntegros e imaculados da alma humana? O túmulo misterioso de Maria Bueno é simples, sendo-lhe os únicos adornos as flores e velas que lhe leva à memória, purificada e redimida, o culto com que a sufragam no fulgor de uma lenda com índole eminentemente secular e a qual, entretanto, transforma uma heroína malfadada de ambiente salaz em santa espargindo depois sobre a infeliz andeja, transfigurada, no sacrifício, pela redenção, jorros de luz em alôs de fé, de espírito e de coração que se incorporam, com revulsivo, à história moral do nosso povo. É o drama eterno de Madalena, esculpido, no panteon das idades, pelo amor, o calvário do destino de tragédias de onde se geram religiões. (PLAISANT, 1940, p.36).

Essa reportagem atesta que, quando foi escrita, em 1940, o culto a Maria Bueno já era bastante popular, atraindo, inclusive, os setores abastados da sociedade curitibana ao túmulo dela, localizado nos fundos do Cemitério Municipal de Curitiba (sepultura número 3903), na área destinada aos indigentes. Convém ressaltar, no entanto, que as primeiras manifestações da devoção a Maria Bueno ocorreram à Rua Campos Geraes (sic.), no terreno baldio

45 Publicada na *Revista A Marinha*, Paranaguá (PR), nº 35, agosto de 1940.

onde ela foi encontrada morta no dia 29 de janeiro de 1893. Conforme apontam os registros da imprensa local:

A polícia desta capital trata presentemente de descobrir o autor de um horroroso assassinato que, pelo que parece, foi perpetrado por desumana criatura. O fato é o seguinte: **Ontem de manhã, apareceu assassinada Maria Bueno, de cor parda, em uma travessa da Rua Campos Geraes**, desta cidade, tendo a cabeça quase completamente separada do corpo. Maria, segundo consta, era uma dessas pobres mulheres de vida alegre, mas inofensiva criatura de quem a polícia não tem a menor queixa em seus arquivos. A mutilação é grande no pescoço da vítima e, conforme, se depreende de certos indícios, ela tivera uma luta tremenda com o assassino e tanto mais se justifica essa afirmativa, quando se vêm nas mãos da infeliz, talhos profundos como de cortante navalha, que fora segurada nas tréguas medonhas do desespero. Nada de positivo se sabe, até hoje, em referência ao bárbaro acontecimento, apesar de ter a polícia desenvolvido pesquisas que mostram as circunstâncias e o autor do crime. Assim que tenhamos esclarecimentos detalhados acerca deste caso, nos apressaremos a transmiti-los aos leitores. Pelo que vemos, há ali uma triste cena de ciúmes que o crime, como sempre, é o propulsor de vinganças e de ódios fatais. (DIÁRIO DO COMÉRCIO, 30 de janeiro, 1893, p.02, grifo meu).

Na madrugada de 29 do mês que acaba de findar-se, deu-se nesta Capital, em um **capão do mato afastado da Rua Campos Geraes o assassinato de uma mulher de nome Maria Bueno**. As autoridades policiais tendo conhecimento do fato dirigiram-se ao local, e, depois das precisas investigações, fizeram transportar o cadáver para o necrotério, onde se procedeu a corpo delito, verificando-se que o crime foi cometido na madrugada do referido dia e que a morte fora devida a uma quase decapitação. O senhor Chefe de polícia está procedendo, na respectiva repartição as precisas indagações, achando-se indiciado como autor do crime o anseçada do 8º Regimento de cavalaria, Ignácio José Diniz que estando de guarda no quartel, fugira à meia noite apresentando-se às quatro horas da madrugada, mais ou menos. Este praça estava amasiado com a infeliz Maria e com ela queria casar-se ultimamente. É voz geral ser Diniz o culpado, mas ao certo nada se pode dizer, pois do depoimento dos testemunhas nenhum esclarecimento ainda tem colhido. Louvamos a atividade que tem desenvolvido o doutor Chefe de Polícia para descobrir o autor ou autores desse crime. (A REPÚBLICA, 01 de fevereiro de 1893, p. 03, grifo meu).

Segundo as narrativas, uma cruz teria sido colocada no local do crime⁴⁶ e as pessoas passaram a frequentá-lo a fim de rezar pela/para alma de Maria Bueno. Esse terreno baldio, palco da *tragédia*, tornou-se espaço de peregrinação, queima de velas e entrega de ex-votos à mulher ali *sacrificada*; doravante, protagonista das narrativas hagiográficas de seus crentes.

Não obtive muita informação sobre esse *ponto de devoção*. Segundo as fontes escritas, em um ano incerto do início do século XX, a cruz usada demarcá-lo foi transferida para o cemitério. No livro “Crônicas Locais” o escritor Euclides Bandeira (1941) nos fornece algumas pistas sobre a origem e o desenvolvimento do culto. Sua crônica, porém, não esclarece se tal mudança ocorreu à revelia da vontade dos devotos ou se foi negociada com eles; se houve

46 A prática de instalar cruzeiros em lugares onde ocorreu morte acidental e/ou violenta, como margens de estradas e/ou espaços ermos das cidades é bastante popular no Brasil. Segundo a crença popular, os locais onde ocorreram mortes violentas teriam potencial de atrair almas de pessoas que não estavam preparadas para morrer ou que não se conformam com a própria morte. A presença destes espíritos nestes locais demandaria orações e queima de velas, entre outros rituais capaz de apaziguá-los.

manifestação contrária ou cerimônia religiosa; ou ainda, quando aconteceu e que medidas foram adotadas para evitar que devotos continuassem a venerá-la no local de origem. Em contrapartida, a narrativa desse contemporâneo de Maria Bueno (nascido em 1876 e falecido em 1947), permite deduzir o contexto de surgimento do culto:

“Com olhos rasos de interesse, Curitiba vem assistindo ao *fiat* de uma Santa, isto é, a metamorfose em santa de uma pobre mulher assassinada. A canonização popular não se delongo, porém, na tartarugice da outra; é mesmo expedita que equipolente do ritual eclesiástico, faz justiça à moderna: encurta os longos prazos interlocutórios e salta os degraus hierárquicos conducentes ao definitivo incenso no radioso nicho. Rápido o processo hagiológico de Maria Bueno. Na caligem de turva noite de janeiro de 1893 a infeliz tombou quase degolada, apunhalada, pelo sinistro amasio, soldado de cavalaria. **Dentro em pouco apareceu a luz de palejante vela no baldio, que fora palco da tragédia, na rua Campos Gerais, ora Avenida Vicente Machado. Preto de saudade de algum parente, de alguma sócia de boemia ou de sobriga da primeira promessa? Seguiram-se outros círios saudosos ou votivo, já agora acompanhados de flores naturais e de artifícios, modestas coroas e papel. Joelhos em terra companheiras da assassinada, em compungida prece. O número foi crescendo e com variação epidérmicas: não mais só os mulatos e pretos, também brancos e louros. Homens e mulheres.** (...) O mausoléu de Maria Bueno foi paga de milagre financeiro; o comerciante, assim pontual nos compromissos, haveria talvez de safar-se da borrasca da falência por força da própria correção, sem adjutório extra-terreno. Os menos opulentos saldaram os débitos como toscos ex-votos, roxas palmas de glicínias; ramalhetes pobres; de preferência velas e tantas são que o túmulo e adjacências resplandecem em luminária, perene como a pira das Vestaes. Grosso filete de cera derretida escorre sinuoso e lívido. A credence, porém, não se contenta: há fitas baratas e ricas com franjas de ouro, papelucho com gatafunhos, cartões de agradecimento, bilhetes a lápis, mão tremula no mármore fúnebre... “— Obrigada, ele já voltou”. “— Santa Maria Bueno faça que minha ferida feche-se. Salve rainha Mãe de misericórdia...” Ao lado triste portadora de câncer entrega-se à miraculosa terapêutica prometendo um rosário, isto é, nada menos de 15 padrenossos, e 150 ave-marias. “— Fazei que me case com a pessoa que mais amo no mundo”. Outra pede aflita: “—Tenho fê que meu marido viva comigo”. Além: “—ponho Zizi sob a vossa proteção”. Em fim, inúmeras suplicas relativas aos mais variados interesses. Até estudantes! “—Fazei que eu passe no exame, que acendo uma vela”. Predomina, porém, o peditório sobre assunto de mores. Deve ser a especialidade da santa. Decoram o agradecimentos, anônimos ou com iniciais. Pouco se lhe dá, ao bateiro maribuenense, a objulatória da Igreja ou que Santo Agostinho fosse desentusiasta do culto dos mortos, com a intolerância: *se eles viveram mal, quem quer que seja, não deve ser adorado*. A decaída apunhalada continua, entretanto, objeto de adoração fetichista. Não preocupa a corte dos seus fiéis que São Gegerio Nazineno duvidasse das almas, mesmo as santa, *pudessem ouvir estas coisas*, as suplicas dos vivo; ou que teólogos e exegetas, saturados das escrituras, afirmem que os anjos e os santos não são intermediários junto de Cristo; a santa Maria Bueno permanece inacessível em seu supersticioso altar.” (BANDEIRA, 1941, pp. 86-90, grifo meu).

FIGURA 09 - MAPA DA PLANTA DE CURITIBA, ANO 1894



FONTE: Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Este mapa da planta de Curitiba (figura 09), datado de 1894, permite situar os dois espaços referidos a morte e sepultamento de Maria Bueno. A parte mais colorida do mapa corresponde às áreas urbanas e a parte desbotada corresponde aos limites urbanos (áreas não povoadas). O círculo azul indica a região da Rua Campo Geraes⁴⁷ (sic.), lugar onde Maria Bueno foi encontrada morta e, conforme as narrativas, onde teria surgido o culto a ela. O círculo vermelho indica o Cemitério Municipal de Curitiba, onde ela foi sepultada, sendo cultuada posteriormente.

Os dois territórios ligados à devoção a Maria Bueno se situavam fora do perímetro urbano. Em regiões geográfica e simbolicamente liminares. O lugar onde surgiu o culto era pantanoso e distante do centro, ou como propõe Roberto DaMatta (1984, p. 45), “um local de transição, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo”.

47 Rua que tinha este nome porque era caminho de Ponta Grossa, região dos Campos Geraes (sic).

3.1 Lugar ordinário

Diversos historiadores paranaenses apontam que, no início do século XX, a região onde ficava a “cruz de Maria Bueno” era uma das mais “problemáticas” da cidade.

À época da sua morte, Curitiba tinha pouco mais de 30 mil habitantes. A área onde hoje é a Rua Vicente Machado (antiga Rua Campos Geraes) era a várzea do Rio Ivo com poucas casas após o Largo Osório. Em poucos anos esse cenário mudaria completamente. Segundo dados do livro “Quantos somos e quem somos” (1920), de Romário Martins, em 1900 a população de Curitiba saltou para cinquenta mil habitantes e para sessenta mil na década seguinte (1910). Esse súbito crescimento populacional fez a cidade se expandir, alcançando áreas antes consideradas inabitáveis e degradadas, que foram “anexadas” ao conjunto urbano. Esse adensamento populacional produziu conflitos sociais, étnicos, de gênero e religiosos. Curitiba era uma cidade dividida, onde muitas pessoas viviam no limiar entre a sobrevivência e a criminalidade. Os casarões e bordeis do final da Rua XV de Novembro, da Rua Visconde de Nácar e Vicente Machado são frequentemente citados como reduto do meretrício de Curitiba. Estas “casas de tolerâncias” se espalhavam pela região e se misturavam às moradias familiares criando uma atmosfera de conflito permanente. (BONI, 1998).

Em outras palavras, Curitiba viveu uma crise urbanística, na virada do século XIX para o XX, como ocorreu em outras cidades brasileiras. Insalubridade, adensamento populacional, insuficiência de moradias e de infra-estrutura sanitária, carestia e aumento de delinquência e crimes. As autoridades buscaram solucionar estes problemas através do “despotismo sanitário”, termo cunhado pela historiadora Maria Ignês Mancini Boni (1998, p. 48), para caracterizar o processo de reforma urbana desse período. Segundo a pesquisadora, a proposta de reforma urbana levada a cabo pela administração municipal visava “higienizar” a cidade, o que significava alargar ruas, drenar e canalizar rios, aterrar as regiões pantanosas e, sobretudo, expulsar a “população pobre, suja e feia das regiões centrais” (BONI, 1998, p.49). Isto é, os trabalhadores pobres, moradores de rua e pedintes, vendedores ambulantes, menores abandonados, meretrizes, caftens, bicheiros, desocupados e desordeiros, entre outros indivíduos que causavam repulsa nas elites curitibanas.

Foi nesse afã de banir a “diferença”, nesse tempo de reformas urbanas, que o primeiro *ponto de devoção* a Maria Bueno, situado em uma área da cidade a ser urbanizada, “modernizada”, “moralizada” e integrada ao centro, tornou-se um “obstáculo”. Em poucos anos a região pantanosa onde ela foi assassinada ganhou avenidas movimentadas, sendo ocupada

por prédios comerciais e residenciais. Certamente, foi nesse contexto⁴⁸ que o culto a santa curitibana teve que “mudar de endereço” para continuar existindo.

Parafraseando Roberto DaMatta não é preciso especular muito para apreender as diferentes valências atribuídas aos espaços urbanos. Alguns destes são concebidos como eternos, símbolos da ordem e da civilidade. Tudo que diz respeito ao poder político é, na nossa sociedade, conotado como duradouro ou eterno e consolidado através dos monumentos e registros históricos. Há, porém, os **outros espaços** (FOUCAULT, 1984) concebidos como transitórios e problemáticos, que jamais denotam continuidade. Diferente dos espaços que representam o poder constituído e institucionalizado (as igreja, templos, palácios, etc), os espaços “problemáticos” são vistos como indesejáveis, provisórios e de passagem. São lugares liminares, associados (simbolicamente) à fronteira, a confusão, ambiguidade e desordem. Ao contrário dos espaços representativos do poder, que se mantiveram intactos, simbolizando que Curitiba se modificou, desenvolveu-se, dentro de um sistema fixo de valores e poder. (DAMATTA, 1984, pp. 29-45). O espaço de devoção popular foi demovido para o cemitério. Território igualmente liminar, onde a beleza e opulência das sepulturas, dos ornamentos e alegorias não são capazes de disfarçar a intolerável desordem representada pela morte.

48 Neste ponto, vale acrescentar que foi justamente nesse contexto que surgiu imagem de Curitiba como *uma cidade diferente das outras cidades brasileiras*. Os motivos que a fazem uma cidade “diferente” variam: ora é porque “não foi colonizada por negros”; ora por “ser uma cidade planejada”; ou a “Capital Ecológica”; que se destaca pela “qualidade de vida de Primeiro Mundo” ou “como modelo de limpeza, racionalidade, civilidade e gerência”. Estes “motivos” vão sendo articulados de acordo com os propósitos: legitimar intervenções urbanas, sustentar grupos políticos ou na tentativa de controlar a expansão da cidade e fixar o perfil do cidadão curitibano. Para o sociólogo Nelson do Rosário de Souza (2001), em Curitiba as “soluções urbanísticas” sempre visaram, sobretudo, o controle do território e a “hierarquização” da população dentro dele. Em relação à constituição do perfil do cidadão curitibano o sociólogo afirma: “No jogo de classificação dos espaços e da população para determinar o potencial da cidade os técnicos construíram uma história da cidade na qual aparece em primeiro plano a população de origem européia e o processo da sua integração social, econômica e espacial. [...] Os imigrantes pobres e recém chegados são apresentados como minoria que precisa adaptar-se ao meio urbano civilizado e cujo espaço é problemático. [...] É interessante perceber, um procedimento de construção do perfil da população em relação ao espaço a ser valorizado.” (SOUZA, 2001, pp. 111-112). Para ele, os urbanistas de Curitiba buscaram “tecer” uma ligação entre a organização do centro da cidade (e demais áreas nobres) e a ocupação européia. Criando o argumento de que as áreas ocupadas pelos imigrantes europeus estão para austeridade, organização, desenvolvimento saudável e capricho; ao passo que as áreas periféricas, ocupadas pelos migrantes nacionais, população pobre estão para desorganização, precariedade, criminalidade e atraso. Souza mostra como discurso da “Cidade Modelo” transforma a colonização européia no elemento distintivo do planejamento urbano de Curitiba, em relação as outras cidades brasileiras. O que, em síntese, significa que há um entendimento (da parte dos urbanistas e do senso comum) de que a colonização européia “agregou valor” à cidade. Mas, essa valorização das origens européias opera em conjunto com a desvalorização da origem nacional. Tanto que a população de origem migrante, isto é, oriunda dos outros estados brasileiros ou do interior do estado, frequentemente, é responsabilizada pelos problemas da cidade, pela falência da “qualidade de vida” e aumento da violência. Neste sentido, é possível propor que em Curitiba a população pobre que veio de outras regiões do Paraná e do Brasil, recebe um tratamento semelhante ao que é dado aos “imigrantes” brasileiros em solo italiano, alemão, francês, inglês, etc. Ou seja, em Curitiba ser pobre e não ter origem européia equivale a ser estrangeiro. Configurando uma “escala” onde a origem extra-nacional (leia-se européia) e a origem nacional (negra, indígena e mestiça) são, respectivamente, o alto e o baixo, o valorizado e o rejeitado na constituição do “tipo curitibano”.

3.2 Lugar fundador

O levantamento etnográfico não propiciou dados significativos sobre o culto na Rua Campos Geraes e na antiga sepultura de Maria Bueno. Os devotos mais velhos lembram vagamente da época em que não existia a capela. Quando as práticas devocionais se concentravam no túmulo, onde corpo da santa permaneceu até ser transladado para a atual capela (1962). Alguns comentam que seus pais e avós chegaram a frequentá-lo, porém, não sabem dizer nada sobre a devoção daquela época. Alguns devotos afirmam que a crença em Maria Bueno começou na “época dos escravos”, ou então, “no tempo dos Reis”. Afirmações como essas não parece ter a intenção de atrelar a origem da crença a um fato histórico, mas reportar a origem da crença a um “tempo ancestral”.

Dentre as fontes escritas, o livro “Retrato de Maria Bueno” (1991) de Octávio Secundino Jr apresenta uma foto que se atribui ao primeiro ponto de devoção da santa. De acordo com o autor, essa foto foi encontrada entre os pertences de seu pai, que segundo Secundino, tinha guardado também o verdadeiro retrato de Maria Bueno.

FIGURA 10 – O VERDADEIRO RETRATO DE MARIA BUENO
SEGUNDO OCTÁVIO SECUNDINO JR

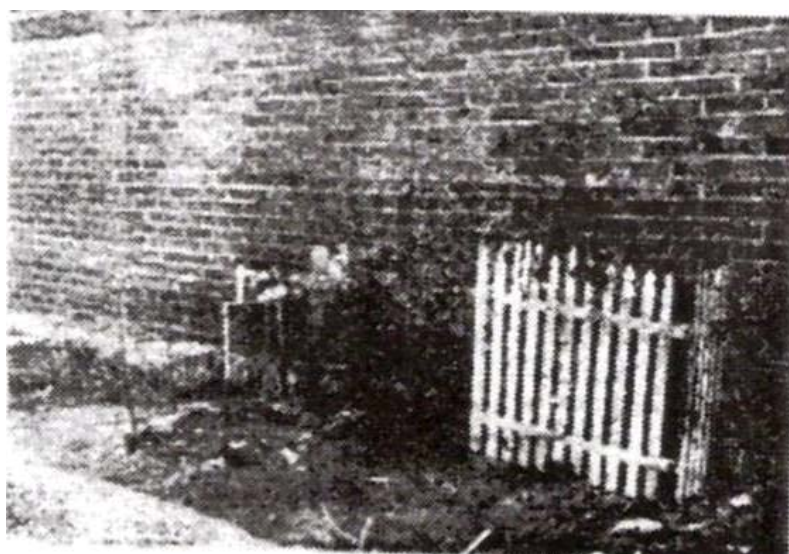


FONTE: SECUNDINO, Octávio. “Retrato de Maria Bueno”. S/ ed, 1996.

De acordo com este memorialista, *Maria Bueno foi encontrada morta em uma manhã de domingo, jazia em uma poça de sangue com o pescoço cortado. A notícia correu a cidade, muitas pessoas foram ao local para vê-la. A cena trágica teria levado uma moradora da vizinhança (Stela) a acender uma vela junto ao corpo. À noite a mesma viu uma luz no local onde Maria Bueno foi encontrada morta. Curiosa, foi ver do que se tratava: era a*

vela que deixara ali pela manhã que ainda queimava. Tinha queimado o dia todo sem se consumir. Stela decidiu recolher a vela para levá-la ao padre da paróquia e saber dele se havia algo especial nesta. Mas voltou para casa com a resposta de que tratava-se de uma vela igual a todas as outras. Stela colocou a “vela de Maria Bueno” no seu altar doméstico, onde mesmo queimando dia e noite levou semanas para se consumir. A história da vela milagrosa se espalhou e logo começaram a aparecer outros círios votivos, seguidas de uma cruz de madeira, que depois foi substituída por uma de ferro. À medida que os relatos de milagres alcançados através de Maria Bueno se espalhavam, crescia também o fluxo de pessoas no local, rogando-lhe auxílio, proteção e curas e pagando promessas com mais velas, flores e placas de agradecimento. Essa é uma das muitas narrativas que associam o local da morte de Maria Bueno a acontecimentos “fora do comum”; em outra narrativa conta-se que do dia para noite teria aparecido uma roseira florida no lugar.

FIGURA 11- IMAGEM DO PRIMEIRO PONTO DE DEVOÇÃO A MARIA BUENO
NA RUA VICENTE MACHADO



FONTE: Id.,1996, p.21.

Segundo Secundiano, diversos artefatos costumavam ser colocados ao redor da “cruz de Maria Bueno”. Foi construída um cerca branca ao redor onde eram fixadas placas de agradecimento, ex-votos e flores. Estes itens teriam permanecido aí por alguns anos, demarcando o “domínio da santa curitibana”.

Michael Certeau (1982) chama atenção para importância do lugar de culto na consolidação das hagiografias cristãs. Um lugar “geográfico” qualquer que ao ser associado à hagiografia de um santo adquire sentido religioso, tornando-se **lugar fundador** ou **lugar litúrgico**. O autor discute também, a tradição cristã de associar a hagiografia ao calendário litúrgico,

aos períodos voltados às solenidades junto às sepulturas dos mártires. O lugar sagrado e a comemoração dos santos são, por assim dizer, suportes hagiográficos.

O processo de constituição dos lugares e tempos sagrados também foi analisado por Mircea Eliade (1992).

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras [...]. Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. [...] Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”. (ELIADE, 1992, p. 14)

Os espaços revelam-se sagrados aos olhos do **homem religioso**⁴⁹. Através de sinais misteriosos como a morte de Maria Bueno, que desencadeia, segundo as narrativas hagiográficas, uma sequência de acontecimentos extraordinários. Ou seja, o local do **sacrifício**, antes homogêneo e ordinário, ao ser associado a este evento se torna palco das manifestações do sagrado. O sacrifício é um dos muitos meios pelos quais o homem religioso identifica um **lugar sagrado**.

Aqui convém recorrer às explicações de René Girard (1990), acerca da violência que produz o sagrado. Para Girard, na maioria das culturas, a morte representa a pior violência que se pode sofrer, em geral, é vista como um evento maléfico. Com a morte, a violência contagiosa penetra na comunidade e os vivos devem proteger-se. Daí atitudes como isolar o morto, tomar precauções de todos os tipos e, principalmente praticar ritos fúnebres, visando “à purificação e expurgo da violência maléfica” (GIRARD, 1990, p. 319, grifo meu). Em minha opinião, não há como pensar o processo de santificação de Maria Bueno, sem remetê-lo às rezas pela salvação da sua alma; às cerimônias para “despoluir” o lugar da morte das influências “maléficas” da violência (da sua morte). Em contrapartida, a ressignificação do lugar da morte corresponde à mudança de *status* do espírito. Isto é, o fato do “lugar agourento” ter

49 O mesmo ocorre em relação ao tempo: para aquele que crê no sagrado, não basta demarcá-lo em horas, dias e séculos, pois o tempo foi criado pelos homens, mas foi consagrado pelos deuses para que fossem lembrados e celebrados. Ou seja, o homem religioso experimenta duas espécies de tempo: o **sagrado**, dedicado aos deuses, às festas em homenagem aos santos ou outras divindades; e o **profano** cuja passagem é determinada por processos, acontecimentos e atividades desprovidos de significado religioso. O primeiro é uma espécie de eterno presente mítico que o homem reconstitui periodicamente por meio dos ritos como os que se observa no túmulo de Maria Bueno, no Dia de Finados. Todos os anos, há mais de cem anos, os devotos da santa celebram sua morte.

se tornado lugar de “ação de graça”, indica o entendimento de que seu espírito se “gabaritou” a conceder graças, a mediar a relação com o sagrado.

Como observou Marcel Mauss (2003), os espíritos necessitam do culto para “se manterem vivos” na memória da comunidade. É através dos gestos e solenidades dos vivos que são lembrados e permanecem inseridos nos sistemas de trocas, onde os vivos fabricam ritos visando os benefícios que eles podem proporcionar.

Durante a pesquisa fiz algumas visitas ao lugar onde o culto a Maria Bueno começou. Meu objetivo era saber se ainda havia algum vestígio nesse “marco zero” da devoção. Colegas me haviam dito que no lugar onde hoje funciona o estacionamento existia um bar chamado Dromedário. Descobri que até meados da década de 1990 havia um nicho de pedra com uma imagem de Maria Bueno (uma espécie de oratório) nos fundos desse bar. O bar, porém, foi demolido para construção do estacionamento. Em conversa com os dois rapazes que trabalham no local foi me relatado, que os devotos raramente aparecem no local, em compensação, as visitas de jornalistas e pesquisadores são frequentes. O que se tornou motivo de “piadas” entre eles. Assim que mencionei o nome de Maria Bueno um dos funcionários caçoou: *“Maria Bueno? Outro dia ela estava sentada ali naquele canto”* — em seguida completou — *“Foi ali que ela morreu, ali perto do Gol branco”*.

FOTO 45 - O CANTO INDICADO PELO FUNCIONÁRIO AO FALAR DO FANTASMA DE MARIA BUENO.



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2009.

FOTO 46 - ESTACIONAMENTO CONSTRUÍDO NO TERRENO ONDE MARIA BUENO FOI ASSASSINADA E SURTIU A DEVOÇÃO A ELA.



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

Apesar de não existir mais nenhum vestígio da devoção de outrora, nenhum símbolo votivo, perguntei se eles tinham presenciado alguma manifestação religiosa no local. Contaram-me de uma família que estivera ali meses antes: *“Um as quatro pessoas. A placa do carro era de Minas Gerais. Não eram fracos, não. Gente de dinheiro. Estavam num Jaguar. Deixaram o carro ali na entrada e pediram para rezar. Rezaram lá no canto e foram embora.”* Tentei saber mais sobre quem eram estas pessoas que ainda iam rezar ali, todavia, a conversa acabou seguindo outro rumo. Ao invés de falar das experiências de outrem, os funcionários aproveitaram para contar as experiências deles próprios. Enquanto dialogavam entre si, falavam-me da noite em que o muro do estacionamento ficou vermelho: *“Esse lugar é estranho. Lembra daquele dia? Você estava aqui no dia que o muro ficou todo vermelho”*.

O outro imediatamente confirma a história: *“Lembro! O muro ficou todo vermelho. A gente olhou e de repente sumiu. Foi muito estranho não era farol de carro, nem luz, o estacionamento é todo coberto. Sei lá o que foi aquilo”*. O outro rapaz completa: *“Tem alguma coisa errada com esse lugar. Eu nunca vi nada, a não ser nesse dia que o muro ficou vermelho, mas dá pra sentir. Acho que se trouxesse alguém que consegue ver coisas, com certeza, ia sentir ou ver algumas coisas”*.

Ainda que o estacionamento tenha voltado a ser um lugar ordinário, as narrativas repletas de mistérios, temores dos funcionários continuam a associá-lo ao **evento fundador**, isto é, **“um começo tão impossível de reencontrar quanto de esquecer”** (CERTEAU, 1982, p. 57, grifo meu). Não descartei a possibilidade de que os relatos dos funcionários fossem

uma das muitas “anedotas” que eles criam devido ao histórico do local. Um enredo ensaiado e que eles contam aos que procuram por informações sobre Maria Bueno. Ao longo da conversa eles fizeram muitas piadas com a possibilidade do lugar ser “mal-assombrado”. Contudo, em certos momentos, o tom jocoso e as risadas cessavam, era quando o temor vinha à tona em frases como: “*A gente fica brincando com coisa séria*”.

Lembro-me das gentes simples de minha terra para as quais a morte e a doença são os assuntos prediletos. (...) De doenças passam para espiritismo. Ciciam histórias de almas de outro mundo. De repente em meio da conversa fazem-se silêncios profundos. Estala uma viga no telhado. Uma das velhas suspira. Na alma de cada uma delas está plantado um cemitério. (Cf. Érico Verissimo, “A volta do gato preto”, p.39 apud DAMATTA, 1997, p.142).

A região pantanosa da cidade, onde aquela Maria teve a garganta cortada, acabou sendo anexado pela administração pública. Transformou-se em um estacionamento, um estabelecimento comercial igual a tantos outros, aparentemente vazio de significado religioso/mágico⁵⁰. Na maior parte do tempo, um ambiente que denota a **homogeneidade** característica dos lugares profanos ou, neste caso, dessacralizado. O que o torna espaço representativo das transformações urbanas. Contudo, antes de ser incorporado pelo poder político-econômico foi apropriado ritualmente pela religiosidade popular. E são nesses lapsos: o silêncio depois da piada, as pausas reflexivas, a narrativa de eventos fora do comum que o **evento fundador** (a degola de Maria Bueno) vem à tona, colocando em suspenso a “natureza dessacralizada” do lugar.

3.3 Conflitos e ritos póstumos

A principal dificuldade no desenvolvimento deste estudo foi apreender o processo histórico que originou o culto a Maria Bueno. Por se tratar de um fenômeno secular, que abarca diferentes quadros e conflitos históricos, formando uma trama densa e difícil de acompanhar, com dispersão do “olhar em várias direções”. Contudo, como propõe Carlo Ginzburg (1989) no seu ensaio “Sinais” — capítulo do livro “Mitos, Emblemas e Sinais” —, se a reali-

50 Cemitérios, locais de assassinatos, suicídio, desastres são “encantados” pela aura funesta da morte. A narrativa dos funcionários revela que o local em que Maria Bueno morreu e foi imortalizada através do culto religioso que ali se originou, continua se diferenciando, em alguma medida, dos espaços ordinários. Vale acrescentar as análises de Marcel Mauss (1902), no seu “Esboço de uma teoria geral da magia”, a partir dela poder-se-ia dizer que percepção de que o lugar pode ser assombrado provém do pensamento mágico. Para entender os princípios da magia, Mauss aprofunda o estudo da categoria nativa *mana*. Embora abstrata e geral, a idéia de *mana* fundamenta as crenças e ritos mágicos. Segundo ele, o *mana* fundamenta a manipulação eficaz de força sobrenaturais. Neste imaginário tudo que esteve em contato com a vítima de uma morte violenta (um sacrifício) acaba se ligando a ela, contagiado por ela. Apesar dos funcionários do estacionamento não terem afirmado que o muro ficou vermelho por causa do sangue de Maria Bueno, a associação das coisas em contato segue o princípio da contiguidade descrita por Mauss.

dade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Pois bem, um desses indícios pode ser encontrado no discurso do clero local.

“Essa devoção surgiu justamente porque quando Maria Bueno foi encontrada de manhã, com a cabeça quase degolada e as mãos todas cortadas de navalha, quiseram que o padre fizesse a encomendação do corpo e o padre não aceitou porque ela era uma mulher da rua muito conhecida. O povo então começou a acender velas porque na Igreja o padre não queria rezar missa como até hoje a Igreja não reza em casos como esse. Daí surgiu essa devoção popular. É coisa psicológica.” (VOZ DO PARANÁ, 26 de outubro de 1974, pp.7-8)

De tempos em tempos os porta-vozes do clero reiteram esta afirmação publicada no jornal “Voz do Paraná” (órgão de comunicação da cúria curitibana) de que os *padres não quiseram rezar por Maria Bueno por se tratar de uma “mulher da rua” (promiscua, sem moral), diante desse fato o povo teria começado a acender velas no local da morte dela para “compensar” a falta de rituais fúnebres (missa de corpo presente e missa de sétimo dia) daí teria surgido as “lendas”*.

Em matéria publicada em 1992, pela revista “Nicolau”⁵¹, o historiador Ruy Wachowicz (1992) problematiza a atitude dos párocos, que se recusaram a realizar o passamento de Maria Bueno. O historiador levanta a possibilidade dessa negativa não estar relacionada à suposta conduta moral de Maria Bueno. Segundo este autor, é possível que ela fosse praticante de “outra religião” (ligada aos cultos afro-brasileiros), daí a recusa.

Recentemente, um estudioso leigo, Edvan Ramos, apresentou em entrevista a uma emissora de televisão um documento que, segundo ele, seria o convite da missa pela alma de Maria Bueno:

“Missa de 30 Dia, O clube 13 de maio por sua diretoria reunida mais uma vez em missão espiritual, vem convidar todos irmãos e irmãs da Irmandade da Santíssima Virgem do Rosário e do Glorioso São Benedito dos Pretos de Curitiba para assistirem a missa pelo 30 dia do seu passamento da nossa irmã Maria Bueno, assassinada covardemente no dia 29 de janeiro do corrente ano. Este ato de caridade cristã será realizado em nossa Igreja do Rosário às 8 h da manhã do dia 13 de maio de 1893. Contemos com presença de todos. A diretoria, Manoel Pereira dos Santos (secretário)”.

A recusa do clero de realizar rituais póstumos para Maria Bueno; a possibilidade de que ela fosse praticante de outra religião; o convite para missa de passamento de sua alma realizada meses depois de seu assassinato, em última análise, podem ser tomados como vestígios. Maria Bueno morreu em 1893: cinco anos depois da promulgação da Lei Áurea, menos de quatro anos depois da Proclamação da República e um ano antes da Revolução Federalistas. Ou seja, em um período de mudanças sociais drásticas.

51 WACHOWICZ, Ruy. Maria Bueno a Gabriela Curitibana. Revista Nicolau: Curitiba, setembro 1992, Nº 45, pp. 22-24.

Foi também nesse período que a Igreja iniciou um processo de construção institucional no país. A separação entre Igreja e estado que já vinha se processando, com a Proclamação da República ficou mais evidente. A Igreja lança-se na construção de uma estrutura própria, a fim de garantir autonomia organizacional, material e doutrinária, e compensar a perda do subsídio e certos domínios (como dos mortos), agora sob controle societal. Conforme o estudo de Sergio Miceli (1988), “A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)”, com a República, a organização eclesiástica no Brasil passou a seguir um padrão “espelhado” na novo regime. Assim, foram criadas sedes diocesanas, nas capitais de todos os estados brasileiros. Muitas vezes os eclesiásticos que ocupavam estas sedes provinham de grupos dominantes locais, eram sacerdotes de origem abastada, oriundos de famílias que estreitavam seus vínculos da Igreja “convertendo-a em espaço de encenação das solenidades de ostentação do poder oligárquico.” (MICELI, 1988, p. 22).

À época da morte de Maria Bueno um dos responsáveis pela paróquia era o “polêmico” Dom Alberto Gonçalves. Segundo sua biografia oficial, o sacerdote (de família tradicional da oligarquia local) teria assumido o comando da matriz de Curitiba em 1888⁵², e, segundo consta, teria iniciado sua trajetória eclesiástica enfrentando muitas dificuldades de relacionamento com os paroquianos. Dom Alberto sempre foi ativo em relação às causas e ideologias da Igreja, sob seu comando a cúria curitibana criou várias paróquias novas. À frente do clero local teria empreendido a construção de um seminário e o término da Catedral de Curitiba. Ele também ocupou o cargo de deputado e senador pelo estado do Paraná. Foi ferrenho defensor do ensino religioso nas escolas e, frente ao fortalecimento laicismo e anticlericalismo, incentivou a criação de colégios religiosos como o Auxiliadora, o Santa Úrsula e o Marista. Idealizou um boletim diocesano mensal, que posteriormente receberia o nome de “A Voz do Paraná”. Em 1908, foi nomeado Bispo de Ribeirão Preto pelo papa Pio X. Sua trajetória eclesiástica só terminou em 1945 com a sua morte.

Conhecido pela rispidez com que tratava os paroquianos, conta-se que *durante a homilia da missa dominical Dom Alberto Gonçalves teria chamado atenção de um jovem tenente que flertava com uma senhorita. Ofendidíssimo com a “bronca”, o militar teria intimado o vigário a resolver a contenda fora da igreja. Em outra feita, na cerimônia em que os fiéis beijavam o Senhor Morto, Dom Alberto teria expulsado um preto da Igreja do Rosário. Diante de uma platéia estarrecida, escorraçou o homem a chutes e bordoadas, alegando aos berros que ali não era lugar de bêbados.*

52 CURITIBA, “Diocese de Curitiba”: 100 anos (1892-1992). Curitiba, 1992.

FIGURA 12 - FOTO DE DOM ALBERTO GONÇALVES
PUBLICADA EM NOTA JORNALÍSTICA SOBRE SUA VISITA À CURITIBA



FONTE: GAZETA DO POVO, 24 de setembro de 1923, p.5.

Dom Alberto sempre manteve ligações com os altos escalões da Igreja Católica e, a julgar pelas suas iniciativas e empreendimentos, seguia as coordenadas de Roma, que à época lutava para suplantear catolicismo instituído no período colonial, de forte enraizamento popular. À frente da matriz de Curitiba Dom Alberto se empenhou no sentido de refrear as práticas próprias do catolicismo popular e se distanciar da religiosidade praticada pelos fiéis. Provavelmente, a dificuldade de relacionamento com os paroquianos mencionada na sua biografia fosse consequência dessa sua posição clericalista. Dom Alberto assumiu o comando paroquial (1888-1900) justamente período em que a igreja matriz (a sede eclesiástica) funcionava provisoriamente na Igreja do Rosário de São Benedito dos Pretos.

Com as mudanças legislativas que proibiram os sepultamentos *ad sanctos* e construção do Cemitério Municipal de Curitiba, a Igreja do Rosário (antes espaço de sepultamento dos escravos) se tornou parada obrigatória para o *encomendamento da alma dos falecidos*. O que lhe rendeu o título de "Igreja dos Defuntos". O itinerário fúnebre pela Rua São Francisco rumo do cemitério era acompanhado pelo badalar dos sinos, que anunciavam aos vivos o "passamento de alguma alma". A Igreja do Rosário atravessou séculos como capela de rezas do terço e ladainhas, além de local de ritos fúnebres. Os padres da paróquia raramente cele-

bravam missas no local que era reduto das irmandades negras⁵³. Por volta de 1870, essa situação mudou. Quando grande parte dos templos católicos de Curitiba encontrava-se a ponto de ruir, o governo da província juntamente com o clero local decidiu demolir a igreja matriz e construir outra no lugar. O único templo em condição de uso era a Igreja do Rosário, que ficou sendo a matriz de Curitiba até a inauguração da atual Matriz (a Catedral da Praça Tiradentes, inaugurada em novembro de 1893).

FIGURA 13 – IGREJA DO ROSÁRIO EM DIA DE CELEBRAÇÃO RELIGIOSA



FONTE: Casa da Memória, reproduzido por DORED, Sidney, 1985. Data: s/data.

53 Karina Kosicki Bellotti (1993) realizou um apanhado dos estudos sobre irmandades religiosas no Brasil. Em relação às irmandades negras a autora destaca que as ações destas se concentravam em torno de dois eixos principais: a devoção às almas e a caridade. O que implicava em dar esmolas para sustentar a organização; comparecer ao funeral dos “irmãos”, e ajudar os membros necessitados. Segundo a autora, a organização das irmandades seguia a lógica hierárquica da sociedade de corte, onde valores como honra, o prestígio e a nobreza eram signos de distinção social. Para ser reconhecida, a pessoa deveria pertencer a alguma associação que lhe conferisse uma identidade. As irmandades negras (escravos e forros) não fugiam a essa regra. A principal via de acesso a essas distinções era pertencer a uma irmandade. Neste sentido, diversos estudos têm demonstrado que o surgimento das irmandades não se explica somente pela crença religiosa ou pela demanda por espaços de resistência à escravidão. Para Mariza de Carvalho Soares (2000), as irmandades eram locus de devoção que se fundamentavam na conjugação de hierarquias sociais e étnicas. O pertencimento a determinada irmandade, bem como a devoção a determinado santo padroeiro indicavam a posição que os indivíduos ocupavam na sociedade, ou mesmo, o grupo étnico com qual se identificava. No caso estudado por Mariza: a elite (branca) costumava agrupar-se em torno das Irmandade do Santíssimo Sacramento; os pardos, nas Irmandade de Nossa Senhora da Conceição; e os negros e crioulos, nas Irmandades de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. De modo semelhante, a devoção aos santos se pautavam em hierarquias sociais e étnicas. Segundo o historiador Silvio Weber, há notícias de existência de pelo menos seis Irmandades Negras no Paraná: a mais antiga de que se tem notícia (criada em 1694) é a Irmandade de São Benedito, de Paranaguá; a Irmandade de São Benedito, de Antonina; da cidade da Lapa, que até hoje promove congadas; de Castro; a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Pretos de Curitiba; além da Irmandade de São Benedito, de Morretes. Os registros mais antigos da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, de Curitiba, são de 1727. As irmandades negras têm sido objeto de vários estudos que ressaltam a importância dessas confrarias na manutenção da cultura e da sociabilidade dos negros durante e depois do Regime escravocrata. Outra questão bastante pontuada é o papel das irmandades na constituição de uma cultura fúnebre.

O templo dos escravos foi então elevado à condição de Igreja Matriz da cidade, tornando-se cenário de conflitos religiosos e étnicos.

“Em 1876, quando da demolição da velha matriz, essa igreja de escravos, humilde, porém acolhedora recebeu as alfaías preciosas e a própria Virgem da Luz. Após procissão de lamentos, onde as senhoras não se conformavam de ter que ir rezar na igreja de suas aias. Nesse tempo, a igreja era pequena, sem luz e desasseada, a ela acudiam grande número de pretos, colonos italianos, polacos, alemães católicos e nacionais, durante as missas conventuais regurgitando de povo, metade dos fiéis se retiravam, por causa concorrência e aperto, nos dias santificados. Porém, honra da verdade os pretos, irmãos de São Benedito mostravam-se sempre mais fervorosos pela conservação do seu edifício, e pelas festividades do padroeiro, do que os irmãos de São Francisco das Chagas.” (LEÃO, 1939, p. 08).

A igreja matriz de Curitiba demorou cerca de vinte anos para ficar pronta, neste tempo o *status* da Igreja do Rosário ficou “em suspenso”. A Igreja que, até então, era reduto da religiosidade popular, que abarcava práticas e crenças muitas vezes dissonante dos dogmas e ortodoxia clerical (como as festas religiosas e congadas), foi elevada a sede clerical; à matriz de uma cidade que começava a “recriar-se” como cidade européia.

Como aponta Ermelino de Leão *os pretos se mostravam fervorosos pela conservação do edifício e realização das festas*. Em outras palavras, estes agentes buscavam a todo custo conservá-la no sentido físico e simbólico.

Neste ponto vale recobrar as proposições de Ginzburg. Segundo o historiador, o que distingue a narrativa histórica da literária é algo, até certo ponto, elementar: enquanto o romancista cria seus acontecimentos e personagens, o historiador baseia-se em provas, isto é, em vestígios do passado que não podem ser forjados pelo historiador. Provas que, segundo o historiador, não são reflexos da realidade e, conseqüentemente, não são verdades absolutas; mas que constituem o elemento empírico de que se necessita para construir narrativa histórica. Levando em consideração os vestígios referentes à constituição do culto a Maria Bueno, é possível estabelecer algumas interpretações que se aproximam da “arte divinatória” e do “paradigma indiciário”, que “busca nos detalhes partes de *um real* que só se deixa ver em fragmentos” (GINZBURG, 1989, p. 143, grifo meu).

Todas as questões apresentadas até aqui são *como os fios de um tapete*: a morte de uma “mulher de vida alegre” e reafirmação da recusa do clero local em encomendar sua alma (por questões de ordem moral ou religiosa); a biografia e comportamento atribuído a Dom Alberto Gonçalves um dos párocos à frente da paróquia à época da Morte de Maria Bueno; a mudança de *status* da Igreja do Rosário, tradicionalmente associada aos ritos fúnebres; as tradições religiosas dos Irmãos dos Rosários, que teriam criado um meio de conceder um passamento a alma de Maria Bueno. Enfim, essa conjuntura compõe um desenho coe-

rente e verificável quando se percorre o tapete com os olhos em várias direções. Na direção do conflito entre a religião oficial e a religiosidade popular (em vigor ainda hoje como se verifica no discurso dos órgãos de comunicação da cúria curitibana). Na direção da interação e negociação entre os protagonistas da religiosidade popular (como os Irmãos do Rosário) e da institucionalidade católica (onde Dom Alberto pode ser tomado como seu típico representante). Com efeito, na direção das crenças e práticas fúnebres (assentadas em espaços como a Igreja do Rosário e levadas a cabo pelos Irmãos do Rosário). Na direção dos conflitos étnicos (exacerbados na transformação da Igreja dos Pretos em igreja de todos).

Caso o clero tenha negado ritos póstumos a Maria Bueno, como afirmam os porta-vozes da Arquidiocese, isso realmente poderia ter levado a comunidade a qual Maria Bueno pertencia a se mobilizar para rezar pela sua alma no local da sua morte.

Neste ponto, é preciso destacar que a Igreja detém o “monopólio” da celebração dos sacramentos e ritos católicos. O padre (enquanto seu porta-voz e representante) tem poder de oferecer e negar rituais e sacramentos aos fiéis. Contudo, o exercício do poder eclesiástico depende da crença dos fiéis, que sancionam este poder de consagrar, abençoar e mudar o *status* dos indivíduos através dos sacramentos e rituais que realiza. Pelo batismo o pagão se torna cristão. No matrimônio solteiro passa ter *status* de casado. Pela extrema-unção o moribundo se qualifica para entrar no Paraíso ou ganha a chance de se redimir no Purgatório. Em resumo, a recusa do padre de conceder determinado sacramento ou realizar algum rito, cria uma crise de poder: se só ele está habilitado a exercer determinada função e se recusa, ou não ocorre rito, os fiéis podem partir para o “improviso”; ou então, buscar alternativas na igreja ou na “religião mais próxima”.

Nesse sentido, o documento apresentado por Edvan Ramos, o convite no qual a Irmandade do Rosário e o Clube 13 de Maio chamam a comunidade a participar da missa de passamento de Maria Bueno na Igreja do Rosário, insere os ritos fúnebres para ela no cenário dos conflitos paroquiais: a Igreja do Rosário. Cenário de conflito onde, a julgar pelos relatos sobre as explosões de cólera de Dom Alberto (com direito à agressão de paroquianos durante cerimônia religiosa), foram encenados muitos “dramas sociais”⁵⁴. Muitos, provavelmente, foram protagonizados pelo clero (que tentava fazer valer o poder eclesiástico frente aos costumes e práticas devocionais) e pelas irmandades negras (que tentavam conservar suas tradições, tanto quanto o edifício que as simbolizava).

⁵⁴ Maria Bueno foi assassinada poucos meses antes da inauguração da Catedral de Curitiba (ocorrida no dia 12 de novembro de 1893).

Na hipótese de ter acontecido uma missa pela alma de Maria Bueno na Igreja do Rosário, isso só ocorreu quatro meses depois do seu assassinato. Essa missa tardia pode ser interpretada como reafirmação de um dos preceitos mais caros às irmandades negras: o do cuidado devido aos mortos em nome da piedade cristã. Frente à recusa do clero, que haviam considerado Maria Bueno indigna de rituais póstumos, os Irmãos do Rosário (em tese) tomam a iniciativa de providenciar o “passamento” e fazer valer o preceito da piedade cristã⁵⁵. No Brasil, com frequência, a religiosidade popular se opôs ao clericalismo.

Segundo Álvaro, membro da atual diretoria da Sociedade 13 de Maio, Maria Bueno costumava frequentar os bailes do clube. Edvan Ramos afirma que ela fazia parte da Irmandade de São Benedito. Embora no convite ela seja chamada de “irmã”, na minha opinião, isso pode ser tomado como discurso, onde o enunciando *nossa irmã Maria Bueno assassinada covardemente irmã* indica que ela foi agregada postumamente a coletividade negra local representada pelos Irmãos do Rosário e Sociedade 13 de Maio. Em função desses conflitos religiosos e étnicos envolvendo o clero e as irmandades negras os rituais fúnebres para Maria Bueno podem ter se tornado objeto de disputa: de um lado a igreja lhe nega o ritual, de outro a Irmandade insiste até que este aconteça (4 meses depois).

É possível que os membros desta coletividade agregada em torno das Irmandades negras e do Clube 13 de maio tenham sido os primeiros a render culto a Maria Bueno, ou mesmo, os primeiro agentes a instituírem sua devoção. Uma maneira de afrontar o clericalismo local que persiste até os dias de hoje.

3.4 A construção da hagiografia

Mulher das camadas populares, de vida anônima, a existência de Maria Bueno estava destinada a passar despercebida se ela não tivesse se tornado objeto de culto religioso e das narrativas de milagres de seus crentes.

55 Neste ponto vale acrescentar a análise de Girard (1990), que ao abordar a questão do sacrifício ressaltou que na maioria das culturas, a morte representa a violência contagiosa da qual os vivos buscam se proteger, seja através dos ritos fúnebres ou evitando contato com os mortos (isolando-os). Essa percepção mobilizaria a comunidade a empreender rituais de *expulsão da vítima expiatória* (GIRARD, 1990, p. 308, grifo meu). Girard também chama atenção para situações onde ocorre a metamorfose das vítimas expiatórias, como no mito do príncipe sacrificado que reaparece transfigurado de divindade. Na sua abordagem dos deuses, dos mortos e do sagrado Girard, apresenta vários exemplos de como os mortos podem ser percebidos, ao mesmo tempo, como perigosos (poluentes) e como divindades em potencial. Em geral, a divindade substitui a “periculosidade” através dos rituais fúnebres, da transfiguração operada pelo coletivo dos vivos, que lança mão de “técnicas religiosas e mágicas” para transformar o que era maléfico em alguma coisa benéfica. Em última análise, estes rituais fúnebres visariam à produção (proliferação) de divindades, entes sagrados capazes de atuar como mediadores entre os planos terreno e sagrado.

Pesquisando os jornais publicados à época do assassinato de Maria Bueno, observa-se que o evento foi tratado sem foto nem destaque por dois periódicos de Curitiba, o “Diário do Comércio” e “A República” [já transcritos na página 63 e no Anexo I desta dissertação]. Quando estes periódicos noticiaram que uma *pobre mulher de vida alegre, parda havia sido encontrada morta em um capão de mato afastado da Rua Campos Gerais, degolada pelo praça com quem vivia amasiada e com ela queria se casar*, estipularam como Maria Bueno deveria ser lembrada. Daí a necessidade de tratar essas fontes históricas com certa reserva, abordando-as conforme Carlo Ginzburg (1987) abordou os documentos da Inquisição referentes ao julgamento do moleiro Mennochio⁵⁶: como “vozes” e testemunhos filtrados, e até certo ponto hostis, próprios a quem ocupa uma posição (social e cultural) de julgamento.

Ora, tratar da imprensa local significa tratar de elites letradas em um período no qual elas frequentemente são elites políticas. Quem sabe, fosse providencial aos homens letrados que escreveram as primeiras notícias sobre o crime que vitimou Maria Bueno, apresentá-la como *mulher de vida alegre*. Um tipo feminino desajustado diferente do tipo católico e republicano, formado por àquelas mulheres que cumpriam o papel de *base moral da família e esteio da sociedade, como mãe dedicada e esposa fiel*.

Convém mencionar aqui o livro “Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na Primeira República” (1996) da historiadora Etelvina Maria de Castro Trindade, que analisa a participação feminina na vida pública de Curitiba, em especial, na esfera da educação formal. Neste, a autora chama a atenção para o confronto de idéias, éticas e morais religiosas que naquele contexto (da Primeira República) encontra nas mulheres um “novo filão”. Maçons, positivistas, anticlericais, espíritas, católicos todos pretendiam arregimentar as mulheres para contar com o apoio delas na sustentação de suas respectivas ideologias. Daí a dualidade Clotildes ou Marias: das curitibanas republicanas, tipificada pela autora como *Clotildes* (em alusão à Clotilde de Vaux, a musa de Augusto Comte e do positivismo), esperava-se que reinassem soberanas sobre seus lares, fossem espirituosas, empreendedoras, mantendo a retidão intelectual e moral; das católicas, as *Marias*, imaginava-se que, a exemplo da mãe de Cristo, deveriam zelar pela orientação moral e religiosa dos familiares e a obediência deles aos desígnios de Deus e da Igreja. Afora desses modelos femininos, formando “outro substrato ético e moral”, pelas ruas de Curitiba desfilava todo um cortejo de mulheres marginalizadas, muitas delas resistentes, agressivas, irreverentes, enfrentando a todo o momento a repressão e a violência, a *mulher de vida alegre* mencionada na reportagem do “Diário do Comércio”

56 Cf. GINZBURG, Carlo. “O queijo e os vermes”. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

(TRINDADE, 1996). Nesse contexto descrito pela historiadora, esposa e *mulher de vida alegre* representam índices: respectivamente, o “alto” e o “baixo” da feminilidade, segundo os padrões republicanos e católicos.

Por tudo isso, é preciso ter em mente que os homens letrados que produziram e publicaram as notícias referentes ao assassinato de Maria Bueno buscaram enquadrá-la moral e socialmente. Como assinalou Michel Foucault (1995, p. 43) “o poder de nomear e de tomar para si e para os outros a ‘verdade’ também é poder de influenciar —, é poder político, pois não existe discurso neutro”. Nesse sentido, o discurso jornalístico ilustra que Maria Bueno — *amasiada, parda e de vida alegre* — representava a face inadequada (*à boa sociedade*) do comportamento feminino, e, dadas às circunstâncias, de sua morte nas entrelinhas a culpa acontecido acabou sendo atribuída à própria vítima, quando a classificaram com mulher de vida alegre.

Contudo, a versão difundida nessas notas não resistiram à ação corrosiva da mitificação e da mistificação. A despeito do discurso jornalístico tê-la taxado de *mulher de vida alegre*, Maria Bueno se tornou santa. Sua história perdurou na memória coletiva vinculada ao modelo hagiográfico. Isto é, enfatizando os milagres atribuídos a ela, suas virtudes, bem como seu martírio e o destino de seu assassino.

Às vésperas do 41º aniversário da morte de Maria Bueno, o jornal “Gazeta do Povo” dedicaria uma página inteira “**à vida e o martírio da vítima da sanha assassina de Inácio Diniz, o criminoso que pagou com a vida os males praticados**” — subtítulo da matéria (de autoria desconhecida) publicada em 18 de janeiro de 1934.

A 28 de janeiro de 1893 a pacatez da vida curitibana foi quebrada por uma tragédia. Quase no centro urbano da cidade. Quase Campos Gerais (hoje Av. Vicente Machado) em um terreno baldio jazia uma mulher morta à facadas. Era Maria Bueno uma desconhecida da sociedade seleta e por sua vez uma criatura de seleção pela bondade de seu sentimentos, nos meios modestos da cidade. Por muitos dias o triste episódio foi objeto dos comentários gerais. Quem matara Maria Bueno? E depois que descobriram o assassino: Por que a matara esse perverso? O inquérito policial prosseguia e a opinião do público continuava viva de comentários e de indignação. Que era que alimentava a preocupação popular em torno do assassinio de uma desconhecida? Ninguém saberia dizer e entre tanto nenhum crime dessa natureza abalara tanto o sentimentalismo curitibano. Por quê? Passaram-se os meses, passaram-se os anos e a lembrança desse crime continuou. Passaram-se 40 anos e a lembrança da vítima não perdeu de intensidade. Por quê? Por que Maria Bueno foi uma vítima da sua própria bondade, que a fez mártir. Por isso todas as almas ansiosas e sensíveis, todas as criaturas sofredoras lhe prestam, ainda hoje e o farão por largo tempo ainda, o culto da sua devoção. Em torno do seu túmulo no cemitério da cidade as promessas se multiplicam de ano a ano. Gerações que não a conheceram lhe prestam a memória o mesmo culto. E assim se fazem as devoções e se consagram os mártires. O tempo é um criador até de divindades. Daqui a cem anos, quem sabe! A imagem da modesta criatura talvez repouse nos altares, até lá erguida pela força espiritual dos seus crentes de agora. A Psicologia das Multidões é que faz os heróis e os santos. Para a vida daquela mulher o destino reservará uma verdadeira tragédia que havia de

culminar com o seu martírio. Os gestos de nobreza que trespassavam a vida inditosa de Maria Bueno, haviam de coroá-la na posteridade. Os seus predicados que confrontavam com o modo de vida daquela mulher, faziam-se sentir pelos sorrisos bondosos que colocavam expressões de felicidade nas seitas em que se ocultavam os infortúnios da inditosa dama. Os seus gestos de maternal carinho, tornavam-na estimada das crianças, e todos sentiam, na espontaneidade de sua alma, e a amizade de sempre sincera para os que a cercavam. O amor que Maria Bueno dedicava ao seu companheiro Inácio Diniz, foi à perdição de sua vida. Possuindo um coração boníssimo, aquela mulher sentira florescer um grande amor por aquele homem que ocultava toda a maldade habilmente disfarçada em carícias. E aquelas cenas de amor traziam como epílogo uma tragédia que constitui a consagração popular da vítima. O companheiro de Maria Bueno não podia compreender na obscuridade de sua ignorância a expansividade daqueles gestos de sincera amizade para com os outros. O seu egoísmo exigia que toda a dedicação daquela mulher lhe fosse dispensada, a ele que trazia como estigma o instinto do crime. E no cérebro ignorante daquele anspeçada do 8º Regimento de Cavalaria, o crime iniciou sua ronda, urdindo em silêncio a vingança para a companheira de quem suspeitava. Arquitetara o crime, conservando-se na expectativa a aguardar o momento adequado para o desenlace. Seus afazeres de quartel não lhe permitiam, no entanto, liberdade suficiente para perpetuar o crime sem ser pressentido. Na noite de 28 de janeiro de 1893, Diniz se encontrava de guarda a porta do quartel onde se acha atualmente o 3º Regimento de Artilharia Montada. No silêncio das trevas, longe da mulher que se achava com direito de governar, o anspeçada, na sua visão obcecada pelo ciúme antevia todo o desenrolar da tragédia. E não hesitou em dar vazão aos seus instintos, fugindo da guarda para se dirigir, envolto em enorme capote poncho a casa de Maria Bueno. Os seus planos iam ser postos em prática. Marcado encontro em um capão próximo, Diniz dispôs-se a perpetuação do crime. Sem desconfiar do intento diabólico do anspeçada, Maria Bueno deixou a roda de pessoas amigas em que se encontrava numa pequena festa e se dirigiu ao encontro marcado. A escassa luz que então iluminava a cidade durante a noite, deixava na penumbra a atual Avenida Vicente Machado e um capão existente onde hoje se encontra uma casa, logo no início daquela avenida, oferecia excelente local para a cena premeditada do anspeçada. Fugindo-se ainda mais uma vez o amoroso que sempre simulará ser, Inácio acariciava a sua amante, ocultando sob o capote-ponche a faca que servia de arma assassina. O policiamento reduzido da cidade, então feito apenas por algumas praças do Regimento de segurança concorria para o ambiente propício a cena de sangue. Tudo favorecia ao covarde para a prática dos seus intentos. Em dado momento, fazendo rolar no chão o corpo ferido de Maria Bueno, depois de fazer penetrar nas carnes da mulher a sua faca criminosa, Diniz deu completa vazão aos seus instintos. Perpetrado o crime, no isolamento da noite, o assassino dirigiu-se ao quartel, onde voltou ao seu posto com a calma que lhe oferecia a sua ignorância que interpretava a cena brutal como um ato desbravado de companheiro que se vingava ultrajado. Para dissimular, procurando ocultar o crime a fim de fugir à justiça, o assassino escondeu seu capote-poncho que fora manchado de sangue da vítima em um poço existente no centro da praça do quartel. O aparecimento de um cadáver de mulher naquele recanto da então Rua Campos Gerais foi motivo para os mais desconcertados comentários da população que ficara perplexa com o horroroso crime. E a polícia iniciou o seu trabalho, procurando descobrir o autor do bárbaro assassinato. A necropsia foi procedida pelo médico de polícia, o senhor Rodolfo Lemos, tendo presidido o inquérito o chefe de polícia Dr. Brasilio do Amaral e tendo servido como amanuense “ad hoc” o Sr. Artur Euclides de Moura. A inquisição das testemunhas foi procedida pelo juiz distrital Dr. Cícero Gonçalves Marques, sendo que nenhuma delas presenciou a cena tendo divagado em referências sobre antecedentes da vida da vítima. Descoberto o criminoso, que negava ser o perpetrado do assassinato, correu o processo no qual funcionou como promotor público o Dr. Estácio Correia. O julgamento foi presidido pelo Dr. Artur P. de Ciqueira sendo que o corpo de jurados foi constituído por 12 membros. O júri se realizou a 12 de julho de 1893 tendo servido como defensor do réu o solicitador João Antônio Xavier, nomeado pelo juiz. Em uma das salas da Câmara Municipal, teve lugar o julgamento que se iniciou às 11 horas da manhã, para terminar à noite. Depois dos debates, o conselho de sentença com apelação do promotor público. Como se tratas-

se de crime de morte e não tendo o réu sido absolvido por unanimidade diante da apelação foi o mesmo conservado preso e como houvesse sido desligado do 8º Regimento. Diniz foi recolhido à cadeia civil, então situada na esquina do largo do Mercado, hoje Praça Generoso Marques, com o largo da Matriz, atual Praça Tiradentes. A revolução Federalista iniciada pouco tempo depois no Rio Grande do Sul, estendeu-se pelo Paraná, em janeiro de 1894, com a invasão das forças do general Gumercindo Saraiva chefe do exército libertador. Em Curitiba o “caudilho” como era cognominado o general, mandou soltar todos os prisioneiros a fim de cumprir o lema que norteava a tropa: ‘Tudo pela liberdade’. Uma vez livre Diniz foi classificado em um dos batalhões revoltosos, tendo certa vez seguido a passeio pela Estrada da Graciosa com alguns amigos que costumavam se embriagar. Ao chegarem no Atuba, avistaram no negocio do velho Mehl, um comerciante português e resolveram praticar um saque de emboscada. Tendo recebido denuncia do fato o general Gumercindo mandou fuzilar os soldados dentre os quais se destacava Diniz, sempre afeito ao crime. O local da execução foi escolhido atrás do Cemitério Municipal e as fileiras do exército revolucionário ficavam livres dos ladrões e assassinos, enquanto que Inácio Diniz pagava com a vida pelos males praticados durante a sua existência e desaparecia, assim, o assassino de Maria Bueno. Na opinião popular cara indelével a idéia da inocência daquela mulher, e foi sendo criada, em torno de sua figura, uma auréola de santidade cada vez maior, com os milagres que se foram procedendo em favor dos que recorriam a sua alma (...) nas velas que eram colocadas no local em que se verificou o crime. Por muito tempo foram acesas velas naquele terreno baldio da Avenida Vicente Machado, como reconhecimento pelo bem que Maria Bueno prestava aos que a ela recorriam. A cruz que assinalava o local do seu sacrificio, colocada ali por algum crente fervoroso, foi um dia transportada, por ordem da prefeitura, para o Cemitério Municipal, onde começou a ser feita a romaria ao seu túmulo. E, aos poucos, foi se tornando elemento de fé popular, aquela mulher martirizada pelo seu companheiro perverso. No túmulo de Maria Bueno existem sempre muitas - ores e inúmeras velas acesas, em paga do bem que fez às almas que lhe pedem graças. E a crença popular é cada vez mais crescente, enquanto são criadas várias lendas sobre o seu amor. A legião de crentes aumenta diariamente, sucedendo-se milagres de Maria Bueno, a vítima de sua própria bondade, que se glorifica através dos tempos. (GAZETA DO POVO, 18 de janeiro de 1934, p. 05)

No ínterim de quase meio século, o culto a Maria Bueno galgou importância social, histórica e cultural. A ponto ser objeto de uma reportagem que enfatizava o *discurso devocional* e as narrativas hagiográficas⁵⁷ referidas à *mártir*. Nessa reportagem — primeira a mencionar a existência do culto religioso — Maria Bueno é retratada como uma mulher incomum, bondosa, afável, simpática, dedicada e de caráter ilibado; provavelmente essas características tenham sido apontadas pelos devotos que, nesse tempo, já a haviam investido de atributos e atribuições sagradas. Suas características foram construídas em contraste com a conduta virulenta de Diniz, seu carrasco, que não se sabe se era seu amásio, marido ou namorado. A narrativa jornalística o descreve como um homem ciumento, egoísta, dissimulado, ignorante e violento. Alguém *diabólico e afeito ao crime* e que, apesar de ter cometido um crime bárbaro, foi absolvido pelo júri.

57 Discurso devocional deve ser entendido aqui como a *fala pública* do devoto sobre as graças pedidas e alcançadas, ou seja, sobre experiência da devoção. O devoto pode produzir uma fala pública sobre a devoção sem se referir à hagiografia da santa. A narrativa hagiográfica, por sua vez, é fala pública sobre o santo, sobre sua vida, suas características, atribuições. Do ponto de vista semântico, pode articular a ordem que prevalece no momento de definição, organização e representação das virtudes do santo. A narrativa hagiográfica, portanto, representa a síntese dos princípios defendidos por uma comunidade de fé ou igreja.

O autor do texto não menciona a vida pregressa da santa, nem sua origem racial e social. Também não informa a procedência do relato apresentado. Em relação aos devotos, fala-se nos “crentes da mártir” de maneira genérica, sem fazer referência à identidade (religiosa e social) dos adeptos do culto, embora o texto faça referência à religiosidade popular. Em contrapartida, esses desvios, generalizações e escolhas reportam-se ao processo de construção de um discurso hagiográfico à moda clerical. Isto é, no contexto católico, a canonização de determinado indivíduo está sujeita ao ajustamento da sua biografia (trajetória de vida, temperamento, comportamento e méritos) aos modelos hagiográficos: seja aquele que privilegia o martírio e o testemunho de fé; ou o que se baseia nas *virtudes* e no comportamento asceta. Ao selecionar certas narrativas, mantendo outras à margem⁵⁸ o autor dessa reportagem produz o primeiro ensaio hagiográfico sobre a santa curitibana.

Uma das idéias defendidas por Michel Certeau (1982) no livro *A escrita da história* é que a narrativa hagiográfica pode ser tomada como um “documento sociológico”.

A vida de santo se inscreve na vida de um grupo, Igreja ou comunidade. Ela supõe que o grupo já tenha uma existência. Mas representa a consciência que ele tem de si mesmo, associando uma imagem a um lugar. Um produtor (mártir...) é referido a um sítio (o túmulo...) que assim se torna uma fundação, o produto e signo de um advento. O texto refere também uma rede de suportes (transmissão oral, manuscrita ou impressa) da qual estanca num momento dado, o desenvolvimento indefinido. Fixa uma etapa, na dinâmica da proliferação e da disseminação sociais. Às ‘fugas’ e as ‘perdas’ responde com o fechamento de uma encenação que circunscreve ou retifica o movimento das convicções em marcha [...]. Sob este ponto de vista, existe uma dupla função do recorte. Ele distingue o tempo e o lugar do grupo. Por outro lado, a vida do santo articula dois movimentos aparentemente contrários. Assume uma distância com relação às origens (uma comunidade já constituída se distingue no seu passado graças à distância eu constitui a representação deste passado). Mas, por outro, lado um retorno às origens permite reconstituir uma unidade no momento em que, desenvolveu-se o grupo arrisca se dispersar. Assim como a lembrança (o objeto cuja construção esta ligada ao desaparecimento dos começos) se combina com a edificação produtora de uma imagem destinada a proteger o grupo contra dispersão. [...] Por outro lado, a vida do santo indica a relação que o grupo mantém com outros grupos. (CERTEAU, 1982, p. 270).

O caráter hagiográfico dessa matéria da “Gazeta do Povo” sugere que, à época que foi publicada (1934), o culto da santa curitibana já *contava com uma rede de suportes de transmissão oral* (quem sabe também manuscrita e impressa). Daí o êxito do **discurso devocional** sobre o **discurso jornalístico**. A primeira reportagem publicada depois de quase meio século de silêncio sobre Maria Bueno se propõe a narrar os eventos que antecederam e sucederam sua morte da perspectiva do devoto daquele tempo e não da perspectiva dos registros históricos que os homens letrados produziram no passado.

58 Resta especular sobre o motivo desta “marginalização”. Talvez, por avaliar que as narrativas biográficas sobre Maria Bueno eram pouco confiáveis para serem colocadas em uma matéria de jornal. Assim, seu autor se esquivava, silenciava sobre certos temas de maneira que o texto não dá margem às polêmicas.

A narrativa se concentra no “martírio”, na exaltação das virtudes da santa, na punição do seu assassinato e na eficácia e longevidade do culto.

Está bem estabelecido na narrativa: Maria Bueno é a *mártir/a vítima da própria bondade/ o bode expiatório* e Diniz é o *carrasco/ o vilão/ o sacrificador*. Diante do comportamento patológico do “companheiro”, Maria Bueno mantém o equilíbrio, mas permanece à mercê da “maldade” dele, até que o “martírio” seja consumado. O desfecho da história de Maria Bueno não é imediato, isto é, prolongando-se até a Revolução Federalista (1893-1895). Depois de um período de indefinição — Diniz é indiciado, julgado pelo assassinato, inocentado, mas permanece preso — o ponto final vem com o conflito histórico conhecido como “Revolta da Degola”. Embora não exista registro histórico que ratifique essa versão de que *o assassino de Maria Bueno foi libertado pelos federalistas, cometeu outro crime e foi condenado a morte pelo líder federalista, Gumercindo Saraiva*, ela se tornou verossímil e simbolicamente importante porque o *martírio* de Maria Bueno ocorreu em meio a um dos conflitos mais obscuros e violentos da história brasileira (assunto que será recobrado no Capítulo 6).

Como demonstra a parte final da reportagem, nos anos de 1930, o culto a Maria Bueno já havia se consolidado e se popularizado. Aqui vale recobrar o artigo de Dicesar Plaisant e a crônica de Euclides Bandeira⁵⁹ que, na década seguinte, constatariam que a *fama dos milagres* da santa havia transposto *os limites bastardos, repercutindo em ambientes carregados de virtude* (PLAISANT, 1940, p.36, grifo meu); que o número de devotos *foi crescendo e com variação epidérmicas* e agora *não mais só os mulatos e pretos* eram adeptos do culto a santa, mas *também brancos e louros, homens e mulheres*. (BANDEIRA, 1941, pp. 86-90, grifo meu). Ou seja, é provável que existissem fronteiras de classe e raça que permitiam classificar esse culto como “coisa de pobre”, de “gente supersticiosa”, dos pretos. O fato de Maria Bueno, ser considerada santa parece não surpreender tanto esses homens letrados, quanto a constatação da “exceção à regra”: a devoção da classe média curitibana que se soma aos ritos “supersticiosos”, originalmente, instituídos nas *arraias sociais*.

A popularização do culto transformou Maria Bueno numa santa de Curitiba. Isso despertou o interesse dos homens letrados do século XX⁶⁰ que passaram a investigar a história da santa. Recobrando o discurso jornalístico (produzido pelos homens letrados de outrora)

59 Citadas nas páginas 62 e 64 desta dissertação.

60 Euclides Bandeira foi jornalista, trabalhou como diretor, redator e colaborador em diversos jornais e revistas do Paraná no começo do século XX. Atuou como cronista, novelista e humorista. Foi membro fundador do Centro de Letras do Paraná cujo objetivo, conforme o manifesto de criação, era “agrupar intelectuais de todo Paraná” e “constituir um campo de neutralidade onde os homens de talento pudessem comparecer a prazos dados, acima e fora de competições religiosas, políticas, enfim sectárias”. Dicesar Plaisant e Euclides Bandeira versam sobre a devoção a Maria Bueno na mesma época, Plaisant em 1940, na matéria publicada na revista “Marinha” e Euclides em seu livro Crônicas Locais publicado em 1941, sete anos antes de sua morte.

para instituir um contraponto às narrativas hagiográficas instituídas pelo povo. Palco desse debate, a imprensa local registrou esse confronto de interpretações. Nessa feita, a Maria Bueno *mulher de vida alegre*, já substituída pela *mártir virtuosa*, foi resgatada, passando a figurar narrativas “contra-hagiográficas”. Na contramão das narrativas devocionais, que destacam sua retidão moral, atributo da vida pregressa associado à condição de santidade. Estes textos vão retratá-la como mulher boemia e promíscua, da ralé.

3.5 O resumo da ópera⁶¹

Para serem integrados ao cânone oficial os santos passam por um processo de “purificação”, no qual as diferentes versões referidas à vida deles são reduzidas a versão oficial (hagiografia oficial). A hagiografia é, portanto, representativa da integração institucional. No caso dos santos não-canônicos, penso que também é assim. Ainda que fora da égide das instituições religiosas, creio que a tendência é a mesma: estabelecer uma versão socialmente aceita da vida desses santos. Se a *virtude é a epifania da ordem estabelecida* como disse Certeau, as *virtudes* atribuídas a Maria Bueno na reportagem de 1934 simbolizam a consolidação do seu culto junto à sociedade curitibana. Algo que, como vimos, não ocorre a salvo dos conflitos. Contudo, a publicação de um livro sobre a vida de Maria Bueno representou outro passo importante nesse processo de legitimação do culto.

FIGURA 14 – CAPA DO LIVRO DE SEBASTIÃO IZIDORO



FONTE: Seção de Documentação Paranaense, Biblioteca Pública do Paraná.

⁶¹ Quase sempre um “resumo da ópera”, Maria Bueno foi uma moça muito bonita que foi morta por um soldado que se apaixonou por ela — como a Carmem de Bizet.

Em 1948, o major Sebastião Izidoro Pereira publica o livro *Maria Bueno — História, Romance e Agiografia* (sic) que, como o próprio título anuncia, versa sobre o caso de uma perspectiva *histórica*, a partir de fontes escritas; *literária*, convertendo as narrativas orais em um romance, onde Maria Bueno é retratada como heroína romântica; e *hagiográfica*, onde exalta as virtudes e milagres da santa.

Sebastião Izidoro Pereira foi membro do Centro de Letras do Paraná, assim como Euclides Bandeira que também versou sobre Maria Bueno. Talvez por isso, Izidoro anuncie, logo nas primeiras linhas, que não se trata de um livro voltado aos letrados, mas ao “leitor médio”:

Ao escrevermos este trabalho, não tivemos a preocupação dos autores que sabem se apresentarem ao público exigente e crítico, com um livro acadêmico e escorreito. Aliás, nossa inteligência, pouco burilada, não poderia, mesmo, competir com a daqueles que já se consagraram mestres no manejar da pena; entretanto, a nossa boa vontade de entregar ao público leitor uma obra que lhe satisfizesse o bom gosto literário e a curiosidade, influiu para que lográssemos o êxito desejado e, assim, pudéssemos começar e terminar um livro ansiosamente esperado pelos paranaenses: MARIA BUENO”. A muita gente parece fácil a tarefa de escrever a história de MARIA BUENO, como se um livro da natureza deste fosse trabalho de momento, tomando-se por base a lenda que há 55 anos corre acerca daquela extraordinária criatura. (...) A decepção foi grande quando ouvimos que fazer o inquérito, colher informações entre o povo, remexer papelada, vasculhar arquivos e diligenciar para encontrar assunto capaz de servir como plataforma a um livro como este. O que valeu foi o depoimento da macróbia Sebastiana Garcia, que até havemos de incluir como personagem do romance. Como verá o leitor, ela contou-nos resumidamente, a história de Maria Bueno. Sem o seu concurso, certamente que este livro não seria escrito por nós, porque, realmente, o principal personagem em torno do qual gira o assunto, nem si quer deixou parentes vivos que pudessem dar esclarecimento sobre sua vida, os seus hábitos, os seus ancestrais, etc.(...) Como buscamos elementos para escrever toda essa história comovente, essa tragédia que deveria sacudir os nervos de quem a lesse? Nem si quer pensamos em copiar, dos autos da justiça que serviam de base ao julgamento do matador de Maria Bueno, trechos de depoimentos de testemunhas, porque estas divergiram nos em seus modos de descrever a vida e os costumes da sacrificada. Além disso, seria trazer dúvida e confusão ao espírito do leitor, quando é certo que uns dizem pró e outros contra sua moral. Pensemos, então, em escrever o seu romance, baseado na história contada pela Sebastiana Garcia. Todos temos nossos romances na vida. Muitos como Maria Bueno têm tragédia. É possível que a síntese da sua história contada por Sebastiana e por nós transformada em romance, não seja bem a expressão da verdade, porque nossa informante, com a idade de 109 anos, pode haver olvidado muitos detalhes importantes que ouvira da boca de Maria Bueno e acrescentado outros fatos por sua própria conta; o que porém, não se contesta, é que a testemunha viva nos ajudou esplendidamente na tarefa tomada sobre nossos ombros e concluída com satisfação. Note-se que os personagens do romance são indivíduos incultos e sua linguagem está longe de ser aquela que empregamos nos diálogos. Nestas, raras vezes adotamos as suas expressões e, assim o fazemos, somente para chamar a atenção do leitor. Ao Espírito deste seria enfadonho a leitura de extensos diálogos uma linguagem de gente ilustrada, quando as personagens só articulam frases pobres ou nulas de gramaticalmente, deveríamos empregar, porque, então, fariamos uma sem valor literário, sem sabor e destinada ao insucesso. Erros cometemos sejamos francos em confessar nossas faltas, mas a nossa atenção se concentrou no desejo único de escrever para o vulgo, sem nos preocuparmos com os eruditos, ou com os pretensiosos literatos que só lêem os livros dos bisonhos escritores com aquela tola vaidade de sorrir e sublinhar os erros escapados por ignorância ou falta de cuidado na revisão. Quisemos escrever um livro sobre Maria Bueno, eis o

que pretendemos. Essa paranaense era digna de uma biografia, uma história impressa e divulgada, mesmo com muitos erros gramaticais. Portanto, leitores amigos e crentes que não receberam da alma de Maria Bueno os milagrosos favores, aqui está o nosso trabalho que é, também, a paga de uma promessa pelo bem recebido da bondosa incontestável daquela alma benfazeja. (IZADORO, 1948, p. 03).

Segundo o autor, parte do texto foi escrito a partir de pesquisas em arquivos públicos, parte foi escrita com base na memória de contemporâneos de Maria Bueno:

(...) Noventa por cento dos curitibanos com mais de 70 anos ignoram que foi Maria Bueno, de onde veio, de quem era filha, sua idade e seus predicados, etc. Os que estão hoje com essa idade, contavam em 1893, 16 anos quando ela foi assassinada. O fato de haver sido encontrada morta sob a sombra de um pequeno bosque entre as ruas hoje designadas pelos nomes de Carlos de Carvalho e Vicente Machado teria passado despercebido se o assassino não houvesse degolado a pobre mulher. Naquele tempo os assassinatos, as punhaladas, as facadas, as cacetadas e navalhadas eram muito comuns e ninguém ligava mais aos assaltos levados a efeito por malfetores em plena luz do dia. O que nos leva a fazer esta afirmativa é porque o arquivo da 2ª Vara Criminal desta cidade, onde, em tempos, estivemos fazendo pesquisa para encontrar o processo de Maria Bueno está cheio de inquéritos policiais, investigações e indagações sobre crimes os mais variados. Em cada ano os casos criminosos aumentavam porque a população também crescia, porém, os fatos escabrosos como esse de Maria Bueno eram muito comuns desde 1880 a 1900. O fim do século XIX foi muitíssimo assinalado por crimes de toda espécie, sendo que o caso de Maria Bueno não fechou o ciclo dos pavores pelo degolamento. No ano seguinte o Paraná sofreu os horrores dos degolamentos e fuzilamentos, não só de indivíduos ruins como dos cidadãos honestos e bons, devendo-se contar no rol destes o Barão Serro Azul (...), e no daqueles, muitos indivíduos cujos nomes a história esqueceu”. (...) Uma popular macróbia, a Sebastiana Garcia, que ainda vive e pode confirmar o seu depoimento aqui convertido em detalhes históricos da vida de Maria Bueno. Dona Sebastiana tem boa memória apesar dos seus 109 anos de idade. Quem quiser ouvir da sua própria boca o triste romance de Maria Bueno, poderá procurá-la em sua residência à Alameda D. Isabel nº. 19, onde ela mora com seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Foi a única testemunha viva que encontramos e que conheceu, pessoalmente, aquela que é objeto deste livro, da qual foi amiga e conversou com ela e a viúva do Sr. Basso, amiga de Maria Bueno, em sua residência na casinha de madeira cujos restos ainda hoje podem ser vistos à Rua Saldanha Marinho, 708. Sebastiana Garcia nasceu em 1838. Foi escrava do professor João Batista Brandão de Proença, o avô de Raul Leite, hoje funcionário aposentado. Ela conheceu muitos homens ilustres, com eles falou e contou suas pilherias, o Barão do Serro Azul, Vicente Machado, Lamenha Lins, o coronel David Carneiro, Monsenhor Celso, o senador Padre Alberto José Gonçalves e muitos outros. Dado o estado de avançada idade da conhecida Sebastiana é possível que nesta história haja um pouco de exagero ou falhas, porque, falando sobre um passado tão remoto e fazendo referências sobre fatos e pessoas relacionadas com a vida de Maria Bueno de quem ouviu a própria história, naturalmente deixa escapar muitos detalhes importantes e adiciona outros que vêm à sua imaginação já um tanto gasta e cansada. Entretanto, não deixa dúvida nenhuma de que Maria Bueno está no pensamento de Sebastiana Garcia como se estivesse num retrato. A velha descreve, não só o tipo de Maria Bueno, como a origem e a vida dessa milagrosa alma. Sebastiana relata o que ouviu e viu, o que não deixa de ser muito interessante esta história calcada na verdade da informações, do que está escrito nos autos da justiça arquivados e nas notícias dos jornais. É, pois, Sebastiana Garcia a quem devemos a maioria dos detalhes do romance e da história. Dela tiramos duas fotografias que, com prazer, inserimos nesta obra. As chapas foram batidas no mesmo dia em que a entrevistamos em sua residência. Ela está muito forte e é curioso ver-se como tem gênio alegre e folgazão. Enquanto vemos senhoras de 50 anos arrastando-se, penosamente, doentias e tristes, Sebastiana cozinha, remenda, lava roupa, recita versos que descrevem os feitos dos nossos soldados da guerra do Paraguai, conta anedotas e dá boas gargalhadas. Sua alegria é muito comunicativa e

seu desembaraço para trabalhar é, positivamente, muito grande. A nossa primeira pergunta à Sebastiana foi sobre o físico de Maria Bueno. Seria muito interessante que ela nos desse informações sobre aquela beleza que alguns informantes descreveram como sendo “uma beleza rara de cabocla”. Desejamos saber como eram aqueles dentes, aqueles cabelos, aqueles olhos que embriagavam Diniz e o levaram à prática de um crime tão horrendo. E o seu corpo, o seu porte, o seu andar? Como não seriam admiráveis e atraentes! Sinteticamente, Sebastiana Garcia assim falou em linguagem simples, a seu modo, que traduzimos para a nossa, porém, sem exageros de adjetivos e superlativos: *Era uma moça muito bonita, uma cabocla e tanto. Os pais dela chamavam-se Pedro e Julia. Tinha ela mais três irmãs que se casaram e sumiram. Quando ela nasceu o pai ficou odiando a filha e tomou um pileque no dia que a viu, dois dias depois que chegou de uma viagem. Nesse dia, ele quis dar com uma garrafa na menina e não pode porque um relâmpago fortíssimo o prostrou por terra no quarto, onde ficou dormindo embriagado. A mãe de Maria Bueno, um dia ante de lhe dar a luz sonhou que viu Nossa Senhora da Conceição que lhe disse: “Essa menina vai cumprir uma missão na terra”. Pedro, o pai de Maria Bueno, fugiu para Guerra do Paraguai. Uma filha dele, a mais velha, que morava na Capela do Tamandoá, na ocasião estava em casa deles. Quando regressou com o marido e os seus três filhos levou a mãe e Maria Bueno para morarem junto com eles. Pedro nunca mais apareceu. Morreu, talvez na guerra. O marido da filha chamava-se José Ribeiro e seus três filhos chamavam-se José. Todas as irmãs de Maria Bueno também se chamavam-se Maria. O nome de Maria Bueno era Maria da Conceição Bueno, como uma homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Pedro Bueno, antes de seguir para Paranaguá, vendeu o sítio para um tal de João Lara, residente em Morretes, mas o dinheiro ele mandou entregar à mulher, ficando somente com trinta mil reis. Quando Maria Bueno esteve na Capela do Tamandua aprendeu a ler e escrever com os padres que moravam no convento que existiu ali. Julia, a mãe dela, morreu de repente lá. Maria Bueno foi muito maltratada pela irmã depois que a mãe morreu. A irmã chamava-se Maria Rosa, que não cumpriu a promessa que fizera à mãe de proteger sua irmãzinha no caso que ela morresse. A pobrezinha sofreu muitos martírios nas mãos de Maria Rosa. Uma vez Maria Bueno estava na Capela do Tamandua e viu um rapaz que olhou para ela como interesse de namorar. Vendo-a nesse momento, Maria Rosa obrigou-a a sair dali e seguir para casa, que era longe, e esperar na porteira que era a primeira divisa. Maria Bueno fingiu que foi, mas voltou e se escondeu no forno do convento. No dia seguinte, quando um irmão veio atear fogo ao forno e encontrou Maria Bueno que contou toda a sua história aos irmãos no salão do convento. O irmão superior, então resolveu manda Maria Bueno para Curitiba, mas como ela devia vir na companhia de dois irmãos, houveram que vestir nela roupas de homem e foi assim que ela chegou aqui e foi entre às irmãs de um colégio que as Irmãs Marcelinas iam fundar mas não chegaram a levar avante a sua obra. Acabando-se o pequeno colégio, as irmãs tiveram que seguir para Itália e deixaram Maria Bueno em casa de um casal de italianos, cujos nomes eram Mario e Aline Basso. Eu conheci seu Mario e Dona Alice Basso quando morava no alto do Bigorrião. Dona Alice, no começo, foi ruim para Maria Bueno, obrigando-a a trabalhar demasiadamente e ameaçando-a de pancada. Chegou a dizer-lhe que ela era escrava deles. Depois ficou amiga de Maria Bueno, porque o marido, seu Mário Basso gostava de Maria e modificou seu temperamento. Na casa dele havia muito jogo, muita bebida, muita festa e tudo se acabou, porque seu Mario ficou com ciúmes dos homens que iam a casa dele. Maria disse que, certa vez, seu Mario pegou-a pelo braço e quis beijá-la mas não pode porque ela pediu à Deus que a livrasse dele. Ele ficou surpreso de ver Maria Bueno sair da mão dele sem o menor esforço e querendo ele sabia que a segurava fortemente. A dona Alice chegou a ver aquela cena, mas não disse nada ao marido. Desde aquele dia ela ficou gostando ainda mais de Maria Bueno, porque seu Mario Basso ficou muito modificado e melhorou o gênio. Depois ele foi para São Paulo, hipotecou, antes, suas propriedades para fazer grandes negócios e ganhar muito dinheiro, mas acabou perdendo tudo e morreu repentinamente em Curitiba. A viúva ficou pobre, restando-lhe somente uma pequena casa de madeira onde foi morar com Maria Bueno à rua Saldanha Marinho. O filho da viúva foi para São Paulo, onde se casou. Uma filha casou e foi morar no Rio Grande do Sul e a outra filha, Áurea, casou-se aqui e*

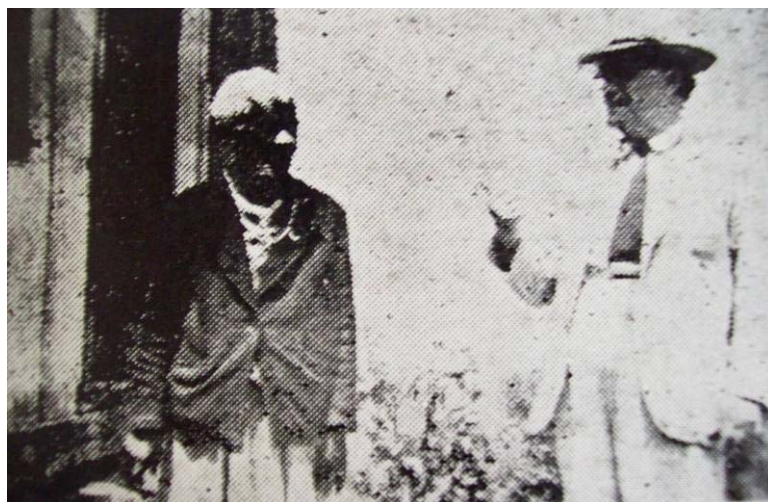
ficou morando na rua Riachuelo. Maria Bueno gostou de um moço, o Artur de Lara, filho de João de Lara e que residia na mesma casa do sítio que pertenceu ao pai dela e onde ele nasceu. A última vez que eu vi Maria Bueno foi na casa dela e quando ela contou o seu namoro com o Artur. Eu a animei muito para casar como o moço que eu não conhecia. Depois ela foi ao sítio do moço e lá ficou noiva dele. Foi como a viúva Basso. Quando as duas voltaram, Maria ficou em casa da filha da viúva, porque esta, recebendo do filho um telegrama dizendo que se achava muito doente em São Paulo, foi com a filha para lá e ambas nunca mais voltaram. Também a filha foi morar em São Paulo com o marido, mas depois que Maria Bueno morreu. O noivo de Maria Bueno desapareceu dois dias antes dela ser assassinada. Os pais dele desconfiaram que foi o mesmo matador de Maria Bueno que matou o Artur na serra de Paranaguá. Um dia antes de Maria ser morta ela ainda falou comigo quando se dirigia para casa onde ela ia fazer uns doces para uma pequena festa. Eu só soube da morte dela no dia seguinte ao meio dia. Não fui vê-la porque não tive coragem. Fiquei muito penalizada com a morte dela. Mas depois descobriram o criminoso, que era um soldado também foi fuzilado pela mesmo Gumerindo Sarai-va. Eu soube disso e fiquei contente, porque Deus castigava o bandido que havia matado a minha amiga Maria Bueno. Aquela sepultura que hoje se vê no cemitério foi mandada fazer pelo Sartorio, genro da dona Alice Basso, que pagou uma promessa com ela; também a cruz que apareceu no lugar do crime foi colocada por conta de dona Alice. Eu soube disso muito depois do crime. Foi tudo que Sebastiana nos informou. Ficamos agradavelmente satisfeitos, porque era uma grande base para um romance. Também custou-nos conta a quantidade de placas existentes no túmulo de Maria Bueno por causa da posição difícil em as mesmas se acham de um lado e de outro do túmulo. A fotografia mostra, na parte superior, um braço de cera colocados na asa de uma muleta. Tais objetos foram ali colocados nas vésperas de termos a chapa. São os únicos que ali existem demonstrando, positiva e concretamente, os agradecimentos dos devotos beneficiados pelos milagres da santa, porque o resto é tudo constituído de placas de metal, de prata, de bronze, de madeira e de mármore. Há também umas fotografias, imagens, crucifixos, etc. A síntese da história de Maria Bueno contada por Sebastiana nos permitiu e nos ajudou a fazer este trabalho. Não o exageramos com assombros de imaginação e fantasia, mas, aqui e ali pontilhamos a obra com um pouco de literatura, filosofia, crítica e conceitos que julgamos necessários para lhe dar certo relevo de bom gosto capaz de agradar ao espírito do leitor. Muitas pessoas que hoje ainda existem e que no tempo de Maria Bueno tinham de doze a dezesseis anos, desconhecem o caso dessa moça e isto tivemos a oportunidade de constatar durante as nossa investigações. Mas, outros indivíduos querendo demonstrar, por qualquer modo, que conheceram Maria Bueno, afirmaram que ela era uma moça muito bonita e muito estimada pela sociedade. De um capitão reformado do exercito a quem pedimos informações devido à sua idade de quase oitenta anos, obtivemos a resposta absurda de que foi ele quem prendeu o criminoso, de cuja mão tomou o punhal ainda ensanguentado! Não houve meios de convencer o velho militar da improcedência ou inveracidade daquela afirmativa. Muitos outros absurdos pudemos ouvir da boca de senhores respeitáveis, que se entusiasmavam quando afirmavam haver conhecido Maria Bueno até “intimamente”... Grifavam as palavras e empregavam reticências, metáforas, etc. Por esses motivos bem podem os leitores avaliar as enormes dificuldades que encontramos durante meses na confecção deste livro. Deixando a modéstia à parte, podemos afirmar que fizemos obra de fôlego se levarmos em conta os esforços inauditos que empregamos para obter todos os informes sobre Maria Bueno, rebuscando arquivos, bibliotecas, jornais antigos, museus, protocolos, maços de processo criminais, etc. porque a nossa preocupação era dar aos devotos e admiradores de Maria Bueno um trabalho que se não tem o mérito literário e acadêmico, pelo menos é de vantagem para satisfazer a curiosidade das pessoas que se interessam pelos assuntos sobre a existência dela de uma mulher que é objeto de consideração e veneração e jamais sairá do pensamento de um povo, principalmente paranaense. Maria Bueno existiu como todos os mortais, mas os seus sofrimentos lhe purificaram a alma. Esta, naturalmente, ainda não deixou o espaço. Vaga, aqui e ali, para atender aos pedidos e brandos constantes daqueles que sofrem e necessitam socorros. Sua história, seu romance e as notícias de seus milagres vão enfeixados neste modesto trabalho que é uma homenagem pós-

tuma de quem tanto admira e ainda se sente horrorizado quando, mentalmente, reconstitui a pavorosa tragédia que a surpreendeu e matou. Podemos afirmar que o romance de Maria Bueno nos foi ditado por ela mesma. Sua influência sobre o nosso pensamento para o escrever foi grande. Reconhecemos que, de acordo com a nossa incapacidade literária, não produziríamos um trabalho dessa natureza sem que um força vinda do mundo invisível nos impelisse a mão para escrever. Razão tivemos para dar começo e terminar este trabalho com sacrifícios e esforço, múltiplos. Primeiro porque enxergamos a necessidade de se dar ao público uma obra dessa natureza e segundo, porque, realmente, acreditamos nos milagres da santa. Esta segunda razão partiu do seguinte fato: certa vez fomos ao cemitério e vimos pela primeira vez o túmulo de Maria Bueno. Chamou-nos a atenção um papel escrito e colado em uma das placas dos benefícios. O pedinte do papel dizia simplesmente: *Santa Maria Bueno faça com que o general x* (estava escrito o nome do general) *saia da guarnição de Curitiba*. O general *x* era o comandante da região, aliás, um ótimo comandante, espírito bom e muito cumpridor dos seus deveres. Já é falecido. Não ligamos muita importância ao fato de um devoto de Maria Bueno fazer aquele pedido, mas achamos graça, porque o indivíduo que lhe fez o pedido devia ter suas razões para isso. No fim de seis dias, si tanto, o general *x* foi removido do comando da região. Lembramo-nos, então, daquele caso e ficamos impressionados. Nós acreditamos em Maria Bueno e aguardamos, com ansiedades, neste momento, a realização de um milagre com relação a um pedido que lhe fizemos. Não duvidamos. Temos fé e esperamos e este trabalho que apresentamos faz parte, realmente, do pagamento da nossa promessa. Eis, em síntese, a pequena história de Maria Bueno. (Id., 1948, pp. 03-21, grifo meu).

Sebastião Izidoro cumpre a função que, no âmbito eclesiástico geralmente é cumprida pelo Conselho Canônico. Ou seja: ele “garimpa as fontes históricas”; extrai da “massa” de narrativas (históricas, orais e devocionais) aquelas que lhe interessam com vistas à construção da vida de santo; cria uma narrativa linear; apresenta e atesta os feitos extraordinários da personagem. Enfim, Sebastião Izidoro organiza um texto nos moldes da literatura hagiográfica, capaz de sustentar a legitimidade da devoção à santa. Seu livro aprofunda, consolida o *discurso das virtudes*, esboçado no artigo jornalístico da “Gazeta do Povo” 1934. A versão elaborada por Sebastião Izidoro se popularizou, pois os jornais locais passaram a divulgá-la periodicamente, sobretudo no período de Dia de Finados. Nos anos de 1950, a história do livro foi adaptada para o rádio por Freitas Branco. A rádio-novela sobre Maria Bueno, veiculada pela Rádio PRB-2, obteve altos índices de audiência. Também foi com base no enredo de Izidoro que Paulo de Avelar produziu uma telenovela transmitida (em 1980) pela extinta TV Paraná.

Grosso modo, quando perguntados sobre história de Maria Bueno, os devotos resumem o enredo dizendo: *ela foi morta porque resistiu à tentativa de estupro perpetrada por um militar*. A maioria dos devotos da santa jamais leu o livro de Sebastião Izidoro, mas conhece essa sinopse da história construída com base no testemunho da centenária Sebastiana Garcia transcrito no livro de Izidoro. Ele faz uma breve descrição do encontro com Sebastiana Garcia, da conversa que manteve com a anciã ao longo da pesquisa (ocorrida entre 1947 e 1948), apresentada ao leitor como “contemporânea” de Maria Bueno.

FOTO 47 -SEBASTIANA GARCIA E SEBASTIÃO IZIDORO



FONTE: Id., 1948, p. 38

Nesta foto que ilustra o livro, Sebastião e Sebastiana aparecem lado a lado. Ela uma senhorinha negra, miúda, mas bem apumada para os seus 109 anos, traja roupas simples. Ele um homem branco, de meia idade, trajando terno e chapéu, fotografado enquanto se dirige a sua “testemunha ocular”. No prefácio o escritor descreve a conversa com Sebastiana, criando uma personagem simpática, contadora de “causos” e cantigas, que afirmava ter conhecido não só Maria Bueno, como outras figuras ilustres de Curitiba. Uma narradora de histórias no estilo descrito por Walter Benjamin:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão — no campo, no mar e na cidade —, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa narrada na vida do narrador para em seguida retirá-la. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (...) Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata. (BENJAMIN, 1992, p.37)

3.6 Os suportes hagiográficos

Izidoro se apresenta na Introdução de seu livro como católico, mas se define como espiritualista (não esclarece sua inclinação, umbandista ou kardecista). Essa identidade religiosa ambígua certamente influenciou na construção do enredo do livro. Como ele afirma na introdução do livro, parte do enredo foi constituído com base nos relatos de Sebastiana, parte em fontes documentais e outra foi elaborada a partir *da força vinda do mundo invisível*, isto é, psicografias (ao que tudo indica produzidas por ele próprio), sobre as quais nada menciona, mas, sem dúvida são indicativos de suas crenças. Esse uso variado de fontes sugere uma breve

reflexão acerca da relação de complementaridade e distanciamento entre escrita e oralidade, entre história e mito.

Não é o caso de se fazer uma longa discussão sobre o tema, mas, é preciso fazer uma abordagem crítica de sua importância na construção do discurso hagiográfico em questão. Não há como fazê-lo sem tratar do processo de produção deste discurso, processo no qual a experiência religiosa é pensada como **conhecimento vivenciado** (CERTEAU, 1982, p. 271, grifo meu).

O ponto de partida dessa discussão refere-se ao livro “The death of Luigi Trastulli and other stories: Form and meaning in oral history”, de Alessandro Portelli (1991), autor que lança mão do enredo de um romance de ficção científica — “Fahrenheit 451” de Ray Bradbury — para abordar a questão da transmissão do conhecimento em culturas onde predomina a oralidade. A *novel* de Ray Bradbury retrata uma sociedade totalitária, onde todos os livros são proibidos e queimados. Enquanto a ordem vigente os proíbe e destrói, seus opositores se ocupam em salvá-los formando confrarias clandestinas, onde cada membro deve memorizar um livro a fim de salvá-lo do esquecimento. As confrarias rebeldes de Bradbury desenvolvem técnicas de memorização que permitem guardar todo o conteúdo dos livros proibidos para se transmiti-los às gerações futuras. Tal técnica se baseia na idéia de que todos os seres humanos possuem memória fotográfica, mas desde que nascem aprendem a bloqueá-la, assim, para terem êxito em sua empreitada os rebeldes aprendem a “desbloquear” essa habilidade da memória e a potencializá-la, de maneira que possam recordar qualquer coisa que tenham lido. Segundo Portelli (1991, p. 50), essa “ficção futurista pode ser tomada como alegoria da relação entre escrita e memória, e dos problemas enfrentados por uma sociedade sem escrita que visa conservar sua herança cultural da erosão de tempo”. Essa reflexão acerca da prevalência da oralidade vem a calhar também para análise do caso Maria Bueno.

Ainda que nesse diálogo entre Izidoro (um escritor branco da classe média alta curitibana) e Sebastiana (uma anciã negra, pobre e analfabeta) a versão dele predomine, chegando até nós através da escrita, penso que é possível “ouvir”, senão a voz, pelo menos os “ruídos” da narrativa de Sebastiana. À medida que alguns destes “ruídos” (fortemente marcados pela tradição oral) se sobressaem à escrita, a vinculação da narrativa com o universo narrado (o universo da velha contadora de histórias) fica mais evidente⁶².

62 Cabe ressaltar que esse livro sobre *Maria Bueno* é uma fonte muito interessante. Não só porque se propõe a narrar a história da santa curitibana, mas porque a forma como foi estruturado permite constatar as descontinuidade que marcam a tradução de uma relato reproduzido por anos no domínio da oralidade para o domínio das letras. Neste sentido, a leitura deste segue um curso descontínuo: onde as necessidades do autor mudam pelo menos três vezes. Enquanto na parte chamada *Romance* verifica-se a necessidade de apreender os relatos

A *sabedoria épica* dessa contadora de história fica patente nas “deixas simbólicas” que permitem apropriações diversas e o estabelecimento de canais entre arquivos religiosos distintos. A devoção da mãe de Maria Bueno a Nossa Senhora da Conceição, o desaparecimento de seu pai na Guerra do Paraguai, o envolvimento dela com um homem fardado, violento e belicoso (tal qual seu pai fora) que a mata degolada, concluindo o que o pai de Maria Bueno não conseguiu devido a intervenção divina) através do trovão que o faz cair por terra. Convém lembrar da hagiografia de Santa Bárbara, decapitada pelo próprio pai, que cai morto depois do grande trovão que fez céus e terra tremerem; santa Cecília que se mantém casta apesar das adversidades. Ou seja, vamos encontrar na narrativa da centenária Sebastiana, transformada em romance hagiográfico pelas mãos de Izidoro, vários pontos de conexão com as hagiografias católicas.

Ao retratar Maria Bueno como mártir da castidade esses narradores (Sebastiana Garcia e Sebastião Izidoro) reiteram o *discurso da virtude*. No imaginário cristão, a castidade é uma das principais virtudes femininas. A partir dessa versão divulgada no livro de Izidoro, a santa de Curitiba passa a “representar” esta virtude, inserindo-se na longa “linhagem” de santas que, desde os primórdios do cristianismo, são veneradas por terem se conservado castas até a morte⁶³. Em última análise, o livro hagiográfico de Sebastião Izidoro representou uma importante contribuição na difusão de uma mitologia cristã, onde Maria Bueno figura como heroína da castidade.

Contudo, ao questionar os devotos sobre a hagiografia de Maria Bueno, isto é, sobre sua trajetória pessoal, suas características e as circunstâncias de sua morte, geralmente, as

do povo curitibano (onde dona Sebastiana é eleita como sua ilustre representante). Nas partes *História e Hagiografia* o autor busca um viés investigativo e a necessidade de esclarecer a “verdade sobre os fatos”. Nestas, ele traduz a narrativa oral que considerou tão útil na construção do *romance*. Na parte *Hagiografia*, a psicografia (o texto escrito a partir de relatos do além) é empregada como qualquer outra fonte histórica.

63 Um dado curioso mencionado por Oscar Calavia Sáez (2003) é o de que boa parte das mártires da castidade que renunciam à vida para evitar um estupro, acabam como vítimas de uma troca fatal: a violência sexual, em geral, é substituída pela degola ou decapitação: “O tema da cabeça cortada associada à sexualidade poderia parecer artificial, não fosse a naturalidade com que, na literatura européia, as damas apaixonadas perambulam carregando a cabeça cortada de um amante que perderam ou não conseguiram; vejamos os casos de Decameron e de Heptameron, assim como o de Matilde do *Le Rouge et le Noir*, de Stendhal, e o da Rainha Margot, de Dumas, ou da Salomé, de Wilde, para nos limitar a uma lista improvisada. O tema da cabeça cortada na etnologia sul-americana é definido e analisado por Lévi-Strauss, no terceiro volume de *Mythologiques* (2003, p. 23)”. E a atitude dessas mártires da castidade atualiza o princípio fundamental do simbolismo da garganta cortada mártir: o sacrifício do corpo é caminho para a salvação da alma. Nesse sentido, a garganta cortada ou a cabeça separada do corpo simboliza a divisão corpo e alma, sendo ao corpo atribuído o encargo de salvar a alma. Em outras palavras, o santo é aquele que transforma o próprio corpo em dádiva. Essa divisão corpo e alma se estende a outras categorias como mal e bem, sexualidade e espiritualidade. A cabeça ou a garganta cortada simboliza o corte radical entre sexualidade e espiritualidade, de modo que a resistência à violência sexual conduz ao emblemático sacrifício, quando cabeça e corpo são separados.

respostas obtidas são vagas. Muitos devotos, como dona Nádia, mencionam além dos livros e matérias de jornal, a novela produzida nos anos 1980 como fonte de informações:

“Então a história dela eu fiquei sabendo pela novela que passou há muitos anos atrás. A gente já tinha muita fé nela, mas não conhecia a história. Quando fizeram a novela, a gente soube de tudo isso, que ela foi morta por uma policial que gostava dela, mas como ela não queria nada com ele, aconteceu o que aconteceu, ele tentou pegar ela a força e como ela não cedeu ela matou ela, cortou o pescoço dela. Na época da novela ninguém sabia direito a história. Uns dizia que ela era mulher da vida, outros que não tinha nada disso. Que ela era uma menina direita, que não tinha nada de errado na vida dela. Mais daí quando fizeram a novela esclareceu. Esses tempo a Globo fez outra novela sobre a vida dela... Não era bem uma novela, mas mostrava como é que foi, tudo que ela passou. Eu não assisti porque era muito tarde da noite, mas quem assistiu vai saber te contar direitinho a história dela. Como eu te disse, eu tenho lembrança da primeira novela que passou há muitos anos atrás. Era uma moça muito bonita que interpretava a Maria Bueno a partir da novela a gente conheceu a verdadeira história dela.”[Nádia, 2008].

Segundo Portelli (1991), *a escrita libera a oralidade do fardo da memória coletiva*. Frente ao avanço da produção de textos, documentos, registro em vídeo e áudio o indivíduo vai se “desobrigando” cada vez mais da tarefa de preservar as narrativas comuns. Nos termos do autor, esse descentramento da responsabilidade de reproduzir a memória social, permite aos indivíduos colocar a própria subjetividade no centro da narrativa. Por conseguinte, transferir a tarefa de “preservar a memória social” às instituições especializadas, abrindo espaço para que os indivíduos se ocupem mais de narrar suas experiências pessoais do que experiências de outrem (heróis, santos, figuras eminentes) ou da comunidade a que pertence.

3.7 A oposição clerical

Vale registrar, ainda, que no período em que começaram a surgir textos abordando o “curioso fenômeno religioso envolvendo Maria Bueno”, em meados dos anos de 1930, a igreja local não se pronuncia. O silêncio clerical dura até meados dos anos de 1970, à época da publicação nos órgãos de comunicação da cúria curitibana de artigos críticos à crença e prática religiosa associada a “santa prostituta”

Em notas publicadas no principal órgão de comunicação da Igreja local — o boletim *A Voz do Paraná* —, os clérigos têm condenado, de maneira recorrente, o culto e a crença em Maria Bueno. Por muitos anos coube ao professor Ângelo Antonio Dallegrave⁶⁴ atuar como porta-voz da Cúria Curitibana e expressar o posicionamento da Arquidiocese em relação ao culto a *Santa Curitibana*, Ângelo Dallegrave se dedicou ao levantamento de dados, testemu-

64 Apesar de leigo, o congregado mariano Ângelo Dallegrave atuava ativamente nas instituições católicas locais, durante muitos anos foi ele que presidiu o programa *A Hora de Ângelus*, transmitido pela Rádio Clube Paranaense, e por mais de vinte anos manteve uma coluna no periódico católico “*A Voz do Paraná*”.

nhos e evidência que refutasse as versões hagiográficas da vida de Maria Bueno. Em artigo publicado em meados dos anos de 1970, Dallegrave afirma:

*“Maria Bueno nunca foi santa, como dizem. Nunca imitou Jesus Cristo e nem nunca será canonizada. Nós católicos não temos qualquer devoção a este culto indevido, que pessoas sem instrução religiosa manifestam, chamando-a de santa. A filiação da vítima, de acordo com o que disse Antonio Jose Gomes, em sua declaração para o registro de óbito, era desconhecida. Esse documento traz a assinatura de Jerônimo Gomes declara que a vítima era de cor parda, e se presumia, quando morreu, estar perto de quarenta anos. Os seus despojos foram inundados em 29 de janeiro de 1893 no Cemitério Municipal, na sepultura que levou o numero 3903. No registro de óbito está a nota: faleceu em consequência de hemorragia devido a ferimento profundo do pescoço, ontem, das 2 para as 4 da manhã, nesta cidade. O alferes do 8º Regimento de Cavalaria escreveu que o criminoso era o anspeçada desse corpo militar, José Diniz e a vitima a ‘marafona’ conhecida como Maria Bueno, e a arma empregada uma navalha. Na ocasião, era escrivão do crime, Octavio Secundino que informa o seguinte: Maria Bueno, lavadeira da Rua Saldanha Marinho, assassinada pelo amásio, cabo Diniz da Silva, de profissão civil barbeiro, vivia amancebado com a vitima. Logo em seguida foi descoberto o criminoso e imediatamente preso, e conhecido como amante da vítima. Seus ‘devotos’ espalharam uma lenda de que na noite do crime estivera a bradar arma na rendição dos quartos, para criar um álibi que o inocentasse, mas que assim mesmo, por milagre da ‘santa’, mais tarde uns recrutas, ao procederem limpeza do poço do 8º Batalhão, movimentando a roldana trouxeram para cima, junto com o velho balde uma trouxa ensanguentada, onde havia um punhal. Só então o assassino confessaria o delito. Os fatos são patentes, narrados por pessoas que viveram na época do assassinato, que naquele sábado, a vítima desobedecendo o amásio compareceu a um baile em casa de mulheres suspeitas. Que o criminoso a foi buscar, trazendo-a na escuridão da noite e quando se encontravam na então Rua Campos Gerais agarrou-a à força, levando-a para um matagal próximo, onde a degolou. A sua inexplicável devoção teria surgido porque, por aqueles tempos, quando alguém morria assassinado, por piedade, as pessoas assinalavam o local com uma cruz e muitos acendiam velas, pela alma da pessoa morta (...). A morte de Maria Bueno foi um escândalo naquele tempo em Curitiba. Nenhum padre quis encomendar seu corpo e celebrar missa de 7º dia. Se fosse inocente, santa, certamente a repercussão do tempo teria sido diferente (...). O romance do major Izidoro Pereira é fruto da imaginação e fantasia. Tudo quanto fala de Maria Bueno não passa de superstição e invenção popular. Maria Bueno não era uma jovem pura, inocente, de 16 anos, como afirma o major, mas sim uma parda de 30 anos, que vivia bebericando entre a soldadesca, levava uma vida desregrada e foi morta pelo ciúme de seu amásio. Perdoem os leitores, se foi assim reproduzida a biografia de Maria Bueno. É preciso esclarecer, porque muitos pensam que se trata de uma santa mártir com Santa Maria Goretti, Santa Inês ou outra da Igreja. É necessário esclarecer o povo para que não dê crédito a falsas graças e milagres atribuídos a Maria Bueno. Saibam todos que a missa junto ao túmulo de Maria Bueno não foi celebrada por um sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana. Maria Bueno não é santa, não faz milagres. Maria Bueno foi uma dessas pobres mulheres de vida airada. Santos são aqueles que imitam a Cristo e dão testemunho de sua fé pelas obras praticadas, pela heroicidade de suas virtudes”. (DALLEGRAVE in: *A Voz do Paraná*, 30 de junho de 1974: 02; grifo meu)*

Um ano depois de ter publicado este artigo no boletim católico, Dallegrave publicou outro texto onde reafirmou que a vida de Maria Bueno não condizia com o modelo hagiográfico católico e, mais uma vez, seus argumentos foram contra quaisquer anseios de canonizá-la conforme os códigos da Igreja. Este documento — de título “Maria Bueno santa?” — tornar-se-ia base das arguições do clero local contra o culto. Em matéria editada no jornal “O

Estado do Paraná”, no dia 30 de outubro de 1988 (antevéspera de Finados) o ex-arcebispo da Arquidiocese de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, escreve:

“Maria Bueno Santa? é o título do livro do professor Ângelo Antônio Dallegrave, escrito em 1975. Quero neste artigo chamar a atenção para a veracidade dos fatos em torno da vida e morte de Maria Bueno. Para Igreja Católica são santo e mártires aqueles que seguiram a Jesus Cristo, doaram sua vida por causa da fé ou selaram sua morte com o martírio, testemunhando sua fidelidade à Deus. Ora nada disso se encontra em Maria Bueno. Não consta que tivesse uma vida profunda de fé. Não morreu mártir da virgindade, da castidade. Maria Bueno era uma lavadeira residente na Rua Saldanha Marinho. Na época de seu assassinio estava amasiada com Inácio José Diniz militar do 8º Regimento de Cavalaria. À noite, nas horas vagas, exercia a profissão de barbeiro. No início da noite de sábado, 28 para 29 de janeiro de 1893, teve ele uma discussão com Maria Bueno que insistia em frequentar um baile numa casa suspeita. Saiu ele mal humorado para o quartel, onde entraria em serviço. Ela se enfeitou da melhor maneira e foi ao baile. Na manhã de domingo, 29 de janeiro, foi encontrada degolada, com as mãos cortadas por profundos golpes de navalha, numa poça de sangue, onde é hoje a Rua Vicente Machado. Os jornais do tempo, “Diário do Comércio” e “A República” assim noticiava o fato: *Maria Bueno, segundo consta, era uma dessa pobres mulheres de vida alegre (...)*. A morte de Maria Bueno foi um escândalo naquele tempo em Curitiba. Nenhum padre quis encomendar seu corpo ou celebrar missa de sétimo dia. Se fosse inocente, santa, certamente a repercussão do tempo teria sido diferente. Naquela época era costume quando morria uma pessoa de morte violenta colocar-se uma cruz no lugar, como ainda hoje se encontram cruzeiros à beira das estradas. Logo o povo começou a acender velas e levar flores. É de supor que alguém tenha atribuído a Maria Bueno alguma cura, algum milagre, o que não se prova. Muito mais tarde divulgou-se que teria morrido para salvar sua castidade, sua virgindade o que não é verdade. Espalhou-se que seria uma jovem de 16 anos e que teria sido aluna de colégio católico. Ela tinha provavelmente trinta anos e até mais e nunca foi aluna de colégio católico. Era lavadeira. Foi o médium espírita kardecista, Sebastião Izidoro Pereira, que escreveu um romance sobre Maria Bueno com informações da própria morta através de seus dotes mediúnicos, sem poder provar historicamente e cientificamente o que divulgou. Escrevo este artigo para os Católicos a fim de adverti-los sobre a veracidade de Maria Bueno e para prevenir os incautos a fim de que não se deixem iludir. Finados é dia de prece pelos mortos. A tradição da Igreja Católica ensina que há um lugar de purificação, após a morte, chamado de Purgatório. Estão no Purgatório aqueles que não se salvaram. Por isso mesmo nada podem fazer. Mas em vista dos merecimentos de Jesus Cristo, através da missa, preces, boas obras, sacrifícios, Deus abrevia os dias de purificação dos mortos e introduz na glória eterna os que se encontram no Purgatório” (O ESTADO DO PARANÁ, 30 de outubro de 1988, p. 03).

Esses discursos contrários e favoráveis à crença em Maria Bueno apresentada até aqui demonstram que a santidade é uma categoria em disputa.

Neste sentido, minha intenção com esse capítulo foi apresentar uma série de dados que permite se não desvendar o passado pelo menos seguir os “vestígios” desse processo conflituoso de constituição de um culto “marginal” (liminar) em sua origem.

O processo de santificação de Maria Bueno teve início com contemporâneos seus, nos rituais realizados, primeiro, no terreno baldio onde se registrou sua morte, posteriormente, no cemitério; locais públicos que possibilitaram às pessoas de todas as crenças e camadas sociais frequentá-lo. Esse caráter popular do culto possibilitou que Maria Bueno se transfor-

masse na santa que atende a todos. Porém, a santa do povo é também a santa das causas particulares, da religiosidade que independe das doutrinas.

Nesses cem anos de devoção, milhares de fiéis e admiradores da santa contribuíram com a difusão da sua devoção. Por caminhos diversos, como se verá nos capítulos que se seguem. Há colaboradores dessa devoção, porém, sobre os quais nada se sabe, é o caso das Irmandades Negras de Curitiba que, ao que tudo indica, reivindicaram ao clero realização dos rituais de passamento de Maria Bueno e, frente à negativa, reagiram a seu modo, cuidando dos ritos fúnebres. Centenas de devotos anônimos também colaboraram, recomendando-a a parentes e conhecidos. Assim como os “especialistas em assuntos espirituais” apresentam as preces a Maria Bueno como alternativa ritual à clientela.

CAPÍTULO 4 - O SANTUÁRIO

No final dos anos de 1950, um grupo de devotos criou a Irmandade Maria da Conceição Bueno, entidade responsável pela a construção e traslado dos restos mortais da santa do antigo túmulo para um mausoléu construído próximo à entrada do cemitério, local onde até hoje ela é cultuada.

Não tive acesso à documentação relacionada à construção da capela, tendo solicitado à atual diretoria da Irmandade Maria Bueno a consulta às fontes me foi negada⁶⁵. Mesmo contando com poucas informações a respeito das pessoas que fundaram a Irmandade, apurarei que a construção da capela foi precedida de *rituais mediúnicos*.

Em entrevista concedida à revista “Panorama” (1977), o então presidente da Irmandade Maria da Conceição Bueno, Arnaldo Azevedo (falecido em 1983), descreve como foram estes rituais que, segundo ele, teriam incluído comunicação com Maria Bueno e até com seres de outros planetas: “Tive dois mestres de outros planetas que me ensinaram espiritismo profundo. [...] Eram entidades com muito poder. O primeiro tinha mãos enormes, tão grandes que a Mirtes, aquela menina de Araucária que fazia curas, sentava em sua mão. Eu não os via, mas os videntes podiam enxergá-los e me contavam tudo.” (PANORAMA, 1977, p.12).

Segundo Arnaldo, essa teria sido a única vez que ele se comunicou com Maria Bueno. Devido à grande necessidade de saber opinião da santa a respeito do projeto de construção do santuário, ele convocou sua equipe de médiuns e videntes, e preparou a sala de sua casa para entra em contato com Maria Bueno. Iniciados os trabalhos, conta Arnaldo:

Vieram os pretos velhos que limparam o ambiente e foram embora. Em seguida, apareceu a mãe, que também limpou a sala e partiu, neste momento desceram os anjinhos, que depois de limparem tomaram seus lugares na sala. Depois de descerem as virgens ou arcanjos, tocou um sino, que como tudo o mais, só foi ouvido pelos videntes. Então aconteceu a maravilha. Uma escadaria linda, descrita pelos videntes, apareceu. As virgens com lírios nas mãos, a flor preferida de Maria Bueno, desceram as escadas seguidas pela tão esperada santa. As virgens jogavam os lírios enquanto Maria Bueno dava volta na mesa conversando com os presentes. As virgens começaram a limpar Hilda, devota desde criança e a escolhida para ser incorporada. Depois disso, incorporada em Hilda, Maria Bueno deu volta na mesa abençoando a todos, um por um. Virou-se para mim iniciou o contacto. Ela reconheceu como sua a foto que lhe foi apresentada, dizendo havê-la tirado no Passeio Público e que fui buscar em Paranaguá. Quando lhe apresentaram a planta do que deveria ser sua capela, em forma de pirâmide, no Cemitério Municipal, Maria Bueno disse que não gostara e descreveu outra que lhe agradava mais. [...] “Ela mostrou uma incrível inteligência, aliando o conforto à beleza. Disse para fazermos mais baixa a capela, com escada para entrar, facilitando também a colocação das flores no alto. Mas quando ela falou em escadas, dado o meu estado de grande concentração, cometi o absurdo de discutir com ela, dizendo que era impossível por ser muito complicado. Mas ela entendeu e indicou também o local a ser construída a capela, onde seria

65 Diretoria justificou a negativa afirmando que no passado teria permitido o acesso aos documentos a pesquisadores e jornalistas e eles não os devolveram, a partir daí adotaram uma política restritiva.

mais fácil para todos localizarem e onde haveria gente por perto para impedir os roubos. (PANORAMA, 1977, p.13).

Arnaldo afirma que *muitos problemas foram enfrentados para que se pudesse realizar o desejo da santa, pois a planta original já havia sido aprovada pela Prefeitura e havia cinco outros túmulos no local escolhido*. Mas todos os problemas foram vencidos. Arnaldo Azevedo conta que se interessou por Maria Bueno na infância:

Quando vinha com minha mãe para centro da cidade, passávamos pela cruz erguida no local onde Maria Bueno foi morta, e minha mãe parava para fazer suas preces. Naquela época só sentia pena pela moça assassinada. Mais tarde ao visitar seu túmulo, disse aos presentes que era preciso erguer uma capela a santa. A idéia logo foi aceita, pois eu era campeão sul-americano de tênis e dois rapazes hoje amigos meus, se propuseram a construir a capela. (Id., 1977, p.12).

FIGURA 15- ARNALDO AZEVEDO EM FRENTE À CAPELA DE MARIA BUENO
FOTO PUBLICADA NA REVISTA PANORAMA.



FONTE: REVISTA PANORAMA, junho de 1977, p.15.

A capela de Maria Bueno foi inaugurada no dia 12 de outubro de 1961 e, diferentemente dos ritos espíritas que precederam sua construção (ocorridos na privacidade da casa de Azevedo), para a inauguração, a Irmandade optou por uma cerimônia pública, em data de grande significado para os católicos, o dia de Nossa Senhora Aparecida.

Durante décadas, Azevedo se incumbido de divulgar a devoção a Maria Bueno e, em algumas situações, de resguardá-la das investidas dos seus críticos: “Os padres não reconhecem Maria Bueno por ciúme, talvez, mas ninguém pode contestar sua santidade. Já que o Pai nos deu livre arbítrio, posso chamá-la de santa, se quiser. [...] Ela não vai contra a vontade do Pai, como o próprio Cristo não foi.”. (Id., 1977, p.14).

Nesta entrevista com Arnaldo Azevedo, fica evidente que, apesar da sua orientação espírita, ao discursar para um público heterogêneo, ele privilegia os símbolos e modelos cató-

licos comparando a santa com Jesus Cristo e, sobretudo, negando que ela pudesse ser comparada às *pombagiras* ou à outra *entidade* da umbanda.

[...] Os exus são perigosos, mistificam e fazem alguns crer que ela é uma simples pombagira, mas Maria Bueno não incorpora em ninguém e tampouco vai a terreiros. Só consegui falar com ela uma única vez. Na vez em que ela permaneceu na terra por quinze minutos e nunca mais consegui fazer contato e não acredito que alguém consiga. A última mensagem que ela enviou foi aquela que está no altar, no espaço da capela. Depois disso, eu precisava receber outra mensagem e me dirigi a um centro espírita muito bom, mas nada aconteceu. Porém quando os trabalhos terminaram, todos os que participavam disseram que havia acontecido uma coisa linda: Maria Bueno esteve presente e tentou mandar uma mensagem, mas não houve nenhum médium capaz de recebê-la. (Id., 1977, p.14).

Cabe acrescentar que esse discurso de Azevedo parece responder a dois propósitos: atenuar os preconceitos da sociedade curitibana em relação à devoção afro-brasileira que corre no culto à santa (assunto que abordarei no capítulo seguinte) e legitimar a devoção junto a certos setores sociais como, por exemplo, a imprensa.

Com a morte de Arnaldo Azevedo, em 1983, sua esposa, Adelaide, assumiu o comando da Irmandade e da capela. Com o falecimento dela (em 1998) a Irmandade passou por um período de estagnação. Do final dos anos de 1990 até meados de 2004, a capela permanecia fechada a maior parte do tempo. Mas isso não desestimulou os devotos que continuaram a visitá-la para realizar seus rituais, como pude observar no meu primeiro contato com essa devoção.

4.1 Primeiro contato

Como relatei na apresentação conheci a capela de Maria Bueno em 2004, durante uma breve experiência de campo. Uma sondagem etnográfica visando à elaboração do trabalho final da disciplina Antropologia da Religião. À época a capela tinha aparência de abandonada, permanecendo trancada o tempo todo. Havia uma pessoa responsável por limpá-la e abri-la ao público, mas, segundo os funcionários, fazia meses que ela não comparecia ao cemitério. A Irmandade Maria Bueno me foi apontada como a entidade responsável pela capela, mas há muito os integrantes haviam debandado ou morrido. Seu João, funcionário mais antigo do cemitério, foi quem me falou da Irmandade, além das práticas religiosas que ele testemunhava diariamente (há mais de trinta anos). Na ocasião foi meu principal informante. Conforme me contou, quando ele começou a trabalhar no cemitério a capela já existia, era cuidada por Arnaldo Azevedo e a esposa Adelaide, que durante muitos anos foram os responsáveis por abrir o espaço ao público e promover campanhas de arrecadação de recursos para sua manutenção e outros empreendimentos da Irmandade.

Seu João se dizia católico e não considerava Maria Bueno santa. Para ele, *era tudo enganação; muita gente ia ao cemitério para fazer e pagar promessa, mas tinha aqueles que iam fazer mal para os outros*. Revelou que *era comum encontrar despachos deixados no local de culto a Maria Bueno*. De fato, no curto tempo em que frequentei o local (em 2004) me deparei com *despachos*⁶⁶ no velário próximo à capela de Maria Bueno, o mesmo destinado às velas ex-votivas.

Nessa curta sondagem já foi possível verifica que o santuário congregava rituais religiosos católicos e umbandistas. Três anos depois (2007), quando retomei a pesquisa sobre santa curitibana, como projeto de mestrado, os despachos haviam diminuído significativamente. Vez ou outra apareciam velas coloridas no velário (principalmente da cor vermelha), mas sem acompanhamentos como a *comida de santo*. Não só isso havia mudado. A capela que antes permanecia fechada por meses a fio — a depender da zeladora encarregada ou funcionários do cemitério abri-la ao público — agora era aberta três vezes por semana na parte da tarde e às vezes no domingo à tarde.

4.2 Um cenário de conflito

Quando iniciei minha pesquisa de campo para esta dissertação, em Finados de 2007, fazia cerca de seis meses que Elisabeth e o marido mantinham a capela funcionando, isto é, aberta aos visitantes. Elisabeth havia procurado a “responsável legal pela capela” (Lenira Azevedo sobrinha de Arnaldo Azevedo) e se oferecido para zelar pelo ponto de devoção. Elisabeth e o marido Renato reformaram a capela: trocaram o piso, instalaram uma bomba para retirar a água das enchentes e pintaram-na. Foi a maneira encontrada pelo casal para agradecer à santa pelas graças alcançadas:

Elisabeth: Minha mãe tinha que trabalhar e para não ficar sozinha em casa eu vinha para cá. Sentava nessa escada. As pessoas passavam e me davam de comer, ofereciam bolacha, chocolate e até dinheiro. Eu me criei aqui. Maria Bueno me criou. Depois eu casei, tive uma filha, Tatiana. Maria Bueno salvou minha filha. Ela teve bronquite muito forte; saí do hospital e vim pedir pra ela, quando voltei ao hospital o médico disse que a ela ia ficar boa. Tudo graças a Maria Bueno. Eu prometi que dedicaria a vida a Maria Bueno. Hoje toda minha família acredita nela, eu meu marido e Tati.[25 de outubro de 2007]

Elisabeth não é a única a vincular a própria biografia à santa. Ao longo da pesquisa ouvi vários relatos de pessoas que acreditam terem sido salvas da morte ou que vieram ao mundo por intercessão de Maria Bueno. É comum ouvir testemunhos como, por exemplo:

66 Um destes, consistia num prato com arroz cru, pão e uma garrafa de água ardente, velas vermelhas e pretas e charutos.

Minha mãe não podia engravidar e fez uma promessa, daí engravidou de mim; Estava com câncer fiz uma promessa para ela e me curei; Sofri um acidente grave, fiquei entre a vida e a morte, mas graças à Santinha me salvei. No caso de Elizabeth, no entanto, essa crença não apenas ressalta a importância de Maria Bueno em sua trajetória pessoal, mas também legitima a atuação dela e do marido como gestores da capela.

FOTO 48 – CONSERTOS NA COBERTURA DO SACRÁRIO DE MARIA BUENO*



FONTE: Site www.mariabueno.com.br

*NOTA: A mulher que aparece na foto é Elizabeth

À época da minha primeira entrevista com Renato, ele afirmou que planejavam *iniciar o processo de canonização de Maria Bueno*. Um discurso religioso bem diferente daquele feito à minha colega de mestrado, Vanessa Durando, que colaborava comigo naquele Dia de Finados, fotografando a movimentação dos devotos enquanto eu conversava com eles. A ela, que é umbandista, Renato se apresentou como pai-de-santo. Como Vanessa entendia mais do que eu sobre cultos afro-brasileiros, apenas prestei atenção na conversa dos dois. Vanessa começou a conversa com Renato perguntando se Maria Bueno era da *linha das pombagiras*. O motivo dela interrogá-lo sobre isso foi a constatação de que alguns devotos deixavam velas vermelhas e pretas no velário de Maria Bueno. Renato se apressou em dizer (usando vocabulário religioso) que pela sua “*vibração*”, *Maria Bueno não se encaixava na linha de pomba-*

gira, e sim entre a linha dos caboclos e médicos. Conforme nos disse o pai-de-santo, cada entidade tem uma vibração específica e a vibração de Maria Bueno situa-se entre a dos caboclos e médicos. A discussão sobre a linhagem da santa não se estendeu muito, pois Renato mudou de assunto. Ao invés de especificar o lugar ocupado por Maria Bueno no panteão umbandista, ele preferiu falar da trajetória pessoal (religiosa).

Ele contou que *foi criado na religião católica. Na vida adulta tornou-se evangélico e depois ingressou na umbanda*. Renato revelaria ainda algo que eu não havia me dado conta até então: sua esposa também era umbandista. Elizabeth havia me falado de suas devoções sem deixar evidente qual era sua religião. Conforme descobri mais tarde, ela e o marido atuavam como mãe e pai-de-santo em um terreiro localizado no bairro Bacacheri, um dos mais populosos de Curitiba. À época estavam interessados, como eles mesmos diziam, em *começar um trabalho na capela de Maria Bueno*. Questionei se o *trabalho* que pretendiam desenvolver junto à capela era voltado para Umbanda. Renato respondeu que a intenção dele e da esposa era *cuidar de Maria Bueno porque ela estava abandonada*. Segundo o pai-de-santo, o casal estava envolvido com o melhoramento da capela e a produção de material de divulgação do culto para atrair novos devotos. Nos termos do próprio Renato, seu intuito era *fazer crescer a fé em Maria Bueno entre pessoas de todos os credos e religiões*.

No ano seguinte, período de eleições municipais de 2008, Renato concorreu ao cargo de vereador pelo DEM (Democratas). *Renato Pelintra*, como então se apresentava, propunha-se a legislar em prol da liberdade de culto e representar os espíritas e umbandistas na Câmara de Vereadores de Curitiba. Pouco tempo depois das eleições municipais eu soube que Renato e Elizabeth não estavam mais no “comando” da capela. A Irmandade Maria Bueno os havia destituído da função. Conforme o relato de Elizabeth⁶⁷:

Elizabeth : A Irmandade Maria da Conceição Bueno existe desde 1960. Ela foi criada para manter a Maria Bueno, (isto é) o túmulo da Maria Bueno e instituições que seriam criadas a partir de então. [...] O que aconteceu? Fizeram muita propaganda. Falaram que iam fazer Casa de Apoio e bla!bla!bla! Teve pessoas que fizeram doações altas. O que eles fizeram? Eles simplesmente colocaram uma senhorinha, chamada Adelaide na capela. A dona Adelaide era chata, mas ela cuidava da capela. Ela fez uma missão muito importante. Ela ficou (cuidando da) capela por mais de trinta anos. Na época dela as pessoas faziam pequenas doações, donativos.. Era tão pouco dinheiro que ela mal conseguia manter a capela. Quando ela morreu, a capela ficou vazia. Um pouco depois disso eu procurei saber quem eram os responsáveis. Consegui achar [...]. Ai então eu entrei com um trabalho grande. Comecei a pedir donativo para fazer a reforma da capela. A gente ganhou a textura da fachada que foi passada junto com a pintura, ganhamos a lajota do piso, dinheiro para com-

67 Elisabeth me concedeu uma entrevista onde explicou os conflitos que precederam tal substituição. Não vou divulgá-los em detalhes neste trabalho, porque Elisabeth tratou do assunto de maneira confidencial, aliás, ela condicionou sua entrevista à não divulgação de informações e opiniões suas a respeito da Irmandade.

prar uma bomba para bombear a água das enchentes. Trocamos os vidros quebrados. Até então a capela estava abandonada. Ninguém queria olhar para capela. Então o que aconteceu? A tal da presidente começou a visitar a capela. Ela via que eu tava reformando, eu pegava o dinheiro e transformava em material de construção para própria Maria Bueno. Ela me acusou, disse que eu estava me beneficiando com esse dinheiro. Daí ela colocou duas pessoas como membros da Irmandade. A Irmandade Maria da Conceição Bueno só é válida a partir de 12 membros, menos que isso ela não é válida. Se não existir Irmandade todos os bens que existirem no nome dessa organização, inclusive a capela, .deverão ser entregues à prefeitura de Curitiba. [...] Ela me tirou. Ela entrou pra dentro da capela e disse “eu sou a presidente, você está fora”.. [21 de agosto de 2009].

A gestão da capela no Cemitério Municipal virou pivô dos conflitos entre a Irmandade Maria Bueno⁶⁸ e o casal, Elizabeth e Renato. Desde a construção da capela de Maria Bueno (1961), a Irmandade Maria Bueno tem atuado como sua gestora, administrativa e religiosa. Nesse tempo, a família Azevedo sempre esteve à frente da entidade e da capela. Representada no primeiro momento por Arnaldo Azevedo, frequentemente citado como fundador da Irmandade Maria Bueno e responsável pela construção da capela. Depois da morte de Arnaldo Azevedo, Adelaide, sua esposa, assumiu a gestão da capela. Coube a Lenira substituir a tia, ficando responsável pelo “legado da família”. Segundo Elizabeth, foi a partir do falecimento de Adelaide que “a capela ficou largada”.

FOTO 49 - ADELAIDE AZEVEDO ESPOSA DE ARNALDO



FONTE: www.mariabueno.com.br

⁶⁸ Em Finados de 2008, segundo ano desta pesquisa, a nova diretoria da Irmandade Maria Bueno, composta por Lenira Azevedo e pessoas próximas, estava no comando da capela. Lenira assumiu a função de presidente, ficando a diretoria composta também pelo professor de filosofia Marciel Colonetti, na função de vice-presidente, a esposa de Marciel, Marelis, professora primária, assumiu a função de secretária e Jadir sobrenome a função de tesoureiro.

Desde o começo da minha pesquisa a presidenta da Irmandade Maria Bueno, Lenira Azevedo, mostrou-se avessa às entrevistas. Diferentemente de seu vice, Maciel, sempre cordial e disponível falar pela entidade. Maciel parece ter assumido a função que outrora foi desempenhada por Arnaldo Azevedo: atuando como porta-voz da Irmandade. É ele quem concede entrevistas à imprensa, divulga os projetos da Irmandade, assim como os milagres da santa. Como pode ser observado neste trecho da entrevista concedida por ele ao programa de TV “Tribuna da Massa” (Rede Massa afiliada do SBT) no Dia de Finados (2009), transcritos abaixo:

Repórter: “Estamos aqui com o vice-presidente da Irmandade Maria Bueno, Maciel. (ele pergunta): Maciel todas essas placas de agradecimento aqui no muro, são de devotos?”

Maciel: *Há muitos casos de cura. Essas placas são exemplo disso...*

Repórter: *Que tipo de contribuição [...] as pessoas trazem, durante o dia, porque o atendimento aqui no túmulo dela é de segunda a sexta, uma média de 100 pessoas e no dia de Finados uma média de três mil pessoas prestam homenagem aqui...*

Maciel: *As pessoas trazem muitas flores, algumas trazem peças de roupa, temos tudo isso guardado, estamos aguardando a aprovação da prefeitura, já entregamos toda documentação para liberação da sede da instituição [...] entregamos o ano passado para o doutor xxx, uma vez tendo a sede da instituição nós vamos colocar à disposição, todo material que as pessoas trazem. Mas, muitos trazem rosas, muitos contribuem financeiramente para manutenção da capela, que a irmandade é uma instituição sem fins lucrativos, foi criado em 1962, então, hoje onde está o corpo da Maria Bueno, está desde 1962 quando foi criada essa apela por um devoto. Muito devoto! Seu Arnaldo de Azevedo juntamente com outros devotos a partir daí muitas pessoas vieram buscar este milagre, o muro cheio de placas, excursões que vêm do Brasil inteiro e de fora do Brasil. Pessoas que vêm do Paraguai e da Argentina. Por isso até que a gente tem horário de atendimento. As pessoas que quiserem vir é importante vir no horário que tem alguém atendendo aqui de segunda a sexta feira da 15 às 17 da tarde, das 9 às 11 horas pela manhã.*

Repórter: *Só pra gente mostrar bem rapidinho no muro aqui de frente, não tem mais espaço são placas de pessoas que estão agradecendo alguma graça alcançada tem até foto de pessoas o muro está praticamente....A pessoa que vem aqui rezar recebe uma oração e uma fitinha e uma forma da pessoa ser homenageada por quem cuida aqui da capela da Maria Bueno. Quem quiser vir até o final da tarde pode passar por aqui quem sabe fazer o pedido. [Entrevista concedida por Maciel ao do programa TRIBUNA DA MASSA, do SBT, no dia 02 de novembro de 2009]*

Do estúdio de TV o apresentador cumprimenta sua equipe pela reportagem sobre Maria Bueno e tece alguns comentários sobre a devoção, antes de encerrar a entrada ao vivo:

Apresentado do programa: *Obrigada! Parabéns pela matéria! A entrevista ilustra também um pouco da história da Maria Bueno. A gente fica emocionado aqui porque não é possível, eu sou muito temente à Deus e eu não consigo imaginar que toda estas pessoas que passam por aí agradecendo seja apenas uma coincidência.[...].*

FOTO 50 - EQUIPE DE TV FILMA DIA DE FINADOS
E ENTREVISTA O VICE PRESIDENTE DA IRMANDADE MARIA BUENO MARCIEL



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2009.

Marciel costuma frisar em suas declarações públicas que desde 2008, quando a atual diretoria da Irmandade Maria Bueno assumiu, os esforços dele e dos demais diretores têm se concentrado na melhoria da capela. Em entrevista a outro jornalista, ele apontou que o maior problema a ser solucionado pela Irmandade é o desnível da capela. Ironicamente, na sua entrevista à “Revista Panorama” Arnaldo Azevedo afirma que a própria *Maria Bueno*, *incorporada em uma médium*, teria proposto que *a capela fosse construída abaixo do nível do terreno*. Quase meio século depois da construção, a “sugestão divina” tornar-se-ia um problema, pois a capela é constantemente alagada pelas águas da chuva e esgoto, demandando um projeto para elevá-la.

FOTO 51- DIA DE CHUVA FORTE E INUNDAÇÃO DA CAPELA



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

A construção de uma “sede para Irmandade” é outro tema que predomina no discurso público da Irmandade. É interessante notar que em suas entrevistas à imprensa, Marciel destaca repetidas vezes que estes dois projetos devem passar pelo crivo do poder público.

Marciel: *entramos com documentação junto a prefeitura que já está em tramitação e estamos aguardando uma resposta, entramos também com o pedido para melhorias aqui no cemitério municipal, principalmente em relação à rede de esgoto também em relação ao relevo só que teve uma mudança na administração do cemitério e isso ficou parado. Uma das propostas é que no futuro é de construir uma nova capela, mais elevada... Mas tudo é uma questão de conversar com a prefeitura. Eu já, nós já entramos em contato com vereador X com toda documentação da instituição. Agora é aguardar, existe toda uma tramitação. [02 de novembro de 2008].*

Aproveitando o Dia de Finados, data que a devoção a Maria Bueno ganha destaque nos meios de comunicação, ele expõe os projetos da Irmandade, mencionando nominalmente as autoridades e instituições públicas com as quais a entidade busca parceria, certamente com objetivo de estimular e/ou pressionar a negociação. Desde que a nova diretoria assumiu a direção da Irmandade Maria Bueno (em 2008) este tem sido o principal eixo de seu discurso. Em um ano e meio de gestão, como o próprio Marciel afirma *nada foi feito*. Segundo ele, porque todos os projetos da Irmandade dependem de outrem, isto é, não há como realizar as melhorias da capela sem a colaboração da administração do cemitério. Não há como construir uma sede para Irmandade sem apoio da prefeitura.

Às dificuldades encontradas para colocar em práticas esses projetos, o porta-voz da Irmandade contrapõe os feitos da instituição referentes aos *trabalhos sociais realizados*, como a doação de cestas básicas e roupas para *os necessitados*.

Quando questionado sobre o tempo em que a Irmandade permaneceu inativa, Marciel afirma que desde que foi criada (em 1962) a Irmandade nunca ficou inativa, *apenas houve um período que a presidente esteve doente e, portanto, impossibilitada de cuidar da capela*.

A diretoria atual teria retomado alguns projetos antigos, já empreendidos em outros momentos, por outras diretorias. É o caso do projeto de construção da sede da entidade.

Marciel: *Hoje a gente não tem nem sede. Nessa sede a gente pretende fazer uma capela de oração, também levar todos os objetos, criar uma sala de milagres. Porque a capela da Maria Bueno hoje é mais do que um lugar onde está o corpo dela, tornou-se um cento de turismo religioso, vem excursão de todo Brasil e até de fora do Brasil. Nós precisamos ter esse local por que a capela se tornou uma referência religiosa. [02 de novembro de 2008].*

E, adiante acrescenta:

Marciel: *A religiosidade é mista. Só para você ter uma idéia, alguns meses atrás teve gente da Igreja Universal aqui, da Assembléia de Deus. Pessoas de várias religiões. Eu estou fazendo mestrado na área de teologia, as vezes a gente percebe as Igrejas fazendo um ecumenismo. Aqui não precisa de Igreja, aqui ocorre sem precisar de cultos. As pessoas vêm fazer suas orações, os símbolos religiosos estão aqui*

e são respeitados independente de qualquer religião. Muita gente acha que tem ligação com espíritas, não tem ligação com centro espírita, nenhum. Não é da religião espírita. Aqui é uma instituição sem fins lucrativos. A presidenta, senhora Lenir, nos convidou, porque eram pessoas religiosas, pessoas de bem e que têm fé na Maria Bueno e queiram continuar o trabalho social de cuidar da capela. Ela fez o convite, nós aceitamos dentro da nossa limitação de horário. Eu trabalho, faço mestrado, dentro da disponibilidade estamos aqui. Muitos querem também fazer parte, mas fazer parte da instituição é mais do que vir aqui e ficar aqui, você tem que ver a devoção da pessoa. Muitos já falaram que querem fazer parte, que querem fazer parte da instituição, nós estamos até pegando o nome de alguns para quando abrir a sede, aí sim, quando tiver a sede nós vamos precisar de gente de todas as profissões: assistentes sociais, médicos e psicólogos. Para desenvolver trabalho social na sede da instituição. Hoje as pessoas querem, mas aqui não tem condição de fazer o atendimento às pessoas. Muito mais que o compromisso religioso e tem que ter compromisso social também. [02 de novembro de 2008].

Além de falar dos projetos da Irmandade Marciel acena com a possibilidade, ou pretensão, de inserir o culto a Maria Bueno no circuito contemporâneo do turismo religioso. Uma perspectiva que não estava presente na gestão de Elizabeth e Renato que primavam pelo discurso das *virtudes* da santa. Isto é, falavam em canonização, da inserção de Maria Bueno na *linha de cura*, da quantidade de milagres realizados por ela, indicando a possibilidade de legitimar o culto pela/através de uma religião (possivelmente a Umbanda).

O discurso da Irmandade, em contrapartida, aponta no sentido tornar o culto a Maria Bueno um “patrimônio histórico da cidade”. Daí a negociação com a prefeitura e busca de apoio do poder público na manutenção da capela. Nesse aspecto, a Irmandade parece trilhar caminho diferente do trilhado pelo casal de umbandistas, ao invés de buscar associar o culto a uma religião, estão buscando legitimá-lo junto à administração pública. Uma parceria com a prefeitura implicaria no reconhecimento da importância histórica do culto a Maria Bueno. Ao versar sobre a possibilidade do envolvimento da prefeitura com o culto, Marciel parece estar pleiteando este reconhecimento. Contudo, a irmandade não pode descuidar da legitimidade religiosa. Daí o discurso de acolhida a todos os devotos, o incentivo da propagação da devoção através dos objetos, entre outras “políticas de manutenção” do ícone religioso. Como a distribuição de santinhos com orações da santa e panfletos com o resumo da sua hagiografia.

O Dia de Finados se revela ideal para discutir questões como a canonização de Maria Bueno e, por conseguinte, sua história de vida. Quando os devotos insistem nesse assunto Marciel alega *que está buscando um padre ou uma freira que se prontifique a entrar com o processo de canonização, mas o custo é alto, demanda dinheiro e viagens*. Discurso que não se sustenta quando enunciado para alguém que não é devoto. Em conversa comigo, por exemplo, ele afirmou que *gostaria que Maria Bueno fosse considerada santa pela Igreja Católica, mas acha bastante difícil que isso aconteça, pois os padres não têm interesse na devoção*.

Essa dificuldade estaria diretamente relacionada às versões correntes sobre a vida de Maria Bueno. Desde que era comandada por Arnaldo Azevedo a Irmandade defende que *Maria Bueno levou uma vida muito sofrida e morreu em defesa da castidade*. Mas como demonstrei anteriormente, a construção da santidade de Maria Bueno ocorre em meio às disputas, onde pelo menos dois discursos concorrem na interpretação de sua história: o discurso devocional (hagiográfico) e o discurso contra-hagiográfico (dos homens letrados, dos clérigos, da imprensa, dos não devotos). O discurso sustentado pela Irmandade Maria Bueno encontra oposição do clero local, que periodicamente tem reiterado a *falta de virtude cristãs de Maria Bueno*, motivo pelo qual *ela jamais será santificada, pois seu comportamento em vida destoava completamente daquele definido pelo modelo canônico da Igreja Católica*.

Certamente, alguém que alega estudar teologia sabe que a legitimação do culto à santa curitibana via Igreja é improvável. Em última análise, a legitimação via Estado poderia ser pensada como instrumento para alavancá-lo. O fato de Maria Bueno ser cultuada por pessoas de várias religiões também favorece, ou pelo menos não prejudica, as aspirações da Irmandade que, a meu ver, é institucionalizar o culto independentemente das (im)possibilidades de canonização da santa.

Os membros da Irmandade gostam de enfatizar nas entrevistas à imprensa o longo alcance do culto, isto é, menciona-se muito o fato do santuário atrair devotos de outras cidades, estados (Minas, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul) e até de outros países (Argentinos, italianos, bolivianos); assim como a capacidade de abarcar todas as religiões e as diferentes necessidades dos fiéis.

De acordo com Jadir, tesoureiro da Irmandade, os pedidos feitos à santa são os mais diversos possíveis: *relativos a processos na justiça, doença, emprego, cura, amor, etc. Entre os devotos da santa há “espíritas”, o pessoal da Umbanda. Alguns umbandistas chegam à capela através dos terreiros, onde foram “batizados” por Maria Bueno, que se torna “madrinha” deles*. Jadir admite que: *o pessoal que administrava a capela no começo era mais próximo da Umbanda* — referindo-se a Arnaldo Azevedo. Na concepção dele, *Azevedo era mais espírita do que umbandista*. Porém, hoje, o perfil religioso da Irmandade *é mais católico*. Diante dessa afirmação aproveitei para questioná-lo sobre os *despachos* realizados nos arredores da capela. O tesoureiro então afirma: *é um “lugar público”*. Como eles dizem: *a Irmandade busca dialogar com diferentes religiões*. Talvez objetivando se construir como mediadora legítima de eventuais conflitos entre os fiéis de diferentes orientações religiosas que frequentam aquele espaço.

4.3 Considerações sobre as trocas econômicas e simbólicas

Tentei saber qual era a arrecadação mensal da Irmandade. A resposta foi que a Irmandade não divulga essa informação por *temer os aproveitadores*. Além da caixinha da capela, onde os devotos depositam suas contribuições ex-votivas⁶⁹, há uma conta bancária para doações e o lucro da venda de artigos religiosos.

Jadir ⁷⁰, que costuma cuidar da capela aos sábados à tarde, é o responsável por encomendar e comprar o objetos vendidos na capela (as estátuas, correntinhas, escapulários, etc). Ele que escolhe os fornecedores da Irmandade. Segundo ele, com base nos critérios estéticos. Isto é, ao invés de preferir preços baixos ele disse investir em artigos bonitos e de qualidade. Ou como ele mesmo diz *cuja pintura das estatuas seja bem feita, “suave”, de “estilo barroco”*.

FOTO 52 – IMAGENS DE MARIA BUENO
PRODUZIDA E VENDIDAS PELA CASA DAS PLACAS



FOTO 53 – IMAGEM DA SANTA
À VENDA EM LOJAS DE UMBANDA



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2009.

Na capela de Maria Bueno o devoto pode adquirir chaveiros (no valor de oito Reais); terços (no valor de dez Reais); dezenas para carro (oito Reais); dezenas menores (cinco Reais); “botons” (cinco Reais); escapulários (cinco Reais); correntinha com a satinha (quinze

⁶⁹ Vale acrescentar que é bastante comum os devotos pagarem seus votos com contribuições financeira. Pequenas e grande quantidades de doações para santa são depositados nesta caixinha, o valor mais alto que “flagrei” sendo depositado na caixinha de Maria Bueno foi de cinquenta reais.

⁷⁰ Jadir e sua esposa fazem parte da Irmandade desde 2008, antes moravam em outro estado. Ele se considera devoto, mas não “fervoroso” quanto a sua esposa, através da qual diz ter aprendido o culto.

Reais), cordão com pingente (cinco Reais); e colar de silicone com pingente (cinco Reais)⁷¹. Estes últimos deixaram de ser vendidos, segundo Jadir, por serem de baixa qualidade e ter pouca saída. Além de avulsos os artigos são vendidos em um “quitezinho”, como é definido por Jadir. Trata-se de uma sacola plástica contendo dois santinhos com a prece e história de Maria Bueno, também uma vela branca e um pingente. Este “quite” custa dois Reais.

Todos os objetos seguem um padrão de cores e a imagem da santa impressa neles, a mesma dos santinhos distribuídos na capela. Segundo Jadir, a imagem escolhida para estampar os objetos faz parte do acervo de Lenira (presidente da Irmandade), tratar-se-ia de uma foto muito antiga que foi ampliada e retocada.

FOTO 54 – CHAVEIRO DE MARIA BUENO



FOTO 55 – ESCAPULÁRIO DE MARIA BUENO



FOTÓGRAFO: Conceição Aparecida dos Santos, 2010.

FIGURA 16 - SANTINHOS DISTRIBUÍDO PELA IRMANDADE MARIA BUENO



FONTE: Objetos de culto distribuídos na Capela de Maria Bueno.

71 Valores praticados no mês de março de 2010.

O tesoureiro afirma que não gosta de vender os objetos na capela, pois considera o lugar inapropriado⁷², mas como a Irmandade não tem dinheiro para abrir uma loja (o que na opinião dele não valeria a pena) de modo que a comercialização tem ser na capela mesmo. Para ele, o projeto da irmandade de abrir uma Casa de Apoio vem a calhar neste sentido, pois neste espaço que planejam construir poderão comercializar os itens tranquilamente. Ele comenta ainda que os católicos gostam de ter um objeto, algo concreto que representa a santa, por isso pedem a eles todo tipo de artefato.

Faz tempo que objetos relacionados ao culto a Maria Bueno são comercializados e/ou oferecidos em Curitiba e região. Estes são vendidos não só pela Irmandade, como também pelo comércio religioso local. Fiz o levantamento destes objetos comercializados com ajuda da antropóloga Vanessa Durando, integrante do grupo de pesquisa constituído para o desenvolvimento do projeto “Santa de Casa Faz Milagre”⁷³. Em pesquisa preliminar, verificamos que os estabelecimentos comerciais que ofertavam as “mercadorias” relacionadas ao culto eram, principalmente, lojas de Umbanda (a maioria localizada no centro da cidade).

A pesquisa se estendeu também às lojas que vendem artigos católicos, mas nenhum objeto ou imagem de Maria Bueno foi encontrado no comércio católico. A explicação dos atendentes era de que por se tratar de santa *não canonizada não dispunham de imagens dela para vender em suas lojas*.

DIFERENTES TIPOS DE BUSTO DE MARIA BUENO ENCONTRADOS NO COMÉRCIO LOCAL



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2009.

⁷² Mais do que inapropriada a venda de objetos na capela, em tese, é proibida, conforme as normas administrativas do Cemitério Municipal de Curitiba: a venda de qualquer objeto no interior do cemitério é proibida. Tanto que no Dia de Finados não há vendedores circulando dentro do cemitério, apenas no seu entorno.

⁷³ Objetivo do projeto é realizar uma pesquisa sobre a devoção a Maria Bueno a ser publicada em um livro, financiado pela Fundação Cultural de Curitiba.

Foram catalogadas cerca de quinze lojas que vendem artigos da santa curitibana. Nestas foi possível encontrar os tradicionais bustos da santa (imagem mais comum) onde ora ela retratada mais branca, ora mais morena, geralmente, vestida de azul. Estamos falando de objetos variados, alguns vêm acompanhados da oração da santa.

FOTO 60 - IMÃ DE GELADEIRA COM IMAGEM DE MARIA BUENO



FOTO 61 – CHAVEIROS DA SANTA



FOTO 62 – MEDALHINHA E FITINHA DE MARIA BUENO



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2009 (foto 56 e 57); Vanessa Durando, 2009 (foto 58).

Esse comércio de objetos do culto a *Santa Curitibana* é sustentado por pequenos fabricantes (de fundo de quintal), onde as imagens são produzidas em pequena escala (de maneira artesanal) de acordo com a demanda. Mas há também os fabricantes especializados. É o caso da Casa das Placas, localizada no mesmo bairro do Cemitério Municipal de Curitiba (o São Francisco). Diferente dos pequenos fabricantes, a Casa das Placas oferece grande variedade de objetos religiosos, voltados ao ornamento e embelezamento do cemitério. Trata-se de uma loja especializada na fabricação e venda de objetos funerários. Com catálogos de produtos para túmulos. Vende também imagens religiosas, mas somente cristãs, entre os quais os bustos de Maria Bueno, e *não vendem nada ligado a Umbanda*, como diz o balconista. Os bustos confeccionados pela Casa das Placas são diferentes daqueles encontrados nas lojas de Umbanda. São de “estilo barroco”, como relata a dona do estabelecimento: *a pintura é bem acabada, em azul e vermelha com efeito craquelado*. Por esse motivo a Casa das Placas se tornou o fornecedor preferido de Jadir, que mencionou comprar também de um fabricante de São Paulo que disponibiliza os produtos através do site na internet. O site oferece modelos pré-fabricados através de um catálogo virtual, onde o comprador pode escolher as peças em que a

imagem padrão de Maria Bueno será impressa. O fabricante produz uma série de objetos sob encomenda (canecas, bonés, camisetas), mas ampliar a variedade dos objetos vendidos aos devotos não está nos planos da Irmandade no momento, segundo Jadir, isso seria algo para o futuro.

FOTO 63 – IMAGEM PRODUZIDA
PELA CASA DAS PLACAS



FOTO 64 – IMAGENS DESCARTADAS NO CEMITÉRIO
JUNTO AO TÚMULO DE MARIA BUENO



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2009.

A “saída” maior dos objetos do culto à santa é no Dia de Finados. Geralmente, os bustos, as medalhinhas, os chaveiros, fitinhas e santinhos começaram a ser produzidos nos meses de agosto e setembro para serem distribuídos e vendidos em larga escala no mês de novembro. Jadir não revela a quantidade de objetos vendidos, apenas que tem uma saída grande. Sobre as estatuetas vendidas pela Irmandade, vale dizer que são adquiridas quase que exclusivamente na Casa das Placas. Isso define o padrão estético dos objetos disponibilizados (gratuitamente ou vendidos) aos devotos pela Irmandade. Jadir explica que a escolha deste fornecedor foi motivada por questões estéticas: *as imagens deles são melhores, mais suaves do que as outras imagens disponíveis no mercado, produzidas pelo pessoal do Candomblé* — que ele qualifica de *toscas e feias*.

De acordo com Jadir, a venda de objetos e as doações em dinheiro é o que mantém a capela. A maior parte das arrecadações estaria sendo destinada à reforma da capela, a prioridade do momento. Sobre o financiamento para tais reformas, afirma que pensa conseguir a maior parte dos recursos com devotos, que já teriam se prontificado a doar o dinheiro necessário. O que falta, segundo ele, é um projeto arquitetônico e a licença da prefeitura para iniciar a obra.

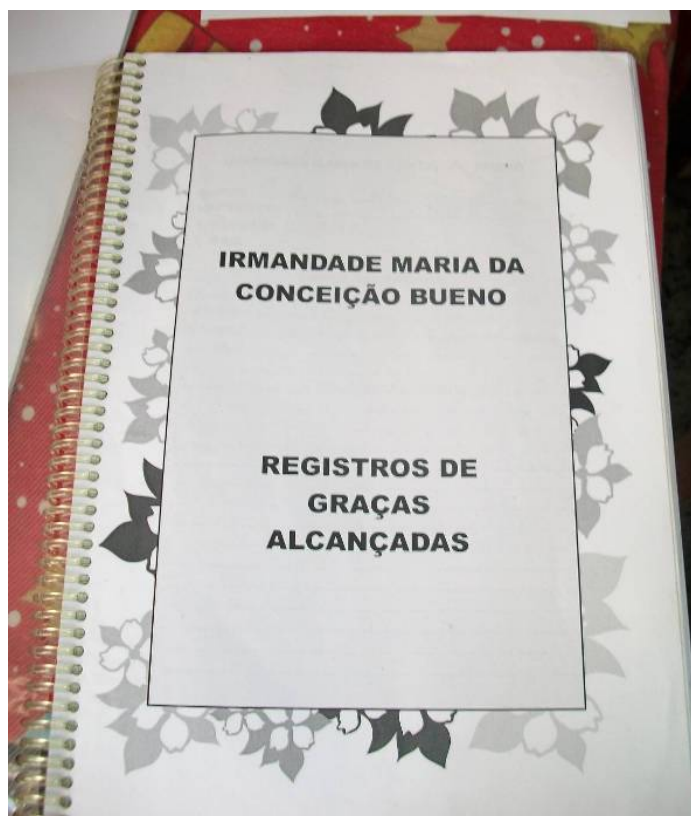
A respeito da arrecadação mensal (entre doações e venda de objetos) Jadir reafirma que foram instruídos a não revelar quanto a Irmandade arrecada, pois *a presidente não gosta que se fale em valores*. O motivo alegado é *que as pessoas acreditam que circule muito dinheiro na capela*, isso teria ocasionado algumas situações desagradáveis, ele cita como exemplo *a vez que uma senhora que trabalhava no túmulo teria sido sequestrada*. Por isso, acha prudente não falar do assunto. Jadir repetiu várias vezes ao longo da entrevista que *a Irmandade não pede dinheiro para os devotos*. Embora se fale em *arrecadação de recursos para reformar a capela* e os apelos às doações estejam em cartazes na parede da capela, nos santinhos distribuídos aos visitantes, questões envolvendo dinheiro foram frequentemente respondidas com evasivas. Os membros da Irmandade deixaram claro que não gostam de falar deste assunto.

4.4 Para além das questões econômicas

Outro tema delicado diz respeito aos “arquivos e acervo da Irmandade”. Assim que iniciei a pesquisa tentei consultá-los. À época Elizabeth me havia dito que todos os ex-votos acumulados ao longo das décadas, bem como a papelada referente à capela e à Irmandade estavam com Lenira. Quando a conheci argumentei que gostaria de saber mais sobre o “passado do culto e da entidade”. Pretendia obter autorização para pesquisar e fotografar o “acervo devocional”. Na ocasião ela disse que *em breve, quando a Irmandade conseguisse construir sua sede, esse material seria disponibilizado ao público*. Ela planejava criar um arquivo e uma *sala de milagres* com tudo que os devotos deixaram na capela ao longo dos anos. Por fim, negou-me acesso aos ex-votos, objetos e documentos que estavam com ela.

Tempos depois voltei a tocar no assunto. Desta vez em conversa com Marciel. A princípio ele alegou que teria que discutir a questão com restante da diretoria. Posteriormente, disse que o acervo estava *bem guardado* com a presidenta da Irmandade que, *em respeito aos devotos*, não permitia a ninguém pesquisá-lo. Nas palavras dele, *os devotos não iam gostar de ver seus depoimentos pessoais e ex-votos estampados nos jornais*. Segundo Marciel, a maior parte da papelada da Irmandade era composta por textos produzidos pelos devotos, isto é, testemunhos e agradecimentos que ficam registrados nos *livros dos milagres* (uma brochura onde os devotos costumam escrever seus relatos ao visitarem a capela). O acervo da Irmandade incluiria ainda fotos, bilhetes, peças de roupa, em fim, objetos que poderiam “expor a privacidade dos devotos”.

FOTO 65 – O LIVRO DOS MILAGRES



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008

Os rituais que precederam à construção da capela também é um tema “indigesto”, sobretudo para a presidenta da Irmandade. Quando comentei que havia lido uma entrevista do tio dela (Arnaldo) ela se apressou em dizer que *os jornais publicam muitas mentiras*. Ela afirma: *o tio era meio confuso, sonhador* — mudando de assunto em seguida.

Essa reserva em relação a questões financeiras, às “origens” da Irmandade, parecem ter se intensificado com os conflitos envolvendo o casal Elizabeth e Renato. Agentes que, nos últimos três anos, vêm concorrendo pelo controle da capela de Maria Bueno, que pode ser considerado o *locus* da “economia simbólica”, ponto de onde as trocas entre devoto e santo são organizadas.

De saída, os dois lados concordam que as doações e o comércio de imagens e “suvenires da santa” são meios legítimos para manter a capela. Ou seja, a recriminação não recai sobre a associação entre prática econômica e religiosa, mas sobre a apropriação econômica em si. Lenira acusou Elizabeth de se apropriar das doações dos devotos. Acusação que foi reiterada pelos demais membros da Irmandade. Desde que a Irmandade se rearticulou assumindo a gestão da capela, porém, passou a ser alvo das mesmas acusações, da parte de Elizabeth, que afirma que a *Irmandade não existe, pois para existir teria que contar com 12 mem-*

broso efetivos e aqueles que se dizem diretores da Irmandade Maria Bueno só querem se beneficiar do culto a Maria Bueno. Pensando a questão pela ótica proposta por Pierre Bourdieu (2004), estes conflitos em torno da “posse” e da “gestão” da capela de Maria Bueno representam o enfrentamento entre **agentes dentro de um campo religioso**⁷⁴, onde cada um dos agentes utiliza estratégias e discursos que visam legitimar a própria atuação e, ao mesmo tempo, deslegitimar os concorrentes.

Arrisco-me a dizer que a disputa entre a Irmandade e casal de umbandistas não era, a princípio, uma disputa por “capital simbólico” religioso. Inicialmente não verifiquei disposição em nenhuma das partes envolvidas no conflito de demarcar ou aprofundar essa ou aquela visão religiosa. Nem do lado umbandista (representado por Elizabeth e o marido) sobre as demais que se articulam em torno da devoção a Maria Bueno. Nem do lado da Irmandade que, pelo menos no discurso, prega o “ecumenismo”, reage com condescendência em relação à inserção da capela no circuito dos cultos umbandistas.

Em certas situações os dois lados agiam com mais condescendência em relação às práticas das *outras doutrinas religiosas* do com as deles próprias. Como ilustra a atitude de Elizabeth e Renato que, enquanto estiveram à frente da capela orientavam os umbandistas a não realizar *despacho* no velário de Maria Bueno, mas, sim, na *Cruz das Almas, porque na capela da santa “não era lugar de despacho” e ali passava gente de todas as religiões, alguns podiam não gostar*. Ou seja, ao invés de utilizar o *despacho* para indicar aos signatários de outras religiões que havia “umbandista na área”. O discurso de Elizabeth e seu marido, bem como dos membros da Irmandade, não é de quem tenta demarcar posição religiosa, mas se colocar na posição de diálogo com todas as religiões.

Neste ponto, convém recobrar o discurso do porta-voz da Irmandade que garante que *a religiosidade na capela de Maria Bueno é mista; até gente da Igreja Universal, da Assembleia de Deus visitam o local; não precisa de Igreja, porque no túmulo de Maria Bueno o ecumenismo ocorre sem precisar das igrejas (...) as pessoas vem fazer suas oração, os símbolos religiosos são respeitados independente de qualquer religião*.

Em suma, a concorrência desses agentes não parece ser “pelo domínio e administração dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder de inculcar nos leigos um *habitus* religioso.”(BOURDIEU, 1998, p. 57, grifo meu).

⁷⁴ A noção de campo de Bourdieu (1998) caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna. Trata-se de uma categoria que serve de instrumento a análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde a um campo específico no qual são determinadas as posições sociais dos agentes e onde se revelam figuras “com autoridade” ou “sem autoridade”, detentoras ou despojadas de recursos ou poderes essenciais para determinada prática social.

4.5 Para além da institucionalização

GRUPO DE NOVIÇAS VISITA A CAPELA DE MARIA BUENO NO DIA DE FINADOS 2009

FOTO 66



FOTO 67



FOTO 68



FOTÓGRAFA: Geslline Braga, 2009.

A devoção a Maria Bueno existe faz mais de cem anos, neste tempo não foi reconhecida formalmente por nenhuma instituição (católica, umbandista ou espírita). Mesmo que existam pais e mães-de-santo que incluam a santa em rituais em seus terreiros, em última análise, Maria Bueno não tem um lugar definido no panteão umbandista, como mostrarei adiante. É considerada santa pelos católicos, mas está longe de ser aceita pelo clero local, embora no Dia de Finados seja possível testemunhar padres e freiras indo a sua capela reverenciá-la. Para Federação Espírita do Paraná, a figura de Maria Bueno é “espiritualmente irrelevante”, isto é, as associações espíritistas não costumam a equiparar aos *guias espirituais* como querem os devotos que buscam seus conselhos através dos rituais mediúnicos. Sua imagem está no altar de alguns terreiros, entre *entidades* consagradas, do mesmo modo é possível encontrar oferendas às entidades da Umbanda nos arredores de sua capela, mas os umbandista, via de regra, afirmam que ela excepcionalmente incorpora nos terreiros.

A maioria dos devotos de Maria Bueno possui uma religião na qual se refugia, busca a salvação, proteção e milagres, enfim, como muitos deles mesmos dizem: *buscam um significado para suas vidas*, pois acreditam que *sem religião (fé) as pessoas não são nada*. O fato de ter religião com santos e entidades consagradas oficialmente, não os impede de se voltarem para santos não-oficiais considerados capazes de “restabelecer a ordem” em suas vidas; e aos quais muitas vezes o devoto recorre em momentos críticos ou de crise.

4.6 Pedir, Receber, retribuir

À primeira vista, a construção de uma capela, a criação de uma Irmandade para gerenciá-la, os conflitos entre agentes que disputam à gestão deste espaço seriam indicadores de um processo de institucionalização da devoção a Maria Bueno. Contudo, estas iniciativas não se traduziram em sistematização ou purificação das práticas e representações religiosas relacionados à santa curitibana. O culto a Maria Bueno continua se caracterizando pela não-institucionalização religiosa. Para mim, na ausência dessa institucionalização o que sustenta a devoção é o sistema de trocas de bens simbólicos, onde a *promessa*, a *graça* e o *pagamento da promessa* ou *da obrigação* estabelecem a coesão e ligação dos devotos com a santa.

FOTO 69 – MARIA BUENO NO *CONGÁ*
CASA DE AMOR, HUMILDADE E CARIDADE PAI JOAQUIM DE ANGOLA



FOTÓGRAFA: Vanessa Durando, 2009.

O termo *troca* será empregado aqui conforme a análise de Mauss (2003), dos significados da *dádiva* entre homens e entre homens e deuses. Segundo o princípio da *dádiva* todos devem *dar, receber e retribuir*. Ninguém deve ser impedido de trocar, sob o risco de prejuízo da coesão social, da identidade e das graças dos deuses. Para Mauss (2003, pp.62-63) “essas trocas e esses contratos arrastam em seu turbilhão não apenas os homens e as coisas, mas os seres sagrados que são mais ou menos associados a eles [...]. São eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo. Era com eles que era mais necessário trocar e mais perigoso não trocar. Inversamente, porém, era com eles que era mais fácil e mais seguro trocar.” Neste sistema de trocas, estão incluídas as rosas, as velas, as placas, entre outros itens empregados pelos devotos para agra-

decer sua santa. As doações em dinheiro ou a compra de objetos cuja venda destina-se à manutenção e melhoria da capela também podem ser entendidas como formas de retribuição.

ROSAS COMO RETRIBUIÇÃO ÀS GRAÇAS DA SANTINHA DE CURITIBA

FOTO 70



FOTO 71



FOTO 72



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida do Santos, 2009 (fotos 70 e 71); Geslline Braga, 2009 (foto 72).

No Dia de Finados milhares de rosas vermelhas são levadas ao mausoléu de Maria Bueno. Em geral, as pessoas retribuem as *graças alcançadas* com apenas uma rosa, mas há aqueles que oferecem dezenas de buquês de rosas e outras flores como retribuição às *graças alcançadas*.

FOTO 73- AGRADECIMENTO A MARIA BUENO



FOTO 74 - FREIRA REZA PARA MARIA BUENO



FOTÓGRAFA: Conceição A dos Santos, 2008.

“As oferendas aos homens e aos deuses também têm por objetivo obter a paz com uns e outros. [...]. Percebe-se como é possível iniciar aqui uma teoria e uma história do **sacrifício-contrato**.” (MAUSS, 2003, p. 207, grifo meu). Os ex-votos, as penitências, assim como a ajuda financeira para manutenção da capela (através da compra de objetos ou doação) denotam a certeza dos devotos de que **“os deuses que dão e retribuem estão aí para dar uma grande coisa no lugar de uma pequena coisa.”** (Id., 2003, p. 208, grifo meu).

Os fiéis mais assíduos vão ao cemitério deixam velas e flores para *Santinha*, mesmo quando não realizaram *promessa* alguma. Afirmam que esse gesto visa retribuir *inúmeras graças alcançadas*. Simbolicamente, o poder de ofertar da santa é significativamente (maior), então resta ao devoto, *seu eterno devedor*, buscar lhe retribuir *na medida possível*. Isso expõe os termos das relações comerciais e simbólicas desse sistema: onde o devoto se considera *devedor da santa* e as campanhas e empreendimentos levadas a cabo pelos gestores do santuário de Maria Bueno proporcionam a ele uma possibilidade a mais de retribuir *as graças alcançadas*.

Pude observar que a disputa entre aqueles que concorrem pela gestão das retribuições financeiras a Maria Bueno não tem repercussão junto aos devotos. Contudo, em 1988, essa disputa acabou sendo pautada pela imprensa, conforme ilustra a matéria jornalística “Está crescendo devoção a Maria Bueno” do jornal “Gazeta do Povo”, publicada às vésperas do Dia de Finados:

[...] Todo ano, por ocasião do Dia de Finados, Antonieta Barcellos troca a pintura da capela e embeleza o túmulo de Maria Bueno para o grande fluxo de peregrinos registrado nessa época. Contudo, a generosidade dos visitantes é suficiente para garantir a manutenção das floreiras sempre repletas. Antonieta recebe os devotos e distribui um panfleto com a oração de Maria Bueno. A contribuição dos visitantes é espontânea. Antonieta se confessa feliz por cuidar da capela. Ela vive do dinheiro da aposentadoria e das contribuições dos devotos e garante que o seu trabalho é voluntário. Entretanto, Maria Bueno não se transformou apenas em santa cultuada pela população, sua imagem passou a ser comercializada, como acontece em todos os centros de peregrinação existentes no Brasil. No panfleto que contém a oração à santa, também há um apelo para que os devotos cooperem com a construção da casa Maria da Conceição Bueno. Em seguida, é indicado a conta bancária nº 34.071-9, da agência, Dr. Muricy do Banco Banestado. Esta conta é de uma entidade designada como “Irmandade Maria da Conceição Bueno”, cujos titulares são Lenira Azevedo e Fernando M. Souza. Na verdade, a capela de Maria Bueno no Cemitério Municipal é administrada por Adelaide Azevedo, viúva de Arnaldo Azevedo, o idealizador do templo. Antonieta Barcello não esconde suas suspeitas sobre o destino das contribuições dos fiéis. Pela manhã é ela quem recolhe as doações dos devotos, mas na parte da tarde, quando é maior o número de fiéis em visita ao túmulo de Maria Bueno é a vez de Adelaide Azevedo receber as contribuições. Porém, as duas zelam pelo local e destinam parte do dinheiro para impressão da oração da santa. Para os numerosos devotos que visitam o túmulo de Maria Bueno essas disputas pelas contribuições passam despercebidas. Os fiéis vão implorar alguma ou agradecer benéficos já alcançados. Para os devotos o que importa é a fé, mesmo que a Igreja desaprove esse culto. Nos próximos dias, mais uma vez o túmulo de Maria Bueno deverá ser o mais visitado do Cemitério Municipal e sua lenda deve continuar viva na memória popular. (GAZETA DO POVO, 30 de outubro 1988, p.07).

Há muito Malinowski observaria entre trobianeses o chamado *free gift*, **doações unilaterais, aquilo que não pode ser retribuído**. De acordo com Mauss, este tipo de dádiva só é possível porque o receptor é colocado (permanentemente) em condição de inferioridade em relação àquele com quem estabelece relações recíprocas. No caso do milagre, a dádiva recebida jamais é retribuída por completo, em outras palavras, *pagar uma promessa* feita a um santo nem sempre significa a conclusão da relação de **reciprocidade** estabelecida com ele. As vezes a *graça*, o *milagre* é **dádiva** a ser retribuída a vida inteira.

Na visão de muitos devotos, aquilo que Maria Bueno lhes concedeu não poderá jamais ser retribuído: a vida de um filho, a cura de um câncer, a reabilitação depois de um acidente; a libertação da prisão. Até mesmo a concessão de graças “mais ordinárias” (conseguir emprego, reatar com namorado, passar em um exame escolar ou no vestibular) os coloca na posição de permanentes endividados. Frente a tudo isso, não seria de tudo absurdo comparar o Dia de Finados ao *kula* malinoskiano, ritual que não se limita à troca de objetos (braceletes e colares), mas atualização da reciprocidade dentro de um circuito de trocas aberto. Correlativamente o Dia de Finados pode ser imaginado como circuito de troca aberto, composto pela sobreposição de vários circuitos de trocas generalizadas, que não se encerra necessariamente com a prática da troca. No caso da devoção, assim como no *kula* o circuito se funda na dívida permanente, que implica em reciprocidade que pode incluir novas gerações.

Janaína, 13 anos, chegou ao cemitério acompanhada dos pais. Enquanto a menina colocava rosas (vermelhas) nos vãos das grades da capela, o pai rezava perto dela, e mãe se afastava em direção ao velário. Pai e filha permaneceram em frente à capela rezando de mãos dadas. A mãe não participou das orações, manteve-se à distante. Em conversa me disse: *É a minha filha que está pagando a promessa*. Era a primeira vez que ela (Maria), o marido (Jair) e filha (Janaina) visitavam a capela de Maria Bueno. Enfatizou que Janaina havia feito uma promessa para o pai *deixasse o vício da bebida*, como havia alcançado a *graça* estava ali para retribuir. Foi através de uma amiga que ela soube que Maria Bueno era *uma santa muito poderosa*, que atendia prontamente os pedidos. Maria persuadiu a filha realizar a promessa, mas o marido não sabia disso. Para todos os efeitos, a iniciativa de realizar o pedido partiu de Janaína que prometeu a Maria Bueno que *se o pai parasse de beber iria levar um buquê de rosas e um maço de velas ao seu túmulo*. Janaína garantiu que *o pai havia parado de beber com ajuda da santa*. Jair, por sua vez, confirmou ter *largado o vício* e, por isso, *fazia questão de acompanhar a filha no cumprimento do voto*.

Ao longo do percurso, Jair ficou visivelmente emocionado ao falar da graça alcança. Por sinal, mesmo sendo a primeira vez que ia ao túmulo de Maria Bueno, ele se comportou

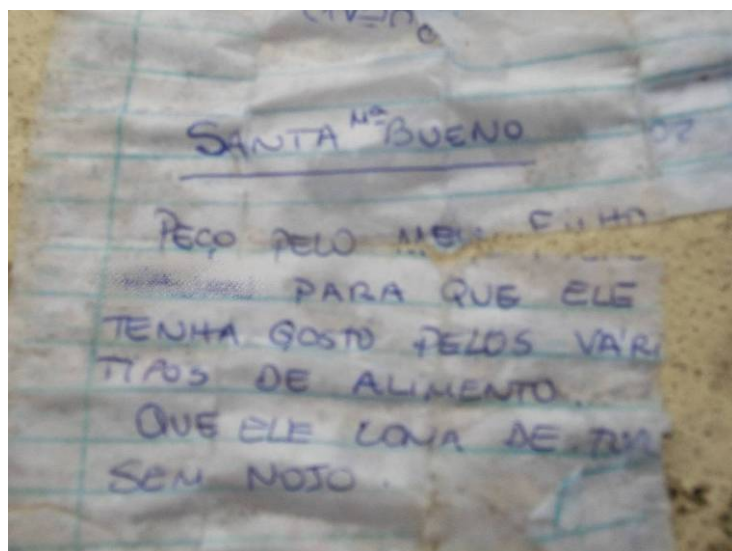
como um devoto fervoroso: rezou de olhos fechados e pareceu bastante emocionado durante o ritual. Ao contrário da esposa que agia de forma quase burocrática (instruindo a filha no cumprimento do voto), como que pretendendo se “isentar” do ritual idealizado por ela. Minha leitura do comportamento pretensamente “isento” de Maria é que se tratava de uma estratégia. Engenhosamente, ela orientou a filha adolescente a interceder pelo marido alcoólatra, tornando-a mediadora dos conflitos conjugais. O “engajamento” de Janaína (filha única) na resolução do *problema* (alcoolismo) do marido, segundo Maria, foi determinante: — *A gente estava quase se separando, mas daí a Janaína fez o pedido e deu tudo certo*. Ou seja, além de contar com a (recém descoberta) santa curitibana, Maria apostou na relação do marido com a filha para atingir seu objetivo. Ela revelou que o alcoolismo do marido *estava acabando com seu casamento*. As brigas constantes haviam desgastado a relação conjugal, enfraquecido o vínculo marido-mulher. Penso que, a intenção de Maria ao “recrutar” Janaína para realizar o voto era mostrar para Jair que o vínculo com a filha também estava ameaçado pelo seu vício⁷⁵.

Os pedidos endereçados a Maria Bueno são os mais variados: ajudar nos conflitos conjugais, nas questões de saúde, problemas com a justiça, assim como de ordem financeira. As formas de se fazer o pedido variam, pode ocorrer no espaço do cemitério ou fora dele como, por exemplo, em casa, mediante reza, acendimento de vela e assim por diante.

Atrás da porta da capela da santa há uma caixinha onde os devotos podem depositar pedidos escritos. Obviamente que não tive acesso a estes pedidos, que a Irmandade Maria Bueno mantém trancado no bauzinho, mas, quando a capela está fechada os devotos deixam seus bilhetinhos nos vãos da porta e do respiradouro metálico, a alguns dos quais acabei tendo acesso. Os devotos improvisam escrevendo seus pedidos em cupom fiscal de supermercado, no verso de panfleto promocional, guardanapo de papel ou qualquer outro papel disponível.

75 O caso da família de Maria e Jair ilustra a significativa participação feminina no desenvolvimento e divulgação de cultos como o de Maria Bueno. Além de propagar a devoção, são elas também que “agenciam” o contato com o sagrado. Avisam as amigas, envolvem as filhas, desempenham o papel de intercessora. Com a devoção à Maria Bueno não é diferente, são elas que, majoritariamente, difundem o culto e atraindo novos devotos. Em muitos casos são as mães, esposas, filhas que apresentam e integram seus pais, filhos, maridos e namorados no culto a santa curitibana. Ou seja, é através delas que muitos deles se tornaram devotos. Na maioria das vezes eles são os “beneficiários” das preces, embora a pessoa que fez o pedido é que estabeleça o “contrato” com a santa, o benefício é pedido e concedido a outrem. No caso de pedidos escritos em bilhetes, a grande maioria é em benefício de outrem, a pessoa em geral faz o pedido, coloca o nome do beneficiário e assina em seu próprio nome, indicando que ela que cumprira a promessa caso a pessoa para quem pediu seja beneficiada. Interessante é que mães, esposas e filhas sempre dão um jeito de introduzir os homens na devoção, de transformá-los em devotos da santa.

FOTO 75 – BILHETE COM PEDIDOS DEIXADOS NA CAPELA DE MARIA BUENO



Fotógrafa: Conceição Aparecida dos Santos, 2008

Maria Bueno, peço pra que o XXX dê certo no serviço de som no Colégio XXX que o responsável goste dele e fique com ele lá e que meu sobrinho XXX deixe do vício da bebida para sempre. Ficarei grata a você para sempre. Por favor, olhai e protegei meus filhos e esse neto que está por vim. Assinado: R.

Maria Bueno faça meu marido XXX abandona o vício da bebida para sempre. Ficarei grata pelo resto da minha vida.

Deis senhora a graça de abençoar a XXX. Saude, paz e amor e toda sua família. Amém que sejam felizes, Amém.

Que eles briguem que ela leve ele para bem longe que santa afaste ela do meu namorado.

Os bilhetinhos e cartas endereçadas aos santos é tradição religiosa de ampla difusão no Brasil, sendo encontrados nas “salas de milagres” dos santuários católicos mais populares. Segundo Márcia de Moura Castro (1994), a chamada escrita ex-votiva (composta de bilhetes e cartas de agradecimento aos santos) deriva da tradição portuguesa das *tábuas votivas*, introduzida no Brasil no período colonial. Estas consistiam em representações dos milagres através de desenhos e pinturas.

Os devotos buscavam representar o “processo de ação de graça”, através de quadros que retratavam a aflição do pagador da promessa (que aparecia doente, prostrado, sofrendo); o momento do voto (ilustrado pela imagem do devoto diante da imagem de seu padroeiro fazendo o pedido); e o restabelecimento, o êxito obtido intermédio do santo. Segundo a autora, essa tradição de representar o processo taumatúrgico através dos ex-votos pictóricos teria evoluído para escrita ex-votiva, onde as cartas relatando o sofrimento que levou o fiel a recorrer à intercessão divina substituem as antigas ilustrações. O bilhete, por sua vez, seria a versão resumida destas cartas.

No caso estudado, no entanto, predominam os bilhetes como pedidos à santa. Cartas e bilhetinhos de agradecimento são mais raros. As placas colocadas na parede em frente ao mausoléu de Maria Bueno cumprem essa função.

FOTO 76 – ORAÇÃO A MARIA BUENO



FOTÓGRAFA: Geslline Braga, 2009

Neste ponto, considero fundamental ressaltar a diferença entre pedido por escrito e o pedido através da prece. A primeira questão a ser destacada sobre os bilhetes encontrados na capela de Maria Bueno é que, boa parte deles versa somente sobre os pedidos, não fazendo referência à *promessa*. Alguns são concluídos com frases como: *ficarei grata pelo resto da minha vida, serei eternamente grata* o que, em última análise, pode ser considerado um voto (compromisso de gratidão eterna).

Em nenhum dos casos, porém, os bilhetinhos se enquadram na definição (*stricto sensu*) de *prece* proposta por Mauss. Ocorre que a oralidade é a chave da análise apresentada no ensaio *A Prece* (de 1909), cuja questão central é: porque as pessoas acreditam que determinadas palavras ditas com um objetivo podem produzir efeitos sobre o mundo e sobre os deuses? A partir dessa questão é que Mauss chega à seguinte definição: *prece é um rito religioso, oral, diretamente relacionada com as coisas sagradas*.

Como sublinhou Mauss (1981), ação e pensamento estão estreitamente unidos na oração. Maria Bueno conta com quatro orações: uma elaborada pela Irmandade Maria Bueno e outras três de autoria desconhecida. Porém, do mesmo modo que os bilhetinhos, estas oração não se enquadram de antemão na definição de *prece* como *rito religioso oral*.

1. HINO

Maria, eu venho de longe
 Pedir-lhe em oração: saúde, paz e alegria
 Para mim e para todos os meus irmãos
 Maria, Maria, Maria da Conceição
 Volte os teus olhos e
 Atende o teu povo em oração
 Na beleza da tua face, na paz
 Do teu lindo olhar
 Tu pisas no céu entre flores
 És irmã da estrela a brilhar
 E cada um que chega, Maria
 Na capela a orar
 E traz uma rosa aos teus pés
 Quer uma graça alcançar.
 De mãos erguidas Maria
 Vimos te agradecer
 As graças de todos os dias
 Poder visitar-te e te ver
 Agradeço Maria
 As graças já recebidas
 Segura nas minhas mãos
 Hoje, sempre e por toda a vida.

2. ORAÇÃO DE MARIA DA CONCEIÇÃO BUENO

Na cruz, Jesus foi sacrificado... e vós na cruz não foste sacrificada, mas foste sim, sacrificada mas sem o veredictum de um tribunal. Por um algoz terrível, pior ainda que Judas. Apenas raiava o dia 29 de janeiro de 1893, quando o silêncio era profundo, nesta cidade de Curitiba. **Recebias, como Jesus, o amargor da traição, recebias, na vossa inocência o bilhete falso da sentença de morte... Na emboscada da encruzilhada, daquela madrugada. Vós morrestes em defesa de vossa honra, de joelhos morrestes, implorando ao Pai, Misericórdia. O Pai vos chamou, o povo chorou e vos santificou.** Hoje o chão de Céu pisas. Mas em nossos corações ainda vives e aqui, ao Pai, nosso Deus rogamos daí à nossa protetora Maria da Conceição Bueno, força e poder. Para que ela com sua imaculada bondade, possa cada vez amais e mais, ajudar a todos aqueles que a vós imploram. Maria da Conceição Bueno, nossa protetora nós vos agradecemos pelas milhares de graças que nos tem concedido, e com a mesma fé que vós, em prece, rogava a Vossa madrinha, Nossa Senhora da Conceição. Nós a vós rogamos... Olhai por nós, olhai pelos que sofrem. Olhai pelos que vos imploram, olhai pelas criancinhas. Olhai pelos doentes, olhai pela vossa Pátria. Olhai por todos. *Que assim seja. Amém.*

3. PRECE À MARIA BUENO

Maria Bueno, alma santificada pela vontade do povo e por causa das inúmeras provas de milagres que haveis em benefício dos que dirigem a vós: mártir que soubeste sofrer sem gemido até os últimos momentos de vida: que preferiste a decapitação, a morte cruel e violenta, do que vos entregardes com vida ao vosso algoz, que foste e continuas a ser benigna e piedosa: tende pena de (dizer o nome da pessoa par que se pede) , dai-lhe (ou dai-me) saúde, curai (dizer o nome ou curai-me) dos males que o afligem (ou me afligem), fazei, enfim, com que lê (ou eu) seja feliz, possa trabalhar e sustentar a sua (ou minha) família. Maria Bueno, sede intermediária junto a Jesus Cristo e atendei esta minha súplica que em troca do favor que me fizerdes, também socorrerei os pobres, acenderei velas sobre o vosso túmulo e rezarei sempre pela vossa alma. *Amém.*

4. ORAÇÃO A MARIA BUENO

Minha querida Maria Bueno, Espírito Iluminado, Mensageira de Cristo na Terra, junto às criaturas vulneráveis como nós! Eu venho pedir o auxílio certo para as minhas dificuldades, pois tenho certeza que serás a minha protetora e me ouvirás, como sempre fazes quando estou desamparado(a). Com a tua assistência, meu pedido não ficará no esquecimento. Imediata resposta obterei de ti. Portanto, confio e entrego em suas mãos espirituais o meu problema que é... (dizer o problema e a graça desejada). Maria Bueno, sinto o meu espírito tão agitado, desesperado, amargo como fel por esta provação que me invade. Ser de Luz, tenha pena de mim, ajuda-me como melhor achares, faz com que tudo chegue aos caminhos certos para que a alegria, a saúde e a paz voltem ao meu espírito atormentado. Por tudo, muito obrigado(a). Em troca de tua maravilhosa ajuda, prometo socorrer todos os que mandares em meu caminho, *Amém!*

Investiguei a origem dessas orações, no entanto, não obtive êxito. O *Hino* estava escrito em um pedaço de papel datilografado que encontrei no acervo da Biblioteca Pública do Paraná: não constava assinatura, apenas uma data no pé da página: 02/12/78 (talvez a data em que foi escrito). A “Oração de Maria da Conceição Bueno” (número 2) fazia parte do mesmo acervo, estava em um panfletinho dos que a Irmandade Maria Bueno imprime e distribuí desde os anos de 1960. Ao comparar a oração deste panfleto antigo como os que são distribuídos atualmente, notei que um trecho (em negrito) havia sido modificado. O vice-presidente da

atual diretoria da Irmandade Maria Bueno afirmou não foram eles que fizeram a alteração. Apenas reproduziram uma versão já existente⁷⁶. O trecho reescrito ficou assim:

[...] *vós, quando a vida sorria cheia de alegria e esperança, recebia como Jesus, o amargor da traição, recebia na vossa inocência o bilhete falso da sentença, a sentença da morte... Na emboscada da encruzilhada daquela madrugada, vós morrestes, morrestes, implorando ao Pai misericórdia. O pai vos chamou, o povo vos santificou. Hoje o chão do céu pisa, mas em nosso coração ainda vives. E daqui ao Pai nosso Deus ainda vives.*

Mauss enfatiza que uma das características da oração é a capacidade de articular mito, rito e crença. Neste sentido, a versão da **oração número 2** menciona uma peça chave na constituição da hagiografia de Maria Bueno: *a morte em defesa da castidade*. O contraponto à representação depreciativa na qual: *Maria Bueno é retratada como mulher promíscua, assassinada pelo amásio depois de ter sido surpreendida fora de casa certa madrugada*. O trecho que fazia contraponto à versão depreciativa foi subtraído do texto da oração.

Em relação à **oração número 3** tudo indica que seja a mais antigas das quatro, ela aparece no final do livro hagiográfico do major Sebastião Izidoro Pereira, de 1948. No capítulo intitulado *Hagiografia*, Izidoro termina falando da grande devoção à santa curitibana e apresentando sua oração:

Todas as religiões são boas, porque o caminho de cada uma delas leva seus adeptos à presença de Deus e os seus regulamentos, alcorões e bíblias oferecem aos fiéis a felicidade eterna pela salvação de suas almas. Logo, a divergência entre elas é somente em relação ao modo de interpretar a existência de Deus e o destino da humanidade os aparatos dos seus ritos, etc. O que não se pode deixar de reconhecer nelas é caráter eminentemente divino, a crença profunda na vida eterna. (...) Não podemos dizer que a santificação de Maria Bueno se processe em obediência à determinação de uma seita religiosa qualquer; nem admitimos, tão pouco, que a influência da igreja católica haja atuado para que, depois de mais de meio século de supersticiosa crença popular, a beatificação da alma sacrificada se acentue cada vez mais num ritmo admirável. Neste momento em que lhe escrevemos a hagiografia e sabemos que mais de um milhar de velas foram acesas e mais de uma tonelada de flores foram depositadas na sua sepultura no dia 29 de janeiro deste ano, data do aniversário de sua morte; o que, porém, podemos garantir ao leitor é que, agora, é impossível de haver uma força capaz de interromper a corrente de fé que a santifica pela boca, pelo coração e pela vontade do povo. Ninguém mais do que nós curitibanos que conheça tão profundamente a história e a hagiografia da santa. (...) Nós estamos com a consciência tranquila de havermos cumprido nossa missão para com aquela que os ajudou a escrever este trabalho e esperamos que o bafejo de sua bondade jamais nos deixe de beneficiar, porque realmente acreditamos na alma milagrosa de Maria Bueno. Vamos dar aqui o modelo de uma prece que servirá aos crentes quando desejarem ou necessitarem dirigir suas súplicas a Maria Bueno. É preciso notar que não são obrigados a usar esse modelo. Qualquer súplica com fé e crença fervorosa poderá fazer o mesmo efeito. Não prevalece uma regra. Entretanto, muitas pessoas preferem fazer uma longa prece, como se sentissem auxiliadas pelo escoar do tempo durante as suas concentrações quando rezam e pedem [*transcreve a oração*]. Os crentes poderão rezar quantas orações quiserem e fazer seus pedidos à alma de Maria

76 Nenhum dos membros da Irmandade soube dizer quem elaborou essa versão da oração. Apenas apontaram que havia sido alguém de diretorias passadas.

Bueno como entenderem. Todos esses atos de fê, todas essas súplicas acompanhadas de contrição fervorosa, serão apreciados por ela poderão produzir os efeitos desejados. (IZIDORO, 1948, pp. 204-05)

Apesar de oferecer ao leitor um modelo de prece, Sebastião Izidoro enfatiza que as palavras utilizadas pelo devoto para se comunicar com Maria Bueno não interferem nos resultados, quaisquer que sejam *produzirão os efeitos desejados*. De fato, na *prece* qualquer palavra tem uma “função maior”, de conjugar rito e crença. O escritor incentiva o leitor a rezar por Maria Bueno, ou seja, a realizar o *gesto mínimo* para estabelecer “contrato” com as divindades e solicitá-las na resolução de questões mundanas. Embora Izidoro afirme que *os crentes podem rezar quantas orações quiserem da forma que quiserem*, remetendo a prece ao “foro íntimo”, como aponta Mauss (1981, p.117): “mesmo quando a prece é individual e livre, mesmo quando o fiel escolhe a seu gosto os termos e o momento, não há nada que diz além de frases consagradas, ou seja, sociais.”

FOTOS 77 – PANFLETINHOS QUE POPULARIZAM AS ORAÇÕES DOS SANTOS



FOTÓGRAFA: Geslline Braga, 2009

Alguns devotos costumam reproduzir panfletinhos com as orações de Maria Bueno, como pagamento das *graças alcançadas*, são os chamados “santinhos”. Volantes de aproximadamente 10X7 cm, com a imagem de Maria Bueno e a sua oração no verso. A *paga de promessa* com santinhos é um hábito relativamente novo na devoção à santa curitibana. Embora há muito tempo exista santinhos de Maria Bueno, antes sua confecção era feita quase que exclusivamente a pedido da Irmandade Maria Bueno. Geralmente os santinhos produzidos pela Irmandade mencionam à entidade enquanto nos produzidos pelos devotos constam frases como: “Por uma graça alcança”.

ILUSTRAÇÃO DAS DIFERENTES FACES DE MARIA BUENO VEICULADA NOS SANTINHOS

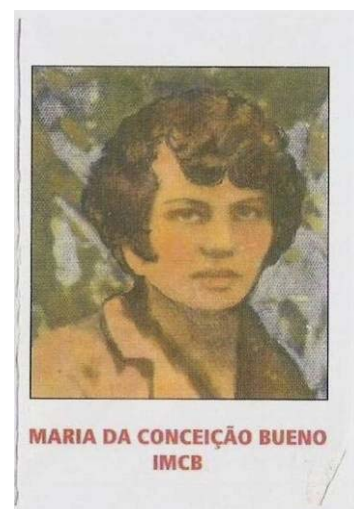
FIGURA 17



FIGURA 18



FIGURA 19



Fonte: Seção de Documentação Paranaense e Irmandade Maria Bueno.

A **figura 17** ilustra um santinho distribuído nos anos 1970. Na **figura 18** Maria Bueno é retratada com traços afro, provavelmente trata-se de um panfleto produzido por devoto (pois não traz sigla ou referência a Irmandade). O dono deste santinho, o curador e benzedor João dos Santos, afirmou ter recebido a imagem de um desconhecido na Rodoviária de sua cidade Guarapuava (PR). Em contrapartida, a **figura 19**, do santinho distribuído pela atual diretoria da Irmandade Maria Bueno, a santa é retratada com traço mais europeu.

Os santinhos assim como a estátua da santa são utilizados como objetos de veneração e proteção, mas também têm servido para difusão do culto, onde os devotos participam ativamente. A exemplo do caso de Gerson, o devoto contou-me que não compartilhava da crença de sua mãe, devota e assídua frequentadora do túmulo de Maria Bueno. Considerava a crença “um absurdo”, até “precisar” dos préstimos da santa. Sua mãe recorreu à santinha em favor dele. Desde então: *procura ajudar todos que Maria Bueno coloca em seu caminho, mandou fazer uns santinhos, quando sabe que alguém está passando por dificuldades entrega-os a pessoa com dificuldade*. Para ele, uma forma agradecer as graças recebidas. Mais que isso de cumprir um dos termos do “contrato” previsto na oração: *ajuda-me como melhor achares, faz com que tudo chegue aos caminhos certos para que a alegria, a saúde e a paz voltem ao meu espírito atormentado. Em troca de tua ajuda, prometo ajudar a todos que mandais ao meu caminho, Amém!*”

O atendimento da prece resultou em um “contrato sagrado” vinculando as partes, onde Gerson busca retribuir a *graça* concedida pela santa de diversas formas. Embora ele não revele quais foram as dificuldades que o levaram a mudar de idéia em relação à santa ou

quais foram as *graças* recebidas, Gerson faz questão de reforçar seu testemunho de fé apon-tado no muro a placa de agradecimento que mandou confeccionar em gratidão pelos présti-mos da santinha. Além dos panfletinhos, da placa de agradecimento, das flores e vela periodi-camente ofertadas à santa no Dia de Finados, Gerson se mostra grande entusiasta da crença em Maria Bueno. Ele faz parte de todas as comunidades de Maria Bueno no Orkut, fez ques-tão dar seu testemunho no documentário a respeito da santa produzido por um grupo de estu-dantes de uma universidade de Curitiba. Assíduo frequentador da capela, eu encontrei em todos os Dias de Finados em que estive pesquisando, a cada ano contava uma graça alcançada ao longo do ano que havia passado. Nos depoimentos de Gerson “tudo de bom” que lhe aconte-ce é associado a sua crença em Maria Bueno: *Quando estou passando por alguma dificul-dade eu rezo para ela e dá tudo certo* — diz o devoto. É interessante notar, no entanto, que ele não é o único a proceder desse modo, a religiosidade brasileira é marcada por essa visão de que a solução de certos problemas da vida cotidiana depende de mediação dos *entes sagrados* (caso dos santos, canônicos e não canônicos), o que faz do **sagrado** um modo de estar e *agir sobre a realidade*.

Dito isso, é possível aprofundar a questão da retribuição das graças alcançadas, apre-sentando alguns relatos obtidos ao longo do trabalho de campo:

Leonice: *Meus parentes estão enterrados no Bonfim, meu pai, meu irmão. Mas co-mo eu tenho minhas obrigações com Maria Bueno [...] ela sempre me ajudou muito. Eu venho aqui no túmulo dela. [...] Meu marido caiu preso, daí eu pedi pra santa ajudar ele a sair da cadeia. Ela tirou ele da cadeia... Por isso eu faço um esforço, esse é o terceiro ano que eu venho lá de Almirante Tamandaré só para vir no túmu-lo dela e agradecer. Fui no Bonfim e agora tô aqui.* (02/11/ 2009, Cemitério Muni-cipal de Curitiba)

Eugênia: *Minha filha tinha muitos desmaios... De uma hora para outra, ela ia fi-cando pálida e caía no chão. Vivia toda machucada. Fizemos tudo quanto é que foi exame... Não dava nada. Chegamos a pensar que era epilepsia, mas não dava nada nos exames. Disseram pra mim que podia ser algo espiritual. Uma vizinha me indi-cou um “centro de mesa branca”, como já não sabia mais a quem recorrer né... E a menina continuava desmaiando, sem resposta dos médicos para o que ela tinha. Daí minha vizinha falou dessa senhora que era da mesa branca. Eu procurei e ela me mandou rezar uma novena para Maria Bueno, isso há uns 15 anos atrás. Minha fi-lha se curou dos desmaios, eu paguei a promessa que tinha feito, que era trazer mi-nha filha aqui para acender um maço de velas e trazer um buquê de flor pra ela. Depois disso continuei fazendo meus pedidos para Maria Bueno... Quando meu ma-rido ficou desempregado; quando minha sogra teve que fazer uma operação de va-rizes; fiz um pedido pelo meu filho também, para ele conseguir o primeiro emprego. E sempre fui atendida.* (02 /11/ 2008, Cemitério Municipal de Curitiba).

Luzia: *Venho toda segunda para agradecer e pedir proteção. Mais para agradecer. É sempre bom a gente rezar. De vez em quando a gente traz os nossos problemas para ela resolver e fica tudo bem. Maria Bueno é muito poderosa, a gente pede e na hora ela atende. Até quando meu filho foi fazer a prova no Detran, que é bem difícil passar na primeira vez...Daí tem que fazer tudo de novo, gastar um dinheirão. Eu disse pra ele no dia em que ele ia fazer a prova. Eu vou lá na Maria Bueno! Sai de*

casa junto com ele...Ele foi pra um lado eu fui pro outro. Ele foi fazer a prova e eu vim aqui. Disse pra ele não se preocupar porque na hora da prova eu ia estar aqui rezando para ele passar. Quando eu tava saindo do cemitério o celular tocou... Era ele todo feliz, tinha passado. Eu disse para ele dar um jeito de vir também, né... Agradecer. Essas coisas, assim que a gente pede, ela ajuda. Por causa de tudo isso que eu venho. Principalmente agradecer. (Cemitério Municipal de Curitiba, 2008)

Airton: *Fiquei conhecendo Maria Bueno pela TV. Sou católico sempre vou à Igreja e hoje vim aqui para rezar pelas Almas e pela santinha. Eu gosto muito dela. Sou grato porque sempre me ajudou. Eu bebia muito.... Assim de cair pelas tabelas... Foi ela que me salvou da bebida, me fez ver que eu tava cometendo erro grande. Há muitos anos que eu venho no túmulo de Maria Bueno, há mais de 40 anos. (Cemitério Municipal de Curitiba, 2008)*

Marlis: *Eu tenho muita fé na Maria Bueno. Meu filho Wanderlei tá se recuperando bem de uma operação com a graça dela. Eu pedi para ele, quando ele se operou. Graças a Deus e a Maria Bueno já tá andando de novo. Na época em que ele se acidentou eu fiquei desesperada... Se quebrou todo... Machucou a coluna, daí o médico disse: tem que operar, mas tem o risco dela não voltar mais a andar. Bem no dia da operação que ele fez, eu vim aqui no cemitério pra pedir pra ela, que ajudasse ele... Dito e feito! Passou uns 3 meses ele já, com ajuda da fisioterapia e muita reza, voltou a caminhar... Quer dizer, reaprendeu a andar de novo, porque ele ficou quase um mês sem levantar da cama....Praticamente inválido.... Eu pedindo pra Deus e fazendo promessa, novena pra tudo quanto é santo... Olha que deu certo! (Cemitério Municipal de Curitiba, 2009)*

Jovina: *Não tenho nenhum parente enterrado aqui no Municipal, mas eu venho mesmo assim, por causa Dela. Já faz muitos anos que eu acredito na santa Maria Bueno. Eu sou viúva, então, hoje eu já fui lá no Santa Cândida, no túmulo do meu falecido marido. Agora vim aqui agradecer todas as graças recebidas. Quando eu precisei ela me ajudou sempre (...) Quando eu fiquei desempregada com 4 filhos pra criar, sem recurso mesmo... Pedi ela me ajudou a encontrar uma casa de família onde eu trabalhei por muitos anos. Trabalhei 14 anos de doméstica nessa casa. Criei meus filhos tudo com esse emprego que consegui depois de fazer uma promessa para santa Maria Bueno. Eu pedi e ela colocou esse emprego no meu caminho. (Cemitério Municipal de Curitiba, 2008)*

Jorge: *Já nasci no centro espírita, porque os meus pais são. É de família. O povo procura algo para ter fé. Se apegar! Pra mim Maria Bueno é um espírito de luz que alcançou a graça e que por fazer o bem adquiriu um benefício na outra vida. (...) Ela era uma pessoa boa, pura, só gostava de fazer o bem e continuou assim do lado de lá. Ajudando os que vêm aqui pedir com fé. (...) No espiritismo é diferente dos católicos... A gente não faz promessa, quer dizer, até faz, mas não é o certo. As vezes por tradição, a gente faz umas rezas e faz promessa, essas coisas, mas não é assim que devia funcionar. O que vale é fé da pessoa. Tem muita história de graça alcançada. Gente que se curou de doença grave. Eu mesmo me curei de um problema de pulmão com ajuda da Maria Bueno. Foi uma operação espiritual, numa sessão de mesa branca, a Maria Bueno veio e me ajudou a me curar desse enfisema que eu tinha. Eu venho aqui agradecer por isso. Eu não costumo acender vela e trazer flor porque não é da minha religião, mas eu venho, rezo. (Cemitério Municipal de Curitiba, 2007)*

Patrícia foi à capela pagar a *promessa* feita pelo irmão Agnaldo, que não pode ir ao cemitério no Dia de Finados porque estava trabalhando. Há vinte cinco anos Simone visita a capela, tendo relatado entre as graças alcançadas ter-se curado de uma forte enxaqueca. Eloir disse ter recebido muitas graças, mas preferiu não contar nenhuma. Iolanda chegou com filha Eliete e os netos, todos (incluindo as crianças) trouxeram rosas. Odete se emocionou muito

em frente ao altar da santa. Carmem havia feito uma novena para filha engravidar, agora vinha agradecer com o neto do colo. Lourdes agradecia, pois o marido tinha parado de fumar. Diva estava intercedendo pelo filho que estava preso, Luiza pela saúde da mãe. Vilma rezou o terço, acendeu um maço de velas, estava pagando uma promessa porque o marido deixou o vício da bebida. Sandra sempre visita o cemitério no Dia de Finados, aproveitou pedir pela tia que estava com gastrite. Zélia pretendia fazer uma laqueadura, mas estava difícil conseguir a cirurgia pelo SUS pediu a santa que lhe ajudasse nesta questão. Amélia agradeceu pela saúde da família. Benedita, Zilda, Carmem e Daniele estavam agradecendo por terem se curado de um câncer. Sueli agradecia pela aprovação do filho no vestibular. A filha de Marlene nasceu com uma deficiência cardíaca: *dei ela para Maria Bueno batizar, quando ela tinha três meses fez outro exame não tinha nada, por isso, todo ano ela vem, e eu venho com ela.*

Essa lista poderia continuar indefinidamente, pois todos os dias dezenas de pessoas circulam pela capela de Maria Bueno. A maioria delas para retribuir os *pedidos atendidos pela santa*. Com o comércio de objetos instalado na capela, elas têm a oportunidade de levar imagens, medalhinhas, chaveiros entre outros souvenirs. O que pretendo demonstrar é que essa dinâmica (que coloca em circulação pessoas e objetos) baseia-se na **dádiva**. Convém fazer referência aos estudos de Mauss, que se aprofunda na análise de algumas categorias nativas relacionadas à economia de trocas (como *potlach* e *kula*), para propor um modelo capaz de abarcar circulação aberta de bens, pessoas, sentimentos, entre outras coisas: dar, receber e retribuir. Conforme esse modelo, os objetos integram o processo da dádiva, gerando obrigações entre os indivíduos.

Reportando-se às várias narrativas de graças alcançadas é possível perceber de modo bastante evidente a relação estreita construída por meio das práticas entre santo e devoto. Na cura de uma doença, na resolução de problemas com a justiça, problemas de ordem amorosa ou profissional o vínculo sagrado se realiza por meio da oferta de velas, flores, entre outros objetos, além das rezas e *despachos*.

Aqui um parêntesis. Há muitos devotos que justificam sua devoção mencionando a eficácia da santa: *ela é uma santa forte, muito poderosa* — dizem eles. De modo geral, essa força e poder que lhe são atribuídos é associada ao *pronto atendimento dos pedidos*.

Embora a lógica do *pedir, receber, retribuir* aponte o pagamento da *promessa* feita ao santo como encerramento das obrigações entre as partes (tornando o vínculo temporário) o que se observa é que, entre os devotos de Maria Bueno as obrigações com a santa perduram por vários anos, por vezes ao longo de suas vidas. A obrigação é eterna e em caso de morte

do devedor, os filhos dão continuidade à devoção, isto é, ao cumprimento da dívida com o sagrado. Essa aliança assumida com a intercessora está prescrita inclusive na oração:

Agradeço Maria/ As graças já recebidas/ Segura nas minhas mãos/ Hoje, sempre e por toda a vida.

Maria Bueno, sede intermediária junto a Jesus Cristo e atendei esta minha súplica que em troca do favor que me fizerdes, também socorrerei os pobres, acenderei velas sobre o vosso túmulo e rezarei sempre pela vossa alma. Amém!

Por tudo, muito obrigado (a). Em troca de tua maravilhosa ajuda, prometo socorrer todos os que mandares em meu caminho, Amém!

Levando em consideração os termos das orações, a aliança começa com o pedido (a *prece*) se firma com a “ação de graça” (atendimento do pedido) concluindo-se o circuito com o pagamento (ou não) da dívida, gerando a partir daí uma tradição familiar.

Quase todas as famílias que visitam o túmulo de Maria Bueno, têm histórico de gratidão passada de pai para filho para contar. Dona Marilda conta que a avó (Benedita) teria alcançado uma graça (que ele nem sabe dizer qual foi) tornou-se devota, como retribuição ia ao cemitério sempre que podia e nos Dia de Finados. Sempre levava os filhos que por sua vez também passaram a pedir, receber e retribuir. A devoção da avó foi repassada a ela, que leva a filha (Mônica) dando continuidade às trocas iniciadas há muitos anos. No Dia de Finados centenas de crianças são levadas pelos pais e avós ao túmulo de Maria Bueno. A criançada chega com rosa na mão, entra com os pais na capela, são incentivadas a rezar, a tocar a imagem da santa.

Olha a santinha! Olha! Viu?! É a nossa santinha — diz a mãe para o bebê de colo. Esta e outros personagens ilustram essa relação de familiaridade que os devotos estabelecem com a santa desde pequenos. A lógica da dádiva explicita a dinâmica por meio da qual a dívida renovada transforma um vínculo que poderia ser temporário numa relação de longa duração, que não apenas atravessa a vida dos indivíduos, mas também os vínculos familiares, criando-se por esse meio um culto que atravessa gerações.

CRIANÇAS VISITAM A CAPELA DE MARIA BUENO NO DIA DE FINADOS
JUNTO COM AVÔS E OS PAIS

FOTO 78



FOTO 79



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2009.

FOTO 80



FOTO 81



FONTE: GAZETA DO POVO, 02/11/2009.

FOTÓGRAFA: Id., 2009 (foto81)

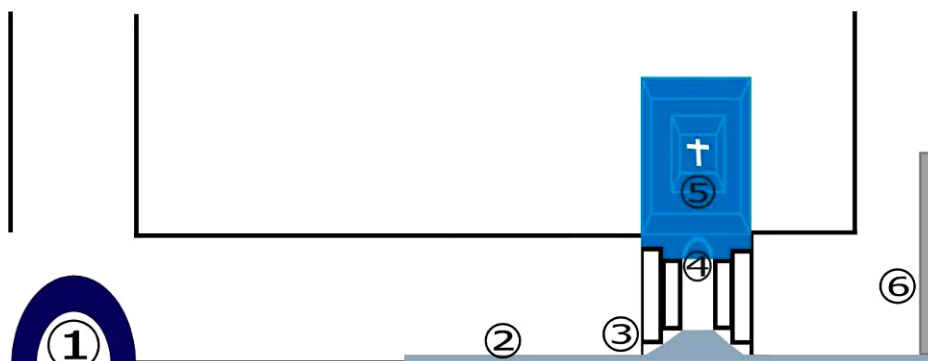
FOTO 82



FOTÓGRAFA: Id., 2009.

CAPÍTULO 5 - OS CIRCUITOS DE DEVOÇÃO A MARIA BUENO

FIGURA 20 - MAPA DO TRAJETO HABITUAL DOS DEVOTOS NA VISITA AO TÚMULO DE MARIA BUENO



A visita dos devotos à capela de Maria Bueno costuma ser marcada por uma série de pausas, as mais comuns são no portão do cemitério (número 1 da figura), em frente às placas de agradecimento (2 da figura), no topo da escada da capela (3), em frente a capela (4), no seu interior (5) e no velário (6). Como se localiza próximo ao portão principal do Cemitério Municipal de Curitiba (no fim da primeira rua à direita), logo na entrada é possível enxergar a redoma de vidro com estátua da santa sobre a construção azul.

A primeira pausa antes do túmulo costuma ser em frente às placas de agradecimento. Confeccionadas em granito, madeira, plástico ou metal estas placas recobrem o mausoléu e boa parte do muro em frente, formando um mosaico de agradecimentos. Os fiéis gostam de observá-las. Para maioria deles, cada placa corresponde a *um milagre realizado*. Então, é comum alguém apontá-las dizendo; “olha quantos milagres ela já realizou”. Nesta troca do signo pela coisa significada, a quantidade de placas comprova que a santa é mesmo milagrosa.

FOTO 83- PLACAS DE AGRADECIMENTO FORMAM UM MOSAICO



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2009

FOTO 84 - DEVOTAS FRENTE ÀS PLACAS REFERENTES ÀS GRAÇAS ATRIBUÍDAS À SANTA



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Geralmente, o visitante segue contemplando as placas (os milagres) até a escada da capela. Como a construção fica abaixo do nível do terreno, é necessário descer alguns degraus para adentrá-la. Neste local, o objeto de contemplação passa a ser a estátua ou, conforme a visão metonímica do fiel, a “santa”. Esculpida em tamanho natural, coberta com manto branco, lembrando uma noiva pronta para casar. A contemplação da imagem é acompanhada de rezas e gestos. As pessoas estendem as mãos na direção desta, ajoelham-se, jogam beijos, entre outras reverências. A distância entre o muro e porta da capela é curta, consequentemente é no topo da escada que se tem o melhor ângulo da estátua da santa.

FOTO 85- CONTEMPLAÇÃO DA IMAGEM DE MARIA BUENO NO SACRÁRIO



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2008.

Quando a capela está fechada os devotos realizam seus rituais junto à porta⁷⁷. Um obstáculo que eles tentam ultrapassar rezando com o rosto rente ao vidro, colocando as rosas nos vãos da grade. Ou seja, quando o interior da capela está inacessível a porta acaba sendo incorporada ao percurso, como ponto mais próximo do altar (do centro). Além da porta há dois respiradouros metálicos, por onde as pessoas enfiam bilhetinhos, dinheiro, fotos, entre outros itens reservados à santa. Em geral, nos bilhetes são escritos pedidos, agradecimentos, listas de nomes de pessoas.

AGRADECIMENTOS À PORTA

FOTO 86



FOTO 87



FOTO 88



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2009.

O ponto alto da visita é entrar na capela, quando o fiel tem oportunidade de ficar junto ao túmulo/altar da santa. O interior da capela mede cerca de 2m², há um altar sobre a sepultura de Maria Bueno. Aí é possível encontrar três representações da santa: um busto em uma

77 Segundo Eliade (1992, p. 65), “A fim de pôr em evidência a não-homogeneidade dos espaços, tal qual ela é vivida pelo homem religioso, pode-se fazer pelo a qualquer religião. Escolhemos um exemplo ao alcance de todos: uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte do espaço diferente da rua em que ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, um solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é concomitantemente o limite, a baliza, a fronteira que distingue e opõe dois mundos — e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem dos mundo profano para o mundo sagrado.(...) A porta, o limiar, mostra de maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e de um veículo de passagem. (...) No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência se exprime pelas diferentes imagens de uma abertura: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; consequentemente, deve existir uma porta por onde os deuses podem “descer” à Terra e o homem subir, simbolicamente, ao Céu.”

pequena redoma, no centro do altar; um quadro com a suposta foto da santa; e uma escultura de gesso de corpo inteiro de aproximadamente 70 cm que se acha no canto, à direita de quem entra na capela. No Dia de Finados as pessoas formam fila para entrar na capela e passar diante das imagens da santa para rezar, fazer pedidos, tocar e beijá-las.

FOTOS 89 - ALTAR DA CAPELA



FOTÓGRAFA: Geslline Braga, 2009.

Concluídos os rituais junto ao altar/tumulo ou na porta da capela, a última pausa do trajeto ocorre no velário. Os devotos costumavam queimar suas velas na parte de cima e na lateral da capela, em função disso os incêndios eram frequentes. Nos anos de 1980, depois de um incêndio, a administração do cemitério providenciou a construção deste velário junto ao muro lateral. Em geral, os rituais de veneração à santa são concluídos com o acendimento de velas ex-votivas e uma última oração. Este é o ponto final para os devotos que concluem suas atividades no cemitério com a visita à capela de Maria Bueno, porém, em muitos casos o percurso prossegue (a partir do velário) rumo à *Cruz das Almas* ou a outros túmulos.

VELAS COLORIDAS DEIXADAS NO VELÁRIO DE MARIA BUENO

FOTOS 90



FOTOS 91



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2009.

O trajeto dos devotos no cemitério até a capela é pontuado por gestos e pelos sentimentos: contemplação, fé, emotividade, complacência, gratidão; em algumas situações, também pelo desespero, tristeza e angústia. Embora a maioria esteja ali para agradecer, alguma visita se revelam “desesperadas”.

Aos olhos dos devotos a capela é um dos lugares privilegiados de mediação com o sagrado, onde conseguem sentir a presença da santa, de maneira que me pareceu estratégico priorizá-la no meu trabalho de campo. O fato é que a capela de Maria Bueno foi construída para ser o ponto de referência da devoção à santa curitibana. E teria se tornado “minha aldeia” se não fossem os percursos percorridos pela crença, pelos crentes e o objeto da crença (a santa). Por algum tempo tratei este ponto de referência como o **centro da devoção**, por conseguinte, o melhor lugar para um “flagrante etnográfico”.

5.1 Constatação empírica dos circuitos

Duas mulheres chegam juntas para visitar o túmulo de Maria Bueno no Dia de Finados. Enquanto acendiam suas velas uma delas começou a “passar mal”: ofegava e se curvava sobre o velário. A acompanhante ajudou-a a se afastar do calor das velas e a se sentar em um banco. À primeira vista tratava-se de um “mal estar”, contudo, os gestos, a respiração e a perturbação mental passariam a sugerir um transe. A mulher “fungava” agitada e desorientada, enquanto a amiga aconselhava: “Reza que isso passa, reza! Pede pra Deus!” Perguntei o que estava acontecendo, amiga respondeu rispidamente: “Ela não está bem”. Tentei estabelecer diálogo, mas nenhuma das duas queria falar. Enquanto a mulher ajoelhada no velário tentava evitar o transe a menos de um metro dela, um casal de idosos rezava o terço e a ladainha em agradecimento à santa. As coisas aconteciam ao mesmo tempo, de maneira tão sincrônica que é difícil saber para onde olhar. [Conceição Aparecida dos Santos, Caderno de campo, 02/11/2008].

Era grande a quantidade de pessoas que alegava ter conhecido a devoção a Maria Bueno em terreiros de umbanda, “centros espíritas”, “mesa branca” ou tendas esotéricas. As narrativas também faziam referência a outros *pontos de devoção* como o antigo nicho da Rua Vicente Machado, o antigo túmulo no Cemitério Municipal de Curitiba e duas capelas existentes em cemitérios do litoral paranaense (uma localizada no cemitério de Morretes e a outra no Cemitério Nossa Senhora do Carmo, em Paranaguá).

As histórias de como os entrevistados se tornaram devotos da santa curitibana reportavam-se não só aos lugares, mas também a redes de sociabilidade, práticas religiosas, meios de comunicação e narrativas. Frente à complexidade do campo de estudo que se revelava à medida que eu avançava na pesquisa, observando rituais ou lendo sobre o assunto, o primeiro passo foi o levantamento dos lugares que de alguma forma estavam associados ao culto de Maria Bueno. Desde o início da pesquisa estava evidente que esta não se restringia ao Cemitério Municipal de Curitiba, mas se ramificava por terreiros, centros espíritas, outros cemitérios,

espaços privados e comerciais. Razão pela qual passei a realizar uma *etnografia dos espaços por onde os devotos e agentes da devoção circulavam*⁷⁹.

Para dar conta desse campo tão amplo e sua dinâmica tomei como parâmetro a estratégia etnográfica proposta por José Guilherme Magnani em seus trabalhos “Festa do Pedaço” (1998) e “Mystica Urbe” (1999). Para tanto tive que deixar de lado a perspectiva clássica de trabalho de campo, na qual o pesquisador se estabelece em meio aos pesquisados, coabita com eles até que aquilo que lhe era estranho comece a “fazer sentido”. Não que eu não tenha feito isso. Minha permanência junto à capela da santa curitibana, a rotina de observação das práticas religiosas e convívio com as pessoas que por ali transitavam acabaram circunscrevendo a pesquisa em torno de um lugar (com fronteiras definidas) e personagens (identificados pela sua devoção à santa). Contudo, a heterogeneidade das personagens, o fato do ponto de devoção ser um lugar de passagem e, sobretudo, a constatação de que o “centro de devoção” não era o único espaço de reprodução da crença em Maria Bueno me fizeram repensar a estratégia de pesquisa.

Dona Adelina, o marido Gevaldo e o filho Leandro foram ao cemitério pagar uma *promessa*. Adelina havia intercedido à santa pela saúde do filho. A família cumpriu o ritual habitual de pagamento do voto: acenderam velas, deixaram rosas vermelhas no vão da porta da capela e rezaram uma dezena do terço em frente ao túmulo. À primeira vista um ritual católico. Ao entrevistá-los Adelina me disse que ficou sabendo de Maria Bueno através de uma *médium* em um ritual de *mesa branca*. A médium, chamada Terezinha, teria lhe indicado que rezasse e fizesse promessa a Maria Bueno como forma de resolver o problema de saúde do filho.

A contribuição mais imediata desse episódio, para além da constatação da “dupla pertença” da devoção à santa curitibana, foi a de apontar a necessidade de fazer minha pesquisa circular por este **circuito mediúnico**. Atenta aos vários percursos, indicações que levavam as pessoas ao cemitério, identifiquei médiuns e grupos de médiuns que encaminham sua clientela à capela de Maria Bueno. Estes “especialistas” agregam Maria Bueno ao conjunto de serviços espirituais e “técnicas religiosas” ofertados a sua clientela para resolução de problemas de toda ordem (familiar, amoroso, financeiro, espiritual).

A devoção de Cipriano também teve origem em uma destas “consultas espirituais”. Ele conta que estava desempregado e com dificuldades financeiras quando procurou uma mé-

⁷⁹ A pesquisa acerca dos circuitos de devoção foi concretizada de forma coletiva, pela equipe composta por Andressa Lewandowski, Geslline Giovana Braga e por mim, Vanessa Elisa Maria Durando e coordenadas pela professora doutora Sandra Jacqueline Stoll.

dium de nome Santina, que se consultava com espíritos para indicar às pessoas como resolverem seus problemas. De acordo com Cipriano, a médium atendia à clientela na própria residência. No ritual descrito por ele: *Santina realizou a consulta em um quarto, onde havia uma mesa sobre a qual colocou uma vela acesa e um copo de água, em seguida, fez algumas orações segurando a mão dele e evocou os espíritos*. Nesse contexto, segundo seu relato, Maria Bueno teria dito que ele *ganharia muito dinheiro*. Cipriano conta que, até então, nunca tinha ouvido falar de Maria Bueno, mas aconselhado por dona Santina fez uma *promessa a santa* para conseguir emprego.

Por indicação de uma médium foi que Cipriano se tornou devoto de Maria Bueno. Passou a se aconselhar frequentemente com a santa (em rituais de mesa branca) e a visitar o túmulo para rogá-la. Com auxílio da santa ele teria conseguido um emprego de motorista de caminhão, transportando alimentos. Ele desviava parte da carga (fazia o chamado *cachorro*) e desse jeito conseguiu juntar dinheiro para comprar um ônibus, com o qual passou a contrabandar mercadoria do Paraguai. Fazendo contrabando conseguiu adquirir uma pequena frota de ônibus. Alguns destes ônibus ele alugava para os políticos transportarem cabos eleitorais em época de eleição. Foi assim que Cipriano se aproximou de um grupo de parlamentares (deputados estaduais) e passou a lhes prestar serviços (transportando pessoal). Por fim, ele se tornou- assessor parlamentar. Trajetória sobre a qual ele comenta: — *É uma coisa que nunca poderia imaginar, se misturar com gente importante*. Em outras palavras, tudo que a santa lhe havia “profetizado” através de Santina aconteceu. De modo que Cipriano relaciona sua ascensão social às *promessas e consultas com Maria Bueno*.

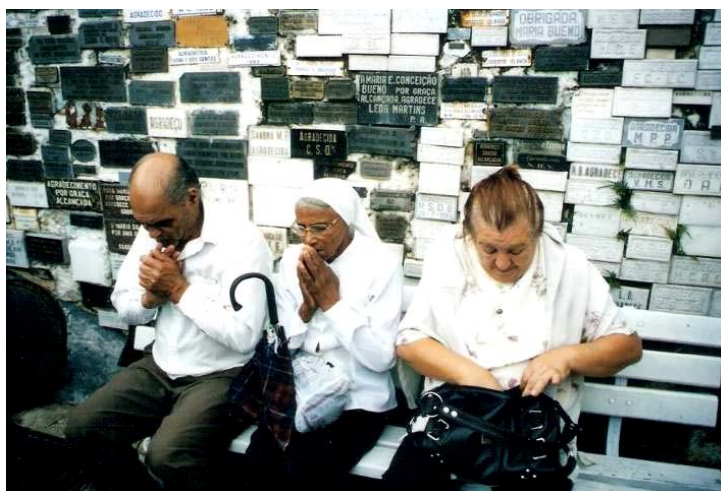
Diferente do caso de Adelina, no qual a devoção a Maria Bueno adquirida no “circuito de mediunidade” é aplicada à cura do filho, no caso de Cipriano a consulta mediúnica favorece “os negócios”. As promessas e orientações “da santa” o fizeram enriquecer, frequentar *altas rodas*. Embora não tenha afirmado que Maria Bueno o tenha aconselhado lançar mão de meios “ilícitos” para enriquecer, ele atribui isso a ela. Convém ressaltar que ao longo da pesquisa ouvi diversos relatos de médiuns que indicaram ao cliente que fosse “procurar Maria Bueno”, isto é: rogá-la, realizar e cumprir votos junto a seu túmulo. Portanto, os casos da família de Adelina e de Cipriano ilustram muitos outros onde a prática religiosa envolvendo a santa teve como ponto de partida a indicação de médiuns, entre outros especialistas em assuntos espirituais. Alguns pais e mães de santo também orientavam “afiliados” e clientes de seus terreiros a pleitear a ajuda de Maria Bueno mediante oferendas e orações. Essa constatação de que havia um conjunto espaços especializados e especialistas que concorriam na oferta de

serviços espirituais, que incluíam consultas com a santa, veio acompanhada de um problema: distinguir as práticas e dinâmicas destes espaços.

5.2 Circuito católico

Ifigênia e José eram congregados marianos, puxadores de rezas na Igreja da Vila Formosa (Curitiba, PR). Ifigênia assegurou que havia sido curada de um câncer graças a Maria Bueno e Nossa Senhora Aparecida. Segundo ela, ao saber que tinha um tumor maligno no esôfago recorreu com muita fé às duas santas. Para Padroeira do Brasil a promessa consistia em uma viagem à Aparecida do Norte para cumprir o voto de se ajoelhar em frente à sua imagem. Para santa curitibana realizou uma novena. Segundo Ifigênia, a devoção a Nossa Senhora Aparecida era antiga, já em relação a Maria Bueno surgiu na ocasião que ficou doente (em 2002). Ela soube dos *milagres* da santa através de conhecidos, então, fez a novena. Para ela, as duas santas ajudaram na cura da grave doença. Desde então, sempre que pode ela viaja para Aparecida do Norte e visitava o túmulo de sua intercessora local.

FOTO 94 - IFIGÊNIA E JOSÉ REZAM O TERÇO NA CAPELA DA SANTA.



FOTÓGRAFA: Vanessa Elisa Maria Durando, 2008.

Pode-se dizer que Ifigênia e o marido, incluem a capela de Maria Bueno no **circuito dos santuários católicos**. Diva, moradora do bairro Campinha do Siqueira (Curitiba), também incluiu a capela de Maria Bueno em seu itinerário religioso. Participante assídua da novena da Igreja do Perpetuo Socorro, no bairro Alto da Glória, realizada todas às 4^a feiras⁸⁰, ela

80 A novena do Perpetuo Socorro, hoje realizada na Igreja do Perpetuo Socorro, no bairro Alto da Glória, em Curitiba, teve início no ano de 1960. Inicialmente, a novena era realizada na Capela Nossa Senhora da Glória, situada na Avenida João Gualberto. A capela foi substituída pela igreja da Praça Portugal em 1969. Atualmente, a novena é uma das manifestações de religiosidade popular, frequentada por pessoas que esperam resolução de seus problemas. Nas quartas-feiras cerca de vinte mil pessoas passam pelo santuário.

afirma : —*Eu vou na novena do Perpétuo Socorro nas quartas, aproveito a vinda pro centro, e dou uma passadinha aqui pra rezar pra santinha. O circuito de santuários marianos não é o único onde a santa curitibana se insere. Otília disse que se apegava muito com Maria Bueno, Nossa Senhora e Santa Paulina e, por isso todo ano cumpre um roteiro religioso que abrange três cidades: Aparecida do Norte, Nova Trento (onde se localiza o santuário da Madre Paulina) e Curitiba, na capela de Maria Bueno.*

Ou seja, o culto a Maria Bueno não se desenvolve isoladamente, mas integra circuitos de devoções que abrangem santos canônicos e não canônicos. Como atesta o testemunho de Dona Carmina, devota de Maria Bueno e de outro santo não canônico, o Menino da Tábua, cultuado em Maracaí (interior de São Paulo).

Carmina: Tinha excursão aí eu fui lá no Menino da Tábua, cumpri a promessa e graças a Deus o meu menino nunca mais teve dor de barriga. Ele já tá com vinte sete anos.

Conceição: Então a senhora tem devoção a Maria Bueno, à N. Sra. Aparecida e ao Menino da Tábua?

Carmina: Só que de N. Senhora e de Maria Bueno eu nunca consegui nenhuma graça...

Conceição: A senhora disse que frequenta centro de mesa branca também, a senhora segue o espiritismo?

Carmina: Não, eu sou católica eu só fui uma vez, para pegar um remédio. Minha sogra falou para mim vamos. Como eu tava naquele desespero, eu fui...Fui só essa vez.

Conceição: A senhora acredita em reencarnação?

Carmina: Não. Como eu te falei eu só fui porque eles recebiam remédio.

Conceição: Entendi. A senhora foi por causa do remédio...

Carmina: É foi por causa do remédio. Aí o senhor lá disse vai na farmácia e compra tal remédio, eu compre e fiquei boa.

Conceição: Qual a história do Menino da Tábua?

Carmina: Eu não sei. Eu sou muito devota dele sempre que tem excursão eu vou.

É preciso chamar atenção também para a diversidade destes circuitos de devoção. Existe um circuito local, realizado ao longo do ano, no qual as visitas à capela de Maria Bueno são associadas às missas católicas, isto é, a práticas de devoção institucionalizadas. Como é o caso daqueles fiéis que seguem para o cemitério após as missas de domingo na Catedral metropolitana de Curitiba ou nas quartas-feiras, antes ou após a novena na Igreja do Perpétuo Socorro. O culto a Maria Bueno se insere também no **circuito de santuários nacionais**, que demanda práticas anuais como, por exemplo, viagens à Aparecida e visita à capela da *Santinha* no Dia de Finados.

É grande o número de devotos de Maria Bueno que transitam por terreiros, centros espíritas ainda que esporadicamente (como Carmina). Contudo, também há muitos devotos que sequer admitem a possibilidade de transitar por outro domínio religioso que não seja o católico. *Sou católica, nasci e vou morrer católica, graças a Deus* — assim se define dona Ifigênia. A partir do caso dela, é possível apreender como a devoção a Maria Bueno se associa e se expressa através das práti-

cas católicas (novenas, romaria, votos). Ainda que a veneração à santa curitibana não esteja de acordo com as prescrições da Igreja, a devota a inclui entre as venerações católicas. No catolicismo professado por Ifigênia as possibilidades de mediação com o sagrado são ampliadas. Conforme a urgência da demanda, o fiel recorre a diferentes mediadores, situados em diferentes níveis da “hierarquia celestial”: anjos, santos, espíritos. Em alguns casos, apelam até aos vivos habilitados a atuar como mediadores: sacerdotes, benzedores, rezadores que podem ser recrutados para favorecer a obtenção de uma *graça*.

Na urgência os elementos “mais” e “menos” sagrados (conforme as hierarquias religiosas) são acionados e imbricados no culto aos santos. A despeito de ser do “staff superior”, Nossa Senhora Aparecida “divide os créditos” pela cura do câncer de dona Ifigênia com uma santa não canonizada. Poder-se-ia dizer que a devota recorreu a uma mediadora mais próxima de Deus (a Mãe do filho de Deus) e a outra próxima dela mesma (a santa local). Nossa Senhora é colocada, hierarquicamente, acima dos demais santos, contudo, a fé nos santos pode se expressar como “devoção horizontal”.

Penso que é justamente essa “inflexão hierárquica” que permite testemunhar episódios como: duas freiras do Sagrado Coração de Jesus, vestindo o tradicional hábito branco da congregação visitando a capela de Maria Bueno no Dia de Finados. As duas entraram na capela por alguns minutos para rezar para santa, assim como os outros fiéis. Na saída as entrevistei:

Ilda: Eu vim rezar pelas almas e pela alma do meu pai que não ta enterrado aqui em Curitiba, mas eu vim rezar. Lembrar que a vida é só uma passagem. Que a gente ta nesse mundo só de passagem vai existir uma dia a ressurreição dos mortos.

Conceição: Quando começou a sua devoção a Maria Bueno?

Ilda: Faz muitos anos, as notícias corem bastante nos jornais, televisão, depois o túmulo dela é muito visitado são muitas pessoas que passam por aqui. A gente vê muitas plaquinhas de ação de graça. Pessoas que pedem e as graças são alcançadas através da fé e devoção.

Conceição: A senhora é freira há quantos anos?

Ilda: Há 14 anos.

Dirijo-me a Luzia, a freira que acompanhava Ilda:

Luzia: há 12 anos.

Conceição: A senhora tem alguma outra devoção como essa a Maria Bueno?

Ilda: À Senhora Aparecida ao Menino Jesus, Nossa Senhora do Rosário. Mas minha maior devoção é em N Sra. Aparecida.

Conceição: Em relação a Maria Bueno o que a senhora acha da devoção?

Ilda: As pessoas falam bastante, a gente vem ver se realmente são graças alcançadas através da fé. As pessoas têm cede de Deus e dessa formas através da Maria Bueno acabam através dela indo até Deus.

Conceição: A Igreja não a considera santa. Ela não foi reconhecida pela Igreja, assim como outros santos. O que a senhora acha disso?

Ilda: *Eu admiro essa devoção do povo, mesmo que não seja reconhecida pela Igreja. Eu admiro. Não crítico. Acho que a pessoa busca Deus, através de sua fé, aquilo que ela acredita.*

Conceição: *A senhora acredita em Maria Bueno?*

Ilda: *Eu não posso te responder isso. É complicado dizer.*

[Neste momento desligo o gravador e ela admite que sim]

Ilda [informalmente]: *Todas estas placas que estão aí. A fé que as pessoas têm nela é que justifica a devoção.*

Conversando com a acompanhante de Ilda sobre o motivo da visita ela afirmou:

Luzia: *Eu tenho muita fé nos santos. Não só na Maria Bueno como outros santos podem alcançar uma graça. Esse é mais recente o pessoal busca pelas placas eu vi que tem as placas de agradecimento, vou procurar. As pessoas acreditam que ela leva o pedido até Deus, é Deus que faz o milagre, através dos santos. Então, a pessoa vem até ela que leva o pedido até Deus que concede as graças através dela. Ela é um meio, um instrumento pra nós e pra Deus. Ninguém faz nada sozinho, mas através de Deus. Com certeza se ela tá fazendo milagre é porque Deus está intercedendo através dela.*

Conceição: *Tem setores da Igreja que criticam a religiosidade em santos como Maria Bueno o que vocês me dizem sobre isso?*

Ilda: *E complicado. É que dentro da Igreja tem vários movimentos. Cada um interpreta de uma forma. Pra gente o que vale é a fé.*

O caso da inclusão da capela de Maria Bueno entre os santuários católicos, assim como o caso dessas freiras parecem referendar o que Oscar Calávia Saez aponta no seu artigo “O que os santos podem fazer pela antropologia?”⁸¹ a relação do fiel com os santos se consolida em meio aos arranjos e escolhas pessoais.

Ao tratar com um santo, o devoto escolhe um sujeito entre outros. O escolhe por razões muito variadas: é o santo de sua cidade ou profissão; ou ele costuma se ocupar de tal ou qual aflição; ou os feitos de sua vida indicam que poderia se interessar por essa aflição concreta que o devoto padece; ou que ele foi amigo ou mesmo xará de algum outro santo com quem já se tem relação. Pode ser que a escolha venha dada por uma visão, um encontro casual ou uma recomendação de outrem. A relação com o santo, embora hierárquica, está marcada por uma sem-cerimônia. Ela não é irrevogável: pode haver rupturas desse contrato tácito ou expresso (o santo não foi capaz de conceder uma graça solicitada), ou um cancelamento sem outras consequências (o devoto obteve a graça e pagou a promessa), ou um simples esmorecimento: a relação se dissolve aos poucos ou é substituída por outra. Não é, tampouco, exclusiva: **o culto aos santos existe sobretudo no plural, e com frequência se ordena por critérios de especialização - cada santo respondendo por um tipo de necessidades ou aflições.** (SAEZ, 2009; grifo meu).

Vale acrescentar, porém, que o culto a Maria Bueno não se restringe ao espaço e/ou rito público. Os espaços privados também integram esse **circuito** de devoção com se verá a seguir.

81 CALAVIA SAEZ, Oscar. *O que os santos podem fazer pela antropologia?* Religião & Sociedade. vol.29 no.2 Rio de Janeiro, 2009

5.3 Altares domésticos

O registro da presença da santa curitibana nos altares domésticos teve a colaboração da pesquisadora e colega de mestrado Geslline Braga⁸². Foi através dela que eu soube da popularidade de Maria Bueno entre benzedeiras paranaenses. Ao longo de sua pesquisa Geslline verificou a expressiva presença de imagens e santinhos de Maria Bueno nos altares das benzedeiras. Algumas delas, inclusive, afirmavam *benzer com Maria Bueno*, isto é, elas evocavam a presença do espírito da santa durante ritual, que *incorporava a benzedeira ou a instruída*, através da *vidência*, sobre como proceder para *benzer o consulente*.

Até então, minha atenção estava voltada para a produção e comercialização das imagens da santa, bem como da demanda dos devotos por objetos e *souvenirs* ligados ao culto. Não havia pesquisado o “assentamento” destas imagens no âmbito privado. A partir dos dados levantados por Geslline passei a pesquisar os altares domésticos e tratá-los como parte dos circuitos de culto a Maria Bueno.

ALTAR DOMÉSTICO COM IMAGENS DE SANTOS CATÓLICOS E DA UMBANDA

FOTO 95



FOTO 96



FOTÓGRAFA: Geslline Braga, 2008.

Uma das informações importantes que me foi apontada por Geslline foi o lugar ocupado pelos altares no espaço doméstico e na rotina das famílias. Sobre a localização ela verificou que, via de regra, os altares domésticos eram colocados no espaço “mais público” da casa: a sala. Porém, em

82 Geslline Braga, minha colega de mestrado, realizava pesquisa sobre rituais de benzimento, isto é, sobre as benzedeiras. Posteriormente, a convidei para integrar a equipe de pesquisa do “Projeto Santa de Casa Faz Milagre”. Este projeto elaborado por mim visava a ampliação da pesquisa sobre o culto a Maria Bueno e a produção de um livro. A aprovação do mesmo pela Fundação Cultural de Curitiba abriu a possibilidade de ampliação da pesquisa que vinha realizando individualmente com a participação de outras três antropólogas que se somaram a pesquisa do caso Maria Bueno para produção do livro previsto no projeto.

certas situações, as benzedeiras possuíam outro altar, localizado nos espaços “mais reservados” do domicílio como o quarto e/ou nos ambientes exclusivos à atividade religiosa (aos benzimentos).

O “acervo” destes altares variava de acordo com as crenças de seu proprietário. Em alguns altares estavam representados nos quadros, gravuras e imagens somente os “santos católicos”. Noutros, além deste santos, havia figuras e imagens das entidades da umbanda (Preto-Velho, Caboclo, etc.).

Segundo observa-se nas fotos de Geslline, os objetos habitualmente encontrado nestes altares são os crucifixos, velas, castiçais, incensos, flores, copos de água, bíblias, documentos pessoais, fotos, rosários, necrológios (cartãozinho fúnebre produzido em homenagem a pessoas falecidas), objetos que por vezes partilham o espaço de penteadeiras com itens de beleza e higiene pessoal (espelhos, perfumes, maquiagem, escova de cabelo).

AS IMAGENS DE SANTOS MISTURADAS AOS OBJETOS DE USO DIÁRIO

FOTO 97



FOTO 98



FOTÓGRAFA: Geslline Braga, 2008.

A imagem da *santa curitibana* pode ser encontrada em penteadeiras, como no quarto de D. Carmem (benzedeira de Palmas, PR) que guarda um santinho de Maria Bueno junto com perfumes e cremes (foto 97). Segundo Geslline, D. Carmem relatou a ela que:

Quando ela fez 23 anos começou a trabalhar com Maria Bueno — *Eu pego ela no Karedequista e Allan Kardec* diz ela, que diz também que tem *guia médico*, por isso, *as orações dela curam*. Ela disse que *Maria Bueno gosta de ganhar perfumes*. Então ela coloca perfume no altar onde está a Maria Bueno. Espirra o perfume num pires em frente à estátua. Os vidros de perfume de Maria Bueno tomam grande parte do altar. Ela também tem uma imagem da santa na penteadeira do seu quarto, cercada de cremes e perfumes. Diz que ela ajuda *nos casos quebrado*. Maria Bueno falou que, como foi morta por um policial, *não adianta chamar pra ajudar polícia, que ela não desce, a gente chama ela não vem*. Conta que esteve no túmulo de Maria Bueno em Curitiba, e ouviu a voz da santa, a orientando para *nunca deixar de fazer o bem e continuar curando com bastante fé*. Ela diz *tudo que eu pedi a Maria Bueno eu ganhei*. Depois da entrevista, a Dona Carmen começou a receber seus clientes, virou para mim e disse: *vou chamar Maria Bueno para a senhora ver ela*. Ela fechou

os olhos, a voz dela se transformou e ela, incorporada, passou a fazer uma longa oração. [Geslline Braga, 2009]⁸³.

No outro altar D. Carmem (foto 98), localizado no espaço onde a benzedeira atende sua clientela, há um busto de Maria Bueno. Neste oratório que é uma espécie de relicário observa-se uma série de imagens e figuras de santos, além de velas, flores artificiais, fotografias da família, palha benta do Domingo de Ramos (que segundo acredita-se *espanta tempestade*), coleções de medalhinhas (bentinhos) de diferentes Nossas Senhoras, rosários (alguns danificados), escapulários; em fim, diversas objetos sagrados acomodados junto aos de uso diário. Por traz, dessa “bagunça” de objetos (sagrados e não-sagrados) existem experiências e lógicas singulares, definidas pelo fiel na sua relação com os santos.

Certamente, muitos devotos de Maria Bueno nunca visitaram a capela da santa no Cemitério Municipal de Curitiba. De maneira que os altares domésticos constituem-se no principal espaço do culto a ela, onde a relação de reciprocidade com o sagrado é estabelecida: por meio de orações dirigidas à imagem do santo (metonímia do sagrado). Orações que muitas vezes visam estabelecer um “contrato com o santo”, no qual **o fiel pede**, o santo **atende ao pedido**; e na impossibilidade de visitar o santuário do benfeitor a fim de agradecê-lo, o fiel retribui *a graça alcança* dirigindo-se às imagens “assentadas” no altar doméstico. Em rituais menos convencionais, cerimoniosos e estandardizados (como os observados nos santuários), o fiel retribui a *dívida divina* borrifando perfume no santo, ascendendo-lhe incensos, cercando o santo de objetos decorativos, ou então, com bebida e comida⁸⁴. Ou seja, em gestos e rituais que não costumam ser praticados no **lugar litúrgico**.

Pode-se dizer que o altar doméstico representa a consolidação material e simbólica dos laços do fiel com seus santos. Diferentemente dos altares das Igrejas, das capelas, dos terreiros, no altar doméstico os itens sagrados são misturados aos bens e quinquilharias de uso diário. Isso mostra que embora os fiéis reconheçam hierarquia entre sagrado e profano, no ambiente doméstico, sua relação com os santos é marcada *pelo sem-cerimônia* (SAEZ, 2009, p. 22, grifo meu).

Dentre as imagens de Maria Bueno (impressa ou estátua) encontradas nestes altares alguns são antigas, datam dos anos de 1970. Certamente o apego do fiel para com estes objetos tem relação com a crença, mas não só isso. Como indicou Geslline na sua pesquisa com as benzedeira, estes objetos também são “arquivos de memórias”. A exemplo dos santinhos e

83 Esse relato de Geslline se baseou no diário de campo da etnografia realizada por ela em 2008.

84 Convém lembrar que além dos “agradados”, os santos também sofrem punições com objetivo de obrigá-los a conceder o pedido do fiel. A exemplo das “simpatias” envolvendo Santo Antônio, na qual a imagem do santo é submetida a toda sorte de profanação (colocada de ponta cabeça, na geladeira, dentro d’água, enterrada, enforcada) até que atenda o pedido do fiel (em geral, alguém em busca de casadoiro).

estátuas obtidos em viagens turísticas aos santuários. O santinho velho de Maria Bueno que D. Lília (benzedeira de Irati, PR) guarda com carinho, *foi dado a ela pelo Padre Severo Preima, pároco de Malet, morto em 1976, este mesmo padre a teria ensinado a benzer.*

FOTO 99 – COLEÇÃO DE SANTINHOS ANTIGOS DE D. LÍLIA



FOTÓGRAFA: Geslline Braga, 2008.

De acordo com Geslline os santinhos velhos raramente são substituídos pelos mais novos, que são acrescentados ao “acervo devocional”.

É oportuno fazer uma leitura dos altares em função da posição que Maria Bueno ocupa. Poucas benzedeiras conhecem o túmulo de Maria Bueno em Curitiba. Aqueles que conhecem fizeram a visita numa ocasião especial quando estiveram na capital do estado, no entanto salientam que a visita foi feita “há muitos anos”. As imagens de Maria Bueno em geral foram ganhas, de alguém que visitou o Cemitério Municipal, a maioria das imagens são santinhos de papel antigos, provavelmente dos anos 1970. É interessante notar que esses santinhos não foram substituídos por outros mais novos, ou estátuas em gesso; a aproximação a Maria Bueno tem relação com as suas representações impressas. O santinho impresso parece ter essa função de divulgar o culto. A relação do devoto com os objetos é bem importante. Dona Victória, de União da Vitória conta que o primeiro contato com Maria Bueno foi por meio de uma estatueta, que ela ganhou de uma cliente de Curitiba. Depois disso passou a “receber” Maria Bueno “quando é preciso, na parte espiritual”. Ela quer muito conhecer o túmulo em Curitiba. As bênçãos dela são uma mistura da bênção tradicional, com imposição das mãos e incorporação, das religiões afro-brasileiras. Essas incorporações são aleatórias, dependendo da necessidade do cliente. Ela disse que Maria Bueno foi uma mulher “sofredora”, por isso “vem para as mocinhas” trazendo proteção contra estupradores e também auxilia casais com problemas de relacionamento. Quando as pessoas não sabem qual é sua doença ela vem e “eleva na doença” da pessoa, diz qual é a doença. Ela me disse que alguns médicos mandam pedidos para Maria Bueno [não consegui compreender se os médicos são espíritos, ou estão vivos]. No altar dela, na frente de Maria Bueno, tem um copinho plástico de café com azeite, para usar quando crianças aparecem com “peito aberto”. Para ela, Maria Bueno é um “espírito iluminado”. Ela diz também que o Orixá de Maria Bueno é Iemanjá, porque a “luz dela é azul”. Tem a Dona Arlete, de Guarapuava. Ela tem uma estátua de Maria Bueno pintada por ela mesma. Ela retocou a pintura porque achou meio “apagada”. Ela conheceu a santa através da “fotografia”, que tem na parede, a imagem foi comprada na Rodoviária de Guarapuava, desde a compra Maria Bueno passou a “se apresentar” em suas bênçãos. Ela disse que a Maria Bueno

contou a ela sua história. Ensinou uns remédios. E ela vem quando tem gente quer ficar grávida. [Geslline Braga, 2009].

Interessante notar que os panfletinhos deteriorados, diferentemente das imagens quebradas não descartados. Parece haver um consenso entre os fiéis de que *ter imagem de santo quebrado em casa traz azar*, então eles são depositados no cemitério como apontei nos capítulos anteriores. No altar doméstico, o panfletinho de papel e a estátua desempenham a mesma função: a de representar o santo. Contudo, a imagem impressa parece ser, aos olhos do fiel, qualitativamente diferente do estatuário santoral. Enquanto a representação impressa ganha atribuições semelhantes a das fotografias, cartões e cartas, isto é, torna-se objeto de recordação; a escultura do santo se torna “metonímia do sagrado”. A primeira representação vai denotar as experiências vividas, e esta última simbolizará a presença espiritual do santo no altar (na casa) do fiel a partir de um objeto material (a estátua do santo).

Os altares domésticos podem ser acomodados em mesas, eirados, balcões, penteadeiras e, vez ou outra, em espaços mais elaborados; como o que foi construído por D. Yolanda, em sua chácara na cidade de Catanduva do Sul (PR). A devota recriou a capela de Maria Bueno em uma “capela privada”. O ambiente conta com uma estátua da santa dentro de um sacrário de vidro (tal qual a do cemitério) e o busto dela no altar central. Com toda sofisticação, esse lugar tem função similar aos altares domésticos, isto é: trata-se de um local destinado ao culto privado da santa. Apesar de se diferir dos demais, ao reproduzir (estética e simbolicamente) a capela do cemitério, como uma espécie de “espaço cenográfico” e conferir certa exclusividade à santa (sem a presença de outros santo).

FOTO 100: CAPELA PARTICULAR CONSTRUÍDA POR D. YOLANDA , DEVOTA DE MARIA BUENO.



FOTÓGRAFA: Conceição Aparecida dos Santos, 2007.

Outro caso interessante é o da Professora Vanderleia, de Paranaguá. Ao falar do seu altar doméstico ela afirmou: *Meu altar tem todos os santos das causas urgentes e impossíveis: Santa Rita, Santo Expedito, São Judas, várias Nossas Senhoras, tenho Maria Bueno, os meus Pretos Velhos, Cosme e Damião, Maria Padilha. É um altar bem democrático.* Conforme a descrição da devota, seu altar segue o modelo dos altares dos terreiros, “transbordantes” de santos, cada um com sua “vibração” e qualidades específicas, em fim, um espaço de múltiplas influências religiosas ou, nos termos da própria devota, democrático.

Ter essa seara de santos à disposição nos altares particulares amplia as garantias e a possibilidade de êxito das solicitações junto ao sagrado. Talvez por esse motivo os altares das benzedeiras parecem ser mais “sortidos” de santos que os do “devoto médio”. Os santos são os principais “aliados” da benzedeira, a maioria dos rituais praticados por elas requerem-nos e os abarcam. Uma benzedeira “bem servida de santos” tem mais opções na resolução dos problemas da sua clientela, bem como mais meios de concorrer com outros especialistas do campo religioso na prestação de serviços espirituais.

5.4 Circuito mediúnico

A identificação dos lugares e especialistas que fazem parte do **circuito mediúnico** — que poderia ser chamado também de *circuito mesa branca* — foi deveras complicada. Quando os devotos mencionavam que haviam se consultado com Maria Bueno através de determinado *médium*, eu buscava saber deles o endereço ou o contato deste. Contudo, a maioria relutava em fornecer essas informações ou diziam não saber informar. Outros alegavam que seus “consultores espirituais” atendiam em casa por isso não consideravam adequado fornecer o endereço. Como elas mesmas diziam: *não sabiam se o médium iria querer me atender.* Outras tantas forneciam referências vagas do tipo *ela mora ali no Alto da Glória, mas não sei te explicar direito onde;* ou então, *a casa dela fica na Avenida Paraná, mas não lembro o número.* Em outras palavras, era como se estes especialistas formassem uma “sociedade anônima” que fornece um serviço que os devotos afirmam ter acesso, mas que é mantido sobre certo sigilo.

A atuação destes especialistas é difusa e muito difundida, mas para acessá-la é preciso se inserir em uma rede de relações interpessoais. Ainda que explicasse de modo convincente que gostaria de conhecê-los por causa da pesquisa, continuava sendo uma “estranha”, alguém de fora da rede. Mesmo quando mudei a abordagem e passei a dizer que “precisava me consultar com um médium” continuei com dificuldade. Nessas circunstâncias, a justificativa era: *só atende pessoas conhecidas.* Assim foi por muito tempo, não conseguia me inserir no circuito nem como pesquisadora, nem como “usuária do serviço”. Frente ao limite de tempo

da pesquisa e a necessidade de estudar os outros circuitos no qual a devoção à santa se insere, a abordagem deste circuito mediúnico acabou se baseando nos relatos dos devotos. Por meio dos quais constatei que a maioria dos médiuns citados atendia em suas próprias residências; sendo majoritariamente do sexo feminino. Os serviços oferecidos por elas variavam bastante, incluíam benzeduras, mapa astral, tarô, búzios, limpeza espiritual, entre outros. Boa parte dos rituais descritos configurava-se como rituais de *mesa branca*, isto é, rituais onde os espíritos são invocados a se comunica com os consulentes através dos médiuns. Tratar-se-iam de rituais personalizados, onde o médium incorpora as entidades dos terreiros, mas sem batuque, bebida, cigarro e outros elementos encontrados nas *giras*.

Zélia afirmou se consultar frequentemente com Maria Bueno e uma preta velha, em rituais de mesa branca através de uma médium chamada Zenira, que também *consultava as cartas* e fazia rezas. No terreiro a consulta individual com *pretos-velhos* e demais entidades é precedida de ritual coletivo. Nos estabelecimentos que compõem o circuito mediúnico todo ritual se desenrola em torno da consulta individual.

Frente à dificuldade em estabelecer contato com os agentes do **circuito mediúnico** outra alternativa foi contatar uma médium que distribui panfletos pela cidade afirmando *trabalhar com a santa Maria Bueno*. Contatei a médium pelo telefone expliquei que estava realizando uma pesquisa sobre o culto a Maria Bueno, marquei horário. No dia da entrevista, porém, ela desmarcou. Remarquei o encontro outras quatro vezes, mas este não aconteceu, sendo desmarcado na última hora.

FIGURA 21 - PANFLETO DISTRIBUÍDO NO CENTRO DA CIDADE COM PROPAGANDA DOS SERVIÇOS ESOTÉRICOS E ESPIRITUAIS



No início deste ano (2010), quando já havia encerrado o trabalho de campo para elaboração desta dissertação, o contato com esta médium foi retomado por Andressa Lewandowski, uma das integrantes da equipe de pesquisa do projeto “Santa de Casa Faz Milagre”. Andressa também tentou (em vão) entrevistá-la. Diante disso adotamos outra estratégia: pagar pela consulta com Maria Bueno, cujo custo era de 300 reais. No primeiro instante a médium aceitou, mas dias depois desmarcou a consulta espiritual da “nova cliente”. Outra pessoa então assumiu a função de “consultar-se” com ela. A pesquisadora Vanessa Durando, que desde o primeiro contato se apresentou como *alguém com problemas de relacionamento amoroso*. O que deveras facilitou o contato pessoal com a esotérica. No dia e horário marcado Vanessa foi recebida pela médium em sua casa. De saída, ela enfatizou à “cliente” que *não era “macumbeira”, mas católica. Trabalhava com cartas e runas e se consultava com Maria Bueno há 25 anos. Se fosse “preciso” ela faria uma “corrente forte” para resolver os problemas amorosos de Vanessa*. Vanessa conta que *ela coloca as cartas do tarô e se durante o jogo Maria Bueno aparecer isso significa que a pessoa precisa fazer a “corrente forte”*. Um ritual com orações de salmo. *Se Maria Bueno não aparecer significa que a pessoa não precisa*. O custo do serviço da *corrente forte* é de 500 reais. Valor que corresponderia ao material utilizado no ritual (um círio especial).

M⁸⁵ explicou à Vanessa que *fez um acordo com Maria Bueno para que ela se manifestasse através do tarô*. Ela também fez questão de frisar que *não podia ser comparada aos macumbeiros*. A insistência nessa questão pode ser interpretada como sua maneira de se distinguir dentro do circuito esotérico.

Vanessa disponibilizou seu diário de campo (referente a essa consulta com M) e me autorizou a transcrevê-lo para ilustrar como a figura de Maria Bueno foi apropriada pela médium, sendo vinculada à leitura do tarô:

M me pede para fazer uma pergunta e explica que devo escolher algumas cartas do tarô. *Se esta carta aparecer — alega me mostrando a carta da Papisa que corresponderia a Maria Bueno — isso significa que você precisa fazer a corrente*. Ela mostra um modelo de vela igual à aquela que, eventualmente, deveria mandar fazer. Trata-se de uma vela (círio) semelhante às de igreja (com uma imagem da Nossa Senhora esculpida no meio...). *500 reais a vela... 500 de mão de obra*. Tiro algumas cartas M faz a leitura e depois ela mesma puxa uma carta. Aparece a papisa/Maria Bueno: *Ei-la! É preciso fazer a corrente para garantir o resultado do pedido — no caso encontrar um marido*. M pede ainda que escolha uma *runa* e faz sua leitura. Dessa vez para a interpretação M lê num papel gasto colado com durex, o significado da runa escrito em mais ou menos 5 linhas, se atrapalhando mais de uma vez, perdendo o ponto da leitura. Também a runa confirma a necessidade de fazer a corrente. Digo que vou pensar se vou fazer o trabalho e que para mim é caro, pergunto se não seria a mesma coisa eu fazer o pedido direto a Maria Bueno no cemitério e acender velas

85 Por questão ética usarei a inicial do nome da médium em questão (M.) para me referir a ela.

para ela lá. M explica que não, *para alcançar o milagre precisa da presença dela* (a médium) que, no caso, trabalharia como mediadora entre o consulente e a santa. *A corrente funciona assim: depois de ter mandado fazer a vela é feito um ciclo de orações (por 4 semanas) recitando o salmo 128*, que ela e o consulente (eu) devem recitar “em conjunto”. Comento que além da consulta estava interessada em falar com ela porque estamos fazendo uma pesquisa e escrevendo um livro sobre a Maria Bueno, que ela nos pareceu ser a única pessoa em Curitiba que trabalha com Maria Bueno dessa forma (com divulgação de panfletos etc.). *Benza Deus, benza Deus* — exclama ela. Voltando a falar da necessidade de eu fazer a corrente. Pergunto para ela como começou a trabalhar com a Maria Bueno e explica que *tem contato com a santa há muitos anos*. Diz que *Maria Bueno “fala” com ela diretamente no ouvido* (não pela intuição) e também no jogo, comunica-se pelas cartas por prévio acordo. M conta que *combinou com Maria Bueno que ela apareceria somente em caso de necessidade através da carta da Papisa*. *A primeira vez que a escutou Maria Bueno disse a ela que não queria receber nenhum espírito, que ela é vidente, mas não queria receber espírito, queria fazer como o Chico Xavier*. Depois de ter comentado da pesquisa M voltou a ressaltar o lado “branco” do trabalho dela e o aspecto católico de sua devoção. Ela diz *fazer só as coisas de Deus*. *Trabalha com os Anjos do Senhor, Santa Rita de Cássia* (comenta que Maria Bueno foi devota desta santa) e o *Espírito Santo*. Como ela disse *com as forças do bem*. M diz ser devota a Maria Bueno e que sua mãe também era. Peço para ela se, eventualmente mais para frente, poderíamos contatá-la para uma entrevista e ela anui sem muita boa vontade. [Vanessa Durando, 11 de junho de 2010].

Nesse “serviço mediúnico” oferecido por M a santa se manifesta na leitura do tarô, transvertida do arcano da Papisa que, conforme a hierarquia esotérica, é a segunda carta mais importante do jogo. Essa carta refere-se a Papisa Joana que disfarçada de homem conseguiu fazer parte do alto clero da Igreja Católica. A médium-católica-esotérica inventa um meio de Maria Bueno se manifestar aos consulentes sem incorporá-la. Por intermédio do tarô que define os rituais (serviços espirituais) que o cliente deverá realizar (consumir) para ter êxito naquilo que deseja. Creio que o caso da cartomante que *trabalha com Maria Bueno* sintetiza, em boa medida, a dinâmica desse circuito, em específico, onde a crença em Maria Bueno combina-se com demanda e oferta de “serviços espirituais”, onde o culto acaba conquistando novos devotos entre os consumidores destes serviços.

5.5 Circuito umbandista

A inserção de Maria Bueno no *circuito umbandista* é o ponto mais controverso desta pesquisa. Por isso, a qualificação *circuito umbandista* é empregada aqui de modo genérico para abarcar espaços, práticas e redes de sociabilidade vinculada à Umbanda e afins. Para demonstrar mais concretamente algumas das controvérsias referentes à inserção de Maria Bueno neste circuito, é preciso antes entender o lugar de Maria Bueno no panteão umbandista.

Logo que comecei a pesquisa, o primeiro questionamento aos umbandistas foi se Maria Bueno tinha alguma relação com *pombagira*. À época, Renato e Elizabeth, o casal de umbandistas que cuidavam da capela de Maria Bueno. Na opinião deles, *quem levava despacho*

de pombagira no velário de Maria Bueno não tinha conhecimento do que estava fazendo, pois esse tipo de oferenda deveria ser colocado na Cruz das Almas. Renato foi categórico: *a vibração espiritual de Maria Bueno é na linha de cura, entre a dos caboclos e médicos.*

É sempre arriscado extrair significados de “símbolos isolados”, no entanto, em mais de uma ocasião observei velas vermelhas e pretas deixadas no velário “da santa”. A despeito da opinião dos “especialistas da área” e ainda que estes objetos não possuam significado intrínseco, na devoção em questão (marcada pela ambiguidade de crenças e práticas religiosa e de dupla pertença da santa) o par de velas vermelha e preta no velário de Maria Bueno pode ser tomado como um contraponto à aura de santidade católica, defendida por Arnaldo Azevedo, pela Irmandade Maria Bueno e pelo casal Renato e Elizabeth.

A vela é a oferenda habitual dos santos, dos espíritos e entidades. Ou seja, pode ser encontrada nos altares dos santos e nas encruzilhadas (em meio aos despachos). Nos ritos litúrgicos, funerários, expiatórios e mágicos. Trata-se de um item básico nos rituais religiosos. Grande parte dos devotos de Maria Bueno utiliza as velas brancas em retribuição a sua benfeitora. Em menor quantidade aparecem as chamadas velas de “Sete Dias” e velas especiais (feitas sob encomenda para ter a altura do fiel ou na forma de alguma parte do corpo); e raramente alguém lhe acende uma vela colorida (azul, vermelha ou preta). Como aponta Oscar Calávia Saéz (1996), no livro “Fantasmas Falados”:

A vela é a mediadora entre a luz e a escuridão, uma antinomia bem marcada. A vela sustenta uma hierarquia de quantidade (número de velas) e espectro cromáticos: as velas negras ou vermelhas produzem luz de baixa intensidade, as azuis ou brancas, de alta intensidade. A luz significa força espiritual, e esse sistema simbólico organizado sobre a luz é precisamente da umbanda, onde as entidades, em lugar de ligarem-se as outras por sobreposições de fragmentos, organizam-se segundo elementos contínuos. Assim, qualquer personagem, seja qual for sua biografia, poderá inserir-se no sistema umbandista definindo sua categoria e seu grau, sua posição num sistema tanto cosmológico quanto evolutivo, em função da luz que possui (CALÁVIA SÁEZ, 1996, pp. 64-65).

O diálogo com Renato colocou em pauta a questão: *qual o lugar de Maria Bueno dentro da hierarquia umbandista?* Esse questionamento se reapresentou diversas vezes ao longo da pesquisa. Sobretudo, na etnografia do *circuito umbandista*. As respostas foram sendo articuladas nos mesmos termos enunciados por Arnaldo Azevedo e Renato, isto é, segundo as hierarquias, as categorias e terminologias já institucionalizadas pelo sistema umbandista.

A mãe trabalhava com a Avó Cambinda, Seu 4 Encruzilhadas e, na linha branca, ela recebia a entidade Maria Bueno, então ela trabalhava com a Maria Bueno, geralmente nos trabalhos mais leves de mesa branca. Maria Bueno vinha para atender as pessoas que precisavam, vinha sempre para ajudar as pessoas que estavam necessitadas... Assim como hoje tem, não sei como é que se chama..., a linha de O-

riente (...), então ela vinha porque tinha alguém com algum tipo de necessidade, precisava de alguma coisa que só ela podia resolver... Então lembro que... Coisas assim... Como quando a minha mãe recebia, ela dizia uma frase que sempre me marcou, dizia assim “que a paz do senhor esteja convosco” essa era a frase que dizia, dificilmente ela abria os olhos, né? A entidade, ela trabalhava com os olhos fechados, né? E sempre com as mãos assim (me mostra: juntando as palmas da mão em frente do peito) esfregando uma mão na outra e ela vinha para ajudar, para fazer remédios para as pessoas, um detalhe, que até me arrepiava quando falo, é que... Todas as vezes que a entidade vinha, quando ela descia... Não sei se é esse o termo que a gente usa, exalava um perfume de rosas no local, assim, que era incrível, não poderia ninguém estar usando perfume que quando ela vinha se podia respirar assim... que tinha aquele cheiro de rosas. Então ela era uma entidade que... Por exemplo as outras entidades firmam ponto (...) Ela não... Não tinha esse negócio de firmar o ponto. Ela tinha uma jarra de água e um vaso com rosas brancas, é isso que tinha sempre na hora que.. ela se identificava como Maria Bueno e depois falava aquela frase que te disse, como é que falei agora a pouco... E sempre que terminava os trabalhos dela ela dizia assim: ... “como uma pequenina... despeço-me como uma pequenina flor no jardim de Jesus Cristo a serviço do Senhor”, essa era uma frase que ela falava. Eu sou uma pequenina flor, NE? No jardim de Jesus Cristo a serviço do Senhor, me despeço de todos como uma pequenina flor no jardim de Jesus Cristo a serviço do Senhor (...). E até ela trabalhava sempre, por exemplo, tinham muitas pessoas que tinham problemas de vista, pessoas com problemas de estomago, ela usava muito, como remédio, maná com rosa branca. Meu pai, meu pai tinha catarata na vista... E os médicos, meu pai já é falecido, e os médicos diziam que meu pai iria ficar cego, e meu pai já era velinho tinha 74, 75 anos e diziam que ia ficar cego, não tinha como reverter. Naquela época, na década de 70, a medicina (...) não era tão desenvolvida como hoje, que a cirurgia de catarata é fácil de fazer, então aí os médicos diziam que iria ficar cego e a Maria Bueno. Falou uma vez que ele não iria ficar cego, que ia diminuir a vista dele, mas que iria ficar com um pouquinho de vista, que ela não era merecedor de perder a visão, que não ficasse preocupado que ele não ia desencarnar cego, e não era por causa da visão que ia atrapalhar a desencarnação dele e ele não ficou realmente, ele até os últimos dias de vida dele... Ele enxergava pouco, mas enxergava, ele tinha uma visão assim... Vamos supor hoje. .. Ter o 10% da visão, ele via sombreado, assim..., nos últimos anos de vida dele não sabia dizer... “é o Paulinho que tá aí?”, via uma sombra... Me chamava de Paulinho, e então ele me conhecia... as vezes pelo perfume também, pelo cheiro ele (...) mas ele não ficou cego. E assim como ela falou, ela fez vários trabalhos para ajudá-lo com maná e rosa branca: molhava um algodão no maná com folhas de rosa branca e limpava a vista dele. Então ela trabalhava minha mãe, trabalhou anos e anos com ela, né? Com essa entidade... Eu nunca conheci outro centro de umbanda, por exemplo, que alguém trabalhasse... Não sei como funciona isso também, desculpa a minha ignorância... Não sei a entidade que trabalha com uma pessoa... na época chamavam de cavalo, não sei como se chama hoje... Não sei se ela pode trabalhar com outras pessoas porque não tenho este conhecimento, mas que a gente viveu toda uma época. (...) Agora, o que eu me lembro da Maria Bueno é isso (...). Não era todo o trabalho que ela vinha... Ela não tinha ponto, não tinha ponto. Ela vinha sempre encerrando o trabalho. Por exemplo, eu não sei a ordem, mas abrem com aquelas entidades que firmam a segurança... Não sei a sequência assim dos Orixás, eu sou meio leigo nessa parte... sei que tem Oxum, Ogum, Oxossi... Não sei o que é, depois vem o preto velho e tal, vem Ibiji e.. aí vem ela. Ela vinha fechando, antes de encerrar os trabalhos, né? Ela vinha porque tinha sempre alguém que estava precisando, aí como te falei, na assistência, na corrente... Ela sabia de que a pessoas estava precisando e tal, né? Então ela vinha, ela nunca abriu o olho, ela sempre com olho fechado, com olho fechado, ela fazia o passe à pessoa (...). Sempre ministrava o passe, aplicava o passe de olhos fechados, aqui assim ela fazia assim (...) não tinha ponto, ela não pedia nada, assim como outras entidades, pedem... Eu me lembro da preta velha, da vó cambinda, ela tinha um negócio preto chamado “coité”, sabe o que é um “coité”? É tipo... a metade de um coco preto, onde colocava cerveja preta e ela tomava... Tomava cerveja preta, um golinho (...) A Maria Bueno não tinha nada disso, não tinha nada que ela tomava,

não tinha nada que ... Ela vinha naquela paz quando ela vinha assim... Aquilo ficava uma paz no local, assim... Era... Paravam os pontos, paravam os cantos, ficava em silencio, só ouvindo a voz dela, parecia uma coisa angelical, celestial a voz dela quando ela entoava e falava assim, e daí ela já sabia quem é que estava aí para resolver aquele problema... Tudo. (...) Ela tratava muito de problemas de vista, dores de cabeça, problemas relacionados ao emocional, problema nervoso, assim... pessoa que tinha problema no sistema nervoso, ela ministrava receitas, o “cambone” anotava, ela mandava escrever o que era para comprar em homeopatia. Na época tinha aqui em Curitiba o Doutor Valdimir Pereira, não sei se existe hoje ainda, mas eu lembro que ela... Todo o nome do remédio que ela passava aí, tinha lá para comprar... Misturava tudo: ponha tantas gotas com água e tomava uma colher no almoço, uma colher a tarde, uma colher a noite.(...) Ela fazia, por exemplo no caso do meu pai, receitou varias vezes... Então vai pegar a água, misturar com maná e folhas de rosas brancas, deixar um algodão aí e colocar na vista, para limpar a vista daquela catarata que ele tinha. E assim, sempre, sempre, sempre tinha folhas de rosas... Na maioria dos remédios que ela ministrava sempre tinha pétalas de rosas, ou maná, ou a água... Sempre tinha alguma coisa assim. (...) Somente questões de saúde, né? Até... Estranho, né? Porque a Maria Bueno foi uma pessoa que foi assassinada, né? Aqui, quando esteve em vida na terra foi assassinada por um ex- namorado, né? Você que pesquisa isso... Mas ela nunca se colocou assim para resolver problemas de matrimonio ou problemas de casais ou alguma coisa assim, nunca, nunca, nunca, eu lembro só dela resolvendo problemas de saúde. (...) Ela vinha sempre quando a Avó Cambinda vinha, a Avó Cambinda falava assim: “eu vou embora, vou subir porque a moça vai descer”. Ela falava assim, não sei se a Avó Cambinda dava autorização ou não, mas dizia “nega velha vá embora porque a moça vai descer”, ela dizia assim. A moça que se referia era. Maria Bueno, a preta velha se referia a. Maria Bueno como moça, “ a moça vai descer”, dizia assim, a gente cantava aquele ponto “já vai preto velho subindo pro céu e nossa senhora cobrindo com véu” aí a gente achava que ia vir a minha mãe, o cavalo no caso, no fim não... aí vinha aquela tranquilidade, ela esfregava as mãos assim, virava para a gente e já dizia “que a paz do senhor esteja convosco”, aí era o cartão de visita da Maria Bueno., a gente sabia que era a Maria Bueno, a entidade Maria Bueno. que tava ali no terreiro. (...) a maneira dela responder era sempre uma maneira ... pausada, uma maneira diferente, assim, como se fosse uma oradora, uma pessoa que tivesse todas as respostas assim, já... como se tivesse estudado para responder. Nunca deixava ninguém sem resposta, mas... por exemplo como posso te explicar assim ... ela respondia como que por parábolas assim... por exemplo, para alguém que estava sofrendo muito dizia: “não há mal que perdure para sempre nem bem que dure a vida eterna”, ela sempre falava com termos diferentes, assim... uma tranquilidade para falar, uma pausa, uma fala, uma oratória dela encantadora, uma coisa que nunca vi, que nunca acompanhei com outras entidades que vinham, por exemplo, preto velho fala errado (faz exemplos de falas) Maria Bueno não tinha nada disso, não tinha nada, nada, nada e sempre uma voz pausada, tranquila passando calma, refletindo tranquilidade como quem diz assim...vou levar um pouco de paz para esse coração que está perturbado... era uma coisa bem suave, por isso que cessava o batuque, cessavam os pontos... e nem ponto no chão ela firmava, nada, nada, nada, ela ficava em pé, sempre em pé, ministrando os passes dela, sempre em pé, nunca puxava um ponto, nada, nada, nada.

Este relato é do filho de uma médium que incorporava Maria Bueno, dona Valquíria, falecida em 1999. Segundo a narrativa de Paulo, os rituais envolvendo a santa “destoavam” daqueles voltados a outras entidades da Umbanda. A circunstância em que a santa incorporava era *sui generis*. Sua presença despertava bons sentimentos e sensações agradáveis nas pes-

soas. A assistência prestada à clientela e especificamente voltada à cura. Todos esta menções correspondem a posição dela no plano espiritual, ao seu grau de desenvolvimento⁸⁶.

Comparando os relatos de Paulo aos de Renato e Arnaldo Azevedo, verifica-se um discurso (mais ou menos consensual) quanto ao pertencimento de Maria Bueno à direita da Umbanda. Também é dito que a santa só é incorporada em condições e contextos excepcionais e não mantém qualquer relação com a *quimbanda/ a esquerda/ os exus e pombagiras*⁸⁷.

Apesar de se diferenciar do modelo cristão (onde o bem e mal, virtude e vício são extremos que não admitem gradações entre si) e operar com as tendências maléficas e benéficas dos espíritos, a Umbanda mantém-se no campo da dualidade entre bem e mal. Daí a divisão do panteão entre “espíritos bons”, ao estilo kardecista e católico (*caboclos, pretos-velhos, médicos, santos* e entre outros), e dos *exus* e espíritos considerados “maléficos” e/ou obsessores, que também podem “evoluir” desde que aceitem ser “batizados”.

Como assinala Reginaldo Prandi (1996) em seu livro *Herdeiras do Axé*:

Na umbanda, formada nos anos 30 deste século do encontro de tradições religiosas afro-brasileiras com o espiritismo Kardecista francês, pombagira faz parte do panteão de entidades que trabalham na "esquerda", isto é, que podem ser invocadas para "trabalhar para o mal", em contraste com aquelas entidades da "direita", que só seriam invocadas em nome do "bem". [...] a umbanda, por sua herança kardecista, preservou o bem e o mal como dois campos legítimos de atuação, mas tratou logo de os separar em departamentos estanques. A umbanda se divide numa linha da direita, voltada para a prática do bem e que trata com entidades "desenvolvidas", e numa linha da "esquerda", a parte que pode trabalhar para o "mal", também chamada quimbanda, e cujas divindades, "atrasadas" ou demoníacas, sincretizam-se com aquelas do inferno católico ou delas são tributárias. Esta divisão, contudo, pode ser meramente formal, como uma orientação classificatória estritamente ritual e com frouxa importância ética. Na prática, não há quimbanda sem umbanda nem quimbandeiro sem umbandista, pois são duas faces de uma mesma concepção religiosa. (PRANDI, 1996, p. 140).

Convém ressaltar que mesmo que a santa esteja inserida nos rituais da *quimbanda* — como denotam as oferendas de *pombagira* junto a sua capela —, ao longo do trabalho de campo não encontrei nenhum devoto que me confirmasse isso. Os que colocavam *despachos*

86 A noção de evolução espiritual do kardecismo subsidiou a organização das linhas da umbanda. Conforme essas linhas (ou falanges) as entidades são ordenadas segundo o nível de desenvolvimento espiritual delas. No topo desta hierarquia estão os santos católicos (Nossa Senhora, São Jorge, São Sebastião, Santa Bárbara e Jesus), nas linhas intermediárias estão os orixás que se aproximam dos santos católicos, mas estão ligeiramente abaixo deles. Os *pretos-velhos* e *caboclos* estão num nível abaixo dos orixás, mas alcançaram a evolução espiritual através do sofrimento em vida. Na parte inferior da hierarquia estão as entidades associadas aos vícios, à transgressão da moral e da lei e aos prazeres mundanos: trata-se dos marinheiros, boiadeiros, baianos, ciganos e sobretudo os exus e pombagiras.

87 De acordo com Renato Ortiz (1987): *o pensamento umbandista caracteriza-se pela dicotomia e hierarquia mística. Dicotomia simplificada na idéia de a Umbanda pratica o bem e Quimbanda pratica o mal. Dentro do campo religioso em que Umbanda e Quimbanda encontram-se em pólos opostos. Os umbandistas se afirmam e se diferenciam de seu oposto através da hierarquia: Umbanda lida com espíritos elevados, enquanto Quimbanda lida com espíritos baixos. Isto é, espíritos mais e menos evoluídos (nos termos kardecistas).*

no velário de Maria Bueno alegavam que não eram para Maria Bueno, mas para os *exus do cemitério*. Ademais, é preciso assinalar que as representações de Maria Bueno como *pombagira* são construídas fora do campo religioso. As narrativas teatrais, assim como as históricas e jornalísticas vão explorar os indícios de que ela foi uma prostituta. Dessa compreensão emerge a Maria Bueno *pombagira*, que não encontra respaldo no campo religioso, e, sim fora deste: no campo das produções literárias e artísticas.

Para os adeptos da Umbanda, bem como para os católicos, Maria Bueno foi uma mulher de vida sofrida e virtuosa. Essa biografia (hagiografia) a gabaritou a ocupar os níveis mais elevados do plano espiritual. Diferente das *pombagiras*, cuja trajetória na terra foi marcada pelo vício, pela devassidão, “condenando” essas entidades às *trevas*, aos níveis mais baixos do *campo mediúnico*. Maria Bueno é enquadrada na *linha de cura*. Isto a coloca à *direta nesta hierarquia* espiritualista, lugar que corresponde ao *bem* e a evolução espiritual. Ou seja, as representações da Umbanda corroboram com as do catolicismo popular.

Em contrapartida, o discurso contra-hagiográficos (sustentado pelo clero local, pelos homens letrados, entre outros) inspirou narrativas históricas, teatrais e literárias que exploram os indícios de que ela vivia amásia com militar que a matou. Alguns dramaturgos se basearam nessa versão para retratá-la como uma mulher lasciva, que não se enquadrava nos padrões de comportamento femininos da época e pagou com a própria vida pela conduta desviante: acabou sendo assassinada em um crime passionai. Boa parte destes dramaturgos e artistas não são devotos. Com base no *discurso da falta de virtude da santa* eles atribuem a ela posição social que corresponde à condição marginal dentro da hierarquia religiosa. Estes *homens das artes* a colocam à esquerda, o lado do mal. Também associado à defesa (em oposição à proteção). Dessa representação sobressai a constituição de uma figura supostamente “popular”, isto é, marginal, semelhante às *pombagiras*.

5.6 A *pombagira* de Oraci Gemba

O primeiro projeto de levar a vida de Maria Bueno para os palcos foi desenvolvido pelo jornalista Walmor Marcelino, na peça *Os Fuzis de 1894: Paixão de Maria Bueno e outras Pessoas*. Porém, o plano foi frustrado poucos dias antes da estréia. A montagem teatral de Marcelino foi censurada pelo regime militar e a apresentação suspensa.

Segundo o *script*, a peça “Os Fuzis de 1894” deveria começar com a entrada em cena de duas velhas, um mendigo e uma prostituta que, em procissão, levam uma vela enorme a um mausoléu cheio de ex-votos, muletas, cabelos, bonecas. Os personagens se ajoelham e começam a rezar para Maria Bueno. Cada um deles roga pela santa do seu próprio jeito. As duas

velhas rogam pela Maria Bueno casta que *foi imolada por sua pureza, que se conservou virgem, mesmo diante da morte*. O mendigo roga a uma Maria Bueno como ele: miserável, que morava na rua e passava fome. A prostituta, por sua vez, reza pela Maria Bueno que como ela *tinha a sina da pombagira*. Ao ouvirem as preces uns dos outros os personagens começam discutir. As velhas brigam com a prostituta por considerarem uma blasfêmia a insinuação de que a santa *fosse uma meretriz*. A prostituta as responde com insultos. Os personagens seguem defendendo seus pontos de vistas, sua representação particular da santa ao longo da primeira cena. Na sequência, os quatro personagens saem de cena, a partir daí a peça se encaminha para uma “retrospectiva” da vida de Maria Bueno. Neste retrospecto, Maria Bueno primeiro é retratada como uma lavadeira que além de serviços domésticos presta serviços sexuais aos homens. Essa Maria Bueno é assassinada no fim do primeiro ato. O segundo ato começa com Diniz (seu assassino) em frente a um pelotão de fuzilamento. Maria Bueno ressurge no segundo ato, agora como espírito, ela dialoga com os vivos, discute questões existenciais e políticas relativas à sua condição marginal. Essa Maria Bueno espiritual é questionadora, descrente, revoltada e disposta a confrontar seus interlocutores, que neste caso são personagens que representam os setores conservadores e a elite local. Quando a discussão entre Maria Bueno e estes personagens se acirra, Diniz recebe permissão para sair de frente do pelotão de fuzilamento e degolá-la novamente. A partir daí a peça segue sem a personagem de Maria Bueno, passando a abordar a Revolução Federalista de 1894.

A peça de Oraci Gamba, “Maria Bueno”, estreou no Teatro Guairá, em Curitiba, no dia 27 de setembro de 1974 e encerrou a temporada no dia 13 de outubro do mesmo ano. Maria Bueno foi representada pela atriz Antônia Alves Pereira Arruda (Tônica). Nesta, Gamba retrata Maria Bueno como moça do interior que se muda para cidade a fim de trabalhar como empregada doméstica, neste processo de “proletarização” ela luta contra o próprio destino. No *script* de Gamba as mudanças de cena são pontuadas por uma espécie de cântico à *pombagira*:

1ª mudança de cena – Gira, gira, gira/ Minha pomba girou/ Gira, gira, gira/ Gerador de óleo fumaça e vapor/ Da chaminé de perfumes/ Dando incenso de flor/ Das giras, todas as giras/ Da minha pomba que girou em busca do seu amor/ Gira, gira, gira na desgraça e na dor/ Gira minha pomba girou, nas benções do senhor.

2ª mudança de cena – Caminhar por andar/ Por cair numa esquina ou dar voltas no ar/ Foi o que se falou / Foi o que se falou/ De querer fugir/ De tudo no muno foi o que se falou/ Gente que se rodeia/ Numa roda circular, formando uma teia, você bem pode quebrar/ Maria, Maria da Conceição, Maria da Conceição Bueno.

3ª mudança - Maria, Maria da Conceição, Maria da Conceição Bueno/ Guarda esse sonho de paz/ Que a moenda vai girar/ Tritura em mil pedaços pra tirar de dentro deles, muito suco do azar/ Maria, Maria da Conceição, Maria da Conceição Bueno/ Gira, gira, gira, gira/ Minha pomba girou.

FIGURA 22 - APRESENTAÇÃO DA PEÇA DE ORACI GEMBA, “MARIA BUENO”



FONTE: Acervo teatro Guairá.

Ao longo da peça fica evidente que Maria Bueno conhece sua sina (virar prostituta, ser assassinada e se tornar santa). Então, o enredo da peça se desenvolve em torno da luta da personagem para mudar o final da própria história. Mas, ela acaba aceitando “seu destino”. Essa aceitação se dá na última cena, quando a personagem se posiciona em cima de um altar e convida Diniz para sacrificá-la, como se os dois tivessem um contrato a ser cumprido:

Maria Bueno - Pois, que seja! Traga a minha fantasia e o pote para aparar o sangue! Decisão deve ser inteira!

Cena: *a mãe de Maria traz uma grinalda, véu e um vestido branco, a irmã Maria Rosa traz o pote de barro e uma trouxa de roupa. A ex-patroa traz perfume e o ex-patrão, que tentou estuprá-la, traz um maço de rosas brancas. Outros personagens trazem uma cruz e velas.*

Maria Bueno – Não quero reverências nem lágrimas! Pra mim basta o que penso de mim mesma! De minha parte cumpri o prometido: no meu tanque de lavar não se fez cama, e o meu quarto de dormir não foi consolo dos meus senhores. Portanto, quero a fantasia mais alva, o pedestal mais alto, na primeira fila do cemitério mais importante que e pra olhar essa cidade de frente e de cabeça no ar! E não se esqueça quero uma trouxa de roupas sujas debaixo dos meus pés que é pra eu também pisar na cabeça da serpente!

Cena: *virando-se para o fundo ela chama por Diniz.*

Maria Bueno – Inácio José Diniz saia do seu esconderijo que eu vou dar o que é você me pede!

Cena: *Ele aparece com uma anavalha.*

Maria Bueno – Venha Diniz ! Aqui estão meus cabelos, minha boca, meus seios, meu ventre e o corpo que você tanto sonhou. Só que antes você vai ter que lutar muito por ele. Meu corpo só será seu conforme o prometido, depois de inteiramente frio.

Diniz – Ah, parda de asas negras, se nega a ceder. Sua imagem criou um castelo na minha cabeça e mutilou minha vida num bafejo de recusa. Não Maria, não pretendo caminhar torto, decepado, deixando em você o que me foi negado. Eu vou lhe servir na mesma taça o que de mim você roubou! Não vai fazer voar seus cabelos ao vento, nem perfumar outros caminho, nem deixar rastros na areia para me consumir de desejos! Quero acabar com seu vulto vagando nas noites longa de minha insônia.

Maria Bueno – Não demore mais! Venha logo, antes que o sol apareça no horizonte! Quero a fantasia mais alva o pedestal mais alto, na primeira fila do cemitério mais importante da cidade, que é pra olhar essa cidade de frente! De cabeça no ar, com uma trouxa suja sobre os meus pés. Também pisarei na cabeça da serpente!

A última montagem teatral baseada na história de Maria Bueno ocorreu em 2007: “Maria Bueno, a santa (tipicamente) curitibana” do dramaturgo e diretor César Almeida. Antes de Almeida, Wellington Silva (1993) também “roteirizou o mito”. Contudo, diferente de seus antecessores César Almeida transformou tragédia em comédia. Na adaptação feita por ele, Maria Bueno é uma espécie de “Cinderela promíscua”, com direito a fada-madrinha *drag-queen* e final infeliz.

Tive a oportunidade de assistir a peça, conversar com o diretor e sentir como foi a recepção dos devotos dessa leitura burlesca e debochada da “biografia da santa curitibana”. Surpreendeu-me o fato de, apesar de jocosa, a peça aparentemente ter agradado aos devotos⁸⁸. Aliás, como relatou César Almeida, e como eu mesma pude constatar, a maioria dos espectadores da peça eram devotos da santa. A peça ficou em cartaz por aproximadamente um mês no Teatro Novelas Curitibanas (estreou no dia 17 de janeiro de 2007 e encerrou em 11 de fevereiro de 2007) e contou com cinco apresentações semanais (de quarta a domingo). Os ingressos se esgotaram duas semanas antes do encerramento. Para César Almeida, além da divulgação massiva (através de matérias publicadas nos jornais de grande circulação e dos milhares de folders e cartazes distribuídos pela cidade), a popularidade da santa contribuiu para que a peça excedesse a média de público dos espetáculos teatrais.

De tempo em tempos o enredo da vida de Maria Bueno se torna objeto de interesse da imprensa, de estudiosos, assim como de dramaturgos, escritores e artistas. Novos discursos e representações sobre essa personagem são constituídos. A revelia dessas leituras dessacralizadas e dessacralizantes do ícone religioso, os devotos seguem demandando os préstimos espirituais da santa e consagrando-a em rituais privados e públicos.

Ocorre que com a morte (trágica) da figura histórica emergiu essa figura sagrada, ente imortal que continua existindo (convivendo com os vivos), correspondendo às crenças da coletividade como taumaturga e benfeitora⁸⁹. No caso de Maria Bueno, somente muito tempo depois da sua morte e da consolidação de sua *figura sagrada* é que surgem questionamentos

⁸⁸ Estou afirmando que a peça foi bem recebida pelos devotos por causa do entusiasmo demonstrado por eles. Alguns assistiram a peça mais de uma vez. A maioria fazia questão de cumprimentar o diretor ao final do espetáculo, felicitando-o pela idéia de produzir um espetáculo sobre a santa. Contavam a ele sobre sua devoção. Outro “termômetro” da aceitação do público foram as palmas, ao longo da apresentação e, principalmente no final do espetáculo, quando as pessoas aplaudiram de pé e longamente os atores. Outro indício de que gostaram do espetáculo foram os comentários positivos na saída. Na pesquisa de campo no cemitério acabei encontrando devotos que haviam assistido a peça, todos afirmaram ter gostado.

⁸⁹ O termo figura esta sendo empregado aqui de forma metafórica.

de cunho historiográfico (biográficos) e o interesse em “restaurar” a *figura histórica*. Questionamentos e interesse que produzem uma extensa lista de textos versando sobre a santa (figura sagrada) e a “mulher detrás da santa”(figura histórica).

5.7 Entidade ambígua

Essa insistência em retratar Maria Bueno como prostituta, aparentemente, não causou prejuízo ao culto religioso. Nesses mais de cem anos de devoção diferentes narrativas têm concorrido na representação de Maria Bueno. Nenhuma destas, porém, conseguiu superar a narrativa devocional, nem mesmo a narrativa hagiográfica. A verdade é que estes relatos não se sobrepõem aos relatos de milagre.

Quando indagados sobre a história de Maria Bueno muitos devotos resume tudo que sabem na frase: *Maria Bueno foi assassinada por um militar*. Os mais assíduos vão além, abraçam a versão divulgada por agentes como Sebastião Izidoro, Arnaldo Azevedo e os membros da Irmandade Maria Bueno e completam: *Maria Bueno foi assassinada por um militar que tentou estuprá-la*. Outros inventam suas próprias versões. Qualquer que seja a história contada por eles o tônus da narrativa se concentra no relato dos milagres realizados pela santa curitibana.

Da mesma maneira que discurso jornalístico e a dramaturgia constroem Maria Bueno como prostituta, *pombagira* e afins, os agentes do campo religioso a constroem como objeto dos cultos (católicos, umbandista, espíritas, públicos, privados, etc.). Para construir a personagem como prostituta os dramaturgos, por exemplo, recobram os discursos dos jornais. Ao passo que alguns agentes do campo religioso recorrem à própria Maria Bueno. Isto é, convidam o espírito da santa a se pronunciar sobre a própria história, a dar conselhos, a curar, em especial através nos rituais que não “maculem” sua “santidade cristã.”

Neste ponto que começa a indefinição quanto ao lugar dela no panteão umbandista. Assim como há um consenso quanto a posição ocupada pela santa no *campo mediúnico* (reportada à direita, à linha de cura, ao níveis superiores da hierarquia espiritual). Por outro lado, há um dissenso quanto ao *status* da santa. Afinal, *Maria Bueno é santa (no sentido católico) ou entidade (nos termo umbandista)?*

Marilena: *Quando a minha avó recebia Maria Bueno (MB), ela nem era considerada santa ainda. Ela era entidade. Ela vinha benzer o pessoal antes do Doutor Leocárdio (DL). Ela vinha, benzia todo mundo, dava o passe em todo mundo, daí que o DL vinha. Mas, primeiro era ela. (...). Eu sempre tive uma fé muito grande nela, tanto que eu já consegui graças. Muitos aqui... tanto quando o DL atendia, quando era uma coisa assim de doença e Ele via que não havia possibilidade da pessoa ter*

cura, Ele mandava ir lá no túmulo, fazer novena. (...) Aonde muitas pessoas, graças a Deus, consegui a graça através dela, do DL.

Jefferson: *Geralmente quando trata de saúde... Manda fazer novena prá MB (...). O Bezerra de Menezes também. Os pretos velhos mandam. (...)*

Marilena: *Teve uma menina que o DL... Ela... Ela não ia nem sobreviver. Acho que era problema no coração. E ela já tava desenganada pelos médicos. A mãe dela trouxe ela... Ela era bem pequenininha. Tanto que DL mudou o nome dela... Pôs o nome dela de Rosinha, era a Rosinha dele. Ele mandou ela ir várias vezes no cemitério fazer novena, levar fita e ela se curou, através da MB e do DL, através dos dois, não só dela. Tudo que tinha ver com doença Ele mandava entregar lá. Mandava fazer novena, fita, mandava levar uma rosa. (...)*

Jefferson: *A diferença entre entidade e santo... Eles falam muito em força espiritual em pureza espiritual. Não tem um médium suficiente puro ou suficientemente forte para receber um santo. O santo já não é uma entidade. Ele já tem uma outra função no plano astral. Então, depois que ela virou santa, ninguém recebe ela. Assim como ninguém recebe São Jorge, Santa Bárbara ou São Sebastião. MB tá num outro nível. Tem o nível das entidades e ela escalou um degrau maior. Quando ela teve essa ascensão, ela parou de vir.*

Confesso que não encontrei uma resposta definitiva para esta questão da ambiguidade que procede desse enquadramento de Maria Bueno na direita da Umbanda. Mas, meu diagnóstico preliminar é de que a inserção dela em um amplo circuito de trocas é um ponto fundamental para entender a questão. Ou seja, a chave para entender a ambiguidade dessa figura (ora retratada como prostituta, ora como mulher casta, ora como santa, ora como entidade) estão nos rituais, onde os fiéis estabeleceram a relação de *troca* com a santa marcada pelo incessante “pedir, receber, retribuir”, bem como pelo jogo do interesse e desinteresse pelo local de organização dos sistemas de troca.

Embora a **dádiva** não explique tudo, no final, é a melhor chave de leitura da dinâmica desse culto e a ambiguidade que recobre a figura da santa curitibana que, em minha opinião, se redefine a cada contexto de troca. O lugar que lhe é designado na hierarquia da umbanda não é fixo, bem como na hierarquia católica.

Apesar da afirmação de Jefferson (pai-de-santo) de que *agora ela é santa e não incorpora mais* os “devotos leigos” afirmam que ela não só *incorpora*, como os *aconselha* em suas demandas (lícitas ou ilícitas no que tange a moral católica e a lei). Nesse sentido, a solicitação de determinados favores a Maria Bueno, favores que não poderia ser solicitado a outros santos, considerados mais próximos de Deus, a exemplo de Nossa Senhora, indicam a posição atribuída a ela pelo fiel, se mais próximo dos santos do matiz católico o das entidades umbandistas. Em outras palavras, Maria Bueno pode ser invocada para atuar como santa católica, coligada a Nossa Senhora Aparecida, como *espírito de luz* atuando junto aos *médicos espirituais*, ou então, como *entidade da linha de cura dos pretos-velhos*. Tudo dependerá das necessidades do fiel. Dependendo da graça concedida ela situar-se-á mais à margem da sacralidade concebida no catolicismo (que é compartilhada pelos umbandistas e espíritas) ou apro-

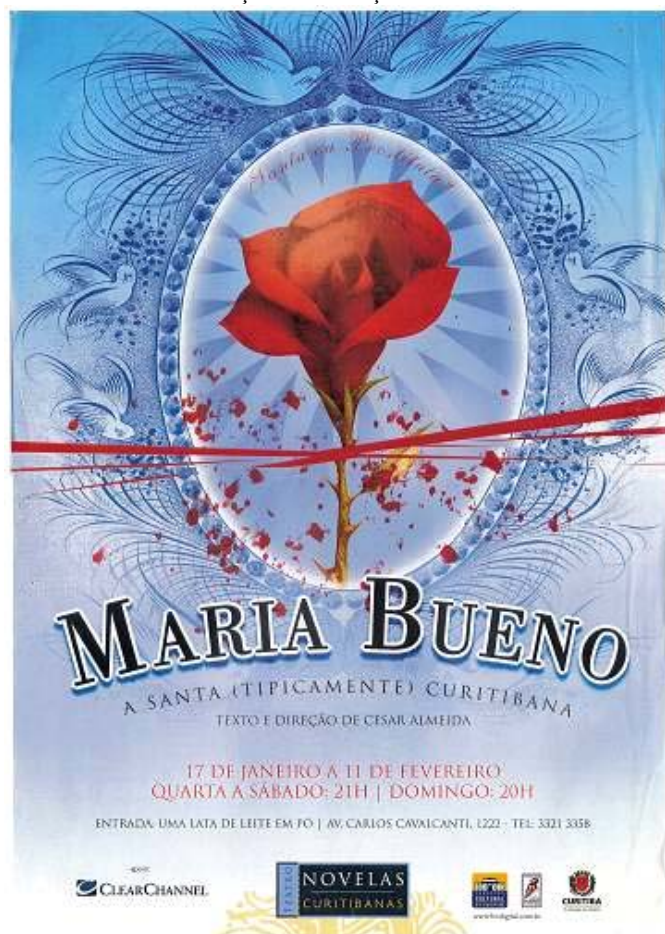
ximar-se-á das hipersantidade.(CALAVIA, 2009)⁹⁰. A predominância de devotos que se mostram satisfeitos com a capacidade da santa de curar e protegê-los dos males indica uma tendência ao enquadramento católico de Maria Bueno. Localizando os pedidos e, sobretudo a graça atribuídas à santa é possível localizar os deslocamentos da mesma dentro de campo de práticas e representações que vai do catolicismo popular fortemente influenciado pela visão clerical ao “liame do sagrado”: onde é possível dessacralizá-la para entreterimento do público como fez César Almeida, esrachando o mito sob aplausos dos devotos; convertê-la em estampa de roupas e objetos, como fez o estilista Silmar e propõe os fabricantes dos objetos do culto. A “santa curitibana” também figura em sites, jornais, novela de TV, comunidades no orkut e livros. Foi personagem de peças de teatro de autores locais, de coreografias de balé, gravuras de Poty Lazarotto, textos do Dalton Trevisan, pinturas de Alfredo Andersen e até uma coleção de roupas. Em suma, o campo de pesquisa poderia se estender indefinidamente.

FIGURA 23: ALTAR DO BAR KITINETE COM DIVERSAS IMAGENS



90 Segundo Oscar Calavia, “A linha que separa santos e deuses é indecisa e instável, desloca-se com frequência: divindades podem passar a ser tratadas ao modo de santos, e santos podem atingir de fato a estatura de deuses. É muito comum que na prática se elimine um desses termos. Quase todas as polêmicas dogmáticas do cristianismo inicial se dedicaram a definir se Jesus Cristo (e com ele Nossa Senhora) se encaixam em uma ou outra categoria. Arrianos e monofisitas tentaram empurrar Jesus Cristo – e, com ele, a sua mãe – para um dos extremos da polaridade, fazendo dele apenas deus ou apenas homem. A ortodoxia apontou sempre no sentido de transformar a hierarquia cósmica num continuum saturado em que a Jesus Cristo corresponderia uma divindade humanizada, e à sua mãe uma hipersantidade, colocada por cima daquela dos santos comuns. Essa ênfase no meio-termo – que desde fora é fácil entender como pluralismo politeísta – diferenciou o catolicismo de religiões cognatas como o judaísmo ou o islã, ou mesmo das versões reformadas do cristianismo, e tornou-o, fundamentalmente, uma religião de santos: se nos limitássemos a divindades inequívocas, como a de Deus Pai ou a da Trindade (ainda assim, haveria demasiadas pessoas aqui!), estaríamos adentrando em territórios frequentados apenas por especialistas. Outras religiões, como as que acabamos de citar, podem optar por iludir a relação com os santos, bem por uma simples repressão (qualquer entidade que se interponha entre Deus e o humano é diabólica, ou pelo menos denuncia um modo imperfeito de fê), bem porque decidem criar um atalho que, fazendo entrar Deus diretamente na consciência íntima do fiel, faça da religião uma relação binária exclusiva. O tecido final é bem diferente em cada caso Poderíamos postular que essa relação efetiva e direta com a divindade surge de mãos dadas com ideologias individualistas no sentido dumontiano, em que a totalidade é um agregado de sujeitos individuais, e não um sistema de diferenças. O diálogo direto e privado com Deus é à religião como o amor romântico é à sociabilidade: provavelmente seja a sua fonte, ou pelo menos surja das mesmas fontes, como relação que pretende açambarcar todas as relações, e eventualmente substituí-las (CALAVIA, 2009:206)”.

FIGURA 24 - FOLDER DE DIVULGAÇÃO DA PEÇA A SANTA TIPICAMENTE CURITIBANA



FONTE: Companhia de Teatro Rinha de Duas Cabeças.

FIGURA 25- SILMAR ALVES SE INSPIROU EM MARIA BUENO PARA CRIAR UMA COLEÇÃO DE ROUPAS



FONTE: www.mariabueno.com.br

CAPÍTULO 6 - A MORTE DE UMA MARIA

Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis, porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações.

Marcel Proust

Muito já foi dito sobre essa personagem. Há quem diga que era cabocla. Para outros, tratava-se de uma “bela mulata”. Especula-se até que fosse de origem espanhola. Ora é qualificada como “mulher de vida alegre”, “marafona”, “prostituta”, ora considerada “mártir”, “donzela que morreu defendendo a honra” e “santa”. A bem dizer, a morte trágica parece ser o único dado “inequívoco” sobre Maria.

Dois dos principais jornais da capital noticiaram o assassinato dela. Ou melhor, escreveram seu epitáfio: — *Aqui jaz uma pobre mulher de vida alegre, parda, encontrada morta em um capão de mato afastado, degolada pelo praça com quem vivia amasiada e com ela queria se casar.* Para os homens letrados era desta maneira que Maria deveria ser lembrada no futuro. Se tudo “saísse como o previsto”, a existência dela não deixaria outros vestígios, além deste discurso póstumo. Mas o mausoléu da santa Maria lá no Cemitério Municipal de Curitiba comprova que imprevistos acontecem. No local onde Maria foi assassinada, anônimos (como ela) começaram a produzir vestígios que comunicavam sua existência. Postularam histórias para vida dela, sem cair na tentação da comprovação dos fatos. Atribuíram a ela imagens, feições (ora branca, ora preta), virtudes e poderes divinos. Criaram um lugar para rememorar-la. A existência dela deixava, assim, de ser lembrada apenas pelas notas de um crime publicadas nos jornais. Foi assim que Maria se tornou a efígie do esforço coletivo em lembrá-la e consagrá-la. Contudo, esse esforço coletivo de comunicar “tão miserável existência” começou a atrapalhar o tráfico. *Quantas Marias morrem todos os dias? Quantas outras depois desta foram degoladas e jogadas fora?* Então, sem entender o apreço popular para com essa Maria, os urbanistas retiraram esses vestígios do caminho e sepultaram no cemitério da cidade, junto aos restos mortais da sua dona. À sepultura dela se dirigiram fiéis de todas as classes, etnias e religiões. Tanto prestígio acabou gerando questionamentos em relação à biografia, à imagem, às virtudes e aos poderes atribuídos a ela. Questionamento reiterado ano após anos pela imprensa. A revelia daqueles que almejavam retratá-la como *pobre mulher de vida alegre*, foi declarada santa, donzela virtuosa que morreu se defendendo dos ímpetus nefastos de um militar. Frente à implacável ação do tempo, que tudo destrói, a gente de Curitiba salvou Maria do esquecimento consagrando-a.

6.1 - O poder de nomear santos

A existência dessa mulher das camadas populares estava destinada, de antemão, a passar despercebida não fosse a inscrição de sua “tragédia” no espaço público (a rua e a imprensa). Sua existência chega até nós fragmentada e mediada por discursos. De um lado, o *discurso jornalístico*, que tanto buscou dados sobre a vida de Maria Bueno. A *infeliz Maria, parda, mulher de vida alegre* degolada pelo amásio: um *militar ciumento* que foi absolvido de seu crime por uma corte masculina. De outro lado, tem-se a *narrativa devocional* constitutiva do *discurso hagiográfico*.

É em relação a este último que versarei neste tópico. Admito, de antemão, que não foi possível apreender e responder todas as questões relacionadas ao processo que o constitui. De modo que sobraram lacunas. Faço votos de que possam ser completadas ou complementadas no futuro. Por ora, vou me ater aos discursos que permitiram que Maria Bueno fosse conhecida nos dias de hoje — ao contrário de outras mulheres que também figuraram o papel de vítimas em histórias trágicas. Isto é, trato dos discursos que a mantiveram presente entre os vivos, e, portanto, como objeto de apropriação e especulação de vários agentes e, por conseguinte, de dezenas de outros discursos.

No último Dia de Finados (2009), os devotos que visitaram o túmulo de Maria Bueno no Cemitério Municipal de Curitiba receberam, além das fitinhas e santinhos com a oração da santa, um panfleto com o resumo da *história santa*. Esse material foi distribuído gratuitamente entre os devotos com objetivo de difundir o culto a Maria Bueno, segundo afirmou o vice-presidente da Irmandade Maria Bueno. Nesse panfleto não há menção ao destino do assassino de Maria Bueno, como se verifica a seguir:

A história de Maria Bueno: Nasceu aos 08 de dezembro de 1864, em Morretes (PR), Maria da Conceição Bueno, filha de Pedro e Julia Bueno. Assim que nasce já é vítima da rejeição do próprio pai que esperava por um filho homem. Seu pai vende o sítio onde moram e vai se alistar na Guerra do Paraguai, deixando o dinheiro com sua mãe e levando consigo apenas 30 Réis. Não mais se ouviu falar dele. Suspeita-se que tenha morrido durante a Guerra. Dona Julia e Maria Bueno vão morar com Maria Rosa, a filha mais velha, em Capela do Tamanduá nas imediações da Serra de São Luiz em Campo Largo. Ali Maria Bueno foi batizada, aprendeu a ler, escreve e estudou religião com os padres Carmelitas, tornado-se uma menina inteligente e muito religiosa. Ainda muito cedo perde a mãe, ficando sob os cuidados de sua irmã Maria Rosa. Algum tempo depois Maria Rosa que estava grávida perde a criança e também a razão, sendo acometida de sérios problemas mentais. Começa o suplício de Maria Bueno. Sua irmã a maltrata e obriga a pobre menina a fazer as atividades doméstica. De tanto ser maltratada Maria Bueno foge e se esconde atrás do forno no convento dos Frades onde passa a noite rezando e chorando. Pela manhã é descoberta por um irmão que a levou até seu superior, para quem contou toda sua história.

Comovido o padre decide mandá-la para as Irmãs Marcelinas, que tinham um pequeno colégio em Curitiba. Foi recebida e acolhida pelas irmãs que viram em Maria Bueno uma perfeita candidata à Vida Religiosa, pois era dedicada aos serviços e com uma fé inabalável, participava da santa missa sempre que possível. A obra das irmãs não foi adiante e precisaram retornar para a Itália e como não podiam levar Maria Bueno a deixaram com um casal de italianos: Mario e Alice Basso. No início eram muito rigorosos com Maria Bueno, mas com o passar do tempo e conhecendo-a melhor perceberam que era uma moça especial, muito trabalhadora e passaram a admirá-la. O senhor Mário hipotecou seus bens para realizar grandes negócios, mas acabou perdendo tudo e morreu repentinamente, deixando para viúva Dona Alice uma simples casa de madeira, onde foi morar com Maria Bueno. Diante da situação e das dificuldades, Maria Bueno começa a trabalhar lavando roupa para algumas famílias e fazendo doces para se manter e ajudar Dona Alice. Sua atitude é de uma mulher guerreira, a frente do seu tempo, mas para a sua época uma moça andando sozinha pelas ruas foi alvo de interpretações equivocadas e de comentários levianos. Certa vez, enquanto andava em direção a casa de uma família onde entregaria as roupas lavadas, um moço muito simpático e educado aproximou-se dela, pediu seu nome e sua atenção. Ao ouvir o nome da moça e não sendo dispensado, o jovem Artur vê nessa atitude uma aprovação para o início de um namoro. Enquanto Artur se despedia de Maria Bueno, prometendo voltar, um militar chamado Inácio José Diniz observava tudo a poucos metros já tomado de ciúmes. Em outra ocasião Inácio vê quando Artur é recebido por dona Alice e Maria Bueno na casa onde moravam inflamando ainda mais sua ira. No dia 28 de janeiro de 1893, Maria Bueno foi convidada a participar e ajudar nos preparativos de um aniversário, onde aguardaria também a chegada de seu noivo Artur, que não apareceu. Dia 29 de janeiro de 1893, quando por volta das 3 horas da madrugada, muitos já tinham ido embora e a festa estava por se encerrar, um menino a mando do soldado Diniz procura por Maria Bueno e entrega-lhe um bilhete falso, que pedia seu retorno imediato para casa. Maria Bueno ao ler o bilhete sai apressadamente pela rua escura quando de repente foi surpreendida por Diniz que a cercou e a dominou ameaçando-a de morte caso não se entregasse a ele. Prontamente, Maria Bueno respondeu-lhe que preferia morrer a entregar-se a ele, pois já estava comprometida e amava seu noivo. Diniz tomado por muito ódio, revela que matou seu noivo Artur e enterrou, para o desespero de Maria Bueno que, contrita, encomenda sua alma a Deus. Diniz com sua navalha afiada defere o golpe fatal e degola Maria Bueno, fazendo seu sangue jorrar com força ensopando a gangorra do terrível assassino. De joelhos, com as mãos postas em atitude de prece e tendo a cabeça estendida para trás, sustentada somente por alguns tendões do pescoço, Maria Bueno agonizou até a morte. [Fonte: Irmandade Maria da Conceição Bueno, 02/11/2009].

Setenta e cinco anos separam a publicação da matéria da “Gazeta do Povo” (apresentada no Capítulo 3 desta dissertação) da veiculação deste “resumo” da hagiografia da *santa curitibana* (elaborado por Marciel membro da Irmandade Maria Bueno). No artigo “Maria Bueno, a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes” é dito, pela primeira vez, que Diniz, absolvido pelo assassinato de Maria Bueno, foi *fuzilado pelos federalistas atrás do cemitério onde ela havia sido sepultada um ano antes*. A versão que coloca em voga o destino do assassino da santa. Assunto que não é mencionado no resumo elaborado pela Irmandade, a qual conclui a narrativa descrevendo o sacrifício da santa. As duas versões permitem pensar a hagiografia de Maria Bueno da perspectiva semântica, isto é, como articulação e combinação de elementos dentro de um sistema de representação. Para concluir esta

análise, porém, tomarei como referência a versão mais antiga, publicada na “Gazeta do Povo” de 1934.

Quando os federalistas chegaram ao Paraná, um ano e sete dias depois da degola de Maria Bueno⁹¹, encontraram uma população acuada e aterrorizada com as histórias escabrosas sobre os “degoladores dos pampas” que corriam as cidades do sul do Brasil.

Ainda nesse período que antecedeu o início da guerra, em novembro de 1892, um importante chefe político dos positivistas fora capturado pelos maragatos, que lhe

91 A Revolução Federalista durou de 1893 a 1895, estima-se que de dez a doze mil pessoas morreram ao longo do conflito. É descrita pelos que a viveram como uma carnificina fratricida, gerada pelo ódio intenso que moviam Republicanos e Federalistas. As tropas Federalistas iniciaram sua marcha do Rio Grande do Sul em direção ao Rio de Janeiro, com o objetivo de derrubar o governo dos marechais da Primeira República, tomaram uma cidade depois da outra. Chegaram ao Paraná em 05 de fevereiro de 1894. Um ano e sete dias após degola de Maria Bueno a Revolta da Degola (como ficou conhecida) se tornava uma realidade em terras paranaenses. Grande parte da população não tinha abraçado as ideologias de nenhum dos lados. Segundo o artigo em questão, quando chegou a Curitiba Gumerindo Saraiva “abriu a porta das prisões”, libertando todos os criminosos, ocasião em que Diniz teria se juntado às tropas dos maragatos. Essa é uma das versões. De acordo com outra, os rebeldes federalistas somavam mais de dois mil homens, aguerridos e fortemente armados, já haviam tomado a capital de Santa Catarina. As notícias dos saques, estupros e degolas já corriam a cidade. Segundo a historiografia oficial, as tropas republicanas de Curitiba e Paranaguá saíram dias antes da capital, rumo ao norte, por uma questão estratégica: para se unir aos republicanos que vinham de São Paulo. Mas há quem defenda que não havia nada de estratégico nesse recuo. O governo local não dispunha de um corpo militar que pudesse fazer frente à invasão armada, grande parte dos militares (como Diniz) sequer estava treinada para guerra. Desnorteado o governador da Província (Vicente Machado) transferiu a capital para Castro, a fim de preservar a própria vida e resguardar seu comando. Curitiba ficou totalmente aberta à entrada Federalista. Além de não contar com o governo e com força de segurança suficiente para conter a marcha dos “maragatos”, os poucos membros das forças de segurança que permaneceram na cidade desertaram, abandonaram as guardas das cadeias. Quando os federalistas chegaram à cidade nenhum prisioneiro foi encontrado atrás das grades. Em relatório o então alferes José Niepce da Silva descreve: “*E assim se desdobrava o impressionante espetáculo de baderna geral, em Curitiba. Sentinelas largando os postos, em pleno dia, deixavam nas guaritas as carabinas ou as espingardas, saindo a correr, ruas aforas. Ginetes rapidamente aprestados para curtas jornadas, galopavam aos grupos, para as portas da cidade, que estava na febre dos boatos. Carrocinhas guiada por aurigas, de olhos esgazeados, trotavam de momento a momento cheias de famílias e badulaques às pressas, em busca de seguros esconderijos nos sítios circundos. Um vento morno de insegurança e de pavor soprava de todos os lados, e nas próprias casernas já vazias de soldados, o populacho desenfreado depredava, destruindo a papelada dos arquivos, entre fortes algazarras e arrebatando armas e munições ainda sobejantes nas arrecadações em abandono. Enquanto que na cadeia pública, o vetusto sobradão da Praça Tiradentes, os sentenciados viam soar a hora de suspirada liberdade, com a fuga dos praças que os guardavam e a aproximação dos primeiros maragatos que espontaneamente se iam gerando no próprio ventre da cidade, para se apoderar dos edifícios públicos desertos de funcionários.*” Quando os republicanos retomaram o controle do estado e da capital instauraram a lei marcial com o argumento de restabelecer a “ordem”. As prisões ficaram cheias de inocentes e de culpados. Membros da elite, pequenos comerciantes, funcionários públicos, cidadãos e militares que, ao invés de enfrentar os “maragatos” de arma em punho, optaram por conviver, negociar e colaborar com eles, foram todos investigados e muitos deles foram executados. Na ocasião em que os Federalistas tomaram cidades paranaenses, em Paranaguá e Curitiba foram formadas comissões para negociar com eles. Em Curitiba, o Barão do Serro Azul foi escolhido pela comissão para negociar com Saraiva. A comissão arrecadava dinheiro e outros recursos junto aos comerciantes e empresários locais e os entregava aos “maragatos”, tratava-se de uma troca, onde os “empréstimos de guerra” aos federalistas garantiam a “ordem pública” na cidade. O que significava a coerção de saques e a invasão de propriedades. Quando retomaram o comando da cidade os Republicanos começaram a fuzilar os “traidores”, ou seja, aqueles que “alimentaram”, “deram pouso” e fortaleceram os Federalistas. Sem piedade, dezenas de homens foram encostados nos muros do Cemitério Municipal e fuzilados. Em geral, a acusação era de traição à República e conchavo com os “maragatos”, contudo, muitos dos que foram chamados de “vira casaca”, “conspiradores” eram “federalistas de ocasião”. A exemplo do Barão do Serro Azul: conservador e ex-membro da monarquia que se “aliou” aos Federalistas mais com intuito de garantir a manutenção do pleno funcionamento de seus negócios em um período de guerra, do que por questões ideológicas.

quebraram os ossos de todos os membros, depois lhe abriram o ventre e lhe retiraram os intestinos, para somente então matá-lo, separando a cabeça do tronco. (LOVE, 1975, p.62).

O anúncio de que os federalistas marchavam em direção à capital, segundo consta, deixou a população em pânico. Militares e políticos haviam “debandado”, deixando a cidade à mercê de saques e depredação de prédios públicos. Esse clima de desordem logo daria lugar ao clima de terror, com a chegada das tropas federalistas à Curitiba. Não se sabe quantas pessoas foram, de fato, executadas no tempo em que os maragatos ocuparam a cidade, mas as histórias a respeito da crueldade deles bastavam para manter a população apreensiva quanto ao próprio destino. Pois bem, o desfecho da história de Maria Bueno é referido aos “anos de terror” que se seguiram ao seu assassinato, com deflagração da Revolta da Degola⁹².

Como bem aponta Mircea Eliade, para o **homem religioso** não existem coincidências, pois ele acredita em uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende às coisas deste mundo, que se manifesta, santificando-o. Para o **homem religioso**, a morte, a vida e a **violência** (GIRARD, 2008) têm uma origem sagrada.

Neste ponto, convém citar também René Girard (2008, p.02)⁹³, para quem: “o sagrado é uma experiência da violência de tal modo repentina, temível e constrangedora no interior das comunidades que os homens acreditam e reconhecem nela um poder que os ultrapassa, um poder literalmente transcendente, perante o qual têm demasiado medo para que possa desobedecer-lhe, a *fortiori* para negar a sua existência.” No livro “O Bode Expiatório e Deus”, este autor prossegue com sua análise afirmando que quando as sociedades passam por uma crise de poder (isto é, quando todos os indivíduos passam a desejar as mesmas coisas, entrando numa disputa desordenada e empregando a violência para obtê-la) ocorre o que ela chama de **crise mimética**. Tratar-se-ia de uma crise extrema, onde todos os indivíduos de uma sociedade se mostram dispostos a fazer uso da força, da violência; em contrapartida, todos estão sujeito a serem vítimas da violência praticada por outrem. Essa crise pode chegar ao ponto de ameaçar a sobrevivência de uma sociedade.

92 Na carência de armas de fogo e munição, os combatentes da Revolução Federalista usavam armas brancas (espadas, facas, facões a afiados), de maneira que a degola se tornou o meio de execução habitual desse conflito. Com as mãos às costas, o prisioneiro era forçado a ajoelhar, tendo o pescoço cortado de orelha a orelha. Segundo os registros, muitas vezes a execução era realizada em meio a zombarias e humilhações. Em alguns casos, antes de ser degolada, a vítima também era castrada. Ou seja, mais do que economia de munição, cortar a carótida do adversário significava humilhação, pois tal prática o diminuía à condição de animal. A cada batalha, o ódio aumentava e a degola passou a ser empregada pelos dois lados, como vingança, somando-se à estratégia militar de não fazer prisioneiros. Uma vez aprisionado, o inimigo teria que ser encarcerado, vigiado e alimentado. Estima-se que mais de 10 mil pessoas foram mortas nesse conflito.

93 Cf. GIRARD, René. “O Bode Expiatório e Deus”. Covilhã: LusoSofia Press, 2008, p. 02.

Nesse sentido, é interessante notar que a publicação dessa primeira reportagem sobre o culto a Maria Bueno coincide com os 41º aniversário de sua morte (29 de janeiro de 1893) e o 40º aniversário da “invasão federalista” ao Paraná (05 de fevereiro de 1894). Ou seja, a publicação contempla os dois eventos. Como disse no Capítulo 3, não há registros históricos que confirmem a versão apresentada pela “Gazeta do Povo” — segundo a qual Diniz foi libertado e depois “castigado” pelo líder federalista, Gumercindo Saraiva. Esta versão se tornou verossímil porque a degola de Maria Bueno ocorre num dos períodos mais conturbados da história da cidade, que se enquadra na definição girardiana de **crise mimética**.

Contudo, considero muito significativa essa associação feita entre a história de Maria Bueno e a Revolução Federalista, associação esta que é desconhecida pela maioria dos devotos que entrevistei. Considero-a interessante porque esse evento histórico combinou-se com a narrativa hagiográfica de maneira organizá-la: 1) Maria Bueno é degolada⁹⁴; 2) Diniz é absolvido da culpa pelo crime, mas permanece preso; 3) explode a Revolução Federalista, o caos se instala na cidade e Diniz sai da prisão; 4) Diniz se une aos federalistas, reavendo sua antiga função de “braço armado”, sob comando insurgente; 5) Diniz comete outro crime e o líder dos insurgentes, Gumercindo Saraiva, manda executá-lo fuzilado; 6) Depois que Diniz é fuzilado surge a fama de santa e culto no local do crime. Nessa leitura hagiográfica: Maria Bueno é a mártir degolada por Inácio Diniz, o ex-militar fuzilado por ordem de Gumercindo Saraiva.

6.2 A santa, o criminoso e o anti-herói: personagens de um *drama social*

Figura controversa, Gumercindo Saraiva costuma ser representado ora como bandido sanguinário, estuprador e degolador de mulheres, ora como idealista e grande estrategista, apelidado de “Napoleão dos Pampas”. Na história de Maria Bueno ele aparece como aquele que deu ordem para fuzilar Diniz. A notícia da morte desse personagem foi celebrada pelos jornais locais que, na mesma linha do jornal “A Federação”, de circulação nacional, expressaram publicamente o repúdio e o rancor a Saraiva:

"Miserável! Pesada como os Andes te seja a terra que generosamente cobre teu cadáver maldito. Caiam sobre esta cova asquerosa todas as penas concentradas das mãos que sacrificaste, das virgens que violastes, besta, fera do sul, verdugo do Rio Grande. (...) Morto o bandido, é preciso enterrá-lo bem fundo na execração pública, para que as exalações daquela monstruosidade humana não vão (sic) empestar as páginas da história da brava terra gaúcha. (...) Maldita seja para sempre a memória do bandido" (REVERBEL, 1985, p. 91).

94 Como se observa no resumo hagiográfico produzido pela Irmandade Maria Bueno, esse evento (a degola) seria retratado de modo alegórico para referendar a santidade da vítima. Isto é, ela viveu como uma santa e morre como uma santa: ajoelhada e com as mãos postas.

Quase no final da guerra, os republicanos localizaram a cova do general uruguaio-brasileiro e *seu cadáver foi exumado e mutilado* (REVERBEL, 1985, p. 91, grifo meu). Apesar dos votos de que fosse lembrado como bandido, Saraiva aparece em diversas “lendas” do Sul do Brasil, muitas vezes como justiceiro.

FIGURA 26 – IMAGEM DE GUMERCINDO SARAIVA



FIGURA 27 - GUMERCINDO SARAIVA COM OUTROS LÍDERES DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA



FONTE: Site Centro Tradicionalista do Rio Grande do Sul.

Além de constar na história de Maria Bueno, fala-se dele na hagiografia do monge São João Maria, outro santo não canônico bastante popular no Sul do Brasil. Conta-se da presença do segundo João Maria nas tropas de Gumercindo Saraiva. Em uma parceria ímpar entre o “Monge dos Sertões” e o “Napoleão dos Pampas”, o líder do “Exército de São Sebastião” e o líder do “Exército Libertador”. O fato é que Gumercindo Saraiva aparece em diversas narrativas (místicas e míticas) da Região Sul do Brasil.

Nessa reportagem da “Gazeta do Povo”, o líder federalista é apresentado como aquele que promove o desfecho (jurídico) do caso. Seja retratado como “bandido” ou “justiceiro”, ele foi inserido em um sistema de representação, que articula símbolos religiosos e políticos e, em boa medida, condensa as experiências (as crises) vividas pela população de Curitiba em um “lapso de tempo”. Um período histórico que na memória coletiva engloba a Guerra do Paraguai (1864), Abolição da Escravidão (1888), Proclamação da República (1889). Tempo marcado pelas insurreições (Revolução Federalista, Batalha do Contestado), no qual certas figuras, em especial, os santos não canônicos, como monge João Maria e Maria Bueno,

conquistam relevância histórica e simbólica, como personagens de um **drama social**⁹⁵.(TURNER, 1982).

A partir dessa perspectiva do **drama social** a narrativa do “martírio” e “glorificação” de Maria Bueno é possível situar o “nascimento” da santa curitibana dentro de um processo de transformações estruturais e históricas.

Recobrando o relato em questão, temos a degola de Maria Bueno como o evento que provoca uma **ruptura** (que desencadeia uma crise). A absolvição de Diniz intensifica essa **crise**. A ação reparadora, por sua vez, pode ser reportada à invasão federalista. Isto é, quando os revoltosos invadem/ocupam Curitiba, Diniz é libertado, comete outro crime e é fuzilado por ordem de Gumercindo Saraiva (ação corretiva). Com a morte de Diniz, ocorre o desfecho do drama: Maria Bueno passa ser cultuada como santa. Em suma, ela é reintegrada à sociedade como santa. Nessa sequência narrativa, o assassinato de Maria Bueno é ponto de ruptura e sua santificação marca o fim da crise. Por trás desse **drama social** figurado por Maria Bueno, Diniz e Gumercindo Saraiva estão as estruturas sociais, isto é, um conjunto de relações sociais, empiricamente observáveis que, a julgar pelo contexto social e histórico em que se desenrolam, representam as tensões e instabilidades das relações sociais de um período.

A discussão de **drama social** permite propor que o nascimento do culto a santa curitibana em tempos e espaço **liminar** (de crise estrutural) pode ser tomado entre as manifestações da “anti-estrutura”. Nessas manifestações, figuras que ocupam posição de destaque dentro da ordem social, consideradas poderosas, revelam sua fraqueza (como a elite local que foge deixando a cidade à mercê da própria sorte). Enquanto figuras marginais, infames, estru-

95 Aqui cabe apresentar de alguns conceitos de Victor Turner (1974) que orientam esta análise. Segundo Turner, as sociedades não devem ser analisadas como coisa ou estado, mas como processos. Neste sentido, as configurações sociais podem variar entre fases estruturadas e de anti-estrutura. As *communitas* corresponderia à anti-estrutura, fase de suspensão da ordem na qual um drama social (conflito) se desenrolaria. Segundo o autor, na fase estruturada as posições políticas, jurídicas e econômicas são mais estáveis, mas há momentos em que predomina a liminaridade, isto é, de suspensão e desordenamento de status, é nessa fase que se verifica a *communitas*: *situação de relacionamento entre seres humanos plenamente racionais cuja emancipação temporária de normas sócio-estruturais é assunto de escolha consciente, a liminaridade é muitas vezes, ela própria, um artefato (ou “metefato”) de ação cultural* (TURNER, 1974:06, grifo meu). A distinção entre estrutura e *communitas* não se assemelha à distinção feita por Émile Durkheim (1912) entre profano e sagrado ou magia e religião (que correspondem a distinção entre relação social e representação social), mas entre manutenção e suspensão (ruptura) das estruturas sociais. Para Turner, a sociedade é um processo dialético de experiências estruturadas e não estruturadas; uma oscilação entre momentos em que predominam relações de tipo *communitas* e outros de predominância da estrutura; ou seja, uma alternância entre experiências de igualdade e de desigualdade entre os integrantes de uma dada sociedade. A passagem de um estágio a outro é marcada pela liminaridade, que remete a suspensão de *status*. A diferença entre estrutura e *communitas* consiste no fato da primeira ligar-se à ordem, ao status, à prescrição; a segunda, está para espontaneidade, o mutualismo e igualdade. Para Turner, situações, experiências, eventos de liminaridade constituem condições favoráveis para produção dos mitos, símbolos, rituais, sistemas filosóficos e a arte. O autor considera que fases e pessoas limiares podem ser bastante criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou podem ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem. (1974, p.10). Sendo portanto, um contexto que favorece releituras, reclassificações periódicas da relação do homem com a natureza, a sociedade e a cultura.

turalmente subalternos, mostram-se extraordinários. (TURNER 1982, p. 130). Estas figuras nascem com poder abrir espaço ao reordenamento social em sistemas classificatórios aparentemente estáticos. Esferas de produção simbólicas antes menosprezadas (como a da religiosidade popular) adquirem relevância e capacidade para agregar, organizar e conferir sentido às experiências coletivas. Todas essas inversões emergem em momentos de interrupção das relações cotidianas, suspensão dos papéis sociais, onde se pode visualizar os vínculos entre os indivíduos. Sob o impacto de conflitos como a Revolta da Degola, uma experiência desagregadora do ponto de vista político, social e simbólico, mas que, sem as mediações políticas e institucionais, mostra-se extremamente favorável a recriação das relações, dos símbolos e dos papéis sociais. Neste contexto de conflito, o poder de nomear, enquadrar e estabelecer hierarquias e de fixar representações históricas fica em “suspense”⁹⁶. Possivelmente foi aí que Maria Bueno se transformou em santa.

Convém ressaltar ainda que essa *atmosfera de terror* não terminou com a retirada das tropas federalistas do Paraná. A retomada do controle de Curitiba pelos republicanos, gerou outras tantas histórias escabrosas. Centenas de homens teriam sido fuzilados atrás do Cemitério Municipal de Curitiba. Por isso, as narrativas sobre este período de conflito reportam a degola ao tempo de ocupação federalista e o fuzilamento à retomada republicana. Assim, a degola constitui-se “marca” do ciclo de terror empreendido pelos federalistas e o fuzilamento marca do “ciclo de terror republicano”. Durante e depois da Revolta da Degola a violência e o terror se tornam uma forma trivial de conduzir a política e o mando sobre a população.

As inúmeras narrativas acerca do período da Revolução Federalista permitem dimensionar o peso simbólico desse evento na constituição da memória coletiva das populações do Sul do Brasil. Muitas narrativas referentes a essa época baseiam-se em acontecimentos violentos; histórias trágicas contadas com lances de heroísmo e que confrontam o espectador com questões como coragem, fidelidade, covardia e traição, e versam sobre heróis, vilões e bandidos. Em outras palavras, o evento histórico sucumbiu ao mito, transformando a “Revolta da Degola” em fonte inesgotável de narrativas e personagens místicos e míticos. Relatos como aquele que a centenária Sebastiana Garcia transmitiu a Sebastião Izidoro para que registrasse

⁹⁶Aqui a ocupação federalista pode ser tomada como período *liminar*, isto é, de suspensão de *status*. Como foi dito a notícia de que a tropa de Gumerindo Saraiva estava a caminho de Curitiba colocou, literalmente, a elite político-militar para “correr”. A parte da elite que não fugiu, ficou a mercê de Gumerindo Saraiva (frequentemente retratado como bandido, mercenário, caudilho que “ilegitimamente” tenta se estabelecer no poder) e teve que abrir os cofres para garantir o mínimo de segurança e estabilidade social. Mas em tempos de instabilidade e violência, manter-se no poder é tarefa difícil. Os federalistas foram derrotados as elites “fujonas” retomam o comando eliminando e execrando a parte da elite que tentou se estabelecer no poder na sua ausência. Os republicanos retomam as instituições de controle social, mas em um contexto instável e de tensão social.

em seu livro “Maria Bueno: história, romance e hagiografia”. O qual atesta o castigo aplicado por Gumercindo Saraiva ao matador de Maria Bueno.

Em termos narrativos, a degola de Maria Bueno pelo militar Diniz → a absolvição do militar → a invasão federalista → o fuzilamento de Diniz → a consagração de Maria Bueno; são eventos que denotam a passagem do estático/ordem para desordem/conflito e para reconstituição da ordem. Circunstanciada pela “Revolta da Degola”, Maria Bueno foi vinculada não só ao seu assassino Diniz, como também a Gumercindo Saraiva. Esses três personagens passam a figurar narrativas religiosas: ela como “mártir”, *vítima inocente assassinada por motivo torpe*; Diniz como *militar traidor, violento e afeito ao crime* e Gumercindo Saraiva como *invasor estrangeiro que pune Diniz*. Enquanto ela é retratada *como vítima inocente e virtuosa* os outros dois protagonizam feitos belicosos e violentos.

Para dar credibilidade histórica essa sequencia narrativa, o fuzilamento de Diniz foi referido a um trecho específico do livro “Os Fuzilamentos de 1894 no Paraná”, do historiador David Carneiro (1937):

A 16 de abril, dois soldados bombachudos mataram para roubar uma mula ruana e seus arreios, ao genro do velho Leodoro que ia em busca de médico para sua esposa. Gumercindo mais uma vez esteve a altura de sua situação. Reconhecidos os culpados, confessos, mandou fuzila-los sumariamente na praça que demora em frente ao quartel de 8º de cavalaria se ante tais e tão extremas medidas de repressão os roubos continuaram quando os soldados estavam pagos de seus soldos, o que seria de Curitiba se o empréstimo de guerra não viesse encerra-lhes o bolso com a quantia de soldos atrasados e os generais não pudessem, moralmente pelo menos punir os roubos que cometiam os esfaimados e descontentes? (CARNEIRO, 1937).

Essa versão que atesta o fuzilamento do assassino de Maria Bueno pelos federalistas foi cancelada pelos historiadores, os memorialistas e pelo clero; em fim, aqueles que costumam contestar “as narrativas fantasiosas” construídas em torno da santa. Para a historiadora Vera Jurkevics (2006), no entanto, o fuzilamento de Diniz é uma “emenda narrativa” que propicia uma conclusão a essa história. Na opinião dela (e na minha também), o matador de Maria Bueno não foi fuzilado, mas dizer que ele foi respondia às demandas narrativas (e simbólicas) de um período marcado pelo medo, a insegurança e injustiça. No qual “culpados e inocentes” eram executados sem julgamento.

Fora isso, afirmar que o militar Diniz (degolador de mulher) foi fuzilado por ordem de Gumercindo Saraiva não deixava de ser uma maneira de manifestar apoio aos federalistas. Em meio à atmosfera de repressão política, as pessoas buscavam se posicionar a favor ou contra os lados em disputa — dos *Pica-paus* que lutava a favor da República dos Marechais ou dos *Maragatos* contrários ao governo e favoráveis ao federalismo. Relatar as façanhas ou/e as atrocidades realizadas pelas partes envolvidas nessa disputa era uma forma de expressar posi-

ções e opiniões políticas. Foi nesse contexto que “o dom de falar do passado para despertar as centelhas da esperança, deixa de ser privilégio exclusivo dos historiadores; pois à medida que toma consciência de que **nem os mortos estão em segurança se o inimigo vencer**, o povo passa apoderara-se do passado.” (BENJAMIN, 1994, p. 20, grifo meu).

Parafraseando Alessandro Portelli (1991, p.01) que se surpreendeu com a numerosa quantidade de narrativas em torno da morte de Luigi Trastulli, operário italiano morto durante uma manifestação, afirmo que: o que tornou a morte de Maria Bueno importante não foi sua natureza trágica, pois a população de Curitiba vivenciou eventos tão ou mais trágicos do que esse. A exemplo do período histórico em questão, quando milhares de homens morreram degolados ou fuzilados e dezenas de mulheres foram estupradas. O que diferenciou o caso de Maria Bueno de outros foi o fato de sua morte ter adquirido conotação religiosa. São nesses momentos de “desestruturação”, que se criam as condições para que nasçam os santos. Isto é, nasçam e floresçam as narrativas devocionais (os relatos dos milagres realizados pelo santo).

Ao comentar a experiência do evento Walter Benjamin (1993 apud PORTELLI, 1991, p. 01) afirma: “é finito — de qualquer modo, o evento está limitado à esfera de experiência; mas quando lembrado um evento é infinito, porque é só uma chave de tudo que aconteceu antes e depois disto”. Em outras palavras, as narrativas sobre essa personagem que se tornou *Santa Curitibana* podem até referir-se ao passado, mas falam do que veio depois, do presente dos narradores, que em diferentes momentos fizeram destas um referencial. Aliás, o potencial da narrativa devocional está ligado a capacidade desta de desalinhar, desordenar as fronteiras religiosas e se deslocar entre o mito e o ritual, o passado e o presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir cito alguns autores que influenciaram nas escolhas (teóricas e metodológicas) efetivadas na produção desta análise. Um deles foi Oscar Calavia Sáez (2009) que inicia seu artigo “O que os santos podem fazer pela antropologia?” com uma provocação. Segundo autor, os santos não estão entre os objetos de estudo mais populares da antropologia, prova disso é que o repertório bibliográfico sobre o tema estaria bem abaixo da média – em quantidade e qualidade – daqueles voltados a outras entidades sagradas similares (deuses, espíritos ou demônios). Calavia aponta, porém, que muitos *personagens designados como santos pelos nativos são reclassificados pelos antropólogos como deuses, espíritos ou demônios*. De modo que, *é preciso definir o que estamos nomeando com o termo “santo”*.

Conceitualmente, concordo com o que diz Calavia o estudo do caso Maria Bueno revelou que nem sempre é possível apreender inteiramente as diferentes concepções que a categoria nativa *santo* abarca.

Quando comecei a pesquisa do caso Maria Bueno, parecia evidente que Maria Bueno era chamada de santa, a despeito da vontade e aprovação eclesiástica, porque os devotos enxergavam nela uma mediadora. Um ente sagrado capaz de levar seus pedidos até Deus e trazer a “graça” de Deus até eles. O fato de não ser reconhecida pela Igreja não tornava a santa “menos eficiente” aos olhos dos devotos. Pelo menos era o que parecia. Isso se verifica no caso da santa não-canônica de Curitiba, como também de outros santos não-canônicos que começava a ter contato através da revisão da literatura relacionada aos santos ao tema.

A primeira constatação foi que a devoção a Maria Bueno integra um universo mais amplo de culto a santos em cemitérios espalhados pelo mundo.

Dentre os estudiosos do tema, Felix Coluccio (1994) oferecia algumas pistas para se pensar essa temática dos santos não-canônicos. Com base em pesquisa realizada na Argentina, Coluccio sistematizou uma tipologia na qual aponta a existência de duas categorias principais de santos não canônicos: a dos *iluminados* e a das *vítimas de abandono, violência ou injustiça*. A primeira delas seria composta por “pessoas especiais” que dedicaram a vida às atividades de caridade e defesa dos pobres. A segunda categoria, mais heterogênea, desdobrar-se-ia em outras três subcategorias: 1) *Anjos*, categoria reservada às crianças mortas vítima da negligência ou do abandono; 2) *Vítimas inocentes*, categoria utilizada para adolescentes e adultos espancados, estuprados e assassinados por motivações perversas ou banais; e 3) *Pessoas de*

“*vida errada*”, categoria usada para criminosos e prostitutas que se arrependeram na hora da morte e obtiveram perdão dos pecados.

Em certos casos, observa-se investimento por parte da Igreja Católica na divulgação do culto aos *iluminados*. São casos em que a devoção popular é apropriada pela Igreja, como se pode observar recentemente nos casos da canonização de Frei Galvão e a Madre Paulina. Frequentemente estes casos envolvem figuras institucionalizadas como é o caso de freis, mães e outros *iluminados* que parecem “se ajustar melhor” à perspectiva canônica, o inverso do que ocorre com as *vítimas de abandono, violência e injustiça*.

As aproximações e distanciamentos da Igreja em relação às devoções populares foi objeto da tese de doutorado “Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular”, da historiadora Vera Irene, Jurkevics (2004) trabalho onde a devoção a Maria Bueno figura como objeto de estudo. A autora parte da idéia de que a devoção aos santos é um dos pilares de sustentação do catolicismo e empreende uma análise histórica da categoria santo, tendo por objetivo demonstrar que a noção de santidade foi sendo modificada conforme os contextos históricos. Segundo autora, os santos desempenham um importante papel na reprodução do catolicismo, seja no contexto da fé institucionalizada e burocratizada seja no contexto da “fé espontânea, subjetiva e puramente emocional” da religiosidade ou piedade popular. A partir do Concílio Vaticano II, segundo a autora, esta última teria passado por um processo de “valorização” institucional. Ela chama atenção, porém, para o fato de que o universo do culto aos santos compreende ainda uma terceira categoria: as devoções celebradas longe dos templos católicos e que “sequer seriam mencionadas pela hierarquia eclesiástica”: aquela que a Igreja não faz qualquer restrição por que não reconhece a sua existência.” (JURKEVICS, 2004, p. 23).

O poder de discriminação, assim como de apropriação da religiosidade popular traduzem assimetria de poder que domina o campo, o que se reflete, segundo a autora, ainda de outra forma: as devoções clericalizadas servem de modelo para a constituição popular dos santos no sentido de estabelecer referências para essa religiosidade. A autora toma o culto a Maria Bueno como ilustração de uma construção à margem da institucionalidade. Meu questionamento, porém, é se a opção por um caso que representa a “exceção à regra” não teria um menor “rendimento” do que se Jurkevics tivesse focalizado um *iluminado*, isto é, um santo não-canônico mais próximo do “espectro canônico”.

Neste ponto vale destacar, a contribuição etnográfica e teórica de Oscar Calavia Sáez sobre o tema (1999; 2001 e 2007), em especial seu recente artigo “O que os santos podem fazer pela antropologia?” (2009). Neste, contrariando a visão corrente, o autor defende que “o

labor simbólico encontrado no culto aos santos dotado de literatura, arte sacra e opulentos rituais públicos também pode ser encontrado nos cultos improvisados a mortos praticamente anônimos.” (2009, p. 200, grifo meu). O que significaria que o poder simbólico oficialmente consagrado tem suas origens na margem. Os santos são achados e domesticados – na medida do possível e em um prazo muito longo – pela Igreja, mas ressalta Calavia (2010) não são instituídos por ela .

Aqui vale recobrar a análise da historiadora Vera Jurkevics para uma ressalva: existe a probabilidade de que alguns destes não sejam arregimentados pela Igreja, continuem sendo a exceção.

Como aponta tese de Eliane Tânia Martins de Freitas, “Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte” (2006); o culto aos santos católicos na sua gênese, assemelha-se ao culto a estes santos hoje rejeitados pela Igreja. Nos “primórdios do cristianismo”, lembra a autora, o culto aos santos se caracterizava, fundamentalmente, como culto onde o mártir alçava à condição de santo por iniciativa popular. Este modelo foi mais tarde substituído pelo modelo da *virtude* instituído pela Igreja católica

Contudo, cultos como o de Maria Bueno, bem como dos santos bandidos estudados por Eliane Freitas (Baracho e Jararaca)⁹⁷, entre outros santos que, conforme a tipologia proposta por Coluccio, tornaram-se objeto de devoção popular porque foram *vítimas de morte violenta*, atestam que a noção de martírio está longe de ter se tornado obsoleta. Atravessou séculos, hoje, é reavivada através das narrativas que sublinham que a morte, em especial *a morte violenta e pública* (FREITAS, 2006:25, grifo meu) qualifica até aqueles que, a rigor, não levaram uma vida compatível com os padrões de santidade católica. Deriva daí uma longa lista de mortes violentas que outorgaram santidades.

Antonio Fagundes (1984) em seu livro “As Santas Prostitutas, um estudo da devoção popular no Rio Grande do Sul” analisou o caso de três santas não-canônicas cultuadas no Rio Grande do Sul: Maria do Carmo em São Borja, Izabel Guapa em São Gabriel e Maria Degolada na periferia de Porto Alegre.

Sobre Maria do Carmo os relatos são imprecisos, bem como a imagem dela — aparece branca, mulata, negra dos olhos claros —, em algumas versões ela era prostituta, noutras mulher promíscua dada a bebedeiras e farras, mas muito bondosa. Convidada a “ir ao mato” por um grupo de soldados foi assassinada e esquartejada num dia incerto, entre 1900 e 1910.

97 Segundo FREITAS, João Baracho foi fuzilado pela polícia em 1962, hoje é cultuado no Cemitério do Alecrim (Natal) e José Leite de Santana, o Jararaca, cangaceiro do bando de Lampião, teria sido enterrado vivo, hoje é cultuado no Cemitério São Sebastião (Mossoró).

Seu corpo foi encontrado sendo devorado por cães vira-latas em cima de uma sepultura do cemitério. Izabel Guapa também é retratada como prostituta. Conta-se que era uruguaia e levava uma vida de luxo sustentada por um rico fazendeiro das redondezas, quando a esposa ciumenta deste descobriu, contratou um “miliciano” (ex-soldado) para matá-la. O crime ficou impune, mas vinte anos depois a filha da mandante foi morta a tiros pelo próprio noivo ao sair do cinema, o motivo ninguém sabe, mas a partir daí desenvolveu-se um culto intenso a Izabel. Maria Degolada, por sua vez, teria morrido no final do século XIX. Dentre as três histórias a dela é a que mais se assemelha a de Maria Bueno, as representações são tão análogas que as duas Marias (do Carmo e Bueno) parecem ser uma.

Maria Francelina Trenes teria sido assassinada pelo soldado Bruno Soares Bicudo com quem vivia amasiada e a quem era infiel. Desejando vingar-se da adúltera, convidou-a para um churrasco. Após comerem e beberem o amante traído colocou em prática seu plano: pegou Maria pelos cabelos e a degolou com a faca de churrasco. “Diz a lenda”, que muitas pessoas teriam visto o espírito dela no local do crime, vestida de branco e gemendo. Graças a tais relatos as pessoas começaram a lhe acender velas e fazer pedidos, aos quais atende prontamente contanto que não sejam de ou para um “brigadiano” (militar). Maria Francelina conquistou a simpatia do povo, principalmente na Vila Maria da Conceição (periferia de Porto Alegre), comunidade que a converteu em “Maria da Conceição” e a “canonizou” segundo as “regras da religiosidade popular”.

Ainda que estas narrativas sobre a vida dos santos estejam em constante processo de transformação. Como no caso da Maria Bueno, cuja história foi sendo modificada, bem como sua protagonista. Existem alguns elementos que não se alteram. No caso de Maria Bueno, por exemplo, ora ela é retratada com mulher promíscua, nos termos dos porta-vozes da Igreja uma marafona, parda e amasiada (o que na Curitiba do final do século XIX também era um estigma) que foi assassinada pelo amante, um militar ciumento. Na hagiografia elaborada por Sebastião Izidoro Pereira, vamos encontrar outra versão. Uma versão que elimina as características (estigmas) mobilizadas nos discursos dos agentes da igreja e da imprensa, construindo uma personagem semelhante às mártires da castidade. A mártir da castidade da hagiográfica de Izidoro concorre com a marafona da versão da Igreja católica, que faz restrição ao culto apesar de não reconhecê-lo com culto católico. Boa parte dos devotos desconhece a história de Maria Bueno (na versão hagiográfica ou anti-hagiográfica), tudo que sabem é o “resumo da ópera”: Maria Bueno foi assassinada por um militar (com variações da categoria militar, poli-

cial, meganha, milico). Ou seja, a história de Maria Bueno é história de sua morte⁹⁸. Assim como as santas prostitutas de Antonio Fagundes. A morte do santo é o **evento fundador** desse sistema de retribuição. Parafraseando Mauss, no “Ensaio sobre a dádiva”: **o sacrifício é sempre uma forma de contrato**. Segundo o autor há duas formas principais de sacrifícios: de caráter expiatório e de atribuição. A forma expiatória é a realização de uma promessa já feita e é praticado para desligar a pessoa do vínculo moral e religioso que pesa sobre ela. O sacrifício de atribuição é justamente o contrário, o fiel quer comprometer a divindade por um contrato, “dou para que dê” (MAUSS e HUBERT, 2005, p.71).

Como busquei demonstra com essa dissertação, para garantir o auxílio dos santos, os devotos precisam estabelecer uma relação de troca, relação que, muitas vezes, implicava em uma série de obrigações. Obrigações contidas na categoria promessa que denota, ao mesmo tempo, o pedido feito ao santo, a dívida e o pagamento da promessa.

98 Cheguei a iniciar uma empreitada para entender a oposição dos termos santa/militar, bem como os derivados prostituta/policial, virgem/militar, entre outras variações, mas declinei da idéia de abordá-la. Mesmo desviando dela, a questão reaparecia. Reaparecia nos rituais, nos relatos, nos gestos. De modo que espero retomá-la em estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS**, P. “Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média”. Lisboa: Teorema, 1989.
- _____. “O Homem diante da morte”. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981. Vol. I.
- ABREU**, Regina. “Entre a nação e a alma:” quando os mortos são comemorados. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 07, nº 14, 1994, p. 205-230.
- BANDEIRA**, E. “Crônicas Locais”. Curitiba: Tip. Da Escola de A. Artífices, 1941.
- BENJAMIN**, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra Kikolai Leskov”. In: Magia e Técnica, Arte e Política, vol. 01. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp.196- 22.
- _____. “Origem do drama barroco alemão”. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BONI**, Maria Ignês. “O espetáculo visto do alto”. Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 1998.
- BOURDIEU**. Pierre. “Economia das trocas simbólicas”. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BROWN**, Peter. “The cult of the saints: its rise and function in latin christianity”. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- CALAVIA SAÉZ**, O. C. “Fantasmas Falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro”. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- _____. “O que os santos podem fazer pela antropologia?” In: Religião & Sociedade. vol. 29 no.2 Rio de Janeiro, 2009.
- CALUCCIO**, Felix. “Cultos y Canonizaciones populares de Argentina.”. Biblioteca de Cultura Popular, nº 6. Buenos Aires. Ediciones del Sol. 1986.
- CARNEIRO**, David. “Os Fuzilamentos de 1894”. Curitiba: s/ ed, 1937.
- CAROLLO**, Cassiana Lacerda. “Cemitério Municipal São Francisco de Paula”: monumento e documento. Curitiba: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1996, v. 22.
- CASCUDO**, Luís da Câmara. “Religião no povo”. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.
- CERTEAU**, Michel. “A escrita da História”. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CIRLOT**, Juan-Eduardo. “Dicionário de Símbolos”. São Paulo, Editora Moraes, 1984. p. 240.
- CURITIBA, “Diocese de Curitiba”: 100 anos (1892-1992). Curitiba, 1992.
- DAMATTA**, Roberto. “A casa & A Rua:” Espaço, cidadania, mulher, e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DALLEGRAVE**, Ângelo Antonio. “A Voz do Paraná”, 30 de junho de 1974.
- ELAIDE**, Mírea. “Sagrado e Profano”. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1992.
- FAGUNDES**, Antonio. “As santas prostitutas: um estudo da devoção popular no Rio Grande do Sul”. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 1984.
- FERNANDES**, Rubem César. “Os cavaleiros do Bom Jesus”. Uma introdução às religiões populares. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

FOUCAULT, Michel. "Space, power and knowledge", in: *The Cultural Studies Reader*. Simon During (ed.), London and New York, Routledge, 161-169. in <http://www.foucault.info>, página acessada a 21 de Janeiro de 2009.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FREITAS, Eliane Tânia M. "Violência e o sagrado: o que no criminoso anuncia o santo?" In: GICO, Vânia; SPINELLI, Antônio; VICENTE, Pedro (org.). *As ciências sociais: desafios do milênio*. Natal: EdUFRN, 2001. p. 497-407.

FREITAS, Eliane Tânia M. "Memória, ritos funerários e canonizações populares": em dois cemitérios no Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Tese Programa de Pós-Graduação UFRJ, 2006.

GAETA, Maria Aparecida J. V. "A Cultura clerical e a folia popular". *Revista Brasileira de História*, vol. 17, nº 34. São Paulo, 1997.

GINZBURG, Carlo. "O queijo e os vermes". *O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. "Mitos, emblemas e sinais". São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GIRARD, René. "Mitos, emblemas e sinais". São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. "A violência e o Sagrado". São Paulo: Terra e Paz, 1990.

_____. "O Bode Expiatório e Deus". Covilhã: LusoSofia Press, 2008, p. 02.

GONÇALVES, Simone Corrêa. "Sepultamento *ad sanctos* na Matriz Curitibana": Divisão social no espaço sagrado (1760-1775). Curitiba. 2005. 150 f. Monografia (Graduação em Historia), Setor de Ciências Sociais Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

GRASSI, Clarissa. "Um Olhar...A arte no silêncio". Curitiba: C. Grassi, 2006.

GURGEL, Amaral, MADER, Elisabeth. "Santo da casa faz milagre": a história de Maria Bueno, Curitiba, 1979.

HOBSBAWM, Eric. "A Invenção das Tradições". Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1984.

HOORNAERT, E. "Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800)". Petrópolis: Vozes, 1974.

IZIDORO, Sebastião. "Maria Bueno": História, Romance e Agiografia. Curitiba: Mundial, 1948.

JURKEVICS, Vera Irene. "Os Santos da Igreja e os Santos do Povo": devoções manifestações de religiosidade popular. UFPR: Curitiba, 2004 (tese de doutorado).

LEÃO, E. "Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná". Curitiba: IHGEP, v. 5, 1998, pp. 1998-99.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Antropologia Estrutural". Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LOVE, Joseph. "O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930". São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAGNANI, José Guilherme. "Mystica Urbe": um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo, Studio Nobel, 1999.

_____. "De perto e de dentro": notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, nº 49:10-29 junho 2002.

MARTINS, José de Souza. "A morte e os mortos na sociedade brasileira". São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS, P. H. (Org.). "A dádiva entre os modernos": discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis, RJ: Vozes.

MARTINS, Romário. "História do Paraná. Curitiba": Guairá, 1908.

- MARTINS**, Wilson. “Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação”. São Paulo: Anhembi, 1955
- MAUSS**, M. & Hubert, H. “Sobre o sacrifício”. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MAUSS**, Marcel. A Prece. In: “Ensaio de Sociologia”. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- _____. “Esboço de uma teoria geral da magia”. in: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MICELI**, Sergio . “A Gestão Diocesana na República Velha”.. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 92-111, 1985.
- O’CONNELL**, Mark. “Enciclopédia completa dos signos & símbolos: identificação e análise do vocabulário visual que forma os nossos pensamentos e dita as nossas reações com o mundo a nossa volta. Trad. GINZA, Débora. São Paulo: Ed. Escala, 2010.
- OLIVEIRA**, Leila Miria. “Cemitérios sagrados mineiros das cidades de Sabará, Ouro Preto e São João Del Rei – séc. XIX e XX”. Dissertação de mestrado defendida junto à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Franca, 1998.
- ORTIZ**, Renato. “A morte branca do feiticeiro negro”. 2ªed. São Paulo: Editora Vozes, 1991.
- PRANDI**, Reginaldo. “Os candomblés de São Paulo”. São Paulo, Hucitec, 1991.
- _____. “Herdeiros do Axé.” São Paulo: Hucitec, 1996.
- PEREIRA**, José C. “Paradoxo da cruz, o diabólico e o simbólico”: um estudo da teologia da cruz. São Paulo: Arte & Ed. Ciência, 2002.
- PORTELLI**, Alessandro. “The death of Luigi Trastulli and other stories”: form and meaning in oral history. New York: State University of New York Press, 1991.
- REIS**, J. J. “A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- REVERBEL**, Carlos. “Maragatos e pica-paus”: guerra civil e degola no Rio Grande. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- ROMERO**, Martin. “Quantos somos e quem somos”. Curitiba: Empresa Paranaense, 1941.
- SECUNDINO JR.**, O. “Retrato de Maria Bueno”. S/ ed, 1996.
- SOARES**, Mariza de Carvalho. “Devotos da cor”: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SOUZA**, Nelson Rosário. (1999). “Planejamento Urbano, Saber e Poder”. O Governo do Espaço e da População em Curitiba. Tese de Doutorado. USP (Sociologia).
- TRINDADE**, Etelvina M. “Clotildes e Marias, Mulheres de Curitiba na Primeira República”. Tese de Doutorado. USP, 1992.
- TURNER**, Victor. “O processo ritual”: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. “A floresta de símbolos”: aspectos do Ndembu. Niterói: EDUFF, 2005.
- VOVELLE**, Michel. “Sobre a Morte”. In: Vovelle, Michel. Ideologia e Mentalidades. 2ª. ed. Trad. Maria Julia Cottvasser. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. “Imagens e imaginário na história”: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

WACHOWICZ, Ruy. “Maria Bueno”: a Gabriela curitibana. Nicolau, set./out. 1992, v. 6 n. 45 p. 22-23, Curitiba, Editora da Secretaria de Estado da Cultura. NICOLAU.

WEBER, Silvio Adriano. “Além do cativeiro”: A congregação de senhores e escravos na Irmandade do Glorioso São Benedito da Vila de Morretes (Século XIX). Curitiba, 2009. 240 f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Sociais Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

VINE W; UNGER, Merrill. An Expository Dictionary of New Testament Words, 1962, W.E. Vine, p.90.

PERIÓDICOS:

- DIÁRIO DO COMÉRCIO, 30 de janeiro, 1893, Assassinato.
- A REPÚBLICA: 01 de fevereiro de 1893, Crime, pp. 03.
- A REPÚBLICA: 11 de julho de 1893, pp. 01
- A REPÚBLICA: 12 de julho de 1893, pp. 02
- A REPÚBLICA: 13 de julho de 1893, pp. 01
- A REPÚBLICA: 14 de julho de 1893, pp. 02
- GAZETA DO POVO, 18 de janeiro de 1934: “Maria Bueno, a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes”.
- ESTADO DO PARANÁ, 04 de novembro de 1936: “Finados”.
- REVISTA A MARINHA, agosto de 1940: “Maria Bueno é em Curitiba um paradoxo, é a santa dos hereges”
- A VOZ DO PARANÁ: 30 de junho de 1974: “Maria Bueno Santa?”
- DIÁRIO DO PARANÁ, 01 de agosto de 1974: “Maria Bueno, santa ou somente uma mulher?”
- CORREIO DE NOTÍCIAS, 22 de fevereiro de 1987: “Uma ‘Carmen’ curitibana”.
- GAZETA DO POVO, 30 de outubro de 1988: “Está crescendo devoção a Maria Bueno.”
- CORREIO DE NOTÍCIAS, 26 junho de 1990: “Grato Maria Bueno.”
- CORREIO DE NOTÍCIAS, 09 de agosto de 1992 : “Uma santa com o pé na rua”.
- JORNAL DO ESTADO, 20 de outubro de 1992: “Até Maria Bueno faz parte da história”.
- DIÁRIO OFICIAL DO PARANÁ (suplemento), 28 de agosto de 1997: “O fuzilamento de Inácio José Diniz, o assassino de Maria Bueno, por ordem do General Gumerindo Saraiva”.
- GAZETA DO POVO, 17 de janeiro de 2007: “A santa de vida fácil”.
- JORNAL DO ESTADO, 17 de janeiro de 2007: “A vida de Maria Bueno volta para os palcos curitibanos”.
- GAZETA DO POVO, 05 de março de 2008: “Último episódio de ‘Maria Bueno’ vai ao ar neste domingo.”

ANEXO I

Diário do Comércio, 30 de janeiro, 1893 - “A polícia desta capital trata presentemente de descobrir o autor de um horroroso assassinato que, pelo que parece, foi perpetrado por desumana criatura. O fato é o seguinte: Ontem de manhã, apareceu assassinada Maria Bueno, de cor parda, em uma travessa da Rua Campos Gerais, desta cidade, tendo a cabeça quase completamente separada do corpo. Maria, segundo consta, era uma dessas pobres mulheres de vida alegre, mas inofensiva criatura de quem a polícia não tem a menor queixa em seus arquivos. A mutilação é grande no pescoço da vítima e, conforme, se depreende de certos indícios, ela tivera uma luta tremenda com o assassino e tanto mais se justifica essa afirmativa, quando se vêm nas mãos da infeliz, talhos profundos como de cortante navalha, que fora segurada nas tréguas medonhas do desespero. Nada de positivo se sabe, até hoje, em referência ao bárbaro acontecimento, apesar de ter a polícia desenvolvido pesquisas que mostram as circunstâncias e o autor do crime. Assim que tenhamos esclarecimentos detalhados acerca deste caso, nos apressaremos a transmiti-los aos leitores. Pelo que vemos, há ali uma triste cena de ciúmes que o crime, como sempre, é o propulsor de vinganças e de ódios fatais” [pp.02].

A República, 01 de fevereiro de 1893 - “Na madrugada de 29 do mês que acaba de findar-se, deu-se nesta Capital, em um capão do mato afastado da Rua Campos Gerais o assassinato de uma mulher de nome Maria Bueno. As autoridades policiais tendo conhecimento do fato dirigiram-se ao local, e, depois das precisas investigações, fizeram transportar o cadáver para o necrotério, onde se procedeu a corpo delito, verificando-se que o crime foi cometido na madrugada do referido dia e que a morte fora devida a uma quase decapitação. O senhor Chefe de polícia está procedendo, na respectiva repartição as precisas indagações, achando-se indiciado como autor do crime o anseçada do 8º Regimento de cavalaria, Ignácio José Diniz que estando de guarda no quartel, fugira à meia noite apresentando-se às quatro horas da madrugada, mais ou menos. Este praça estava amasiado com a infeliz Maria e com ela queria casar-se ultimamente. É voz geral ser Diniz o culpado, mas ao certo nada se pode dizer, pois do depoimento dos testemunhas nenhum esclarecimento ainda tem colhido. Louvamos a atividade que tem desenvolvido o doutor Chefe de Polícia para descobrir o autor ou autores desse crime” [pp. 03.].

A República 11 de julho de 1893 - “Abriu-se ontem a segunda sessão ordinária do júri desta cidade sob a presidência do Sr. Dr. Cerqueira, juiz de direito desta comarca. Servindo de promotor o Sr. Gabriel Ribas da Silva Pereira e escrivão Sr. Jerônimo Medeiros. Comparecem 14 jurados pelo que foram sorteados da urna suplementar 31 jurados, sendo multados em 20 mil os que deixaram de comparecer sem causa justificada. Hoje se houver número consta que entrará em julgamento o anseçada do 8º Regimento de nome Diniz, acusado do assassinato na pessoa de Maria Bueno, dado nesta cidade há meses e que tanto prendeu a atenção do Público.” [pp. 01].

A República, 12 de julho de 1893 - “Tribunal do Júri: Ontem, ainda não foi possível instalar o tribunal do júri. Compareceram apenas 33 jurados pelo que o Dr. Juiz de direito sorteou 15 jurados da urna suplementar e ordenou que fossem notificados para comparecerem hoje às 10 h da manhã. Foram, além disto, multados em 20 mil cada um dos Senhores Jurados que deixaram de comparecer, sem motivo justificado.” [pp. 02].

A República, 13 de julho de 1893 - “Tribunal do Júri: Com a presença de 46 jurados instalou-se ontem a 2ª sessão do júri deste termo. Sob a presidência de Doutor, Artur Pedreira Cerqueira, funcionando como promotor de justiça Sr. Gabriel Ribas e escrivão Jerônimo Medeiros. Compareceu à barra o réu José Diniz acusado do assassinato de Maria Bueno, tendo como defensor o cidadão João Antônio Xavier, visto ter-se recusado a prestar o socorro de sua palavra o Dr. Claudino dos Santos. O conselho de jurados ficou compôs Sr. Veríssimo Pereira, Antônio Ricardo do Nascimento (...) e Candido Mello. Os debates estiveram frouxos deixando mesmo muito a desejar em uma causa importante como esta e que justamente emocionou o espírito público. Até a hora que escrevemos o conselho de jurados ainda não tinha lavrado o seu vereditum.” [pp. 01].

A República, 14 de julho de 1893 - “Encerrou-se anteontem a 2ª sessão do júri, tendo sido julgado o processo em que era réu Ignácio José Diniz foi absolvido por 11 votos. Semelhante procedimento do júri causou profunda estupefação nesta capital, onde era geral a crença de que Diniz era o assassino de Maria Bueno. Contra ele havia um acervo de provas que não foram distribuídas pelo seu defensor. Não queremos magoar os jurados que tomarão parte no conselho, pois que são soberanos em suas decisões, mas como jornalistas não podemos deixar passar em silêncio este fato, pois absolvição de Diniz importa grave perigo para a sociedade e incentivo a reprodução de novos crimes”. [pp. 02].